

SAO PAULO

A UMBANDA NO BRASIL

VOZES EM DEFESA DA FÉ

ESTUDOS

1. O Espiritismo no Brasil
2. A Umbanda no Brasil
3. Ação Pastoral perante o Espiritismo
4. O Reencarnacionismo no Brasil
5. A Maçonaria no Brasil

7.10
12.00

VOZES EM DEFESA DA FÉ

ESTUDO Nº 2

DR. BOAVENTURA KLOPPENBURG

A UMBANDA NO BRASIL

ORIENTAÇÃO PARA OS CATÓLICOS

Com 32 páginas de ilustrações

GINÁSIO N. SENHORA DO SOCORRO
542
BIBLIOTECA



EDITORA VOZES LIMITADA

PETRÓPOLIS, RJ

1961

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANOEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 17-11-1960.

I M P R I M A T U R
Petrópolis, aos 18 de maio de 1960.
Frei Heliodoro Müller, O.F.M.
Ministro Provincial.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Introdução

Em 1954 publicamos uma brochura, intitulada “Posição Católica Perante a Umbanda”, que teve depois três edições. Quando a Editôra pediu preparássemos a quarta edição, era tão grande o acúmulo de material e documentos, que sugeria uma total refundição. Havíamos também, depois de 1954, visitado novos terreiros nos subúrbios do Rio, de São Paulo, de Pôrto Alegre e alguns no Nordeste. Em fins de 1957 tivemos inclusive oportunidade de passar duas semanas em Haiti e Jamaica, onde existem problemas semelhantes. Foi assim que, com tantos elementos e conhecimentos novos, pacientemente coligidos durante anos, resolvemos aproveitar os dias livres do mês de maio de 1960, para compendiar sistematicamente o que estava disperso nas pastas do nosso arquivo de “espiritualismo, espiritismo e ocultismo”. Desta forma, em lugar da quarta edição da “Posição Católica Perante a Umbanda” (que não será mais publicada), sai agora um estudo crítico mais completo sobre “A Umbanda no Brasil”, como obra de orientação para os católicos.

Fazemos também aqui, logo no início, questão de definir com clareza nossa posição. Dentro do movimento umbandista nacional distinguimos dois aspectos: o cultural e o religioso. Por *cultura* entende-se geralmente “o conjunto de idéias, conhecimentos, técnicas, artefatos, padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma determinada sociedade”. Neste conjunto entram os vários fatores que regulam a alimentação, o vestuário, o abrigo, a higiene, as diversões, a organização social, as maneiras de falar, de agir, de regular a economia e o direito, de desenvolver as artes, as ciências, etc. Por *religião* compreendemos “o conjunto de relações morais que unem o homem com Deus, incluindo o complexo de deveres e virtudes com que o homem, conformando-se integralmente com a lei moral, natural ou positiva, manifesta sua sujeição a Deus e ordena retamente sua vida para Ele”. A religião, pois, não se

identifica com a cultura e pode coexistir pacificamente com os mais diversos usos e costumes meramente culturais. Assim também a Igreja Católica, que é um movimento exclusivamente religioso, não se identifica com nenhuma cultura, nem se opõe a elas, mas coexiste com as mais diversas formas culturais e está sempre pronta a entrar em relações com tôdas as culturas, reconhecendo e deixando subsistir o que nelas não se opõe à natureza ou às positivas disposições de Deus. O católico, por conseguinte, não precisa adotar um determinado tipo de cultura; suas mais íntimas convicções cristãs podem coexistir perfeitamente com os mais variados elementos culturais sãos. Assim temos o católico italiano, o católico alemão, o católico japonês, o católico chinês, o católico africano, o católico angolês, sudanês (nagô, gêge, etc.). A arte culinária, a língua, a poesia, o canto, a dança, o desenho, a organização social e política, etc., só interessam à Igreja na medida em que o seu ensino, sua interpretação ou aplicação revestem caráter moral e, por isso, religioso. A dança, por exemplo, como fator cultural, é um elemento religiosamente indiferente e como tal pode ser aceita desde que permaneça nos limites da decência; logo, porém, que ultrapassar êstes confins e apresentar aspectos imorais, entrará em conflito com os fatores próprios da religião. De per si, portanto, não existe oposição alguma entre a cultura e a religião ou a Igreja Católica. Se a Umbanda fôsse um movimento puramente cultural ou étnico, com a exclusiva finalidade de conservar ou mesmo reintroduzir tradições, usos e costumes africanos, ameríndios ou outros quaisquer de caráter folclórico arreligioso, mas permanecendo nos limites da moral natural, não seria necessário tentarmos tomar uma "posição católica perante a Umbanda" e os problemas por ela suscitados não seriam da alçada da Igreja. Não somos anti-africanistas, como não somos contra nenhuma cultura sã, de qualquer nação que ela seja ou a qualquer raça ela pertença.

Este princípio foi lembrado pelo Papa João XXIII, na alocação que dirigiu no dia 1-4-1959 aos membros do II Congresso Mundial dos escritores e artistas negros: "Onde quer que autênticos valores da arte e do pensamento são suscetíveis de enriquecer a família humana, a Igreja está pronta a favorecer êsse trabalho do espírito. Ela mesma, como o sabeis, não se identifica com nenhuma cultura, nem mesmo com a cultura

ocidental, com a qual entretanto a sua história está estreitamente entremeadada. Porquanto a sua missão própria é de outra ordem: a da salvação religiosa do homem. Mas, cheia de uma juventude incessantemente renovada ao sôpro do Espírito, a Igreja permanece disposta a reconhecer, a acolher e mesmo a animar tudo o que é para honra da inteligência e do coração humano em outras plagas do mundo que não esta bacia mediterrânea que foi o berço providencial do Cristianismo. Não se pode, pois, senhores, senão seguir com interêsse os vossos esforços para pesquisardes as bases de uma comunidade cultural de inspiração africana, formulando votos por que ela repouse em justos critérios de verdade e de ação. Dai crédito, sôbre êste ponto, à sabedoria secular da Igreja. O seu olhar esclarecido sabe descobrir nas formas, antigas e novas, da expressão artística literária aquilo que deve ser purificado para ser conciliável com a dignidade do homem, com os direitos e deveres naturais. A universalidade do seu olhar, atento aos recursos humanos de todos os povos, coloca-se a serviço de uma verdadeira paz no mundo. Ajudando as elites que para ela se volvem a desenvolverem as possibilidades culturais da sua pátria ou da sua raça, a Igreja convida-as a fazê-lo num espírito de harmoniosa colaboração e de simpatia profunda com as outras correntes saídas de civilizações autênticas. Não é sômente a êste preço que se aumentam as conquistas do espírito e que se atam os laços espirituais de uma comunidade humana fraterna?"

Na realidade, porém, a Umbanda se apresenta primariamente como movimento *religioso*, ela quer e faz questão de ser *religião*. E os elementos culturais que ela apresenta são impregnados de idéias nitidamente religiosas e estão em função quase exclusiva destas idéias. Ora, se é possível, como dissemos, a coexistência pacífica entre cultura e religião num só cidadão, é, no entanto, impossível o conúbio harmonioso de duas ou mais religiões distintas num mesmo ser racional. O sincretismo religioso, por sua própria natureza e definição, é um absurdo filosófico e só pode ser defendido por quem desconhece os elementos essenciais da religião. Não é possível ser ao mesmo tempo católico e muçulmano, católico e protestante, católico e espírita, católico e umbandista. Basta analisar os elementos essenciais de cada parte para ver a oposição. Por conseguinte, visto que a Umbanda não é nem pretende ser um movimento ape-

nas cultural ou étnico, mas fundamentalmente religioso; visto que êste movimento se propaga e é difundido em ambientes e meios que se dizem católicos (portanto, já religiosos), é necessário e justo tomar posição e esclarecer os católicos a respeito da natureza dêste movimento. Não se trata de uma posição contra a cultura africana — pois respeitamos todos os elementos puramente culturais — mas contra uma religião pagã, contra um movimento que, como veremos, tem o declarado propósito de paganizar o cristianismo.

FREI BOAVENTURA, O.F.M.

Causas Remotas da Umbanda

Para podermos compreender bem êste movimento de sincretismo religioso que atualmente se apresenta entre nós com o nome de "Umbanda", é necessário estudar primeiro separadamente os vários elementos que o integram. Veremos, por isso: 1) Os elementos de origem africana, 2) crenças e práticas do ameríndio brasileiro, 3) superstições e bruxarias européias, 4) alguns elementos constantes das superstições.

1) Os Elementos de Origem Africana

O tráfico de escravos, no Brasil, teve seus inícios lá pelos anos de 1530. Segundo as *Informações* do Padre Anchieta, em 1587, sôbre os 57.000 habitantes do Brasil, já havia 14.000 negros. O vergonhoso comércio continuou intensamente nos séculos XVII e XVIII e só terminou com a lei de 4-9-1850. Para apagar mancha tão negra da nossa história, um decreto de Rui Barbosa, em 1890, mandou destruir todos os documentos alfandegários, os assentos dos senhores, os livros de matrícula dos escravos, as taxas do fisco, enfim todos os papéis, livros e documentos relacionados com a escravidão. Tornou-se assim difícil o trabalho do historiador. Arthur Ramos, em *O Negro na Civilização Brasileira* (Rio 1956), diz que, para o número total de escravos entrados no Brasil, as avaliações oscilam entre 4 milhões e 15-18 milhões. Pretende-se que, em 1798, para uma população total de 3.250.000 habitantes, o número de negros libertos era de 406.000 e o de escravos ascendia a 1.582.000, dos quais 221.000 pardos e 1.361.000 negros. Na estatística oficial de 1817-1818 o número total de habitantes era de 3.817.000, com 585.000 pardos e pretos livres e 1.930.000 escravos, dos quais 202.000 pardos e 1.728.000 negros. As zonas com o maior número de escravos eram: Minas Gerais, Rio de

Janeiro, São Paulo, Baía, Pernambuco, Maranhão e outros 'Estados.' Os centros principais de mercados de escravos eram: a Baía, com redistribuição para Sergipe; Rio de Janeiro, com distribuição para São Paulo, Minas e Goiás; Recife, com irradiação a Alagoas e Paraíba; e São Luís do Maranhão, com irradiação ao Pará.

Costumam os estudiosos dividir os negros vindos para o Brasil em dois grandes grupos: sudaneses e bantos. Os primeiros saíram do Dahomey, da Nigéria e do Sudão, predominando os yorubas ou nagôs e os gêges, e foram colocados nos mercados de escravos da Baía e Sergipe. Os bantos vieram do Congo, de Angola, de Moçambique e do Quelimane e foram levados para os mercados de Pernambuco (e Alagoas), Rio de Janeiro (e Minas Gerais, São Paulo), São Luís do Maranhão (e Pará) e, também, para o da Baía. A cultura sudanesa era, de modo geral, superior à dos bantos e influenciou profundamente sobre as outras. Principalmente o nagô e o gêge, que se fundiram num "sincretismo intertribal", segundo a expressão de Arthur Ramos, formando o "gêge-nagô", determinando o principal vocabulário do culto e dos objetos do culto. Nunca tivemos, no Brasil, culturas africanas em estado de pureza. Desde o início, elas apresentaram-se bastante misturadas, não apenas entre si, mas também com culturas não africanas. "Sudaneses e bantos entrados no Brasil aqui se fundiram uns com os outros, constituindo uma população escrava que progressivamente se foi amalgamando aos demais contingentes da população brasileira, em

¹) Segundo uma estatística do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (Imprensa Oficial, 1888) de escravos matriculados, sobre um total de 723.419 escravos negros e 18.946 libertos, observava-se a seguinte distribuição: Minas Gerais 191.952 escravos e 4.121 libertos, Rio de Janeiro 162.421 escravos e 9.496 libertos, São Paulo 107.329 escravos e 2.553 libertos, Baía 76.838 escravos e 1.001 libertos, Pernambuco 41.122 escravos e 259 libertos, Maranhão 33.446 escravos e 452 libertos, Sergipe 16.875 escravos e 204 libertos, Alagoas 15.269 escravos e 202 libertos, Pará 10.535 escravos e 26 libertos. As outras Províncias apresentavam números inferiores a 10.000; e Ceará apenas 108 escravos. — Para uma avaliação mais exata do número total de negros entrados no Brasil, há algumas tentativas dignas de nota: Roberto Simonsen, *História Econômica do Brasil, 1500-1888*, t. I, pp. 201-205, que se baseia em cálculos de caráter econômico, conclui que o total de negros importados como escravos foi de 3.300.000. A. de E. Taunay, *Subsídios para a História do Tráfico Africano no Brasil*, pp. 304-305, com base em cálculos de caráter histórico, chega a 3.600.000.

cruzamentos biológicos e interinfluências de ordem psico-sociológica".²

a) O Culto Gêge-Nagô

Uma vez que o sincretismo gêge-nagô determinou a feição religiosa dos nossos negros, tentaremos acompanhar Arthur Ramos na exposição de seus elementos principais. Baseado em investigadores africanos, afirma o nosso etnólogo que, já na África, o fetichismo nagô conseguiu predominância sobre os povos vizinhos, principalmente os gêges do Dahomey. O elemento principal é o fetiche,³ o objeto material preparado para o culto, como expressão das forças da natureza.

Os yorubas ou nagôs conhecem uma divindade suprema. E' denominada *Olorun* (ou *Olorung*). E', na África, o senhor ou o mestre do céu e confundido com a abóbada celeste. *Olorun* só pode entrar em contacto com os homens mediante divindades inferiores ou secundárias, chamadas *orixás* pelos nagôs e *vodús* pelos gêges. O próprio *Olorun* não é representado por nenhum fetiche ou ídolo, nem na África, nem no Brasil. Diz Arthur Ramos, na p. 36: "Nas minhas pesquisas na Baía e no Rio, jamais ouvi entre os negros a menor referência a *Olorun*, esta esquecida divindade Yoruba". Mas na nota acrescenta que em algumas raras macumbas do Nordeste o *Olorun* ainda é lembrado.

O *Olorun*, pois, não é objeto de culto direto. Em seu lugar vêm os *orixás*, os intermediários. A. Ramos enumera os seguintes, por ordem de importância cultural:

1) *Obatalá* ou *Orixalá* ("o grande orixá", o maior dos *orixás*) ou, simplesmente *Oxalá*, como dizem no Brasil. Simboliza as energias produtivas da natureza e tem, por isso, um caráter bissexual. E' representado por meio de conchas, limo verde, dentro dum círculo de chumbo. Seus enfeites são brancos e o dia do culto, no Brasil e em Cuba, é sexta-feira. Sacrificam-lhe cabras e pombos.

2) *Xangô* é outro orixá muito poderoso. Personifica a força dos raios. Na África usam também o nome de *Xangô-Dzakuta*

²) Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*. Etnografia Religiosa, 3ª ed., p. 22.

³) A palavra francesa *fétiche* vem do português *feitico* (e ambas do latim *factitius*: coisa feita). De modo geral o fetiche é um objeto material (árvore, monte, mar, fragmentos de madeira, seixos, conchas, etc.) preparado em cerimônia especial, simbolizando uma divindade. Neste sentido fetiche e feitico não são sinônimos, nem fetichismo e feitizaria.

ou Jakuta (o lançador de pedras), por ser êle quem, do céu, lança as pedras meteóricas e os coriscos. No Brasil é popularíssimo entre os negros. Em Alagoas e Pernambuco chegou, por isso, a ser sinônimo das cerimônias fetichistas. E' temido e respeitado. Seu fetiche é a "pedra do raio" ou o meteorito ("pedra de Xangô" ou "itá de Xangô") que é cultuado em meio de contas brancas e vermelhas, principalmente nas quarta-feiras. Oferecem-lhe como sacrifício o galo e o carneiro.

3) *Exu* (nagô) representa as potências contrárias ao homem. E' por isso temido, mas também respeitado. "Nada se faz sem Exu. Para se conseguir qualquer coisa, é preciso fazer o despacho de Exu, porque do contrário êle atrapalha tudo". E' também "o homem das encruzilhadas", que quer pipocas e farinha com azeite de dendê. E' chamado também *Elegbará* ou *Legba* (gêge). Seu fetiche é uma massa de barro com uma cabeça onde os olhos e a bôca são representados por conchas incrustadas ou fragmentos de ferro. Pertencem-lhe os primeiros dias das festas e as segunda-feiras. Na África exigia sacrifícios humanos. No Brasil contenta-se com o bode, o galo e o cão. Arthur Ramos coloca o Exu entre os orixás e lhe dá o terceiro lugar. Mas Edison Carneiro, num estudo sôbre os candombês da Baía, informa que "Exu não é um orixá: é um criado dos orixás e um intermediário entre os homens e os orixás. Se desejamos alguma coisa de Xangô, por exemplo, devemos *despachar Exu*, para que, com a sua influência, a consiga mais facilmente para nós. Não importa a qualidade do favor — Exu fará o que lhe pedimos, contanto que lhe demos as coisas de que gosta, azeite de dendê, bode, água ou cachaça, fumo".

4) *Ogun* é o orixá das lutas e das guerras. E' dos mais populares. Seu fetiche, na África como no Brasil e em tôda a América Latina, é um fragmento de ferro e carrega consigo apetrechos bélicos (espada, foice, pá, enxada, etc.), a "ferramenta de Ogun". O galo e o carneiro são seus alimentos.

5) Os orixás das águas variam. *Yemanjá* é a mãe d'água dos yorubanos. *Oxun* é a deusa do rio Oxun na África. Ambas têm como fetiche uma pedra marinha. Também *yansan* saiu da água e é o orixá dos ventos e das tempestades e mulher de Xangô.

6) *Oxóssi* é o deus dos caçadores, representado por um arco atravessado de flecha. Festejam-no às quinta-feiras.

7) *Xapanan* ou *Omolu* (*Omonulu*) é o orixá da variola, “o homem da bexiga”, sempre ao lado do “homem das encruzilhadas” (*Exu*). Gosta do galo e do bode. Mas aceita também milho com azeite de dendê. Não pode ser festejado no terreiro com os outros orixás e tem um pegi (altar) numa cabana isolada. Com êle “não se brinca”.

Arthur Ramos, *O Folclore Negro do Brasil*, 2ª ed., p. 14, resume assim o mito africano (yoruba, nagô) da origem dos deuses: Pode-se dizer que é com o casamento de *Obatalá* (ou *Oxalá*), o Céu, com *Odudua*, a Terra, que se iniciam as peripécias míticas dos deuses africanos da Costa dos Escravos. Dêste consórcio nasceram *Aganju*, a Terra, e *Yemanjá*, a Água. Como nas velhas mitologias, aqui, também, terra e água se unem. *Yemanjá* desposa o seu irmão *Aganju* e têm um filho, *Orungan*. *Orungan*, o Édipo africano, representante de um motivo universal, apaixonou-se por sua mãe, que procura fugir-lhe aos ímpetos arrebatados. Mas *Orungan* não pode renunciar àquela paixão insopitável. Aproveita-se, certo dia, da ausência de *Aganju*, o pai, e decide-se a violentar *Yemanjá*. Esta foge e põe-se a correr, perseguida por *Orungan*. Ia êste quase a alcançá-la, quando *Yemanjá* cai ao chão, de costas. E morre. Então começa o seu corpo a dilatar-se. Dos enormes seios brotam duas correntes d'água que se reúnem adiante até formar um grande lago. E do ventre desmesurado, que se rompe, nascem os seguintes deuses: *Dada*, deus dos vegetais; *Xangô*, deus do trovão; *Ogun*, deus do ferro e da guerra; *Olokun*, deus do mar; *Oloxá*, deusa dos lagos; *Oyá*, deusa do rio Niger; *Oxun*, deusa do rio Oxun, *Obá*, deusa do rio Obá; *Orixá Okô*, deusa da agricultura; *Oxóssi*, deus dos caçadores; *Oké*, deus dos montes; *Ajê Xalunga*, deus da riqueza; *Xapanan* (*Shankpannã*), deus da variola; *Orun*, o sol; *Oxu*, a lua.

O culto gêge-nagô, no Brasil, é celebrado em templos especiais a que dão o nome de *terreiros*. Estão geralmente em pontos afastados dos centros populosos, escondidos em zonas de difícil acesso. Na África não é assim. Colocam seus templos em lugares públicos e abertos. No Brasil se esconderam por causa da perseguição policial. Nos terreiros são preparados os fetiches, iniciadas as filhas-de-santo, celebrados os cultos comuns e as grandes festas. Os sacerdotes yorubanos (ou nagôs) chamam-se *babalaôs*, ou *ababaloalôs*, ou *babalorixás*. Em Cuba dizem *babalú*. Sua tradução é “pai-de-santo”. No Brasil o terreiro pode ser dirigido também por uma mulher, a *yalorixá* ou mãe-de-santo, coisa que na África não é permitida. O babalaô não exerce apenas as funções de culto, mas também as de conselheiro, vidente, adivinho, mago, médico, etc. Tem um ajudante no *Ogan*, que cuida do terreiro, mas sem funções “sacerdotais”. Há também pessoas diretamente votadas ao culto dos orixás: são

os filhos-de-santo. São quase sempre mulheres, iniciadas em cerimônias que duram de três a seis meses.

b) Crenças e Práticas Bantos

Arthur Ramos e outros entendidos nossos sustentam geralmente que os negros de origem banto (do Congo, da Angola, do Moçambique) possuíam uma cultura inferior e sofreram a poderosa influência gêge-nagô dos sudaneses. O capítulo quarto da "Etnografia Religiosa" de A. Ramos é dedicado aos cultos de procedência banto. Mas as informações são bem poucas: O deus principal deles era *Nzambi* ou *Zanbi*, em Angola, e *Nzambiam-pungo* ou *Zambi ampungo* no Congo. O grão-sacerdote dos cultos bantos chama-se *Quimbanda* (ou *ki-mbanda*). Ele é ao mesmo tempo médico, adivinho e feiticeiro. Preside a todos os atos da vida religiosa e é também juiz e conselheiro. Do mesmo radical *mbanda* vem também a palavra *Umbanda*. "Umbanda" pode significar o sacerdote ou o feiticeiro ou também o local do rito.⁴ A prática religiosa é chamada também "Linha de Umbanda", informa Arthur Ramos. O auxiliar do evocador dos espíritos é conhecido como *Cambone* ou *Cambonde*. O lugar do rito banto tem também o nome de *terreiro*, mas é muito mais simples que o dos sudaneses. Também as cerimônias são menos complicadas.

Um elemento bem importante, assinalado por todos os nossos africanistas, que distingue os bantos dos nagôs e gêges, é o culto especial dos antepassados. Os babalaôs sudaneses entram em transe e incorporam os orixás; mas os umbandas bantos são tomados por certos espíritos familiares (antepassados), di-

⁴) Arthur Ramos cita na nota 150 da p. 102 uma interessante informação de Heli Chatelain, *Folk-tales of Angola*, 1894, p. 268 nota 180: "*U-mbanda* is derived from *Ki-mbanda*, by prefix u-, as u-ngana is from ngana. Umbanda is: 1) The faculty, science, art, office, business (a) of healing by means of natural medicines (remedies) or supernatural medicines (charms); (b) of divining the unknown by consulting the shades of the deceased or the genii, demons, who are spirits neither humans nor divine; (c) of inducing these human and non-human spirits to influence men and nature for human weal or woe. 2) The forces at work in healing, divining, and the influence of spirits. 3) The objects (charms) which are supposed to establish and determine the connection between the spirits and the physical world". — No dicionário dos dialetos africanos de Angola "Kimbunda" e "Mbunda", de A. da Silva Maia (edição de 1955) a palavra "Umbanda" significa simplesmente: feitiçaria, feitiço, feiticeiro.

ferentes dos orixás yorubas, que tomam nomes conhecidos como *Pai Joaquim*, *Pai Guiné*, *Pai Velho*. Êstes “pretos velhos” são os guias espirituais e dirigem as cerimônias. Com êstes elementos os bantos já se aproximam sensivelmente das práticas espíritas. Durante as cerimônias há grupos de espíritos que surgem em *falanges*, que pertencem a várias nações ou “linhas”: há a “linha da Costa”, a “linha de Mina”, de Cabinda, do Congo, do Mar, de Umbanda, de Quimbanda; ou várias delas “cruzadas”. Na p. 96 escreve Arthur Ramos: “Os negros bantos têm realmente um verdadeiro culto dos antepassados e dos espíritos. Crêem na transmigração das almas e na sua metamorfose até em animais, de onde os ritos funerários e totêmicos tão difundidos entre êsses povos... Em alguns dêsses povos, como os do distrito de Benguela, há mesmo um verdadeiro culto espírita organizado a que chamam *Orodêre*. Foi esta a razão por que o fetichismo de procedência banto se fundiu tão intimamente com as práticas do espiritismo, no Brasil. Em algumas macumbas cariocas, as sacerdotisas do culto são mesmo chamadas *médiuns* (*médias* dizem os negros) e o ritual é o processo clássico da evocação dos espíritos”.

São estas as principais informações de Arthur Ramos sobre os bantos. Nina Rodrigues diz menos ainda. Parece-nos, entretanto, que as afirmações dos nossos etnólogos e folcloristas com relação à inferioridade da cultura banto devem ser tomadas com certa reserva. Últimamente foram publicados na Europa vários estudos sobre a filosofia dos bantos, chamando a atenção dos estudiosos para certas concepções filosóficas daqueles povos de côr. Por exemplo Alexis Kagame, conhecido investigador da literatura e da história de Ruanda-Urundi, sua pátria (portanto êle mesmo um banto), apresentou à Universidade Pontifícia Gregoriana, de Roma, uma tese sobre *La Philosophie Bantu-Ruandaise de l'Être*, publicada em Bruxelas (1956), com 448 páginas. Mais conhecido é ainda o livro do Padre Frei Plácido Tempels, O.F.M., do qual temos a tradução alemã: *Bantu-Philosophie. Ontologie und Ethik* (“A filosofia banto: sua ontologia e ética”), publicada em Heidelberg em, 1956. Durante longos anos missionário no Congo belga, principalmente entre os Babemba e Baluba, o Padre Tempels estudou, analisou e comparou os usos e costumes dos povos bantos, para assim descobrir os princípios e conceitos básicos que lhe permitiram

formular sistematicamente o pensamento autêntico e a filosofia latente dos bantos. Tentaremos dar um resumo muito breve da “filosofia banto” do ilustre confrade:

Segundo a concepção banto o ser tem sobretudo e essencialmente um aspecto dinâmico. “O ser é fôrça”. Todo o ser só é ser na medida em que é fôrça ou energia (pp. 26 s). Esta fôrça intrínseca do ser pode aumentar, crescer, desenvolver-se; e pode também diminuir ou enfraquecer e apagar-se totalmente. Há também influências mútuas entre as fôrças dos seres. Isso vale sobretudo também para o ser humano. No homem esta fôrça vital e ontológica chama-se *mntu* (forma singular de *banto*), que é mais ou menos a nossa “alma”, mas em seu aspecto dinâmico, não no estático. Este *mntu* pode e deve ser desenvolvido. O *mntu* dos vivos está em constante comunicação íntima com o *mntu* dos falecidos, principalmente dos antepassados e dos falecidos chefes dos clãs. Estes “pais” ou “pretos velhos” continuam exercendo suas fôrças sôbre os descendentes. O falecido que já não tem relações com os vivos, está totalmente “morto”: o que seria para os bantos a maior das desgraças. Segundo eles, os falecidos procuram relações com os vivos. E estas relações ou influências vitais entre vivos e falecidos pertencem à vida comum e diária dos bantos. O *mntu* é livre, tem vontade e pode escolher; pode influir sôbre o *mntu* dos outros e, pela má vontade (ódio, inveja), prejudicá-lo, enfraquecê-lo e até aniquilá-lo.

O modo de falar dos bantos dá por vêzes a impressão de que eles acreditam na possibilidade da reencarnação do *mntu*. Quando nasce uma criança, costumam dizer à mãe: “Você deu à luz ao nosso avô”. Muitas vêzes declaram também que êste ou aquêle falecido acaba de nascer. Daí alguns europeus tiraram a conclusão de que os bantos aceitam a idéia da reencarnação. Mas Tempels observou que o mesmo avô pode nascer ao mesmo tempo em várias crianças. Num só clã encontram-se cinco ou seis pessoas nas quais o velho Ilunga ou Ngoi “renasceu”. E ao mesmo tempo ainda continuam a falar do velho Ngoi como dum falecido. Pensa, por isso, Tempels que a “volta” do *mntu* do antepassado deve ser entendida no sentido de influência particular sôbre esta ou aquela criança: o velho Ngoi seria o *mntu* protetor (“guia”) da criança. Geralmente

é o adivinho que vai revelar qual o *mntu* que “voltou” na criança.

Imaginaram, por isso, os bantos uma série de práticas (aparentemente “mágicas”) destinadas a possibilitar ou a facilitar as mútuas influências dos *mntu* (todos os seres têm *mntu*, não só os homens). E as ações são consideradas boas ou más na medida em que favorecem ou dificultam o desenvolvimento do *mntu*. Esse critério ou norma para distinguir entre o bem e o mal leva naturalmente a uma ética completamente diferente da nossa.

Sobre as crenças e práticas bantos, tais como são admitidas e vividas na África, tivemos oportunidade de falar amplamente com diversos missionários que lá trabalham, como também com alguns indígenas. Variavam, naturalmente, as informações em questões particulares. Nem é nosso propósito entrar nessas particularidades. Mas nos elementos essenciais coincidem. E estes elementos são suficientes para a nossa finalidade, que é a de ver uma das causas remotas da Umbanda. Aliás, todos conheciam a palavra Umbanda e principalmente Quimbanda (muito mais usada), corrente entre eles para designar os “sacerdotes do fetiche”. Era inicialmente nossa intenção publicar uma série de entrevistas. Como, porém, as informações se repetiam, pareceu-nos mais conveniente resumir. Deram-nos para isso um longo artigo do Pe. José Martins Vaz, C.S.Sp., missionário em Cabinda (Angola), publicado na revista *Portugal em Africa*, de 1958, pp. 271-301, intitulado “Problemas Africanos”. Faremos a seguir um resumo destas informações:

1) *Deus*: O africano é pronunciadamente religioso. Não se encontrou até agora um único povo africano ateu. Geralmente admite a existência de um só Deus, origem e causa de tudo quanto existe e que é considerado espiritual (sem corpo e sem representação: “é como o vento”), onipotente (como o sol, o elefante, o leão), bondoso (“como a batata doce”), pessoal e distinto de tudo o resto que existe. A este Ser Supremo (a quem dão vários nomes) rende o africano um culto muito restrito e apenas individual e secreto: um gesto, um elevar de olhos para o céu, um levantar de mãos em atitude suplicante. Nada mais: “Ele é bom, não castiga a gente; portanto não é preciso ocupar-se muito com Ele”.

2) *Os espíritos*: Há diversas espécies de espíritos; neste ponto as variantes são bastante grandes. Para a maioria dos povos bantos os espíritos são simplesmente as almas dos falecidos. Mas há também nações bantos que admitem outros espíritos: os que não estão ligados à natureza e podem deslocar-se livremente, podendo ser bons e maus; e os que estão ligados à natureza, aos astros, a certas lagoas, animais, vegetais, rios, árvores, montanhas, etc. Ordinariamente são considerados seres perigosos e volúveis, a quem não se deve descontentar, sob pena de nos amargurarem a vida. São por isso temidos. E' preciso dirigir-se a eles, implorar e suplicar, para lhes captar as simpatias. O culto religioso externo e público é por isso um culto dos espíritos inferiores a Deus e não um culto de Deus.

A alma humana é considerada imortal. Depois da morte possui um corpo sutil e branco, com o qual aparece aos homens (é mais ou menos o "perispírito" dos nossos espíritas, bastante comum nos povos primitivos, cf. o nosso *O Espiritismo no Brasil*, 1960, p. 359, nota 17). Separada do corpo, a alma vai reunir-se com as outras, morando em aldeias, debaixo da terra. Há separação entre as boas e as más. Os chefes das famílias, que morreram antes, escolheram os locais mais próximos do rio e das florestas para sede da família. Os membros falecidos da família, embora invisíveis, continuam presentes, ocupam-se dos vivos, controlam seus atos, os mais ocultos, e castigam severamente a inobservância dos usos e costumes da tribo. Aí está a causa principal dos males, das doenças e adversidades. Daí segue um culto especial, para aplacar os ofendidos e irritados. Grande é o medo das almas dos ruins, cuja vingança e malefício temem. Alguns deles se encarnam nos corpos dos animais ou mesmo nas crianças recém-nascidas (reencarnação). E' principalmente a eles que atribuem as doenças e calamidades públicas. Aparecem também como fantasmas, causando males enormes. São os quebra-cabeças da alma indígena. Sempre tímidos e receosos, por tudo e por nada, andam constantemente vergados sob o medo dos fantasmas.

3) *O fetiche*: Quando, no século XV, os portugueses se encontraram com os nativos africanos, verificaram que eles veneravam uns objetos exquisitos, de formas humanas uns, outros simples enfeites trazidos ao peito, nos pulsos, por todo o corpo, e deram a estes objetos o nome de "feitiço". Hoje a palavra

“fetiche” (os portugueses continuam com o termo “feitiço”) designa um objeto natural ou artificial, habitado e animado por um poder sôbre-humano, mediante ritos praticados por um homem com poder suficiente para ser o mediano entre os fiéis (o “feiticeiro”). O conjunto de crenças e práticas relacionadas com o fetiche, é o *fetichismo* (os portugueses dizem “feitichismo”). O amuleto prôpriamente dito difere do fetiche por não ter sido consagrado e animado pelos espíritos, vindo-lhe sua fôrça das palavras que sôbre êle foram pronunciadas pelo feiticeiro. O amuleto pode ser também a parte dum todo: trazendo, por exemplo, ao pescoço um pedacinho da pele do leopardo, o corpo receberia a fôrça do animal; se a pele fôr de macaco, o corpo ficaria imune contra o frio e as constipações. Nestes casos, o pedaço da pele é um amuleto e não um fetiche. O talismã é ainda diferente: recebe sua fôrça de certos sinais cabalísticos que teriam o poder de exercer determinada ação sôbre os acontecimentos para mudar a natureza ou seu curso. O talismã não é trazido, como o amuleto, mas é colocado nas portas, nas casas, nos campos, à entrada das aldeias, para afastar os males e as desgraças. Mas difere também do fetiche pela ausência do poder e da influência dos espíritos. Os amuletos e os talismãs são muito comuns entre os africanos (com os mais variados nomes), dados e impostos pelos feiticeiros, com o fim de tornarem benévolos os fetiches.

Deve-se, entretanto, notar que no fetichismo os africanos não adoram os objetos como tais, as montanhas, as árvores, os grandes fenômenos da natureza, nem seus símbolos ou imagens. Ficam com o valor de fetiches quando recebem a consagração que lhes é própria. Depois disso é que passam a ser “animados” pelo espírito. São o invólucro exterior dêsse espírito. Por seu intermédio o espírito opera prodígios e maravilhas sem conta. O culto, portanto, é dirigido não aos objetos materiais, mas às divindades nêles contidas. O fetiche deve assistir, proteger e guardar os indígenas em tôdas as suas ações. E’ êle que preside a todos os atos da vida. Por isso também lhes oferecem sacrifícios, sobretudo sangrentos. Para atenderem às suas necessidades na outra vida, depositam nas campas tabaco e derramam bebidas alcoólicas sôbre as mesmas, para que os espíritos possam aproveitar dessas ofertas e fiquem aplacados na sua ira contra os vivos.

O fetiche é o centro das conversas e da vida. Nasce uma criança, é chamado o feiticeiro que vai escolher um fetiche protetor da criança; este fetiche irá regular a vida, inclusive a comida da pessoa. Assim o fetiche está presente em toda a vida, na cerimônia da iniciação, do casamento, etc. Sobre tudo também nas doenças e na morte, que nunca é natural para eles: é sempre fruto ou maldade dos outros ou dos espíritos dos antepassados. E vêm então as longas cerimônias fúnebres, as danças, os sacrifícios sangrentos, tudo para aplacar a ira dos fetiches. Quando saem de casa, colocam por cima da porta ramos de árvores como elemento protetor; nas plantações colocam chifres, serpentes, sapos; ao pescoço trazem dependurada uma ponta de chifre do veado, ou uma unha do leopardo, ou pedaço de pele de macaco. Os amuletos revestem-lhes a maior parte do corpo, escondidos nos braços, na cinta, nas pernas, um pouco por todo o corpo...

4) As *cerimônias fetichistas*: Há cerimônias particulares, familiares e públicas.

a) As particulares são feitas individualmente no local onde estão guardados os fetiches. Comumente lambem (é o termo) o fetiche e oferecem-lhe algum sacrifício (galinha, galo), ou frutos da terra. E por momentos o devoto lança-se por terra em ato de submissão total e absoluta. Quando quer pedir, crava um prego no corpo do fetiche, enquanto pausadamente lhe vai pedindo os favores que mais precisa.

b) As cerimônias familiares são feitas em honra do fetiche tutelar da família. O chefe da família é então o sacerdote. Sua obrigação principal é vigiar pela conservação das tradições familiares e pela pureza do culto a prestar aos fetiches. Quando estes costumes são violados, urge fazer uma reparação; se tal não acontecer no devido tempo e nas devidas condições, a família está condenada a desaparecer e ser anexada por outra família mais cumpridora dos seus deveres. Estas cerimônias são repetidas várias vezes por ano, reunindo-se então toda a família. Quando a vida dos membros da família decorre um tanto embaraçada, cada um está autorizado a dirigir-se aos circunstantes lamentando a sua sorte. Não raro acontece que alguém se confessa publicamente. Prometem então, diante do fetiche protetor, viver em paz e harmonia. Um beijo no fetiche será o sinal de reconciliação.

c) Mas as cerimônias públicas são as mais solenes e importantes. Há várias ocasiões para isso. Junta-se então enorme multidão em redor do templo do fetiche da tribo. As orações prolongadas e variadas levam horas. Os sacrifícios de animais são demorados e solenes. Sentados, pernas entrançadas ou estendidas para frente, os fiéis assistem. Feitas as orações preliminares os quimbandas (“sacerdotes”) deixam o templo e colocam-se no meio dos fiéis. Sôbre um mocho, os fetiches presidem. Ali perto está um garrafão de vinho de palma, ou de outra bebida fermentada, que vai servir para as libações. Fazem-se então os pedidos pela chuva, pelo peixe, pela saúde. Segue-se a dança dos feiticeiros em tórno do fetiche. O povo vai saracoteando. De quando em quando os feiticeiros aproximam-se do fetiche, lambem-no e continuam dançando até se cansarem. Quando a terra está amaldiçoada pelos antepassados, organiza-se a cerimônia típica e especial para êste efeito, constituída especialmente pela dança dos mascarados.

5) *Os feiticeiros*: Há para cada tribo um feiticeiro supremo; depois dêste e sob suas ordens há outros, sendo cada qual o “sacerdote” de um fetiche. Deve-se, porém, distinguir entre curandeiro e feiticeiro. O curandeiro é antes um herbanário, que conhece o valor medicinal das plantas. Há mesmo escolas para aprendizagem e ordinariamente os conhecimentos passam de tios para sobrinhos. Mas também o feiticeiro costuma ser um curandeiro, podendo unir aos sucos e às cascas medicinais a fôrça dos ritos mágicos e o poder dos fetiches. Há feiticeiros que trabalham para o bem e outros que fazem o mal:

a) O adivinho, ou o feiticeiro para o bem, intercede junto dos fetiches para beneficiar a sociedade. Sua função é combater e sanar as maldades feitas pelos feiticeiros maus (os “comedores de almas”). Deve ainda adivinhar o futuro, conjurar os perigos, curar as doenças, ordenar sacrifícios propiciatórios, dar remédios e receitas, impor obrigação de trazer amuletos, confeccionar os amuletos, etc. Êle reza aos fetiches quando o povo pede, e interpreta a sua vontade depois de os consultar e os mesmos terem “falado”. E para isso há numerosos modos de adivinhação. Mas o mais solene é a consulta direta aos espíritos em estado de transe. Servem-se de mulheres que, principalmente por ocasião da lua nova, entram fãcilmente em transe e revelam o que irá acontecer e respondem às questões e aos

problemas propostos. E' assim que procuram descobrir a verdadeira causa dum mal, o exato significado dum acontecimento, um ladrão ou um assassino, a causa da doença, do insucesso na caça, na pesca, no trabalho, na viagem, etc.

b) O "comedor das almas", ou feiticeiro para o mal, é o terror dos africanos. Não conhece leis, nada o impede de cometer os maiores crimes, recorre a tôdas as artimanhas. Manobra os espíritos a seu talante, em meio a cerimônias terríficas. Já não há súplica reverente aos fetiches, mas pura e simples imposição e exigências, extorquidas de qualquer modo. Êle é também antropófago, mas de modo especial: De noite, quando dorme, sua alma separa-se do corpo, vai à procura da alma que quer comer, toma-a, voa com ela para a floresta e lá se reúne com outros seus colegas para o grande banquete. Os "comedores de almas", que formam entre si terríveis sociedades secretas, têm muita clientela: os que, cheios de ódio e vingança, querem desfazer-se de seus inimigos, ou pelo menos tornar-lhes a vida mais dura e amarga. Não se fará de rogado. Mediante um bom pagamento tudo fará para prejudicar. Êle é o autor de tôda a miséria moral e corporal que aflige os africanos, senhor da vida e da morte, verdadeiro déspota das consciências. Até muitos catequistas católicos continuam a crer nos terríveis poderes dêstes homens tenebrosos. São os senhores da Africa. Tão fortes que até os fetiches se curvam reverentes às suas mínimas vontades. Seu modo de vida extravagante mais atemoriza os africanos: sempre solitário, solilóquio continuo simulando conversa com os espíritos, dançarino nas campas dos mortos, tôsca e ridiculamente vestido, parece um espectro vivo, o terror dos vivos e dos mortos. — E é aí que entra outra vez em função o adivinho, que procurará consultar os fetiches e saber o que foi feito pelo "comedor das almas"; e o que o adivinho disser e preceituar, será executado cegamente.

Os feiticeiros recrutam-se por hereditariedade, por estudos e curso tirado em "seminários" fetichistas. O período de aprendizagem vai de três meses a três anos. Durante o tirocínio estudam a língua do fetiche, aprendem as danças e ritos litúrgicos próprios, ajudam o mestre feiticeiro, são enviados a resolver questões de menor importância. Depois são diplomados, com fetiche especial, mas continuando dependentes do mestre. Poderão agora trabalhar. Sua indumentária é extravagante. Na ca-

beça, grinaldas de penas de aves, sobrelhas e arco inferior das órbitas oculares pintadas de preto, uma das faces a branco, a outra vermelha. Pendente da cinta usam tanga. Em todo o corpo dependuram e escondem fetiches, amuletos, campainhas e guizos. Quando entram em função, entoam cânticos, que a assistência continua, e eles a dançar loucamente em torno dos fetiches; param exaustos; começam a cuspir imitando o som de bode; cruzam repetidas vezes as mãos e fixam atentamente a multidão...

Interessantes são também as observações sobre a religião banto feitas por Oscar Ribas, que é natural de Luanda e conhecido folclorista angolano, em seu recente livro *Ilundo*, sobre as divindades e os ritos de Angola (publicado pelo Museu de Angola, em 1958). Na p. 33 observa Ribas que a religião negra não deveria chamar-se “feiticismo” ou “fetichismo”, mas simplesmente *espiritismo*, já que “assenta na comunicação com os espíritos”. E continua na p. 35: “Na religião negra nada se opera sem a influência dos espíritos. Através dos seus instrumentos de mediunidade, eles agem para todas as circunstâncias, quer para o bem, quer para o mal. São os espíritos que revelam as causas das enfermidades, azares, tudo, enfim, o que se pretende saber. São os espíritos que receitam por intermédio de seus sacerdotes, quer no momento da atuação, quer em sonho também. E são os espíritos ainda, que tomam à sua guarda quem a eles recorre, ou, inversamente, também são eles que matam, quando a isso os induzem”. O folclorista angolano conhece também autênticas “sessões de espíritos”, segundo sua expressão, a que em Angola dão o nome de “dissaquela” (p. 55) e descreve vários tipos de sessões. O “terreiro” — termo usado também pelo mesmo autor de Angola para designar o local da sessão — chama-se “dicanga-dos-espíritos”. O médium (Oscar Ribas diz “médio”) é o “xinguilador” e “xinguil” quer dizer fazer uma sessão. “Abrir a cabeça” significa iniciar um xinguilador. E o dirigente do ritual, quando é homem chama-se “pai-de-umbanda” e quando mulher “mãe-de-umbanda” (cf. p. 45). Os objetos usados durante a sessão: pomba, galo, em algumas cerimônias o médium arranca com os dentes a cabeça do galo, sorvendo o sangue (p. 90), carneiro, cabra, porco, ovos, vinho do Pôrto, vinho comum, aguardente, mandioca, panos e tecidos de várias cores, panelas de barro, pratos, chávenas

("tudo novo"). Estes objetos são também defumados com alecrim, incenso, pastilhas aromáticas e outros capins (pp. 57, 60, 123). Antes da sessão o pai-de-umbanda prepara os "xicos" de segurança: um à entrada contra o mau olhado e outro no quintal para assegurar o êxito da sessão e anular os eventuais malefícios; e o "xico" é traçado no chão com a pomba (como o "ponto de segurança" dos nossos terreiros). A "incorporação" se faz mediante defumação, bebidas e chocalhos de cabaça (pp. 60-61). Nas manifestações os espíritos se tornam reconhecíveis por expressões, maneiras e vozes especiais. Em suma, tão parecidas são as descrições feitas por Oscar Ribas com o que ocorre nos terreiros do Brasil, que chegamos a desconfiar uma influência do Brasil, se não nos ritos angolanos atuais, ao menos no autor moderno que os descreve. Ribas conhece também a confusão religiosa: "Em resultado da íntima convivência, o espiritismo africano deu as mãos ao Cristianismo, e assim, ambas as religiões, na mentalidade dessa gente, não se prescindem da sua importância, decorrentemente do seu efeito milagroso. Daqui, o que Deus não concede, concedem os espíritos" (p. 28). E depois, p. 29: "Em face da sincretização religiosa, ocultistas há [em Angola] que, para bom desempenho do seu ministério, vão às igrejas [católicas], em demanda, não só do natural benefício, mas ainda do condenável malefício... Assim, nas capelas propícias, furtivamente exibem suas trouxinhas à imagem, tendo chegado mesmo, para maior virtude, a depositarem-nas, pelo menos durante uma noite, no escaninho mais conveniente. Outros ainda, dizendo-se inspirados por Nossa Senhora, de quem receberam o poder para o sacerdócio, com Ela "trabalham", mas só na prática do bom servir". E' a mesma confusão que veremos na Umbanda brasileira.

c) A Conservação das Tradições Africanas no Brasil

No Brasil, como dissemos, estas tradições africanas não se conservaram puras. Houve, todavia, fatores históricos e sociológicos que influíram na conservação de certos elementos da tradição e cultura africana. No recente estudo de Roger Bastide, *Les Religions Africaines au Brésil* (Paris 1960, com 578 pp.), embora não haja um capítulo especial investigando este problema, encontramos, aqui e ali, dispersas, algumas razões que explicam a permanência, no Brasil, de crenças e práticas fetichistas:

1) A insuficiente catequização ou instrução religiosa dos escravos. Eram “cristianizados” compulsoriamente. Adiante, em outro capítulo deste livro, tornaremos a este ponto. Aqui basta lembrar que a alma do africano, nas condições em que estava, tinha que permanecer fetichista. O Cristianismo estava apenas e muito mal na fachada. Por outro lado, como vimos, o fetichismo é uma religião com raízes profundas, com repercussões constantes na vida, no pensamento, no vocabulário, nos costumes e nas relações sociais. Só pouco a pouco, com um trabalho sistemático de educação e formação, o fetichista pode ser conduzido a um autêntico Cristianismo. Mas o Catolicismo português e popular, tal como o africano o encontrou no Brasil, com uma exagerada devoção aos Santos, representados em estátuas e imagens, quase inteiramente exteriorizado, pouco sacramental e consciente, muito ligado ademais a usos e práticas supersticiosos, misturando amuletos e talismãs com medalhas, relíquias e sacramentais, com preocupações preferentemente terrenas e materiais (de saúde, de fortuna, de amor; não de virtude, de união com Deus pela graça santificante alimentada pela Eucaristia, em espírito de adoração e louvor à Santíssima Trindade), este Catolicismo popular, que ainda hoje predomina, não é, na verdade, um autêntico Cristianismo e mais se aproxima do próprio Fetichismo africano. Foi nêle que nosso escravo tentou integrar-se; e nêle sentiu-se relativamente bem: só precisava mudar o fetiche exterior, mas não a mentalidade interior. E os Santos da Igreja transformaram-se em Fetiches da África.

2) Outro ponto de apoio para as tradições africanas foram as Confrarias para os negros (de S. Benedito, de N. S. do Rosário) criadas pela Igreja. Roger Bastide insiste diversas vezes neste fator. Constata êle: “Onde quer que existiram as Confrarias dos Negros, aí subsistiu também a religião africana...; e estas religiões desapareceram onde a Igreja proibiu às Confrarias de se reunirem, fora da igreja e depois da missa, para dançar” (p. 74). E depois acrescenta: “Quantas vezes notamos, no Nordeste, que estas Fraternidades de Negros são compostas absolutamente das mesmas pessoas que freqüentam os Candomblés, lá ocupando mesmo cargos hierárquicos de importância” (p. 75). No tempo da escravidão estas Confrarias eram mesmo o principal e quase único ponto de encontro livre dos africanos.

Era nesses encontros que reviviam os costumes antigos e aí os conservavam.

3) O caráter supersticioso dos primeiros imigrantes portugueses, a insegurança dos trópicos para um homem europeu, a ausência dos médicos e da medicina científica naquela época e, ao mesmo tempo, a “competência” do feiticeiro e mago africano em questões de medicina (magia curativa ou medicinal), tudo isso teve como consequência que os brancos recorressem aos negros, colocando seus feiticeiros em posição de destaque. Chegou-se mesmo a uma espécie de reconhecimento oficial do curandeirismo africano por parte da metrópole, como no caso do rei Dom João VI que concedeu uma pensão de 40\$000 ao soldado Antônio Rodrigues que curara com a ajuda de certas palavras poderosas...

4) Muitas vezes os escravos vendidos no Brasil eram os prisioneiros de guerra nas escaramuças entre as tribos africanas: tratava-se não raras vezes precisamente dos principais chefes (quimbandas, feiticeiros e auxiliares) da tribo vencida e que eram então remetidos, vivos e feitos, às fazendas do Brasil. Entraram assim relativamente numerosos feiticeiros e chefes fetichistas, que continuaram aqui, enquanto o permitia o novo ambiente, suas funções “sacerdotais” e mágicas. Principalmente nas grandes propriedades (plantações de açúcar), com centenas de escravos, como no Nordeste, havia mais facilidade de união e contactos e, portanto, de conservação das tradições antigas. O mesmo princípio pode ser aplicado aos escravos que trabalhavam nas cidades: chegavam mesmo a formar grupos étnicos (da mesma “nação”). Acrescia a isso a atividade dos negros livres (e que não eram poucos), mantenedores das tradições e promovendo reuniões em suas casas. Mais difícil, sob este aspecto, era a situação dos escravos que trabalhavam em pequenas propriedades ou nas estâncias dos criadores de gado, pois eram poucos e facilmente assimilados pelo ambiente, perdendo as tradições africanas. Também os escravos que trabalhavam nas minas e que estavam sujeitos a um trabalho duro e incessante, não tinham nem o tempo nem a ocasião dos escravos das fazendas para se reunirem e cultivarem as próprias tradições.

5) O contacto direto e proposital com a África, a fim de manter ou reavivar as tradições antigas, contribuiu também para a conservação, no Brasil, do fetichismo negro. Não há ainda,

sobre isso, um estudo sistemático. Mas temos exemplos: O candomblé de Engenho Velho (na Baía) foi fundado por Iyá Nassô: sua mãe foi escrava na Baía, mas libertada voltou para a África (Nigéria) onde exerceu o “sacerdócio” e onde nasceu o filho Iyá Nassô, que veio então, livremente, à Baía, em companhia de mais um *wassa* (“sacerdote”) para fundar o candomblé de Engenho Velho. Marcelina, sua filha espiritual, veio também livremente da África, para onde tornou depois e onde permaneceu mais sete anos a fim de iniciar-se melhor nos segredos do culto, retornando então à Baía para substituir Iyá Nassô na direção suprema de Engenho Velho. Também Martiniano de Bonfim, em seu tempo o mais famoso babalaô da Baía, esteve na África para “purificar” o Opô Afonjá e outros terreiros baianos. Em Pôrto Alegre e São Luís do Maranhão deram-se casos semelhantes.

Assim, pois, pode-se falar com razão de “elementos de origem africana”. Não dizemos que êstes elementos como tais perfazem o atual movimento umbandista; sustentamos apenas que uma das causas remotas — e sem dúvida a principal — está nestes elementos.

2) Os Elementos de Origem Ameríndia

a) Crenças e Práticas do Ameríndio Brasileiro

O ameríndio não era ateu. Admitia um princípio superior: Tupan. Inferiores a Tupan, nota Rocha Pombó, “havia uma infinidade de deuses ou gênios a trabalhar continuamente o ânimo do selvagem”.⁴ E o nosso historiador continua: “Multidão de gênios, numes domésticos, espíritos — tudo isso era como que o fundo de superstição que a raça havia acumulado nas suas longas vicissitudes”. “Perseguidos de terrores, agouros e preocupações cabalísticas, supersticiosos como verdadeiras crianças, sentem espíritos por tôda parte, nos ares, nas águas, no alto das montanhas, no fundo das florestas. Uns espíritos lhes trazem avisos bons e boas notícias; outros os torturam e flagelam, e os põem num como delírio de possessos. Uns os vêem nas aragens, outros no zumbido dos insetos, ou no canto dos pássaros, ou nas colorações do poente”.

⁴) Rocha Pombó, *História do Brasil* (1935), vol. I, p. 79.

Conheciam também um espírito inferior e mau: o Jurupari, identificado com o demônio dos cristãos. Falavam do Curupira, em forma de molequinho, com os pés voltados para trás, que protegia a floresta e os animais e perseguia os caçadores. Também o Anhangá, que veste pele de veado branco e tem olhos de fogo, defendia os animais contra as perseguições dos índios. O Boitatá, a cobra de fogo, em forma de serpente, era o espírito protetor dos campos e dos pássaros. Montado em porco mastodôntico, como se fôsse um homem colossal, de corpo peludo, o Caapora atraía a infelicidade para quem nêle fixasse o olhar. Muito temido, principalmente pelas mças, era o Uaiuará, que se transformava em bôto. E ainda hoje o Saci Pererê mete medo às crianças, embora seja capenga e magrinho. Os povos tupis tinham também grande terror às almas dos falecidos e acreditavam que elas vinham em forma de animais — lagartixa, sapo, pássaro — vagando principalmente durante a noite.

Para defender-se num mundo tão repleto de espíritos, tinham êles como conselheiros e orientadores os *pajés*. Curavam doenças, afastavam o Jurupari e mandavam na gente. “Êsses feiticeiros, ou pajés, caracterizavam-se por traços peculiares que os distinguiam dos leigos. Consta que eram possuidores de temperamento nervoso e altamente excitável. Ao se comunicarem com os espíritos que controlavam, entravam em transe e até mesmo em crises catalépticas. Tais tranSES eram provocados pela tragada de grandes quantidades de tabaco e pela dança e canto ao ritmo do matraquear de uma cabaça. Os indígenas acreditavam que tôda doença tinha uma origem mágica ou sobrenatural; resultava de um castigo impôsto por um espírito das selvas, alma do outro mundo ou magia negra dos feiticeiros. Os pajés curavam tais doenças por meio de massagem, soprando fumaça de tabaco sôbre o corpo do doente”.⁶ Os índios conheciam a feitiçaria prôpriamente dita. Havia, por exemplo, êste feitiço imitativo entre os carijós: Amarrar um sapo numa árvore; à medida que o animal fenecia, enfraquecia também a pessoa visada pelo feitiço. Quando desejavam cegar alguém, enterravam-lhe debaixo da rêde um ovo.⁷

⁶) Charles Wagley, *Uma Comunidade Amazônica* (Brasília, vol. 290), pp. 307 s.

⁷) Cf. Lima Figueiredo, *Índios do Brasil*, Rio 1949, p. 149.

Grande importância tinha entre os índios o *maracá*. Já o velho Hans Staden, o primeiro a descrever os costumes do nosso gentio, observou o seguinte:

“Os selvagens crêem numa coisa que cresce como uma abóbora. E’ grande como um pote de meia pinta e ôca por dentro. Fincam-lhe através um pequeno cabo, cortam-lhe uma abertura como uma bôca e metem-lhe no interior pequenas pedras, de modo que chocalha. Sacolejam isto quando cantam e dançam. Chamam-no *maracá*. Cada um dos homens possui o seu, particularmente. Há entre êles algumas pessoas a que chamam *pajé*. São considerados por êles como aqui se consideram os adivinhos. Perambulam uma vez por ano através da terra, vão a tôdas as choças e relatam que um espírito, vindo de longe, do estranho, os visitara, investindo-os da faculdade de fazer falar e dar poder a tôdas as matracas — os *maracás* — se o quisessem; o que pedissem os *pajés*, ser-lhes-ia concedido. Cada um então queria que sua matraca tivesse poder. Preparam uma grande festa, bebem, cantam e fazem agouros, levando ainda estranhos usos a efeito. Depois disto designam os adivinhos do dia. Desocupa-se uma choça, na qual nenhuma mulher ou criança deve permanecer. Os feiticeiros ordenam que cada um pinte de vermelho seu *maracá*, adorne-os com penas e lá entre. Querem então dar às matracas o poder de falar... Quando o *pajé*, o feiticeiro, tornou divinas tôdas as matracas, toma cada qual o que lhe pertence de volta, chama-a “querido filho”, faz-lhe uma pequena *choupana*, na qual será colocada, põe-lhe em frente comida e implora-lhe tudo quanto a si é necessário, do mesmo modo como rogamos nós ao verdadeiro Deus”.¹

Interessante é ainda o que Hans Staden nos conta no capítulo 24, “como fazem, das mulheres, feiticeiras”. Refere que os selvagens tomam uma após outra as mulheres de uma choça, defumam-nas e fazem-nas gritar, saltar e correr até caírem exaustas, como mortas. Diz então o *pajé*: “Vêde. Agora está morta. Logo a farei viva de novo”. Quando volta a si, está apta a predizer as coisas do futuro. Staden observa ainda: “Costumes de tal sorte têm êles muitos”.²

Assim encontramos na vida religiosa e supersticiosa do nosso ameríndio primitivo, ainda não influenciado pelo europeu ou pelo africano, os seguintes elementos:

- 1) Crença num ser supremo;
- 2) crença em divindades inferiores, protetores das matas, dos campos, dos animais;

¹) Hans Staden, *Duas Viagens ao Brasil*, São Paulo 1942, pp. 173 s. Staden publicou sua obra em 1557, em Marburgo.

²) Hans Staden, op. cit., p. 175.

- 3) crença em espíritos inferiores maus e que se comprazem em fazer o mal ao homem;
- 4) crença na atuação de numerosos espíritos influenciando sobre o homem, inclusive das almas dos falecidos, muitas vezes em formas animais;
- 5) a figura do feiticeiro, o pajé;
- 6) a prática do curandeirismo;
- 7) o transe provocado pelo tabaco, pela dança, pelo canto e pelo ritmo do maracá, como estado de incorporação de espíritos ou divindades;
- 8) o uso da defumação e do maracá transformado em fe-tiche;
- 9) o feitiço imitativo, para fazer o mal (magia negra);
- 10) a prática da adivinhação, mesmo em estado de transe.

b) A Pajelança

Com a vinda do europeu invasor primeiro e do africano escravo logo depois, o nosso ameríndio sofreu a influência de ambos. Daí resultou a prática da *pajelança*, principalmente no Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí. Tudo gira em torno do “pajé”. É ele quem promove e dirige as reuniões. Grandemente influenciado pelo Espiritismo, realiza autênticas sessões espí-ritas, com transe, incorporação de espíritos, mensagens e tudo. O transe é provocado pelo tafiá (cachaça). Seu grande trabalho consiste em dar consultas, indicar doenças e receitar remé-dios. O pajé trabalha com espíritos tirados do Mundo dos En-cantados, que podem ser almas de cobras, jacarés, cavalos-marinhos, mutuns... A Cobra Grande, o Bôto Branco, o Corre Beirada, o Príncipe Encantado, o Rei do Mar, o Rei Itacolomi, o Rei da Pedra Grande baixam ao lado da Rainha Iemanjá, do Rei Nagô, do Caboclo Maroto e da Cabocla Jurema... “No extremo norte, a pajelança mistura práticas mágicas afro-ame-ríndias, fermentadas pelo baixo espiritismo. Na base de certas pajelanças está a zoolatria. Não são os orixás, nem os espí-ritos dos mestres catimbôzeiros que descem, nem os animais, Ca-roanas, que se encarnam, nos pajés, para operar as curas. Bai-xam, por uma corda imaginária, o jacaretinga, a mãe-do-lago, a cobra grande e outros bichos fantásticos. O pajé e os demais circunstantes bebem tafiá. No barracão onde se realiza o ritual, ficam os doentes. O pajé pergunta ao bicho, que nêle se encar-

nou, como curar êste ou aquêl mal. Se o bicho sabe, indica a puçanga, que é uma beberagem enfeitiçada, fazendo também o pajé benzeduras, passes mágicos e defumações. Se, ao contrário, o bicho ignora, informa qual é o que entende do assunto e, então, o pajé o desencarna, para encarnar o entendido, quase diria, o especialista. Mas o bicho ou, antes, a alma do bicho que se apossa do pajé, muitas vêzes quer dançar, quer brincar e se divertir, o que dá lugar a danças muito vivas e interessantes e que, por serem de bichos, são mímicas. Em outras partes, porém, a pajelança amazônica que chega ao norte do Piauí, se mistura e se confunde com elementos do Catimbó, como uma só e mesma coisa, além de incorporar práticas de feitiçaria negra. O maracá é o instrumento sagrado na mão do pajé".¹⁰

O Prof. Charles Wagley, chefe do Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia, em Nova York, que, durante a segunda grande guerra, percorreu e estudou a Amazônia, verificou o seguinte: "Embora muitas mudanças tenham ocorrido desde os tempos aborígenes, a feitiçaria amazônica moderna demonstra a notável persistência da religião indígena, apesar de mais de três séculos de influência cristã. Como os seus antecessores indígenas, o pajé moderno da Amazônia dispõe de um cortejo de espíritos que o auxiliam; possui poderes de adivinhações, torna-se possesso, entra em transe e efetua curas. Hoje em dia, seus poderes sobrenaturais bemfazejos são principalmente "espíritos das profundezas do rio", com nomes brasileiros modernos, um santo, ou um "índio" (isto é, o espírito de um pajé indígena), de preferência aos velhos demônios das selvas e almas do outro mundo dos Tupis. Atualmente usa-se o álcool, juntamente com o tabaco, para estimular o transe. Um pajé poderá dançar e cantar segurando um chocalho sagrado, como o fazia o *pay* Tupi, ou poderá usar um feixe de penas vermelhas de papagaio, uma vara de ervas, ou mesmo um crucifixo, para o mesmo fim. Porém, as antigas técnicas de curar, isto é, o processo de soprar fumaça de tabaco sôbre o corpo do paciente, de fazer massagens ou de fingir que se extrai um pequeno objeto do corpo do doente, permanecem essencialmente as mesmas".¹¹ Mas "todos os pajés professam vee-

¹⁰) Renato Almeida, *História da Música Brasileira*, 146; cit. por Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio 1954, p. 466.

¹¹) Charles Wagley, *Uma Comunidade Amazônica* (Brasiliana, vol. 290), p. 313.

mentemente ser bons católicos e fiéis devotos de seu santo padroeiro especial".¹² Observou o Sr. Wagley que, nas cidades do interior, mesmo a maioria da classe alta, apesar de serem católicos, conservaram a crença nos seres misteriosos, como a Grande Cobra de olhos luminosos, o Anhangá que persegue os indivíduos na selva na forma do inhambu, o Curupira com o silvo estridente, a Matinta-pereira em forma de mulher que "rouba a sombra" (trazendo doença e morte), o Bôto Vermelho muito grande e o Bôto Prêto (o *tucuxi*) pequenino, ambos dotados de grandes poderes mágicos...

c) O Candomblé do Caboclo

Já Nina Rodrigues e Manuel Querino, no século passado, assinalaram a existência, na Baía, de candomblés caboclos, imensamente distanciados dos severos e rigorosos candomblés nagôs ou gêges. Roger Bastide, em *Imagens do Nordeste Místico* (Rio 1945) descreve em belas linhas êsse curioso resultado do encontro entre o índio e o negro, principalmente o negro de origem banto. Pois os Bantos, menos inteligentes que os iorubanos (nagôs), com mitologia mais apagada e religiosidade muito primitiva, mas vivos e alegres, estavam mais abertos e livres para receber a influência do índio. Diz Roger Bastide que é necessário distinguir dois tipos de candomblés de caboclos: os que misturam o elemento negro e o ameríndio e os caboclos puros.

1) *Os terreiros mistos (afro-caboclo)*: Nestes terreiros os "caboclos" (espíritos de índios falecidos) não são cultuados nos mesmos lugares que os orixás nagôs. Os orixás têm os seus pegis (altares) na casa ou, no caso dos exus, em casinhas próprias construídas do lado de fora. Mas os "caboclos" querem o ar livre, não gostam das quatro paredes duma casa, sentem-se oprimidos no interior dos terreiros. Por isso procuram o mato, os bosques espessos, as montanhas e os rios. Pelo mesmo motivo, nas festas dedicadas aos Caboclos, não dançam dentro do barracão, mas no quintal. Há, pois, uma justaposição dos dois cultos, não absorção.¹³ Continua ao mesmo tempo, mas em dias diferentes, o culto aos orixás, dentro do terreiro, e o culto aos

¹²) *Ib.*, p. 316.

¹³) Cf. Roger Bastide, *Imagens do Nordeste Místico*, Rio 1945, p. 189.

caboclos ao ar livre. Mas há também uma certa interpenetração: Iemanjá, por exemplo, torna-se a Sereia do Mar; Oxossi o caboclo do mato; Omolu o santo da cobra; e há caboclos que vêm de Angola... Observa, porém, R. Bastide: "O candomblé do caboclo é um caminho escorregadio que conduz à magia secreta dos terríveis catimbõezeiros".

2) *Os terreiros puros (só caboclos)*: "Uma mesa atravancada de bules, tijelas, garrafas servindo de castiçais a velas acesas... O altar está cheio de bichos em tamanho pequeno, cálices, uma casinha de papelão, uma porção de vidros de cheiro, um Ogun-caboclo. Começam a sessão sem sacrifícios, sentados em almofadões, em volta da sala... Os iniciados vestem calções vermelhos, capas de pena de passarinho, e têm na cabeça uma espécie de fêz bordado a contas e com uma pena grande".¹¹ Durante as sessões o transe é violento e atira, "com força", os possuídos do espírito de caboclo.

d) O Catimbó

No Nordeste difundiu-se uma prática chamada Catimbó. O Sr. Luís da Câmara Cascudo estudou durante 20 anos a magia dos catimbós e publicou os resultados da investigação numa obra intitulada *Meleagro* (com o subtítulo mais claro: "Depoimento e Pesquisa sobre a Magia Branca no Brasil", Livraria Agir, Rio 1951). Também Roger Bastide, em *Imagens do Nordeste Místico* (Rio 1945) fez anotações muito interessantes sobre esta espécie de bruxaria no Brasil.

O Candomblé, a Macumba e a Pajelança exigem, para suas cerimônias e práticas, locais preparados, com hierarquia, ritos e trajes especiais. O Catimbó dispensa tudo isso e é mais simples e menos espalhafatoso. "Não há — diz Câmara Cascudo — indumentária bonita, bailado cutucando os nervos, negras balançando na cadência entorpecedora dos atabaques" (p. 11). O Catimbó se identifica com o chefe. E o chefe é o "Mestre", que é mais uma sobrevivência do feiticeiro europeu e não um colega do babalorixá ou do pajé. Pensa Câmara Cascudo que, no Catimbó, 80% é de origem européia; o resto vem do negro e do ameríndio: "O Catimbó é um processo de feitiçaria branca, com o cachimbo negro e o fumo indígena" (p. 18).

¹¹) Descrição de Gonçalo Fernandes, citada por Roger Bastide, *Imagens do Nordeste Místico*, Rio 1945, p. 193.

A respeito do “mestre” ou do catimbôzeiro informa o mesmo Autor que uns são analfabetos, “mas a mais alta porcentagem lê Espiritismo, livros de Esoterismo, copiando invocações, atitudes e fraseado” (p. 43). “De uns vinte anos para cá nos “Estados” (salas reservadas para as “mesas” do Catimbó) encontram-se muitos livros sôbre Espiritismo e ciências ocultas, edições de “O Pensamento”, folhetos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de São Paulo. Dois livrinhos são fatalmente vistos, sujos pelo manuseio diário, no meio dos catimbós, cuias de cauim, rolos de fumo, bugias e “princesas” de louça: *Livro de Preces Espiritas* e *Como se Organizam as Sessões Espiritas*. Num Candomblé ou Macumba êsses livros seriam impossíveis. No Catimbó denunciam a próxima absorção inevitável. O documentário mais expressivo é o caderno manuscrito, com letra incrível, desafiando tenacidades desocupadas. O caderno é a parte mais ciumenta dos catimbôzeiros” (pp. 138 s).

A maioria dos “mestres” é masculina, com mais de cinquenta anos. “O bom e sábio Mestre de Catimbó não é sedentário. Precisa viajar, ir e ver, atendendo ou fingindo atender às consultas distantes... Os Mestres de certa fama apresentam-se bem, limpos, sabendo conversar e alguns mesmo discutindo ou inventando “ciência” (p. 46).

A reunião ou sessão de Catimbó diz-se “mesa”. Abrir uma sessão é “fazer mesa”. O trabalho feito pelo “mestre” chama-se “fumaça”. Se o trabalho é para o bem, tratamento de doença, conselhos de bem viver, indicação de amuletos ou orações fortes, então é “fumaça às direitas”; se é para o mal, vinganças, dificultar negócios, obstar casamentos, enfermar alguém, conquista de mulher casada, é “fumaça às esquerdas”. Um Mestre explicou a Câmara Cascudo que a maioria dos consulentes procura-o fora da sessão e que esta, dia a dia, se torna menos importante quando comparece muita gente. A sessão decisiva é a particular, promovida com fins reservados. “Oitenta por cento do “trabalho” é para “as esquerdas”, contra alguém. Os vinte por cento solicitam remédios ou conselhos e “trabalhos” para amôres ou negócios, vida atrapalhada” (p. 57).

Cada Mestre é assistido por um espírito chamado “Mestre do Além”. E’ o “espírito familiar” dos Kardecistas ou o “guia” dos Umbandistas. Mas no Catimbó o espírito não “baixa”, nem “incorpora”: êle “acosta” e “desacosta”. Há muitos “Mestres

do Além”, com gestos, voz, manias e fisionomia próprios. Nas pp. 155-163, o Sr. Luís da Câmara Cascudo dá uma boa lista dos mais famosos Mestres: o Mestre Carlos (Rei dos Mestres que, com imperturbável naturalidade, está pronto para o bem e para o mal), o Mestre Xaramundi (que é o curador, muito querido nos catimbós), o Mestre Bom Florar (amigo de casamentos), o Mestre Inácio de Oliveira (pai de Mestre Carlos e um dos maiores sabedores), Mestre João Pinavaraçu (trabalha na direita e na esquerda), Mestra Angélica (doutora em doenças femininas), Mestre Tabatinga (caboclo brabo, com fama de perverso e de benfeitor), Mestre Pereira (espírito feroz, possuído por todos os diabos), Mestre Antônio Tirano (para a esquerda, quando acosta aparecem cobras na sessão), Mestre Canguruçu (mau, fazedor de muambas ruins), Mestre Malunguinho (prezinho ágil e perverso), Mestra Iracema (decisiva nos catimbós e é rara a sessão em que Iracema não esteja presente). Acostam também as Meninas da Saia Verde, que moram no fundo do mar, mas não são Sereias, “porque têm pés e andam”...

Os “Mestres do Além” são evocados por meio de cânticos que, no Catimbó, chamam de “linhas”. Cada Mestre tem sua linha evocativa. Esta, por exemplo, é a linha do Mestre Roldão de Oliveira:

De longe vem chegando o Mestre Roldão de Oliveira
na cruz, darim, darim, darom (bis).

Se me dão licença eu entro, se não me dão eu vou embora,
dêsse mundo...

Darim, darim, darom! (bis).

A “linha” é entoada pelo “mestre” que invoca um dos “mestres invisíveis”. Quando este “acosta”, muda o timbre, porque já é o próprio invocado o cantor. O canto é uníssono, sem acompanhamento instrumental. Mesmo sozinho, o “mestre” canta sempre as “linhas”.

O Catimbó não tem lugar especial. O próprio quarto do catimbôzeiro serve de local do culto. Se há altar, é pobrezinho, com algumas imagens de Santo. O centro mesmo é a mesa, com suas garrafas de cachaça (“cauim”), copos, medalhas ou moedas, flechas mal feitas, cachimbos ou cigarros, às vezes um crucifixo enfeitado com fitas, agulhas, botões e a indispensável bacia (“princesa”) na qual bóia o ramo de jurema, — tudo barato, sem beleza e sem ordem, “onde se confundem o catoli-

cismo, o indianismo e o espiritismo” (R. Bastide, p. 212). O instrumento mais importante é o cachimbo, a “marca” ou a “marca mestra”. O cachimbo é o Catimbó e “catimbó” quer dizer “cachimbo”. O fumo para a “marca” é misturado com incenso benjoim, alecrim e plantas aromáticas. Depende do “trabalho”.

A sessão abre com a defumação. O Mestre usa o cachimbo às avessas, com a cabeça na bôca e o tubo do lado de fora, de modo que brota do orifício uma fumaça espessa que o Mestre passeia lentamente por sôbre os objetos. Tudo defumado, começa a “linha de abertura”:

Abre-te, mesa do Ajucá,
 Abre-te, mesa do Ajucá.
 Rebenta-se a cortina da porta real,
 Rebenta-se a cortina da porta real.
 Dai-me licença, senhores Mestres,
 Senhores Mestres do outro mundo.
 Dai-me licença, senhores Mestres,
 Senhores Mestres do outro mundo.
 Com as fôrças da Jurema
 E as fôrças do Ajucá...

Durante o “trabalho” não se fala. Informa Câmara Cascudo: “Fuma-se e bebe-se muito. Bebe-se aguardente que tem o nome indígena de “cauim”. O cauim é servido em pequeninas coitês, cuias bem limpas, passando de mão em mão, com assiduidade mecânica. Homens e mulheres levantam a coité com a mão direita e sorvem fechando os olhos... A sessão dura às vêzes horas e horas. Na ordem tradicional não pode ultrapassar a meia-noite, mas com o poder de certos Mestres há licença do Além e a “mesa” se prolonga entre a fumaçarada dos cigarros e o giro regular do cauim” (p. 37).

Alceu Mayard Araújo, em *Medicina Rústica* (Brasília, vol. 300, Companhia Editora Nacional, 1961), pp. 75-90, descreve as práticas por êle estudadas em Piaçabuçu (Alagoas) e conhecidas por lá como “Toré”. Diz o Autor que o Toré alagoano não difere essencialmente do Catimbó e da Pajelança (p. 76), como se não houvesse diferenças notáveis entre estas duas; diz também que o Toré está sendo influenciado cada vez mais pelo Candomblé (n. pp. 89 e 117-140 fala do sincretismo “toré-candomblé”). No Toré alagoano “baixam” os “caboclos” e os “juremados”, contanto que tenham sangue índio. O “caboclo” pode ser também um “encantado”. Estes espíritos são chamados na “piana” (altar) por meio de “linho” (cantos) e batidas do maracá. O dirigente do Toré é o “presidente”, que usa o “capacete de índio” e,

a tiracolo, um enfeite de penas. A reunião é o “chamado” e a sessão o “trabalho”. Quando o caboclo “enrama” (incorpora), o médium tem que arregaçar as calças. A defumação com o cachimbo (com jurema, tabaco, alecrim e incenso) é um ato essencial para a medicina mágica do Toré.

3) A Bruxaria Européia

A bruxaria européia entrou no Brasil via Portugal. Escreve Luís da Câmara Cascudo, em *Meleagro* (Rio 1951) p. 179: “A presença do feiticeiro, da feiticeira especialmente, é um documento histórico, uma constante etnográfica desde as manhãs do Brasil colonial. As denúncias e confissões prestadas ao Santo Ofício em Baía, 1591-1593, e Pernambuco, Paraíba, 1593-1595, evidenciam a fauna prestigiosa da bruxaria européia, em funcionamento normal e regular”. E cita uma porção de portuguesas, divulgadoras dos processos da magia tradicional. “Ao findar do séc. XVI o brasileiro estava com todos os elementos disponíveis do espírito para ser um fiel consulente do candomblé, muamba, macumba, canjerê e xangô. Os volumes que registaram as confissões e denúncias em Baía, Pernambuco e Paraíba evidenciam que a credulidade popular contemporânea tem raízes fundas na terra em que a raça se formou” (p. 181).

Nas *Denúncias de Pernambuco* (1593-1595), segundo publicação feita por Rodolpho Garcia (São Paulo 1929), damos com as seguintes feiticeiras e bruxas: Ana Jácome, acusada de ter embruxado uma menina recém-nascida de seis dias (pp. 24 s.); Lianor Martins, a Salteadeira, que, como se dizia, tinha um familiar, uma medrácua, um buço de lóbo, uma carta de Santo Erasmo, semente do feito colhida na noite de São João com um clérigo revestido e com êsse arsenal mágico podia fazer com que os homens quisessem bem às mulheres e vice-versa, com que os maridos não vissem o que as mulheres faziam e outras coisas semelhantes (pp. 108-109); Felícia Tourinha, prêsna na cadeia pública por amancebada com um homem casado, tomou um chapim, pregou-lhe no meio uma tesoura e, com os dedos indicadores colocados abaixo dos anéis, levantou para o ar o chapim e deixou-o cair, invocando o diabo guedelhudo, o diabo orelhudo, o diabo felpudo, para que lhe dissessem se certo homem ia por onde tinha dito que havia de ir (p. 187). — Mas não conseguimos ver, nas Atas publicadas das “Denúncias”, nenhum processo que lidasse diretamente com alguma bruxa “profissional”. Nos outros processos, porém, ocorrem freqüentemente casos de supostas feiticeiras, encantamentos e envultamentos. Era sem dúvida bem difundida a superstição e a credulidade no ambiente de origem européia do nosso século XVI.

Ora, a bruxaria européia, a “tradicional”, dispõe de literatura própria, que encontra sua expressão mais fiel no famoso

Livro de São Cipriano. Ao lado dêle há outros, do mesmo tipo, como: *As Verdadeiras Clavículas de Salomão*, *Enquiridão do Papa Leão*, *Grimário do Papa Honório*, *O Dragão Vermelho*, *Os Maravilhosos Segredos do Grande e Pequeno Alberto*, *O Livro Completo das Bruxas*, *O Livro do Feiticeiro*, *Cruz de Caravaca*, etc. Tudo traduzido para o português e exposto nas livrarias do Brasil. Estão sempre entre a literatura umbandista ou “espiritualista” (sic). Inclusive livrarias espíritas mais sérias e “ortodoxas”, como a LAKE de São Paulo, expõem e propagam a literatura que poderíamos qualificar como “sãociprianista”.

E a coisa não é de hoje. Em 1904 o conhecido jornalista João do Rio (Paulo Barreto) constatou que o *Livro de São Cipriano* era, já então, o vademecum dos feiticeiros cariocas. Assim lemos em *As Religiões do Rio* (edição de 1951), p. 40: “Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de tôda a sua ciência é o *Livro de S. Cipriano*. Os maiores *alufás*, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do S. Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturas fatais, os negros soletram o S. Cipriano, à luz dos candeeiros...”

Há diferentes edições do S. Cipriano. Temos várias na nossa coleção: “O Grande e Verdadeiro Livro de São Cipriano”, “O Antigo e Verdadeiro Livro de São Cipriano” e “O Único Verdadeiro Livro de São Cipriano”. Haverá outros, “mais autênticos”. Abrimos o “Antigo e Verdadeiro” (“única edição completa conforme antigo original”). Tem 411 páginas. Apresenta o material em quatro partes distintas: I. Tesouros do Feiticeiro; II. Verdadeiro Tesouro da Mágica; III. Enguerimanços de S. Cipriano ou Prodígios do Diabo; IV. Oráculo dos Segredos. Na primeira parte, além de esconjuros e orações supersticiosas misturadas com orações católicas, há dois tratados de cartomancia e um de astrologia. Nas outras partes há numerosas receitas para fazer amuletos e talismãs, inclusive uma para fazer pacto com o demônio. Fantasiam-se modos para fazer o mal, para obrigar o marido a ser fiel, para forçar as mulheres a dizer tudo o que tencionam fazer, para ser feliz nos negócios, para fazer-se amar pelas mulheres, para obrigar a amar contra a vontade, para fazer casamentos, para ganhar no jôgo, para apressar casamento, para ligar namorados, para obrigar as al-

mas a fazer o que se deseja, para aquecer as mulheres frias, para saber se a pessoa ausente é fiel, para fazer ouro puro, etc.

O *Enquiridião do Papa Leão* é apresentado como obra escrita pelo Papa Leão III a Carlos Magno. São 174 páginas com orações supersticiosas, contra toda sorte de encantos, malefícios, feitiçarias, sortilégios, visões, obstáculos, malefícios de casamentos, etc. Apresenta também sinais cabalísticos com forças misteriosas contra o demônio e as adversidades. Muitas vezes o texto é totalmente ininteligível, como, por exemplo, êste da p. 89: "Adonay, Jod, Magister, dicit Jo. Oh bom Jesus, exorcisa-me! Manuel, Sathor, Jessé, adorável Tetragrammaton. Heli, Heli, Heli, Laebé Hey Hámy, êste é meu corpo Tetragrammaton..."

Já o *Grimórios do Papa Honório* ("Os misteriosos segredos ocultos do Papa Honório"), traduzido do francês, é um produto da mais consumada malícia. Tudo é apresentado piedosamente sob forma de uma Constituição Apostólica de Honório III. Entre blasfemas invocações do Santo Nome de Deus, da Santíssima Trindade, de Jesus, da Eucaristia, entre numerosas prescrições de Pai-Nossos, Ave-Marias, jejuns e santas missas, apresentam-se fórmulas de conjurações de demônios, espíritos e divindades. Há encantos, feitiços e magias para ver os espíritos dos quais o ar está cheio, para atrair uma môça por mais esperta que seja, para ganhar no jôgo, para tornar-se invisível, para possuir ouro e prata, para ter o corpo fechado contra todos os tipos de armas, para fazer vir uma pessoa, para fazer uma môça dançar nua, para tirar o sono de alguém, para gozar e possuir a mulher a quem se deseja (é o "segrêdo do Padre Girard!"), para romper e destruir todos os malefícios, para aprisionar cavalos, equipagem e extraviar uma pessoa, para ajudar lebres nos partos difíceis e contra uma porção de doenças. Para calcular a maldade com que são misturadas as coisas mais sujas com as mais santas, veja-se a receita indicada na p. 90, "para fazer uma môça dançar nua": é preciso escrever o nome da môça num pergaminho novo com uma pena molhada no sangue de um morcego e colocá-la debaixo da laje de um altar "a fim de que uma Missa seja rezada em cima"... E tudo isso numa Constituição Apostólica do Papa Honório III...

As *Verdadeiras Claviculas de Salomão* ("ou o Tesouro das Ciências Ocultas... acompanhadas de um grande número de segredos"), como também *O Dragão Vermelho*, outra forma das

“Clavículas”, pretendem ensinar o modo como fazer pactos com os demônios. Descrevem o modo de “consagrar” os objetos necessários para o “trabalho” (faca, lancêta, defumadores, tinta, penas, sal), como sacrificar os animais (cabrito e galo preto), etc. Dão uma lista enorme de demônios, com nomes e especialidades, fazendo recordar a lista dos Exus da Umbanda. Há também os mais variados sinais (desenhos) cabalísticos, capazes de atrair o respectivo espírito, exatamente como os “pontos riscados” dos umbandistas.

Cheio de perversidades está *O Livro Completo das Bruxas*, “o único verdadeiro, completo e de acôrdo com os manuscritos existentes nos museus de Londres, Cairo e Louvre, bem como de diversos países do Oriente”. Sabe o A., exatamente, que os habitantes do Inferno estão divididos em 6.666 legiões, contendo cada uma 6.666 elementos, o que dá um total de 44.435.556. E que cada diabo vive aproximadamente 680.400 anos.

Bem no início da obra temos também os mandamentos da bruxa: 1) Renegar a Deus; 2) blasfemar continuamente; 3) adorar ao diabo; 4) esforçar-se por não ter filhos; 5) jurar em nome do diabo; 6) alimentar-se de carnes; 7) imaginar que pratica o ato sexual com o diabo, tôdas as noites; 8) trazer consigo a imagem do diabo; 9) lavar o rosto e pentear-se de 4 em 4 dias; 10) tomar banho cada 42.º dia; 11) mudar de roupa cada 57.º dia; 12) se fôr homem, barbear-se cada 91.º dia; 13) não cortar nem polir as unhas... Também deverá comer quatro dentes de alho, sem tempêro nenhum, em cada refeição, de quatro em quatro horas.

Entre cruces, Pai-Nossos e Ave-Marias, invocações de Lúcifer e Satanás, conjurações e esconjuros, aparecem mil formas e fórmulas para praticar o mal e enfeitiçar meio mundo, num ambiente de meia-noite, sexta-feira, lua minguante e encruzilhadas, recorrendo a gatas pretas, galos pretos, galinhas pretas, bodes pretos, sapos pretos, ouriços pretos, corujas pretas, olhos de cães pretos, ovos de galinhas pretas, miolo de burro, corações de pombas pretas, sangue de rã, rim de lebre, pernas esquerdas de galinhas pretas, fígados de rouxinol; com o auxílio de panos pretos, sêda vermelha, azeite, farofa, moedas, urinas, suores, ervas, raízes, flôres, pedras de .cevar, filtros de amor, cavalos marinhos, estrêlas do mar, figas de Guiné, de arruda e de azeviche... É o bazar barato e constante da feitiçaria universal, sempre preocupada com questões de saúde, problemas de fortuna e os mistérios do amor.

Continua, assim, abundante a literatura da bruxaria euro-péia: Lá está o *Breviário de Nostradamus*, outro *Livro da Bruxa*, o *Tratado de Magia Oculta*, o *Livro dos Sonhos*, o *Livro do Feiticeiro* e mais obras de Astrologia, Cartomancia e Quiromancia, sem esquecer os livros de Papus, Eliphas Levi, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, das Sociedades Teosóficas, dos Rosacruzes, de Allan Kardec.

* * *

Eis as causas remotas da Umbanda. O movimento umbandista ainda está na fase de formação e elaboração. Mas é nestes elementos de origem africana, ameríndia e européia que os dirigentes da Umbanda encontram sua principal fonte. Há, certamente, também o aspecto cristão ou católico, e com êle ainda nos ocuparemos. E', porém, mais um elemento para a superfície, de decoração ou de fachada. O cerne da Umbanda não é cristão: é profunda e visceralmente contrário à autêntica vida cristã. A idolatria e as superstições do paganismo constituem a verdadeira essência do Espiritismo Umbandista. Quem conhece a vida e as práticas dos nossos terreiros ou tendas, reconhecerá imediatamente as várias causas que acabamos de lembrar.

4) Elementos Constantes das Superstições

Não possuímos ainda informações suficientes para fazer um catálogo dos elementos constantes e universais das superstições. Seria certamente um estudo muito interessante e útil.¹⁵ A história, a origem e a antiguidade das práticas supersticiosas receberiam nova luz. Queremos lembrar apenas os seguintes pontos:

1) Dar explicações supersticiosas às doenças. E' uma tendência comum a todos os povos primitivos e a tôdas as "mentalidades mágicas" dos povos civilizados. Imaginam espíritos maléficos e trevosos atuando sôbre os homens ou tomando conta dos homens (o "encosto"), fantasiam influências astrais ou planetárias, falam de malefícios e invejas, etc. Por exemplo, o famosíssimo "mau olhado" é o "malocchio" dos italianos, o "mauvais oeil" dos franceses, o "mal de ojo" dos espanhóis, o

¹⁵) Luís da Câmara Cascudo, em *Meleagro*, AGIR, Rio 1951, oferece algumas indicações, um pouco esparsas por todo o livro (infelizmente não dá títulos aos capítulos, nem mostra grandes propensões à sistematização, apesar das ricas informações de que dispõe).

“evil eye” dos ingleses e o “böser Blick” dos alemães. Não sabemos se os chineses e japoneses têm expressão paralela.” Um autor alemão, M. Seligmann, publicou sobre o olho mau, em 1922 um vol. de XXXIX+566 páginas: *Die Zauberkraft des Auges und das Berufen*. E com este volume a obra era apenas começada; não sabemos se o Autor completou os prometidos 6 volumes, com um total de mais de 3.000 páginas, exclusivamente sobre o mau olhado.

2) Aplicar remédios supersticiosos correspondentes. Tinham que fantasiar meios específicos para conjurar tantos males. Orações fortes, talismãs, amuletos, patuás e coisas deste gênero andam entre todos os povos. Haverá diversidade na confecção, no ritual de aplicação, etc., mas na essência há identidade universal. O defumador, por exemplo, e os “banhos de cheiro” são de aplicação constante.

3) O feiticeiro como tal, ou a pessoa do evocador de forças ocultas, do curandeiro, do dominador dos espíritos maus, etc., é outro elemento de todos os povos. É o pajé do ameríndio, o babalaô dos nagôs, o umbanda dos bantos, etc.

4) Também o feitiço ou a coisa-feita é prática constante das nações. O feitiço simbólico imitativo, o feitiço simbólico simpático, o feitiço contagioso ou o feitiço evocativo, todos eles se encontram espalhados pelo orbe. Temos, por exemplo, um livro da Bélgica, de 1936, muito interessante, *La Sorcellerie dans les Pays de Mission*, com informações sobre malefícios praticados no mundo inteiro.

5) É bastante comum, também, entre os povos primitivos, “receber espíritos” em estado de transe. “Esses fenômenos de transe são encontrados em quase tôdas as regiões da África, e não somente na costa da Guiné como também entre os Bantos, os Abissínios e em Madagascar”.¹⁶⁾ Os antigos gregos e romanos conheciam o transe das pitonisas. Também o nosso ameríndio, antes de qualquer influência européia ou africana, “recebia os deuses” em estado de transe.

6) Os animais mais populares nas práticas supersticiosas umbandistas — como o bode, o galo preto, o sapo — são cons-

¹⁶⁾ G. Lambert, S.J., publicou em *La Sorcellerie dans les Pays de Mission* (1936) uma comunicação sobre “Le Mauvais Œil dans l’Ancient Orient”.

¹⁷⁾ Roger Bastide, *Imagens do Nordeste Místico*, Rio 1945, p. 45.

tantes também nas superstições de outros povos. E' conhecidíssimo o famoso bode (bode prêto) do Sâbat da bruxaria européia. E o galo, o galo negro, diz Câmara Cascudo, "tem bibliografia muito maior que a economia política".¹⁸ Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, do Portugal quinhentista, cita o gato prêto, o galo negro, a cabra preta, o bode negro, o sapo, a porca, o rato, morcegos, o alguidar...

7) Nem a famosa encruzilhada dos nossos macumbeiros é lugar exclusivo dos africanos ou umbandistas. E' o mesmo trivium ou quadrivium dos antigos, ponto sensível para os mistérios. Câmara Cascudo observa¹⁹ que na antiga Roma o "quadrifurcus" era o domínio de Hécate, deusa dos malefícios e encantamentos. Nas encruzilhadas da Grécia depositavam alimentos e bebidas, como informa o velho Luciano de Samósata nos *Diálogos dos Mortos*. E em Bengala a deusa das epidemias, Raksa Kali, recebia sua homenagem principal numa encruzilhada de quatro caminhos. Já muito antes da Cruz de Cristo era a encruzilhada o ponto da fatalidade, dos assombros e do destino. E Gil Vicente parece descrever no *Auto das Fadas* um dos nossos atuais despachos da macumba, quando faz a protagonista explicar sua vida utilíssima:

Genebra Pereira
 Nunca faz mal a ninguém;
 Mas antes por querer bem
 Ando nas encruzilhadas
 Às horas que as bem fadadas
 Dormem sono repousado.

.....
 E dai boas fadas
 Nas encruzilhadas
 Êste caminho vai para lá
 Estoutro atravessa cá;
 Vós no meio, alguidar,
 Que aqui cruz não há de estar.

8) Também a indicação da hora exata pertence ao patrimônio universal das superstições. Há "horas abertas" (meio-dia, meia-noite), com valor especial. Neste ponto coincidem as indicações dos livros da bruxaria européia com as receitas dos nossos babalaôs umbandistas.

¹⁸) Luís da Câmara Cascudo, *Meleagro*, p. 183.

¹⁹) Loc. cit., p. 122, nota 65.

Aspectos Gerais da Umbanda

1) A Confusão na Umbanda

Se agora quisermos passar ao movimento umbandista própria-mente dito, para ver em que consiste, seja visitando os terreiros, seja lendo os livros, as revistas e os jornais umbandistas, verificaremos logo que reina, entre êles, grandíssima confusão. Não há unanimidade nem clareza. Cada qual dirige seu terreiro ou escreve seu livro inteiramente por conta própria, persuadido de ter assistência especial de algum "guia" do além. O mais autorizado entre êles confessa: "Até hoje, nada de claro ao público, em matéria literária sobre Umbanda".¹ Outro se lamenta: "Um autor contradiz o outro e vive-se em terrível confusão"; depois precisa: "Os autores de Umbanda se contradizem a si próprios e não apenas a seus colegas".² Não somente cada autor, cada chefe de terreiro proclama: "A Umbanda que aqui se pratica, é muito diferente dessa Umbanda que se pratica por aí afora". Pois: "Inúmeras são as contradições existentes entre os próprios praticantes da Umbanda".³ "Cada um procura fazer uma Umbanda a seu modo, e dentro do conceito que êle próprio imagina, de acôrdo com a sua instrução, com a sua capacidade de imaginação, com os seus conhecimentos, e, quase nunca, com a orientação dada pelos seus próprios guias".⁴ E o Sr. Lourenço Braga confessa: "A Umbanda, no Brasil, difere de Estado para Estado, de Cidade para Cidade, de Município para Município, de Vila para Vila e de Tenda para Tenda".⁵

¹) Emanuel Zespo (pseudônimo de Paulo Menezes), *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Científica, Rio 1951, p. 16.

²) Samuel Pönze, *Lições de Umbanda*, Rio 1954, p. 35.

³) Aluizio Fontenelle, *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda*, Rio, p. 69.

⁴) A. Fontenelle, *Exu*, Rio 1952, p. 60.

⁵) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 2ª parte, Rio 1956, p. 7.

“99% dos livros sôbre Umbanda, à venda nas livrarias, não passam de fantasia, frutos da imaginação hábil de seus autores, que mais não visam senão uma falsa glória ou dinheiro”.⁶

Em suma, resume Samuel Pönze em suas *Lições de Umbanda*: “Reina a anarquia, a incompreensão, a vaidade, a inveja, a mistificação, a pouca cultura entre a maioria dos Umbandistas” (p. 26); “cada qual quer ser o maior. Cada chefe de terreiro acha que acima de seu guia ou de seus guias, só Deus” (p. 27).

E por que tôda essa confusão, essa falta de clareza, de unanimidade e de união? Os melhores e mais entendidos entre os umbandistas são suficientemente francos para confessá-lo. Eis aí algumas declarações que convém registrar:

— “Essa divergência tem origem na ignorância, na pretensão, na vaidade e, muitas vêzes, na falta de escrúpulos e nas segundas intenções, de alguns de seus praticantes e dirigentes, que para serem adorados pelos que os cercam ou para tirarem quaisquer espécies de vantagens, mesclam e maculam a Umbanda, com rituais desnecessários, usados para impressionar os crentes e freqüentadores”.⁷

— “Hoje uma vasta onda de mistificação invadiu a Umbanda. Criaram, os intrusos, uma Umbanda Branca, uma Umbanda Mista, modificaram o ritual sagrado, e pior sob o ponto de vista espiritual, introduziram o comercialismo na seita. Escritores improvisados publicaram livros cheios de erros e fantasias, servindo a Umbanda de capa a atividades inteiramente comerciais. Para completar a mistificação, pessoas que nada conhecem dos mistérios da Umbanda, que nunca foram sacerdotes, que nunca fizeram “cabeça”, abriram centros e tendas, montaram consultórios luxuosos, onde os clientes são atendidos mediante fichas numeradas. Nesses centros, os verdadeiros umbandistas não são recebidos, pois lhes vedam a entrada com estas palavras: “Isto aqui não é macumba; é Umbanda. O Senhor está acostumado com o baixo espiritismo”. Vendem remédios, exercendo a medicina ilegal. A tabela que cobram é a seguinte: para marido voltar: Cr\$ 500,00; para o marido ir embora: Cr\$ 1.000,00; para tirar mal do corpo: Cr\$ 500,00. Deturpam tudo”.⁸

⁶) Yonóri, *Umbanda, Indústria Rendosa*, Rio 1954, p. 70.

⁷) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 2ª parte, Rio 1956, p. 7.

⁸) Byron Tórres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, *Fundamentos da Umbanda*, Rio 1956, p. 19.

— “Qualquer cidadão, bem ou mal intencionado, bem ou mal preparado, funda centros de Umbanda. Basta organizar uma diretoria, fazer uns estatutos e usar e abusar do artigo 141 da Constituição Brasileira;... uma vez registado o centro, êle funciona com o beneplácito da polícia, e comete o bem ou o mal, segundo as boas intenções ou a burrice de seus dirigentes”.*

— “Todo os dias nascem novos terreiros de Umbanda que são chefiados por pessoas de parcos conhecimentos espiritua- listas. No geral são membros de outros terreiros mais antigos que se rebelam contra os caciques e saem para a aventura do espiritualismo prático, sem armas de defesa, sem uma formação sólida, sem uma longa experiência”.⁹⁾ “Como então fundam-se terreiros e mais terreiros de Umbanda por êste Brasil, sem outras exigências que as da elaboração de um estatuto social quase profano e licença das autoridades para funcionar como funciona qualquer sociedade bailante e recreativa?” (ib., p. 98).

As acusações, como se vê, são gravíssimas. E note-se que são os próprios chefes umbandistas que assim se jogam uns contra os outros. No meio de tanta confusão é evidente a dificuldade em dar uma informação definitiva sôbre a Umbanda e que satisfaça a todos os umbandistas.

Para exemplificar o cipoal de confusão, de desorientação, de arbitrariedade e de fantasia em que nos deixa o estudo da literatura umbandista, daremos um conspecto das várias opiniões que êles mesmos têm acêrca da palavra “Umbanda” que é, afinal, o denominador comum dêles todos.

2) A Palavra “Umbanda”

Poder-se-ia supor que os umbandistas soubessem ao menos porque se agarram tão exacerbadamente à palavra “Umbanda”. Ninguém, até agora, nos pôde informar desde quando a palavra está em uso aqui no Brasil e por obra e graça de quem ela foi adotada. Vimos no capítulo anterior, segundo uma informação de Arthur Ramos, que o termo estava em uso nas macumbas do Rio, significando ora o feiticeiro, ora o local da feitiçaria. Citamos também uma nota de H. Chatelain, de fins

⁹⁾ Samuel Pönze, *Lições de Umbanda*, Rio 1954, p. 25.

¹⁰⁾ Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Prática, Rio 1953, p. 97. Otávio Cruz, *Mistérios do Espiritismo*, Tecnoprint Gráfica, pp. 18 s, insiste também neste fator.

do século passado, sobre os usos de Angola, que dá a mesma informação.

De um missionário de Angola recebemos acêrca da palavra "Umbanda" as seguintes informações: "Umbanda" é um vocábulo da língua *umbundu*, falada pela tribo do mesmo nome, da raça banto, na região central de Angola (Bailundo, Huambo, Bié, Andulo, Caconda, etc.). O mesmo termo mais ou menos alterado, encontra-se também em outras tribos afins, como Nhaneca, ao sul de Angola. A palavra "Umbanda" pode ter três significados:

1) Um talismã com a prolação das devidas palavras rituais, a que se atribuem efeitos maravilhosos, causados por espíritos puros ou almas separadas;

2) O próprio talismã. Que pode ser um manipaço, raízes de plantas especiais, partes do corpo animal, como o fígado da hiena, unhas, cornos, ossos humanos sobretudo o crânio, moedas, etc. As palavras rituais variam segundo o efeito a obter e que podem ser: a) com finalidade defensiva, contra o feitiço de outrem, evitar uma calamidade, etc.; b) com finalidade ofensiva, provocar a doença ou a morte de um inimigo ou de um rival; c) com fins benéficos, conseguir riquezas, sorte nos negócios, nas relações, na caça, na agricultura; d) em relação aos espíritos, para apaziguar, merecer a sua proteção, etc.;

3) O poder de exercer os atos supramencionados.

Mas aqui no Brasil, entre os nossos umbandistas, a explicação da palavra "Umbanda" não poderia ser mais confusa. No fascículo de junho de 1954 o *Jornal de Umbanda*, do Rio, p. 2, informa: "Há mil e uma interpretações sobre a palavra Umbanda. Essa palavra é um constante desafio aos estudiosos do assunto. Uns dizem que é Luz Irradiante, outros dizem que é Banda de Deus, há os que dizem que é Corrente Espiritualista e vai por aí afora, porém tudo vago e indefinido, sem haver, entretanto, uma explicação cabal e convincente". A tendência geral era de não admitir que fôsse de origem africana. O primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em outubro de 1941, tinha a manifesta preocupação de mostrar que a Umbanda é de origem antiquíssima, vem dos hindus, contemporânea dos Vedas, que depois passou

à África, donde veio para o Brasil. Eis o teor das primeiras duas conclusões unânimesmente aceitas pelo dito Congresso:

"1) O Espiritismo de Umbanda é uma das maiores correntes do pensamento humano existentes na terra há mais de cem séculos, cuja raiz provém das antigas religiões e filosofias da Índia, fonte de inspiração de todas as demais doutrinas filosóficas do Ocidente".

"2) Umbanda é palavra sânscrita, cuja significação em nosso idioma pode ser dada por qualquer dos seguintes conceitos: Princípio Divino, Luz Irradiante, Fonte Permanente de Vida, Evolução Constante".

O Sr. Lourenço Braga¹¹ acha que descobriu a verdadeira origem: "A palavra *Umbanda* é resultante da convenção feita pelos 7 Arcanjos, pois ela possui 7 letras. Pelos Arcanjos foi ela projetada através das correntes espirituais com esse nome, para que essa ciência, tomando forma religiosa, assim fôsse identificada pelos habitantes da Terra, principalmente os do Brasil, por ser um País predestinado, em virtude de ser a parte da Terra que se consolidou primeiro, por ser a primeira a ser habitada, por ser um povo mais sentimentalista e de maior evolução espiritual..." Mais mística ainda é a interpretação de Sylvio Pereira Maciel:¹² "Esta palavra Um-ban-da é dividida em três sílabas, e quer dizer Pai-Filho-Espírito Santo..."; depois: "As sete letras representam as sete linhas e os sete planos"...

Aluísio Fontenelle, todavia, resolve que a palavra em questão vem da Bíblia, que originariamente teria sido escrita em língua "palli", donde teria sido vertida para o hebraico. E naquela língua a palavra "Umbanda" significa: "Na Luz de Deus", ou Luz Divina.¹³ Mas o autor do *Evangelho de Umbanda* ("Mestre Yokaanam") dirimiu a questão sem maiores complicações: "Umbanda vem de *Um* e *Banda*". E depois esclarece: "*Um* significa Deus, em linguagem simplificada oriental, para

¹¹) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 2ª parte, Rio 1956, p. 19.

¹²) Sylvio Pereira Maciel, *Alquimia de Umbanda*, 3ª ed., p. 9.

¹³) Cf. Aluísio Fontenelle, *A Umbanda através dos Séculos*, Rio 1953, p. 17; W. W. Matta e Silva, *Umbanda de todos nós*, Rio 1957, p. 31: "O vocábulo Umbanda somente pôde ser identificado — até o presente — dentro das qualificadas línguas mortas, assim como no sânscrito, no palhvi, nos sinais Védicos e, diretamente, na língua ou alfabeto adâmico ou Vatâmico", e o autor revela afinal seu verdadeiro significado: "Conjunto das leis de Deus-Uno". — Desculpe o leitor transcrevermos tanta arbitrariedade e falta de cultura geral e conhecimento; mas era só para mostrar o que há de "científico" nos arraiais umbandistas.

não entrar em detalhes esotéricos; e *Banda* significa Legião, exército”; logo Umbanda quer dizer “Legionário de Deus”.¹⁴ Seria interessante saber qual é essa misteriosa “linguagem simplificada oriental”...

Tudo isso, entretanto, não passa de devaneios e fantasias. O *Catecismo de Umbanda* (Rio 1954), concede despreziosamente: “Umbanda é uma palavra africana, significando ora o sacerdote, ora o local onde se praticava o culto” (p. 7).

3) Pululam os Terreiros

“Terreiro” era o nome mais comum, usado já em tempos passados, dado ao lugar do culto gêge-nagô (“candomblé”) e aos de origem banto (“macumba” no Rio, “batuque” no Sul, “xangô” em Pernambuco, “casa de Mina” ou “vodu” no Maranhão). Como se multiplicassem descomunalmente êstes locais, para variar, começaram a procurar sinônimos. E surgiram “tendas”, “cabanas”, “centros”, “choupanas”, “ranchos”, “casas”, “templos”, “igrejas”, “núcleos”, “grêmios”, “congregações”, “sociedades”, “irmandades”, “fraternidades”, “legiões”, “uniões” — todos qualificados geralmente com o adjetivo “umbandista”, ou “espírita”, ou os dois juntos. Ao adjetivo se ajunta ainda o nome do “guia”, ou “patrono”, ou “protetor” do local de culto. Assim temos, por exemplo, a Tenda Umbandista Pai José de Cambinda (em São Paulo), ou o Terreiro Espírita Caboclo Tātana Ogum da Lua (no Rio), ou o Terreiro Espírita Umbandista Santa Elisabeth (em São Paulo). Ou ainda, como em Sorocaba, a Sociedade Cultura Psíquica de Umbanda Cacique Tucurum.

Para mostrar como neste particular é riquíssima e arbitrária a fantasia dos umbandistas, daremos a seguir uma lista de nomes autênticos, colhidos nos Diários Oficiais (com o registo dos estatutos) e, portanto, oficialmente registados como tais.

¹⁴) O Solitário, *Evangelho de Umbanda*, Rio 1952, p. 44. Entretanto, Caio Miranda, *A Libertação pelo Yoga*, Rio 1960, p. 176, declara que Umbanda é corruptela de Aum — Bandha, que significa Magia Divina, esclarecendo que o termo é sânscrito, composto de Aum=Deus e Bandha=captação, enlaçamento. — Já os inseparáveis e inefáveis Byron Tôres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, em *Fundamentos da Umbanda*, Rio 1956, p. 18, não têm dificuldade: “Umbanda, meus caros leitores, quer dizer, unificação das bandas ou nações africanas”. Pois “um” significa “um” mesmo; e “banda” é “banda” no duro; portanto “umbanda” é “uma banda só”...

Não há nem poderia haver ordem na lista. Garantimos apenas a autenticidade e atualidade dos nomes:

Terreiro Espírita Caboclo Pedra Branca;
 Tenda Espírita São Jorge e Guarema;
 Tenda Espírita de Umbanda Flor de Carungá;
 Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Quatro Fôlhas;
 Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Pedra;
 Tenda Espírita de Umbanda Nossa Senhora Aparecida;
 Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo;
 Tenda Espírita de Umbanda Estrêla d'Alva e Pai Cambinda da Costa e Caboclo Pedra Branca;
 Sociedade de Umbanda Reino Urubatá;
 Tenda Espírita Pai Oxalá Alufan;
 Congregação dos Franciscanos (sic!) Espíritas de Umbanda;
 Tenda São Miguel;
 Centro Espírita Afro Brasileiro Caboclo Tabajara;
 Sociedade Espírita Corrente Pai João;
 Centro Espírita Pai João do Congo;
 Centro Espírita Terreiro do Ogun Megê;
 Templo Espiritual Círculo Oriental;
 Cabana Espírita Caboclo Sete Flechas;
 Centro Espírita Três Pessoas da Santíssima Trindade;
 Grupo Espírita de Umbanda Pai Joaquim;
 Tenda de Umbanda Pai Vira Mundo;
 Tenda de Umbanda Caboclo Gira-Gira de Aruanda;
 Irmandade Umbandista São Miguel Arcanjo;
 Terreiro de Umbanda Pai Humberto Baiano;
 Fraternidade Espírita Umbandista Beneficente Caboclo do Cajá;
 Terreiro Espírita de Umbanda Pai José de Aruanda e Vovó Rita;
 Centro Espírita de Umbanda Pai Damião;
 Cabana Caboclo Inhaçu;
 Tenda Espírita Beneficente de Umbanda Padre Eustáquio;
 Terreiro de Orixalá;
 Centro Espírita Ogum Pedra Branca;
 Tenda Espírita Legionários de Ogum;
 Cabana Espírita Pai Tingó de Aruanda;
 Templo Espiritual de Ogum Timbiri;
 Tenda Espírita Umbandista Caboclo Rompe Mato;
 Terreiro Branco de Xangô;
 Templo Espiritual de Jeová e Urangatá;
 Casa da Vovó Santa;
 Tenda Espírita Santa Bárbara e Caboclo Tira Teima;
 Sociedade Espírita de Umbanda Caboclo da Mata;
 Terreiro Espírita Caboclo Sete Montanhas;
 União Espírita Santo Antônio Nossa Senhora da Guia;
 Centro Caboclo da Guia;
 Fraternidade Iniciática de Umbanda;
 Fraternidade Espiritualista Eclética Universal;

Indicador Espírita de Tendões e Terreiros de Umbanda da Capital

Os anúncios nesta secção obedecem aos seguintes preços: Por vez — Cr\$ 250,00 12 vezes — 30% de desconto Procure a secção de publicidade deste jornal.

<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "VOVO CATARINA" Rua Catumbi, 208 — 2ª Fins a Causa F.E.U.S.P. Presidente: Edison Verra Diretor Espírita: Adeleide Corvêa e Rêlia Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI XANGO E CABOCHO 7 MONTAÑAS Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 4, casa 9 VILA TRÊS RITAs Diretor Espírita: Sebastião Marinho Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "SANTA EFIGÊNIA E SANTO ELISBAO" FRATERNIDADE F.E.U.S.P. Rua José de Costa Maia, 28 Vila Prata — PENHA Presidente: Germano Amador Dias de trabalho: 2as, 4as, feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "CABOCHA IRAÍ" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Chelidren, 11 Vila Central PARQUE E LUCAS Diretor Espírita: Jacqueline Francis Alvim Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>NCLEO ESPIRITUAL DE UMBANDA "XANGO" Rua Caruaru, 37 Vila Maria Diretor Espírita: Humberto Deolize Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>CABANA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI EMBARE" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua São, 600 — Parque Baturô ERILSON KATARZINSKI Diretor Espírita: Cecília de Jesus Dias de trabalho: 2as, 4as e sábados das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA DO CABOCHO SARACUTINGA E PRETA VELHA DE GUINÉ Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua J nº 114 — Vila Comandante SANTO AMARO Diretor Espírita: Fátima Sales Neves Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TERREIRO ESPÍRITA DE UMBANDA CABOCHO ARAUNA E JOAO BALANO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Maria Coral, 105 Raimundo Sales CIDADE ADMIRAL Diretor Espírita: Assessoria Dielaine Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>FRATERNIDADE ESPÍRITA DE UMBANDA "VOVO CATARINA" Rua Itapracaba, 303 — BRAS Diretor Espírita: Raimundo Sales Aguiar Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA FAMILIA SAGRADA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Eduardo Lobo, 51 Jardim Imperial VILA MORAS Diretor Espírita: Marta Estrelita Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA MAE YEMANJA Fins a Causa F.E.U.S.P. Av. Santo Antonio, 1045 VILA NOVA CONCEIÇÃO Diretor Espírita: Rosa Lapa Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>IRMANDADE ESPIRITUAL "ESTRELA GUIA DA VELHA CATARINA" R. Costeiro Pinto, 519 — Brás Diretor Espírita: Hilene Costa Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI JOSE TOMÉ Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Santa Eudóxia, 80, fundos PARQUE PERUQUE Diretor Espírita: Alfredo Rêlia de Silva Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PE PELA RAZÃO PAI ZACARIAS Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 2 nº 204 Vila Santo Antonio Presidente: Francisco de S. A. Dias de trabalho: 2as, 4as e Sábados, domingos das 15 às 20 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "SANTO ANTONHO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Av. Itaquera, 401 S. MATHEUS (Vila Carrião) Presidente: Antonio dos Santos Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras domingos das 15 às 20 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI JOAO MENDES Fins a Causa F.E.U.S.P. R. 9, casa 46 PEREIRA Diretor Espírita: João Américo Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI ALAUNA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Sizauro, nº 100 JARDIM INDEPENDÊNCIA Diretor Espírita: Aíra Alina de Melo Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI BENEDITO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua A nº 21 — Jardim Progresso S. MIGUEL PAULISTA Diretor Espírita: Alcides Marques de Andrade Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "SENIOR DO BENEFÍCIO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua São Paulo, 140 Guaranês — E.F.C.B. Márcia Helena Fêbe Dias de trabalho: 2as e 4as feiras domingos das 15,30 às 20,30 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA CREPUSCULO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 3 nº 108 — Vila Comandante SANTO AMARO Diretor Espírita: Marta Jéssica Cabral Dias de trabalho: 2as e 4as feiras e domingos das 15,30 às 20,30 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA MARIA CONGA DANGOLA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua dos Cristais, 432 JABOQUARA Diretor Espírita: Francisca Marília Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA CABOCHO GUINÉ PRÉTO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Galvão de Oliveira, 27 VILA FIDELIS REBELO Presidente: Eduardo Marques de Melo Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI PEDRO E PAI ANTONIO VENTANA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 2, box 11, quadra 3 Rua Benito — Santa AMAR Diretor Espírita: Sérvio Félix de Silva Dias de trabalho: 2as, 4as e sábados, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI JOAO DE ARAUJO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 3 nº 23 — V. Santa Anabela VILA PRUDENTE Diretor Espírita: Teresa Maria de Jesus Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "SANTA CATARINA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 2 nº 144 Vila Itália Bela Vista de Pedreira Rua Amador Diretor Espírita: Marta Letícia Brás Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI JOSE DE ALENCAR Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 3 nº 205 TAQUERA Diretor Espírita: Arlinda Pereira de Jesus Maconrães Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI BENEDITO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 4 nº 8 — Jardim Cordeiro BUTANTÁ Diretor Espírita: Aparecida Como Pirat Metel Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>GRUPO ESPÍRITA DE UMBANDA "AMOR E CARIDADE JOAQUIM" Fins a Causa F.E.U.S.P. R. Timbó, nº 23 JABOQUARA Diretor Espírita: Carmen Daines Gervasio Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA CABOCHO ROXO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 3 nº 23 Bairro de Japoiá VILA CACHOEREMBÁ Diretor Espírita: Aurino Rodrigues da Cruz Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "CAROLINA IRACEMA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Rocio, 283 (fundos) PENHA Diretor Espírita: Eliane Lopes Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "SAO BENEDITO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 73 nº 98 VILA FORROSA Diretor Espírita: Edu Valdemar dos Santos Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TERREIRO ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA ANA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 3 nº 18 — Vila Pedreira S. MIGUEL PAULISTA Diretor Espírita: Marta Alice de Rêlia Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TERREIRO ESPÍRITA DE UMBANDA "NOSSA SENHORA APARECIDA" Rua Indaíba, 30 Itaipu — Jardim Paulista Diretor Espírita: Fátima Feres Dias de trabalho: 2as e 4as feiras e sábados das 20 às 22 horas</p>	<p>ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA "PAI ANTONIO SAO JORGE E SAO BENEDITO" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 80, 11 ALTO DA VILA MARIA Diretor Espírita: João Manoel de Sousa Dias de trabalho: 2as, 4as, feiras e sábados das 20 às 22 horas</p>	<p>ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA S. JORGE Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 17, box 10 — Jardim Miriam CIDADE ADMIRAL Diretor Espírita: Edu Sales Juntas Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI EMO CORUMBÁ" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua S. Hilário, 46 Vila Santa Euzébia Presidente: Antonio Mendes Ruyter Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>
<p>ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA "BOA MENSAGEM" Rua Tupyatã, 20 Vila Mariana Diretor Espírita: Imaculada Vercia Dias de trabalho: 2as feiras das 20 às 22 horas sábados das 15 às 19 horas domingos das 15 às 17 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "INDIO GUARANÁ E ESTRELA DO CÉU" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 4 nº 29 — Vila Renas CIDADE ADMIRAL Diretor Espírita: Alcides Antonio de Macieiro Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas e um domingo costumeiro das 14 às 18 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SETE LINHAS Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Cláudia, 335 JARDIM DAS FLORES SANTO AMARO Diretor Espírita: Fátima de Fregues Jovani Dias de trabalho: 2as e 4as feiras e sábados das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI MILITAO, OCUM ROMPE MATO E CABOCHO VIRA MUNDO" Fins a Causa F.E.U.S.P. R. Antonio Barbo, 400 ALTO DA LAPA Diretor Espírita: Marta Rosa de Silva Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI COBRINHA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Catapi, 26-A — Vila Diva Presidente: Glória Assis Ambrósio Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "PAI MALAQUIAS DE ARRUDA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 2 nº 42 — Vila Lúcia VILA NOVA CACHOEREMBÁ Presidente e Diretor Espírita: João Letic de Campos Fêbe Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>
<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA DIVINO ESPÍRITO SANTO Fins a Causa F.E.U.S.P. Av. Cap. Simão Campos, 16 BARUQUE Presidente: Ricardo Pereira Rêlia Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA DIVINO ARRANCAR TOCO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Melina Aguiar de Guimarães, 2A — Choro Menino — SANTANA Diretor Espírita: Marta Aparecida de Rêlia Dias de trabalho: 2as e 4as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA OGUM BEGE Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Mangá, 15 VILA ITAIPU Diretor Espírita: Ruth Desampar de Almeida Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI MANOEL INDIO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 11 nº 25 — Vila Buriburi FRANCO DA ROCHA Diretor Espírita: Marta Gomes Diniz Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PENA AZUL Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Cruzes, 701 — Vila Ipojuca LAPA Diretor Espírita: Therézinha Leoni Vaz Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TERREIRO ESPÍRITA UMBANDISTA "SAO JORGE" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Barro da Jureia, 238 LAPA Diretor Espírita: Alvaro José Pacheco Misa Perceval Marta de Conceição Jesus Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras das 20 às 22 horas</p>
<p>CASA DE CARIDADE PAI JOAQUIM DA ROCHA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua 26, 23 VILA GUILHERMINA Diretor Espírita: Marta Célia Dias de trabalho: 2as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>CASA DE CARIDADE DA VELHA MARIA DE GOA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua de Moraes, 1230 Rua Cláudia, 10 MOCCA Diretor Espírita: Marta Célia Dias de trabalho: 2as feiras das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA "MAE MARIA" Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Cláudia, 10 VILA CELESTE Diretor Espírita: Marta Célia Dias de trabalho: 2as, 4as e sábados, das 20 às 22 horas</p>	<p>TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI XANGO Fins a Causa F.E.U.S.P. Avenida Brodowski, 150 JARDIM BRASIL Diretor Espírita: Marta Célia Dias de trabalho: 2as, 4as e 6as feiras, das 20 às 22 horas</p>	<p>CABANA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI JOAO AFRICANO Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Santa Faustina, 83 MOCÓ Diretor Espírita: Leandro Soares Dias de trabalho: sábados e aos domingos de mês das 20 às 22 horas</p>	<p>LEGIO DE OCUM MEZE MOCCA Fins a Causa F.E.U.S.P. Rua Conde João de Barros, 83 MOCÓ Diretor Espírita: Belaire Euval de Oliveira Dias de trabalho: 2as e 4as feiras das 20 às 22 horas</p>

De como um jornal de São Paulo anuncia Terreiros...

Tenda Umbandista Oriental;
 Tenda de Umbanda Cristã Carpinteiro José;
 Associação Espírita de Umbanda Boa Mensagem;
 Associação Espírita Umbandista São Miguel Arcanjo;
 Cenáculo Espírita de Umbanda Santos Cosme e Damião;
 Núcleo Espírita de Umbanda Fé e Caridade;
 Irmandade Umbandista Pai Thomé;
 Sociedade Espírita de Umbanda Caboclo Três Sol e Vovó;
 Rancho Espírita de Umbanda Pai Antônio;
 Choupana Espírita Umbandista Senhor do Bonfim;
 Tenda Espírita de Umbanda União Terra Virgem do Congo;
 Irmandade Espírita São Jorge de Aruanda;
 Tenda Espírita de Umbanda Pita Cachimbo;
 União Espírita Beneficente Pai Candú;
 Tenda Beneficente de Umbanda São Cristóvão;
 Cabana Espírita Pai Moçambique;
 Igreja Espiritual Caboclo da Serra;
 Estádio Cosme e Damião;
 Tenda Espírita Afro-Caboclo Sete Flechas;
 Irmandade Espiritual Estrêla Guia de Velha Catarina;
 Centro Espírita de Umbanda Cristão São Jorge;
 Legião de Umbanda Rei Congo;
 Templo Espiritual de Umbanda Jeová e Urangatá;
 Centro de Irradiação Espiritual Amboré;
 Casa de Caridade Pai David;
 União Espírita e Terreiro de Umbanda de Cosme e Damião Chefe
 Caboclo Nhonhô da Montanha e Pai Manuel;
 Irmandade Espiritual Estrêla da Deusa Lunar;
 Tenda de Umbanda Tupã Pena Branca;
 Grêmio Espírita Sete Mistério;
 Seita Africana Santa Bárbara-Xambá;
 Culto Africano Nossa Senhora dos Navegantes;
 Centro Africano Senhor do Bom Fim;
 Culto Africano Nossa Senhora de Lourdes Kongo;
 Culto Africano Senhora do Carmo Adoração Nagô;
 Centro Espírita de Umbanda Inhaçã Atopê e Xangô Sete Machado;
 Tenda Espírita Filhos das Sete Montanhas;
 Tenda Espírita Caboclo das Sete Ondas;
 Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem;
 Tenda Espírita Caboclo Tatanna Ogum da Lua;
 Centro Espírita Oxocê Fólha Verde;
 Tenda Espírita Caboclo Vira Mundo;
 Centro Espírita Urubatinga Michael de Umbanda;
 Centro Espírita Ogum Matizada da Mata Virgem Fé e Caridade;
 Centro Espírita Caboclo Pintasilgo;
 Tenda Espírita São Jorge Defensor da Fé;
 Tenda Espírita Tira Teima;
 Terreiro Nossa Senhora da Conceição e Caboclo Vence Tudo;
 Tenda Espírita Caboclo Rompe Nuvem;

Tenda Espírita Caboclo Girador Empregado de Ogum;
Abacê de Ajagum e Oxum;
Terreiro do Caboclo Sete Luas;
Tenda Espírita Sagrado Coração de Jesus Dirigida pelos Caboclos
Asa Branca e Pena Branca.

E poderíamos continuar a ladainha. Sobretudo de terreiros, tendas, centros e grupos espíritas ou umbandistas com nomes de Santos Católicos. São milhares, e não apenas centenas. E todos os dias surgem novos, devidamente registrados e publicados no *Diário Oficial*. Vejamos alguns números:

Na Guanabara: A "Gazeta de Umbanda", de 30-11-1956, p. 8, informa: "Encontram-se localizados, só no [então] Distrito Federal, 7.500 Tendas e Centros, com suas casas frequentadíssimas, crescente corpo de médiuns e elevado número de associados, podendo dizer-se que só em sete Tendas se contam 20.000 sócios, que, juntando-se ao restante, formam um total de mais de um terço da população do Rio". E acrescenta esta curiosa observação: "Basta dar umas voltas por toda a cidade e encontrar-se-á na maioria das residências, quer em choupanas, quer em palacetes, esfinges de índio simbolizando a corrente religiosa em que se *firmam* realmente os moradores... Constatam-se que na maioria usam, em cima dos móveis, copos com água ou estatuetas de caboclos ou mesmo, pendurada nas paredes a tradicional imagem de Jorge Guerreiro, com a característica Cruz Vermelha". — Sobre os Terreiros no Rio, veja-se também a pesquisa do IPEME, no Apêndice.

No Rio Grande do Sul: O deputado estadual Moab Caldas, eleito pela Umbanda e Presidente do Conselho de Orientação da União de Umbanda, numa carta à Primeira Concentração Espiritualista Reencarnacionista (2-8-1958, no Rio), dá a seguinte informação: "Aqui no Rio Grande do Sul a Umbanda é enorme. Basta dizer que existem 12.500 Tendas funcionando no Estado, apesar de não estarem todas unidas ou registradas legalmente. É uma força incontestável, contando em seu seio com desembargadores, secretário municipal, oficiais do exército..."

Em São Paulo: A "Tribuna Umbandista", de São Paulo, no fascículo de julho-agosto de 1959, informa em artigo editorial de primeira página: "Temos, somente na capital paulista, duas mil tendas registradas". O mesmo jornal calcula em 100 a

média de filiados a cada terreiro, tendo assim um total de 200.000 umbandistas na capital de São Paulo.

Em Belo Horizonte: O periódico umbandista "Mironga", de julho-agosto de 1958, p. 22, garante que na capital mineira existem, segundo dados fornecidos pelo cartório de registro civil e pessoas jurídicas, 700 (setecentas) tendas e centros registrados de Espiritismo Umbandista, funcionando em Belo Horizonte.

Na Baía: Jorge Amado, no discurso pronunciado no Achê do Opô Afonjá (pois êle mesmo é líder candomblista) e publicado em "Artes e Letras" de 30-8-1959, p. 1, revela que a cidade do Salvador conta precisamente 611 casas de candomblé.

E assim por diante. Encontramos terreiros em Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Belém, Amazonas, Mato Grosso. Ministros, Generais, Senadores e Deputados são vistos em cabanas e terreiros.¹³ E o próprio Governo parece fomentar êsse movimento como espetáculo turístico. A Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no orçamento para o ano de 1954, prometeu as seguintes subvenções: Ao Centro Cabana Itanagé, ao Centro Espírita Cabana do Mar, ao Centro Espírita Caboclo Corre Campo e a 89 outros Centros Espíritas, Cr\$ 2.181.000,00; à Cabana Pai Joaquim de Loanda e a oito outras cabanas de diversos Pais, Cr\$ 195.000,00; ao Culto Religioso Cabana Santa Teresinha, Cr\$ 60.000,00; ao Templo Espiritualista São Sebastião, Cr\$ 20.000,00; ao Terreiro Ogum Rompe Mato, Cr\$ 30.000,00; a diversas Associações, Círculos, Confederações, Con-

¹³) Por exemplo *O Jornal*, do Rio, descrevendo uma festa de batismo de novas filhas-de-santo num terreiro, continua assim: "A reportagem do *O Jornal*, que estêve presente à festa, registou a presença de várias personalidades: general Ciro de Rezende, chefe de polícia; general Pinto Aleixo, senador da República, senhora e filha; coronel João Cabanas e filha; comandante José Eronildes de Sousa e Senhora; coronel Santa Rosa, representante do prefeito do Distrito Federal; industrial Dino Coccoza; coronel Eduardo Chaves; almirante Iracindo Carvalho Pinheiro e senhora; deputado Azis Maron e senhora; comandante Benício, do Estado Maior da Armada; sr. Marvestério da Silva, ex-embaixador da Bolívia; sr. Raul Gravatá, representante do governo da Baía; sr. Paulo P. de Queiroz, presidente da Comissão do Vale do Rio São Francisco; almirante Matoso e senhora; deputado Oliveira Brito; almirante W. Heat, chefe da Missão Naval Americana, e senhora; deputado Euber Menezes; almirante Delamare São Paulo e senhora; Ananias de Oliveira; sr. Ademar Portugal; sr. Borba Tourinho, oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura, e Wilson Aguiar, do Gabinete do ministro da Fazenda".

gregações, Grupos, Fraternidades, Irmandades, Núcleos, Obras, Ordens, Postos, Sociedades e Uniões, definidos, todos êles, pelo adjetivo Espírita, Cr\$ 1.981.000,00; a contribuição total às entidades umbandistas do Rio: Cr\$ 7.202.000,00... No ano seguinte já eram mais de dez milhões.

4) Ensaios de Confederações

Houve também tentativas de uniões, federações e confederações de tendas e terreiros, tanto no âmbito nacional, como no estadual e regional. Temos conhecimento dos seguintes, de âmbito nacional:

Confederação Espírita Umbandista;
Grande Federação de Umbanda;
União Espiritista de Umbanda;
União dos Espiritistas de Umbanda;
Associação Umbandista Brasileira;
Colegiado Espiritualista do Cruzeiro do Sul;
União Espiritualista de Umbanda do Brasil;
Ordem Umbandista do Silêncio;
Primado de Umbanda;
Federação das Sociedades Religiosas de Umbanda;
Círculo Umbandista do Brasil;
Ala Espiritualista Independente;
União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros;
União dos Homens de Côr dos Estados Unidos do Brasil.

As tentativas de união em âmbito estadual também não faltam. Eis alguns nomes:

Federação Umbandista do Estado de São Paulo;
União de Umbanda no Rio Grande do Sul;
Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro;
Liga Umbandista de São Jerônimo do Estado de São Paulo;
Cruzada Federativa Espírita de Umbanda do Estado de São Paulo;
Associação Ritualística Afro-Brasileira (Santos, SP);
Federação Pernambucana do Culto Afro-Brasileiro;
Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro;
Federação Umbandista do Estado do Rio de Janeiro;
Federação dos Cultos Afro-Brasileiros do Recife.

Mas a própria multiplicidade de iniciativas no mesmo território prova que o resultado não há de ser grande. Vejamos, entretanto, a organização interna de uma outra destas tentativas. Tomemos como exemplo a Confederação Espírita Umbandista, que parece ser a mais forte, com ramificações nos Estados de

Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Declara o Regulamento Geral desta C.E.U. (Confederação Espírita Umbandista) ter por finalidade “reunir tôdas as tendas, centros e terreiros do ritual de Umbanda”, para “prestar conforto espiritual e material aos que dêe necessitarem”. Dispõe a organização de nove Departamentos: Cultural, Jurídico, Médico, Odontológico, Recreativo, de Assistência Social, de Propaganda, de Doutrina Espírita Umbandista e de Ciência Astrológica (sic). O mais importante é o Departamento de Doutrina Umbandista, que deve “orientar a parte relativa ao culto, difundir a doutrina espírita umbandista e supervisionar os centros, tendas e terreiros filiados”. Diz o art. 12 que êste Departamento “é obrigado a prestar esclarecimentos sobre a doutrina, solicitados pelos sócios, especialmente chefes de terreiros ou gongá, *reavivando a tradição antiga*”. Esta última determinação é importante, porque se refere à antiga tradição africana e pagã, da qual ainda falaremos. No art. 14 é criado o Supremo Conselho Nacional de Umbanda, que deve ter entre seus membros “dois sacerdotes cabeças maiores de cada culto africano e ameríndio (Angolista, Nagô, Gêge, Cabinda, Malê, Guiné, Loanda, Benguela, Laketu, Linha das Almas, Linha de Jurema), todos confirmados em seus graus”. O art. 19, letra g, determina que é dever dos sócios “acatar o Supremo Conselho Nacional de Umbanda como autoridade máxima em matéria religiosa”. — Quem manda de fato nesta Confederação, são os senhores Byron Tôrres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto.

Bem diferente é a Associação Umbandista Brasileira, comandada pelo Sr. Lourenço Braga, que também quer “reunir, sob uma única direção, todos os Centros, Grêmios, Tendas, Cabanas, Terreiros, Agremiações, Sociedades e Associações, que praticam o Espiritismo nos moldes de Umbanda”. Aí tôdas as casas nas quais se pratica a Umbanda devem passar a chamar-se “tendas”; e nelas não será permitido bater palmas ou tambores, nem o uso de pembas pretas e vermelhas, punhais, bebidas, roupas de côres diferentes da branca; nem se há de tolerar cantar os pontos no ritmo Gêge, Nagô, Banto, Quêto, Angola ou Omolocô, mas apenas “em ritmo de Umbanda e sem alterar a voz em demasia”; nelas os médiuns só trabalharão vestidos de branco, calçados com sapatos de corda ou descalços,

os homens de calça branca e camisa branca e as mulheres de blusa e saia branca, “usando também calções brancos compridos até aos joelhos”; não será permitida também a matança de quaisquer animais, nem comidas de Santo, nem despachos em nenhum lugar. Mas defumadores, velas, pombas brancas ou de côr (menos as pretas e as vermelhas), banhos de descarga, breves, patuás, seixos, conchas, fitas, figas de guiné e arruda, são coisas expressamente permitidas.¹⁶

Houve até mesmo uma tentativa de unir compulsoriamente todos os terreiros. Foi em fins de 1959, por iniciativa de uma Ala Espiritualista Independente, “organização eleitoral que se ramifica através de numerosos centros, tendas e terreiros”. Sugeriram a criação dum Conselho Nacional dos Cultos, dependente diretamente do Ministério da Educação e Cultura, com as seguintes funções:

- a) coordenar as associações religiosas de qualquer culto, exceto as católicas e protestantes;
- b) conceder licença para o funcionamento de associação religiosa, na forma da alínea anterior, verificando em sindicância sigilosa se não há inconveniente para a ordem pública e os bons costumes nos termos do § 7 do art. 141 da Constituição;
- c) examinar a idoneidade moral e religiosa dos dirigentes das associações religiosas (alínea a), suspendendo-se do exercício dessa função, caso verificada sua falta de idoneidade;
- d) tomar as providências necessárias junto às autoridades competentes, no sentido de ser garantido o livre exercício dos cultos religiosos, nos termos da Constituição;
- e) aprovar o seu Regimento Interno e organizar os serviços da sua Secretaria.

O projeto, como era de prever, foi rejeitado pelo Sr. Ministro da Justiça que, por seu consultor jurídico, alegou: “Ao Estado é vedada a ingerência nos cultos e na formação das respectivas associações, que os desenvolvem fora do plano estatal, salvo quando contravir a ordem pública. Sujeitar quaisquer associações religiosas à licença prévia e intervir o Estado na

¹⁶) Mas os Srs. Byron Tôres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, em *Camba de Umbanda*, (Rio, sem data), p. 131, ao lerem tudo isso, caíram das núvens e perguntaram: “Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer o sacrifício do preceito e nem preparar comidas de santo, pode ser tudo, menos terreiro de Umbanda”.

diretoria das sociedades religiosas, como prevê o projeto, seria ferir frontalmente a Constituição”.

A argumentação do consultor jurídico é, sem dúvida, correta. Entretanto o § 7 do art. 141 da Constituição tem um inciso muito importante, geralmente esquecido e que, de uma ou outra forma, deveria ser regulamentado por lei especial. Concede-se, sim, o livre exercício de cultos religiosos, mas: “*salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes*”. Que entenderá a Constituição por “Ordem Pública” e “bons costumes”? E quem determinará se algum culto religioso é ou não é inconveniente para a Ordem Pública e os bons costumes? O problema, a nosso ver, precisamente em vista dos numerosos (milhares!) terreiros de Umbanda, é real e se torna cada dia mais agudo. Ainda teremos que voltar a este ponto.

Permitimo-nos lembrar a Lei Nº 1166, de 1951, regulando o exercício dos cultos afro-brasileiros em Pernambuco:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

ART. 1.º — Fica subordinado à Federação dos Cultos Afro-Brasileiros* o exercício dos mesmos cultos em todo o território do Estado.

ART. 2.º — Os cultos ora existentes deverão regularizar sua situação perante a lei civil, no prazo de cento e oitenta dias.

ART. 3.º — Sòmente nos casos de infração à lei penal poderá a Polícia intervir nos referidos cultos.

ART. 4.º — Os responsáveis pelo funcionamento de “terreiros” ficam sujeitos à prova de idoneidade moral e a exame psiquiátrico, em que seja constatada a sua perfeita saúde mental.

ART. 5.º — A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno, em 10 de setembro de 1951.

(aa) Agamemnon Sérgio de Godoi Magalhães
Roberto de Pessoa.

Não sabemos como foi cumprida esta lei e que efeitos teve. Mas alguma coisa se há de fazer. Pois a realidade é esta, sentida e denunciada pelos próprios umbandistas mais sérios: “Qualquer cidadão, bem ou mal intencionado, bem ou mal preparado,

*) A Lei N.º 1382, de 18-6-1952, modificou este primeiro artigo assim: “Fica subordinado à Federação dos Cultos Africanos de Pernambuco o exercício dos mesmos cultos em todo o território do Estado”.

tunda centros de Umbanda. Basta organizar uma diretoria, fazer uns estatutos e usar e abusar do artigo 141 da Constituição Brasileira... Uma vez registado o centro, êle funciona com o beneplácito da polícia, e comete o bem ou o mal, segundo as boas intenções ou a burrice de seus dirigentes... O que está errado é a não existência de uma autoridade controladora, no seio da própria Umbanda".¹⁷ Isso está muito bem formulado. Não é a autoridade do Estado, segundo o projeto sugerido pela Ala Espiritualista Independente, que deve controlar as questões internas da religião, qualquer que seja. A própria religião, se quiser subsistir, deve, ela mesma, cuidar de si, a fim de não descambar para atos contrários à ordem pública ou aos bons costumes. Em capítulo especial ainda teremos que estudar o aspecto da exploração, da mistificação e do crime em muitos terreiros. "Se não tomarmos um rumo decente, correto, prudente e sábio — exclama um dos líderes umbandistas — em breve seremos uns verdadeiros demolidores da filosofia, da religião, da moral".¹⁸ Não pode continuar esta Umbanda esfacelada, entregue aos caprichos de cada babalaô, sem lei e sem orientação, sem obrigação e sem doutrina certa, sem vigilância e sem polícia, apenas com os duvidosos e ruidosos "guias" do além. Isso não é religião nem merece o respeito devido às religiões. E' simples e puro abuso. Fazemos nossa a pergunta dum umbandista preocupado com o rumo que as tendas e os terreiros vão levando: "Como então fundam-se terreiros e mais terreiros de Umbanda por êste Brasil, sem outras exigências que as da elaboração de um estatuto social quase profano e licença das autoridades para funcionar como funciona qualquer sociedade bailante e recreativa?"¹⁹ E, para dizer a verdade, nem esta licença é necessária ou exigida. Pois a grande maioria dos terreiros funciona sem registo e sem licença. Onde a lei que a prescreve? Quando se criam e registam estatutos, é só para

¹⁷) Samuel Pönze, *Lições de Umbanda*, Rio 1954, p. 25.

¹⁸) Itararé dos Santos (outro pseudônimo de Paulo Menezes), *A Verdade sobre a Umbanda*, Pôrto Alegre 1955, p. 28.

¹⁹) Emanuel Zespo (Paulo Menezes), *Codificação da Lei de Umbanda*. Parte Prática, Rio 1953, p. 98. E o autor pergunta na mesma página: "Seria a Igreja Católica Apostólica Romana forte e milenar se a cada fiel fôsse facultado fundar capelas, organizar paróquias e arvorar-se em padre logo às primeiras letras do catecismo, sem as ordenações, os votos, os juramentos, as disciplinas, a hierarquia?"

ter a necessária personalidade jurídica e poder receber as subvenções dos políticos. . .

Aliás, a união entre os umbandistas não será fácil. Pois, enquanto a Associação Umbandista Brasileira proíbe o uso dos tambores, dos pontos cantados em língua africana, dos sacrifícios de preceito e das comidas de santo, a Confederação Espírita Umbandista exige o tambor, propaga os pontos africanos, faz os sacrifícios de preceito e prepara as comidas de santo. Como irão entender-se? Teremos adiante um capítulo especial sobre a doutrina dos umbandistas e veremos que as divergências não são superficiais e acidentais, mas profundas e essenciais. E em bases de diferenças substanciais não é possível levantar uma única construção sólida.

O Caráter Espírita da Umbanda

1) A Definição do “Espiritismo”

Não sentem dificuldade, os umbandistas, em qualificar suas tendas, terreiros e associações como “espíritas”. É comum, entre êles, o uso da palavra “espiritismo” e da expressão “Espiritismo Umbandista” ou “Espiritismo de Umbanda”. Êles mesmos fazem questão de proclamar que são “espíritas” ou “espíritistas”. Mas os adeptos de Allan Kardec não concordam com êsse modo de falar. Quando em junho de 1956 fizemos no auditório do Ministério da Fazenda uma conferência sôbre o movimento umbandista, apresentando-o como uma das várias formas do Espiritismo, logo alguns líderes kardecistas publicaram pelo Rádio e pelos grandes matutinos do Rio o seguinte manifesto:

A VERDADE SOBRE O ESPIRITISMO

Esclarecem os Espíritas

Os cidadãos que subscrevem o presente manifesto, certos de interpretar o pensamento de ponderável número de adeptos da Doutrina Espírita, vêm prestar à opinião pública os esclarecimentos que se lhes afiguram indispensáveis a respeito da Doutrina que professam, tendo em vista a série de conferências realizadas nesta Capital, sôbre Espiritismo, pelo respeitável sacerdote católico Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Não objetivam os signatários promover revide nem polêmica, porque não têm os espíritas preocupação de abrir luta religiosa ou hostilizar qualquer culto ou religião — matéria do fôro íntimo de cada indivíduo. Não se pronunciam, outrossim, em nome de qualquer instituição espírita, mas no simples uso de um direito que lhes é assegurado pela Constituição da República.

Julgam, todavia, de seu dever trazer à consideração da opinião pública informes tendentes a restabelecer a realidade quanto aos princípios da Doutrina Espírita, mal conceituados pelo aludido sacerdote, o qual,

por meio de generalizações inexatas, juízos que falseiam a verdade e artifícios de raciocínio, procurou manifestamente estabelecer confusão entre Espiritismo e diversas práticas religiosas.

Assim, em contraposição categórica às interpretações de Frei Boaventura Kloppenburg a quem negam autoridade para, de público, definir a qualidade de espírita, esclarecem os signatários:

1.º *Espiritismo* é o corpo de doutrina codificado por *Allan Kardec*. — Suas características essenciais são:

a) Doutrina filosófica, com fundamento científico, de conseqüências religiosas, tendo como base a existência de Deus e a reencarnação da alma humana;

b) Visa, antes de tudo, ao aprimoramento moral do Homem, subordinando-se, nesse sentido, ao conteúdo moral dos ensinamentos de Cristo.

2.º Em decorrência disso, e face aos preceitos consubstanciados nas obras básicas da Doutrina, *não têm relação com o Espiritismo* os cultos ou religiões que incluam em seus princípios:

a) Rituais de qualquer natureza;

b) Sacrifícios, ainda que simbólicos;

c) Corpo sacerdotal, com qualquer espécie de hierarquia;

d) Fórmulas, invocações, promessas ou prescrições de qualquer natureza tendentes à solução de problemas da vida material;

e) Remuneração pela prestação de serviços de natureza espiritual;

f) Adoração de imagens, símbolos ou ídolos;

g) Práticas de magia, feitiçaria ou necromancia.

Reafirmam os declarantes os sentimentos do maior respeito e fraternidade que animam os espíritas com relação a seus irmãos de todos os cultos ou religiões, no que, aliás, estão certos de atender, apenas, ao ensino de Jesus Cristo:

— “Tudo o que quiserdes que os homens vos façam fazei-o assim também vós a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7, 12).

Rio de Janeiro, junho de 1956.

Comissão organizadora:

Carlos Imbassahy, Advogado e Escritor.

Deolindo Amorim, Jornalista.

Cel. Euclides Fleury, Of. Exército e Eng. Civil.

José Alberto Menezes, Bancário.

José Augusto de Miranda Ludolf, Advogado.

Lauro Salles, Advogado.

Leopoldo Machado, Professor e Escritor.

Nelson Batista de Azevedo, Jornalista.

Newton Gonçalves de Barros, Professor.

Cel. Pedro Delfino Ferreira Júnior, Of. Exército.

Não querem esses ilustres advogados, professores, jornalistas, escritores, bancários e coronéis reconhecer nossa autoridade para definir o que é o Espiritismo. Já que apelam à autoridade e

não ao raciocínio (aliás em plena contradição com um dos fundamentais postulados constantemente recordados pelos propagandistas da pretensa Terceira Revelação), pediremos a palavra à autoridade máxima em Espiritismo.

Foi o Sr. Leão Hipólito Denizard Rivail (1804-1869) quem, sob o conhecido pseudônimo de Allan Kardec, criou o termo “espiritismo” e seu derivado “espírita” ou “espiritista”. Será, por conseguinte (desculpem o raciocínio...), êle a primeira autoridade que nos deve esclarecer sua terminologia. Arrolemos, em ordem cronológica, as principais passagens em que o reconhecido mestre do moderno movimento necromântico se pronuncia com mais clareza:

a) *O Livro dos Espíritos* (citamos a 21ª edição da Federação Espírita Brasileira): é a obra fundamental da Doutrina Espírita. Kardec começa, sem delongas, logo no primeiro parágrafo da introdução, a esclarecer seu vocabulário. Leiamos o texto completo:

“Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulo *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fôra multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*” (p. 11).

Na p. 473 do mesmo livro básico do nosso movimento espírita lemos:

“O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos: 1.º os que crêem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para êsses o Espiritismo é uma ciência experimental; 2.º os que lhe percebem as conseqüências morais; 3.º os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral”.

b) *O que é o Espiritismo* (10ª ed.): na p. 85, Allan Kardec declara que o Espiritismo “conta entre os seus aderentes homens de tôdas as crenças, que por êsse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar os deveres do seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de tôdas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas”. Todos êles, segundo Kardec, podem ser qualificados como “espíritas”. Por isso êle escreve em *Le Spiritisme à sa plus simple expression* (150e mille, p. 15): “Pode-se, portanto, ser católico, ortodoxo ou romano, protestante, judeu, muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e ser, conseqüentemente, *espírita*. A prova é que o Espiritismo tem aderentes em tôdas as seitas”.

c) *O Livro dos Médiuns* (20ª ed.): p. 411, Allan Kardec acrescenta um capítulo especial para esclarecer seu vocabulário. E aí temos:

“*Espírita*: O que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquêles que crê nas manifestações dos Espíritos”.

“*Espiritismo*: Doutrina fundada sôbre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações”.

“*Espiritualista*: O que se refere ao espiritualismo. E’ *espiritualista* aquêles que acredita que em nós nem tudo é matéria, o que de modo algum implica a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*; mas pode-se ser *espiritualista* sem se ser *espírita*”.

d) *Obras Póstumas* (10ª ed.), p. 333:

“O qualificativo de *espírita*, aplicado sucessivamente a todos os graus de crença, comporta uma infinidade de matizes, desde o da simples crença nas manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas; desde aquêles que, detendo-se na superfície, não vê nas manifestações mais do que um passa-tempo, até aquêles que procura a concordância dos seus princípios com as leis universais e a aplicação dos mesmos princípios aos interesses gerais da Humanidade; enfim, desde aquêles que não vê nas manifestações senão um meio de exploração em proveito próprio, até o que haure delas elementos para seu próprio melhoramento moral. Dizer-se alguém *espírita*, mesmo *espírita* convicto, não indica, pois, de modo algum, a medida da crença; essa palavra exprime muito, com relação a uns, e muito pouco relativamente a outros. Uma assembléa para a qual se convocassem todos os que se dizem *espíritas* apresentaria um amálgama de opiniões divergentes, que não poderiam assimilar-se reciprocamente, e nada de sério chegaria a realizar, sem falar dos interessados a suscitarem no seu seio discussões a que ela abrisse ensejo”.

Mas Allan Kardec fala também de uma categoria especial que êle denomina “espíritas professos”:

“Hoje, quando nenhuma dúvida mais se legitima sôbre os pontos fundamentais da Doutrina [Espírita], nem sôbre os deveres que tocam a todos os adeptos sérios, a qualidade de espírita pode ter um caráter definido, de que antes carecia. E’ possível estabelecer-se um formulário de profissão de fé e a adesão, por escrito, a êsse programa será testemunho autêntico da maneira de considerar o Espiritismo. Essa adesão, comprovando a unidade dos princípios, será, além do mais, o laço que unirá os adeptos numa grande família, sem distinção de nacionalidades, sob o império de uma mesma fé, de uma comunhão de pensamentos, de modos de ver e de aspirações. A crença no Espiritismo já não será simples aquiescência, muitas vêzes parcial, a uma idéia vaga, porém uma adesão motivada, feita com conhecimento de causa e comprovada por um título oficial, deferido ao aderente. Para evitar os inconvenientes da falta de precisão, quanto ao qualificativo de espírita, os signatários da profissão de fé tomarão o título de *espíritas professos*” (p. 334).

e) Na *Revue Spirite*, de 1869, ano da morte de Allan Kardec, como que para manifestar seu pensamento definitivo a êste respeito, escreve Kardec na p. 25: “Para que alguém seja considerado espírita, basta que simpatize com os princípios da Doutrina e que por ela pautae a sua conduta”.

Os citados textos do codificador do Espiritismo provam abundantemente que o termo “espírita”, desde que surgiu, e nos próprios escritos de seu autor, tem um sentido bastante elástico e indeterminado. Mas há sempre um fundo igual, um mínimo de condições indispensáveis, sem as quais o cidadão já não tem direito de qualificar-se como “espírita”. A primeira condição é que êle seja espiritualista, isto é: que admita que no homem nem tudo é matéria. Mas isso não basta. Kardec insiste em dizer que nem todo espiritualista é espírita; êle reclama como essencial um segundo elemento: que se acredite na possibilidade de manter relações diretas com os espíritos desencarnados, relações que poderiam ser provocadas pelo homem (“médium”). E isso é suficiente para ser espírita. Nas passagens acima citadas Kardec repete seis vêzes (com pequenas variações no modo) que “todo aquêle que crê nas manifestações dos espíritos é espírita”. Mas a expressão “manifestação dos espíritos” deve ser entendida no sentido kardecista de manifestação *provocada pelo homem* e não no sentido de manifestação *espontânea*. Pois muito antes de Allan Kardec a Igreja admitia

as manifestações espontâneas (“aparições”) e a novidade específica dos espíritas, na qual o próprio Kardec insiste muitas vezes, está em que alegam ter descoberto meios de provocar a manifestação do além (“evocação”). Não queremos repetir o que largamente foi elaborado no VI capítulo de nosso livro *O Espiritismo no Brasil*. Portanto, pondo de lado tôdas as ambi-güidades, diremos que, segundo Allan Kardec, *espírita é todo espiritualista que admite a prática de evocação dos espíritos* ou a necromancia. Sôbre esta base mínima podem construir-se os mais variados sistemas doutrinários. Assim são “espíritas” os adeptos do Espiritismo anglo-saxão que não aceitam a doutrina da reencarnação, como são “espíritas” os seguidores de Allan Kardec que fazem das idéias reencarnacionistas o ponto central de tôda a sua filosofia. E porque os partidários da Umbanda praticam assiduamente a evocação dos espíritos (e, aliás, como veremos, endossam também a doutrina da reencarnação), também êles, os umbandistas, são “espíritas” verdadeiros, no sentido em que Allan Kardec entendia o vocábulo.

Baseada nestes conceitos fundamentais de Allan Kardec, a alta direção da Federação Espírita Brasileira (que é kardecista), em nota oficial publicada no *Reformador* (órgão oficial daquela entidade) de julho de 1953, declarou, textualmente, à p. 149: “Todo aquêle que crê nas manifestações dos Espíritos é espírita; ora, o umbandista nelas crê, logo o *umbandista é espírita*”. Na mesma declaração oficial lemos ainda: “Os que aceitam o fenômeno espírita como manifestação de “Satanás”, ou como ocasionado sômente por fôrças desconhecidas, êsses não são espíritas; mas aquêles que o têm como produzido por Espíritos, êsses devem ser considerados como adeptos do Espiritismo, isto é, espiritistas, *admitam ou não a reencarnação e pratiquem ou não rituais que nós não adotamos*”. Os grifos são nossos. Estamos aqui diante duma declaração oficial da mais alta autoridade do Espiritismo Kardecista no Brasil e que se opõe frontalmente ao segundo item do manifesto espírita acima reproduzido.

2) Necromancia e Magia

Precisamos aprofundar o assunto, para podermos compreender melhor a natureza íntima da Umbanda. Pois todos os autores umbandistas que temos em mão, quando definem êste atual movimento denominado Umbanda, concordam em dizer que “é

magia". Um exemplo: "Umbanda é fazer magia por intermédio das forças invisíveis, baseada nas forças astrais, com rituais, preceitos, sinais cabalísticos, cânticos e outros elementos, como a água, o fogo, a fumaça, as bebidas, as comidas, os animais, apetrechos apropriados, etc."¹ O mesmo autor que dá esta definição, compara os umbandistas com os "alquimistas, feiticeiros, adivinhos, profetas e pitonisas do passado".

Estamos, pois, diante dum novo elemento: a *magia*. "Umbanda é magia", dizem êles. Os Kardecistas protestariam se disséssemos que "Kardecismo é magia". Kardecismo é Espiritismo, mas não magia (ao menos não necessariamente). Umbanda é Espiritismo (porque pretende evocar espíritos) e é magia.

Como se entende isso? Qual a diferença exata?

Na prática do Espiritismo (ou da evocação) encontramos duas finalidades diferentes, surgindo assim a necromancia e a magia.

Por *necromancia* (do grego *nekros* = falecido, e *mantéuo* = procurar saber, adivinhar) entendemos a pretensa arte de evocar espíritos ou de provocar, por meios mecânicos ou por outros métodos naturais, a comunicação com as almas dos falecidos ou com quaisquer outros espíritos do além, com a finalidade de conversar com êles e obter dêles mensagens ou comunicações. E' o que querem, por exemplo, os espíritas kardecistas.

Por *magia* entendemos a pretensa arte de evocar os espíritos com o fim de colocá-los à disposição ou ao serviço do homem, para efeito de um trabalho a favor ou contra êle. Se fôr a favor será "magia branca" (Umbanda), se fôr contra será "magia negra" (Quimbanda).

Há, portanto, um elemento comum, genérico, igual para a necromancia e a magia, para os kardecistas e os umbandistas: é a tentativa ou a pretensão de fazer descer ou "baixar" espíritos do além (pouco importa que tipos de espíritos e pouco importa se os espíritos de fato descem ou não). E isso é "espiritismo", segundo a definição de Kardec.

A necromancia é, pois, a base de todo e qualquer Espiritismo: sem evocação não há Espiritismo. Todo espírita é necromante por natureza e definição. Mas nem todos são tam-

¹) Cf. a revista *Umbanda*, Rio, agosto de 1948, p. 11; também Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., p. 12, traz idêntica definição.

bém magos. Pode haver Espiritismo sem magia. Mas não há magia sem Espiritismo. Assim, por exemplo, o Espiritismo Kardecista não tem oficialmente pretensões à magia, mas o Espiritismo Umbandista vê na magia sua missão específica. O Kardecista pode ser apenas necromante; o Umbandista é necromante e mago. Mas ultimamente recebemos notícias de todo o território nacional, informando que também os Kardecistas começam a praticar a magia: pois “médicos do espaço” são evocados para fazer operações, dar receitas, passes, etc. Eles dão a isso o nome de “caridade”; mas é magia da mais pura e legítima.

Portanto, perdoem a insistência: só a necromancia já merece o nome de Espiritismo (segundo Kardec) e o necromante a qualificação de “espírita”. A magia é um acréscimo ulterior, mas não essencial, não modifica, apenas específica o ato “espírita” (a evocação). Todo mago é necromante, não vice-versa. Todo Kardecista é necromante e espírita; todo Umbandista é necromante, mago e espírita. Mas nem todo espírita é Umbandista, porque alguns querem ser apenas necromantes. De fato, depois de Allan Kardec, a palavra “Espiritismo” e seus derivados se tornou um termo genérico que reclama um novo adjetivo que o especifique.

Aliás, temos ainda outra razão decisiva, que nos permite identificar a Umbanda com o Espiritismo e aproximá-la até mesmo do Kardecismo. Pois todos os umbandistas aceitam oficialmente a doutrina ou filosofia kardecista da reencarnação. Mas este ponto será documentado no capítulo IV, no qual esboçaremos a doutrina umbandista.

3) Umbanda, a Quarta Revelação

Aceitando embora “integralmente a revelação kardeciana”,² a Umbanda pretende, no entanto, aperfeiçoá-la e ultrapassá-la. Para os umbandistas Kardec é grande, mas Umbanda é maior. Moisés trouxe a primeira revelação, Cristo veio com a segunda revelação, Kardec declarou o Espiritismo portador da terceira revelação, mas a Umbanda seria a última, a Quarta Revelação. Assim como Cristo retificou e superou Moisés, como Kardec corrigiu e suplantou Cristo, assim a Umbanda julga purificar e vencer Kardec, Cristo e Moisés. E’ que eles, os umbandistas, ti-

²) Emanuel Zespo, *O que é a Umbanda*, Rio 1949, p. 47.

veram a dita de entrar em relações com espíritos superiores aos daqueles que ditaram suas mensagens para Allan Kardec, espíritos “que possuem mais vasta concepção do universo e reconhecem a existência de outra ordem de espíritos (não humanos) cujas relações entre os mesmos e os humanos não devem ser apenas de mero intercâmbio e sim de culturação, o que exige (e mesmo para que o contacto seja estabelecido) uma verdadeira ritualística”.³

São, por conseguinte, dois os pontos em que os umbandistas julgam corrigir e superar a codificação kardeciana:

1) Segundo Kardec todos os espíritos do além são almas “desencarnadas”, não existindo outra ordem de seres espirituais (pelo que nega a existência de anjos e demônios, no sentido da tradicional doutrina cristã); mas a Umbanda admite três tipos diferentes de espíritos no além: a) os *orixás* (espécie de divindades, que estudaremos mais adiante), b) os *exus* (espíritos ruins e perversos, denominados por êles de “elementais”), c) os *êguns*, que seriam os desencarnados. Os kardecistas, por não reconhecerem outro tipo de espíritos, só evocam os *êguns*, ou os desencarnados. Originariamente os africanos só evocavam *orixás* e *exus* e “não queriam trabalho com *êguns*”.⁴ Influenciados pelo Espiritismo, os umbandistas de hoje (que aliás em outros muitíssimos pontos se afastaram da primitiva religião africana, mormente na parte doutrinária) evocam também os desencarnados, principalmente sob as formas de Pretos Velhos e Caboclos.

2) Os kardecistas são moderados e sóbrios no rito evocativo e desconhecem um cerimonial de culto; os umbandistas, pelo contrário, apresentam uma exterioridade e um ritualismo exuberante, exótico e complicado para a evocação e incorporação dos vários tipos de espíritos, como, sobretudo, também, para a sua veneração e culto que, como adiante se verá, degenerou num verdadeiro politeísmo e mesmo em demonolatria.

Se bem que estas diferenças entre Kardec e Umbanda não atinjam a essência do Espiritismo como tal, em sua doutrina e em sua filosofia, não deixam contudo de modificar sensivelmente

³) Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Científica, Rio 1951, p. 28.

⁴) Não é inteiramente exata a afirmação. Já vimos a informação de Arthur Ramos e de outros autores sobre os negros de origem banto, que tinham e continuam a ter, mesmo na África de hoje, verdadeiro culto aos antepassados.

o aspecto e o aparato externo (que, por isso mesmo, é sempre accidental). E' esta a razão por que a Umbanda se julga superior e a mais acabada forma de religião, a Quarta Revelação:

"Tanto quanto Kardec não quis destruir o Evangelho e apenas "esclarecer" a obra de Jesus, nós não queremos inutilizar a obra de Kardec e sim acrescentar mais uns capítulos, outrora não escritos, ao Livro dos Espíritos e ao Livro dos Médiuns (de Allan Kardec). Ao observador superficial parecerá que Umbanda é a retrogradação do Espiritismo; mas ao espírita verdadeiramente kardecista, e estudioso consciente, a razão e a lógica afirmarão que, se a obra do grande druida foi a Terceira Revelação, esta é então, e por justiça, a Quarta Revelação!"⁵

E não é pouco. Os umbandistas não são modestos: "A Umbanda é a única religião que sôbre a face da terra tem a autoridade suficiente para falar e tratar das coisas divinas".⁶ Pois: "Tanto quanto o Budismo aproveitou quase tudo do Bramanismo, o Cristianismo conservou o melhor do Mosaísmo, assim a Umbanda aproveita, conserva e guarda o que de bom e aproveitável pode haver em tôdas as religiões do passado. A Umbanda não é apenas uma corrente religiosa: ela é o sincretismo de tôdas as correntes religiosas, ela guarda os fundamentos de tôdas as teogonias e resume as bases de tôdas as filosofias".⁷ Semelhante jactância sem medida é muito freqüente entre êles. Escrevem e falam como se fôssem os homens mais cultos dêste mundo. Assim, por exemplo, podemos ler num dos livros do já citado Emanuel Zespo:

"Li o Damapada, o Bagavad-Gitâ; li a Bíblia, li o Evangelho, li Platão, Schopenhauer, Nietzsche, Kant, Comte, Hegel, Agostinho, Aquino, Montefeltre; li Lao-Tsen, Vivekanda, Ramacharaka, Levi, Blavatsky, Besant, Leadbeater, Jinarajadasa, Max Heindel e mil outros, de todos os tempos, de todos os séculos... Enfronhei-me nas demonstrações do invisível, com Gerard Encause, Hermes, Saint-Ives d'Alvidre, Nostradamus, Camaisar, Bullver Lytton, Olcott, os kabalistas, os esotéricos, os teósofos, os ocultistas, os magos; os fetichistas, os feiticeiros... Visitei, graças à criptologia, as civilizações lemures, atlantas, turânicas, assírio-babilônia, medopersa, hindu, fenícia, greco-latina, ibero-celta, galo-druidica, teuto-scândia, siro-árabe, mosaico-cristã, asteca, tolteca, maia, incaica... Andei nos mitos; cultuei Baal, Wotan, Zeus, Adonai; os 7 Sefirot: Osiris, Isis, Amon; orei na Porta do sol de Ouro; cantei as glórias do divino Lótus; reconheci que Marte era Changô; Afrodite ou Vênus era Iemanjá ou Iára; Wotan era Tupã; Brahma, Orixalá; Jeová,

⁵) Emanuel Zespo, loc. cit., p. 34.

⁶) A. Fontenelle, *A Umbanda Através dos Séculos*, Rio 1953, p. 15.

⁷) Emanuel Zespo, loc. cit., p. 8.

Oxalá; a Trimurti, Trin-magé... Sonhei com fadas, silfos, nereidas, gnomos, salamandras, ninfas, musas e ondinas, e encontrei ochuns, ochus, echus, dadás... Subi à Montanha do Sermão; desci ao lago da ilusão; li as tábuas de Jeová e ouvi as propostas de Belzebu, senti o êxtase de Sakia-Muni e vivi as perdições de Mara...".⁸

4) Umbanda e Quimbanda

Querem alguns distinguir entre Umbanda e Quimbanda dizendo que ambos praticam a magia, sim, mas com a diferença de que em Umbanda ela é feita apenas para o bem (e seria a Magia Branca) e em Quimbanda os trabalhos seriam exclusivamente maus (Magia Negra). A êste respeito, contudo, o Sr. Aluísio Fontenelle, que se diz "sacerdote dos diversos cultos de Umbanda", garantindo ser "conhecedor real de tôdas as práticas que se exercem nos diversos terreiros", considerando-se por isso "catedrático no assunto"⁹ escreve o seguinte:

"Na sua essência íntima, a Quimbanda é em quase tudo idêntica ao que se cultua na Umbanda, uma vez que daquela surgiu esta última. Digo que a Umbanda é uma parte da Quimbanda, pelo fato de que a sua composição, suas atividades, suas divindades, suas lendas, seu ritual (em grande parte), seu protocolo, enfim: as suas crenças estão perfeitamente irmanadas dentro do mesmo sentido, divergindo apenas no que diz respeito à indumentária e certas práticas na comunhão dos seus trabalhos espirituais. A Quimbanda continua no firme propósito de manter as antigas tradições dos seus ascendentes africanos, ao passo que a Umbanda procura, pelo contrário, afastar completamente êsse sentido incivilizado das suas práticas, devendo-se à influência do homem branco, cujo grau de instrução, já não as admite".¹⁰

E ainda que, teòricamente, digam alguns umbandistas que êles querem apenas a Magia Branca, a realidade dos terreiros, todavia, afirma bastas vêzes o contrário. O Sr. Oliveira Magno, em *Prática de Umbanda*, Rio 1952, p. 70, conhece umbandistas "que fazem, nos fundos das suas tendas ou terreiros, ou então, em suas residências, os mesmos trabalhos", isto é: Fazem trabalhos "para obrigar o namorado ou amante a voltar e se casar; para amarrar o homem com a mulher; para que o marido se conforme com a mulher ter o seu amante; para uma mulher tirar o homem de outra; para que o homem só tenha potência para uma mulher; para se saber em sonho com quem vai casar-se;

⁸) Emanuel Zespo, *O que é a Umbanda*, Rio 1949, p. 83.

⁹) Aluísio Fontenelle, *Exu*, Rio 1952, p. 94.

¹⁰) A. Fontenelle, *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda*, Rio, p. 81.

para amarrar a vida e negócio dos outros e os arruinar; para obrigar os outros a fazer o que não é justo; para castigar os inimigos, pô-los doentes ou então os matar, etc.”.

Também outro autor reconhece a existência de muitos umbandistas “que ainda procedem assim, aumentando a cegueira e ignorância desses infelizes irmãos, e pior ainda, fazendo despachos com fins malévolos, projetando falanges atrasadas contra irmãos encarnados desprevenidos e incrédulos, que na maioria das vezes sofrem o efeito sem compreenderem a origem do mal que estão padecendo, por desconhecerem a Umbanda e a Quimbanda”.¹¹

Reconhecemos, todavia, a existência de terreiros de Umbanda que “só querem fazer o bem”, que fazem uso da magia e recorrem aos serviços dos *exus* “apenas para obter bons efeitos”, ou para “desmanchar” os malefícios da Quimbanda. E, porém, inegável que também nestes meios, onde não negamos haver boa fé e excelente vontade, existe tremenda confusão religiosa, é praticada a evocação dos espíritos, é oferecido um verdadeiro culto aos *exus*, é pregada a heresia da reencarnação e são identificados os Santos Cristãos com deuses pagãos, como adiante se verá.

Além disso — e gostaríamos de acentuar bem este ponto, principalmente para os católicos ou para os que se dizem “católicos”, como é, infelizmente, o caso da maioria dos umbandistas — convém não esquecer que a magia como tal, branca ou negra, pouco importa, para o bem ou para o mal, foi proibida, rigorosamente e repetidas vezes, por Deus. O Senhor ameaçou punir a magia com os mais tremendos castigos. Diz-nos a Sagrada Escritura — notem isso ao menos os terreiros com tendências cristãs — que povos inteiros foram exterminados precisamente porque praticavam a magia. Eis alguns exemplos: Em Lev 20, 6 diz o Senhor: “A pessoa que se dirigir a magos ou adivinhos e tiver comunicação com eles, eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei do seu povo”. Não se faz aqui nenhuma diferença entre magia branca e negra, entre magia para o bem e para o mal: a magia simplesmente, como tal, é proibida.

E outra vez recebemos de Deus a ordem terminante e clara: “Não vos dirijais aos magos, nem interrogueis os adivinhos,

¹¹) Florisbela M. Sousa Franco, *Umbanda*, Rio 1954, p. 131.

para que vos não contamineis por meio dêles. Eu sou o Senhor vosso Deus” (Lev 19, 31). E no Êxodo 22, 18 o divino legislador é decisivo: “Não deixarás viver os feiticeiros”!

Clara, insistente, determinada e severa é a palavra de Deus em Deuterônimo 18, 12-14: “Não se ache entre vós quem consulte adivinhos [babalaôs, pais-de-santo, babás!] ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios [feitiços, despachos], nem quem seja encantador, nem quem consulte pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor *abomina tôdas estas coisas*, e por tais maldades exterminará êstes povos à tua entrada. Serás perfeito e sem mancha como o Senhor teu Deus. Êstes povos, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivinhos; tu, porém, foste instruído doutro modo pelo Senhor teu Deus”.

Também no Novo Testamento damos com idênticas proibições. Temos aí o exemplo de um certo Simão “que praticava a magia e iludia o povo”: “Tôda a gente dava ouvidos, desde o menor até ao maior, dizendo: Êste é a virtude de Deus, que se chama grande. Aderiram-lhe, porque os fascinara, por largo tempo, com as suas artes mágicas” (At 8, 9-11). De quanto *babalaô* e “pai de santo” dos nossos terreiros umbandistas se poderia dizer ainda hoje o mesmo! Mais adiante, ainda nos Atos dos Apóstolos, encontramos São Paulo diante dum certo Êlimas, que era mago e feiticeiro; mas Paulo encarou-o firmemente e disse: “O’ filho do demônio, cheio de tôda a falsidade e malícia, inimigo de tôda a justiça, não cessas de perverter os caminhos retos do Senhor? Eis que vem sôbre ti a mão do Senhor; serás cego e não verás o sol por certo tempo” (At 13, 10). Em Éfeso o grande Apóstolo das gentes, além de muitas conversões, conseguiu ainda o seguinte resultado: “Outros muitos que tinham praticado artes mágicas, trouxeram os seus livros e os queimaram aos olhos de todos; calculou-se o valor dêles em cinqüenta mil dracmas de prata” (At 19, 19). A mesma coisa teriam feito com os nossos livros de Umbanda, magia, necromancia, feitiçaria e espiritismo.

A Doutrina dos Umbandistas

Difícilima tarefa dizer qual é exatamente a doutrina, a filosofia ou o pensamento dos umbandistas. Analisando milhares de estatutos de entidades que, tôdas elas, se dizem “umbandistas”, veremos que há, entre elas, tendências não apenas diferentes, mas diretamente contrárias e até contraditórias. Para poderem congregarem-se num só movimento nacional, realmente coeso e unido, terão necessidade de um poderoso liqüidificador...

1) As Tendências Principais

Para qualificar o que aqui denominamos “tendências”, recorreremos principalmente à fonte que nos parece ser a mais segura e limpa: os próprios estatutos oficiais de cada entidade, principalmente no artigo que nos fala dos fins da respectiva organização. Vimos mais de dois mil estatutos diferentes, que guardamos no arquivo. Nesta base temos:

1) *Terreiros com tendências indefinidas*, ou pouco claras, ou muito genéricas. Subdividimo-los em três grupos:

a) um bom grupo que, em seus estatutos, declara apenas querer “*Espiritismo*”, sem outra especificação. Exemplos: a Tenda de Umbanda Sete Orixás, de São Paulo, quer, segundo os estatutos, “divulgar o *Espiritismo*”; a Sociedade Espiritualista de Umbanda, do Rio, resolveu “purificar, propagar e defender a Doutrina Espírita, largamente difundida, porém mal estudada...” (mas não revela o que entende por “*Espiritismo purificado*”, nem mostra a autoridade competente para fazê-lo); a Tenda de Umbanda Pai José Antônio de Nagô quer o “estudo completo da Ciência Espírita e seus fenômenos”; mas a Tenda Filho de Mãe Oxum diz-se “destinada a estudos psíquicos”.

b) Já outros acrescentam que querem um “*Espiritismo de Umbanda*”. Exemplos: o Centro Espírita de Umbanda Pai Da-

mião, de São Paulo, deseja, sempre segundo os estatutos mandados publicar no Diário Oficial, “propagar e difundir a religião espírita de Umbanda e realizar investigações científicas” (“científicas”, sim senhor!); uma porção de tendas de São Paulo (como a Tenda Espírita Nossa Senhora Aparecida, a dos Filhos de Estrêla d’Alva e outras) declaram ter como finalidade: “o estudo teórico e prático do Espiritualismo dentro dos moldes da religião de Umbanda, sob o ponto de vista doutrinário”; mas os da Cabana Espírita Pai Tingó de Armanda, de São Paulo, dizem que “obedecerão ao ritual da Umbanda das modalidades as mais progressistas e elevadas” (sic); a União Espírita Santo Antônio Nossa Senhora da Guia quer “o Espiritismo em tôdas as suas essências, sob a doutrina da Linha de Umbanda”; o Templo Espiritual de Ogum Timbiri tomou para si a “difusão dos ensinamentos espíritas em tôdas as modalidades, principalmente no ritual da Lei de Umbanda e tôdas as suas formas de rituais”; a União Espírita Santista, de Santos, prescreveu para seus filiados o “estudo e a propagação do Espiritismo em tôdas as suas facções e de acôrdo com os seus rituais”; outro grande número de terreiros, tendas e centros é menos rebuscado e quer simplesmente “o Espiritismo de Umbanda”, “a doutrina espírita umbandista”, “o culto do Espiritismo e da Lei de Umbanda”, “a caridade e a doutrina Espírita segundo os rituais da Lei de Umbanda”, etc. Mas o Estádio Cosme e Damião, do Rio, quer o estudo “do Espiritismo, sob o ritual de mesa e de Umbanda Austral”.

c) Há também organizações que acrescentam um terceiro elemento vago e indefinido: querem o Espiritismo, a Umbanda “e outras”. Exemplo: a Tenda Espírita e Beneficente Santa Luzia, de São Paulo, declara querer “promover sessões de estudo teórico e prático da Doutrina Espírita, segundo a Lei de Umbanda e outras subsidiárias”; assim também a Tenda Espírita Vovó Joana de Aruanda, que quer a “prática do Espiritismo Umbandista e demais obras subsidiárias, sob seus múltiplos aspectos”; a Igreja Espiritual Cristã, também de São Paulo, já se definiu um pouco melhor: quer “a propagação do Espiritismo, como estudo científico e filosófico das várias modalidades, como sejam: Kardecismo, Umbandismo e Ocultismo”.

2) *Terreiros com tendências africanistas.* Também neste grupo devemos distinguir várias modalidades:

a) Grande número de terreiros declara simplesmente, em seus estatutos, querer:

- “praticar e difundir a Doutrina afro-brasileira”,
- “difundir a doutrina religiosa afro-brasileira”,
- “difundir a doutrina espírita afro-brasileira”,
- “difundir a doutrina espírita umbandista afro-brasileira”,
- “praticar a doutrina espírita afro-brasileira umbandista”,
- “difundir os cultos afro-brasileiros enquadrados nos rituais do Espiritismo de Umbanda”,
- “difundir o ritual afro-brasileiro”,
- “praticar o bem sob o ritmo afro-brasileiro”.

b) Outros são mais explícitos. Exemplos: a Sociedade de Culto Africano Nossa Senhora da Conceição (Carpina, Pernambuco) proclama em seus estatutos: “destina-se a praticar, segundo o rito africano, o culto aos Deuses do Pantheon, mantido pelos descendentes das primitivas nações importadas nesta parte do Brasil”. A Cabana Espírita Nossa Senhora da Guia resolveu “difundir e praticar a doutrina espírita umbandista afro-brasileira de várias Nações como seja Angola, Congo, Nagô, Gêge, Tjexa, Benguela, Guiné”. A Confederação Espírita Umbandista declara em sua obra fundamental *Doutrina e Ritual de Umbanda* (Rio 1951) p. 152: “Cumprindo uma ordem de Xangô-Agaju fundou-se a Confederação Espírita Umbandista, com a finalidade de restabelecer a tradição antiga, em tôda a sua fôrça e pureza primitiva”; e na p. 12: “tivemos de remontar às verdadeiras e esquecidas fontes do umbandismo: as doutrinas sagradas africanas”.

Pode-se, pois, dizer, que êste não pequeno conjunto de terreiros faz questão de professar-se africanista e pagão. Pouco importa que a maioria dêles tenha na fachada ou no título um nome cristão, como a citada Sociedade Nossa Senhora da Conceição ou a Cabana Nossa Senhora da Guia. O Cristianismo dêles se restringe exclusivamente ao nome e à fachada (certíssimamente haverá, no recinto do terreiro, altares com imagens de Nossa Senhora, de Santo Antônio e de São Jorge). Mas o cerne, a finalidade, as práticas, as doutrinas, a vida dêstes terreiros é professadamente pagã. Eles mesmos fazem questão de proclamá-lo nos estatutos. Foi o que, aliás, declarou o Presidente da Confederação Espírita Umbandista, o Sr. Tancredo da Silva Pinto, ao *Diário da Noite*, do Rio, de 22-6-59: “Con-

cordamos que nós não somos cristãos. De fato não o somos! Nossa religião é milenarmente mais antiga que o nascimento de Cristo". Depois repete: "Nós não seguimos a doutrina de Cristo... Pouco importa que Cristo tenha essas mesmas idéias, êsses mesmos princípios. Nós já o tínhamos antes dêle. Não somos, de fato, cristãos".

3) *Terreiros com tendências cristãs*. Também aqui dois grupos, um mais vago, outro concreto:

a) A Tenda Espírita São Jorge e Guararema, de São Paulo, quer "pregar o Evangelho segundo o Espiritismo"; e a Tenda de Umbanda Mãe Adelina, de São Paulo, deseja "divulgar o Espiritismo segundo os Evangelhos de Jesus". Grande número de tendas formula sua finalidade assim: "Estudo e prática do culto de Umbanda, baseado no ensinamento do Cristianismo" (por exemplo a Tenda de Umbanda Pai Vira Mundo e a do Caboclo Sete Pedra) ou "baseado nos ensinamentos cristãos". Outros, como a Igreja Espírita Evangélica Jesus o Bom Pastor, de Sorocaba, e a outra Igreja Espírita Evangélica Jesus Caminho Verdade e Vida, de Itu, querem "difundir o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e o Velho Testamento". A Seara da Umbanda Tupinambá quer "o estudo teórico e prático da Religião de Umbanda, conjugado com o estudo e prática do Evangelho de Jesus, interpretado em Espírito e Verdade..." A Tenda Espírita Zurikan, de São Paulo, já é mais vaga: "Estudo teórico, experimental e prático de todos os fenômenos de fundo religioso-cristão e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas". — A *Lex Umbanda*, ou Catecismo de Ruanda (Rio 1954), p. 36, ensina: "O Código do Umbandista é a Lei de Moisés, reformada por Jesus e explicada por São Paulo. Basta-nos a Bíblia".

b) Bem pronunciada e explícita é a tendência cristã na Tenda de Umbanda Cristã Carpinteiro José, do Rio. No art. 1. § 4 dos estatutos está: "Fica bem definido e assentado que a Tenda, desde sua fundação, tem o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo como objetivo máximo a se alcançar, pelo que se torna imperioso e absolutamente indispensável, em tôdas as reuniões e sessões que se realizem sob os auspícios desta Tenda, empregar parte do tempo na leitura e comentário de versículos do Novo Testamento". Também a Associação Umbandista Brasileira determina: "Nenhuma sessão realizada nas Tendões será

iniciada ou encerrada sem prece, bem como também serão obrigatórios 10 minutos de explanação sobre assuntos espirituais, principalmente o Evangelho". Aqui, portanto, o Evangelho é "principal", mas não obrigatório. Já a Ordem Umbandista do Silêncio, dirigida pelo Sr. Paulo Gomes de Oliveira, com pretensões de âmbito nacional, diz no art. 5º dos Estatutos: "Aceita e proclama que a escola umbandista tal qual fica organizada pela Ordem Umbandista do Silêncio, fundamenta-se no henoteísmo (sic) cristão segundo a letra expressa nos Evangelhos vividos por Jesus, e tem por matérias de estudo os fenômenos espíritos, a metapsicologia teórica e experimental, a hiperfísica (sic) e tudo quanto se relacione com as escolas espiritualistas de reconhecida idoneidade". E no art. 6º: "Terá por livro máximo e básico dos seus estudos, a Bíblia..." No art. 10º proíbe terminantemente "praticar o fetichismo". E, no entanto, também quer congregar. Tendências, Cabanas, Congregações e Sociedades de Umbanda (art. 2º) e declara no art. 32º ser uma entidade "destinada a amparar as legítimas tradições da Umbanda". — O art. 17º do Regimento Interno da Cabana do Velho Ubirajara de Jacarepaguá (Guanabara) é mais claro: "A doutrina pregada na cabana é a de Jesus à luz do Espiritismo".

4) *Terreiros com tendências kardecistas.* É notória e pública a briga entre Kardecistas e Umbandistas. Em capítulo especial já focalizamos a questão. Aqui queremos lembrar ainda que há também bastantes terreiros com tendências declaradamente kardecistas. Em São João de Meriti (RJ) as Tendências Espíritas Senhor dos Passos, Senhor do Bonfim e Cabocla Jurema declaram em seus estatutos ter por finalidade: "Promover sessões doutrinárias, baseadas no estudo teórico e prático do Espiritismo científico e filosófico kardecista e espiritista de Umbanda em todo o seu ritual e modalidades". A Tenda Espírita de Umbanda Pai João Africano e a outra chamada Pai Miguel d'Angola e Caboclo Urubinajara "têm por fim o estudo prático e teórico do Espiritismo de Umbanda e Kardec". A Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, em Tremembé, SP, quer "o estudo e a prática do Espiritismo, tanto Kardecista como Umbandista". O conhecido Centro Espírita Caminheiros da Verdade, em seus estatutos reformados, tem por fim: "Congregar em seu seio, como associados, independente de côr, crença (sic) ou nacionalidade, todos aqueles que desejarem estudar e praticar

a doutrina difundida por Allan Kardec e outros luminares da ciência espírito-religiosa, bem como o método umbandista..." E assim outros, como a Tenda Espírita de Umbanda das Treze Mil Virgens e Pais Velhos, de São Paulo, que quer "o estudo e a prática do Espiritismo de Kardec e Umbanda"; ou a Tenda Espírita de Umbanda Pai Supremo, que "tem por fim propagar e difundir a religião espírita de Umbanda, segundo o Evangelho e o Espiritismo codificado por Allan Kardec". Também a Sociedade Espírita e Beneficente São Benedito, de Santa Maria (RS) quer "a difusão dos princípios de conformidade Kardecista e Umbandista". O Centro Espírita Amor e Caridade, do Rio, no início exclusivamente kardecista, tornou-se também misto, tendo às quartas-feiras sessões kardecistas e às sextas-feiras sessões umbandistas. Da mesma forma a Cabana Espírita Pai Antônio, do Rio, informa realizar, separadamente, "sessões de Umbanda" e "sessões de Kardec", mas não quer "africanismo".

5) *Terreiros com tendências esoteristas*. A Tenda União Espírita Estrela do Oriente, de São Paulo, tem por fim: "O estudo teórico kardecista, podendo, entretanto, fazer o estudo experimental do umbandismo, *esoterismo*...". O Templo Espiritual Círculo Oriental, de São Paulo, quer "o estudo e a prática do Espiritismo de Umbanda Esotérica" (sem definir o termo). O Sr. Luís da Câmara Cascudo, no excelente e interessante estudo sobre a magia branca no Brasil, intitulado *Meleagro* (Rio, Agir 1951), p. 138 informa: "De uns vinte anos para essa data, nos "Estados", salas reservadas para as "mesas" do Caimbó, encontram-se muitos livros sobre Espiritismo e ciências ocultas, edições de "O Pensamento", folhetos do "Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento", de São Paulo". O líder umbandista Emanuel Zespo, em *Pontos Cantados e Riscados de Umbanda*, recomenda: "Quem quiser usar o ponto cantado com maestria e educar o poder mágico da palavra, deve ler os clássicos da magia Elifas Levi, Gerard Encause (Papus), Helena Blavatsky, Nostradamus e outros, e meditar profundamente. Umhas noções de Kabala e hermetismo também são indispensáveis a quem se propõe a dirigir um terreiro...".¹ Os belos re-

¹) Ao que observa Oliveira Magno, *Prática de Umbanda*, Rio 1952, p. 63: "Muito bem, Emanuel Zespo. Mas é bom que saibas que as obras que aconselhas são as que alguns chefes e presidentes de ordens espiritualistas, centros e tendas umbandistas, aconselham aos

sultados a que tais “estudos” e leituras levam podem ser vistos concretamente nos Estatutos da Sociedade de Umbanda Reino Urubatã, de Minas do Arroio dos Ratos (RS), publicados no Diário Oficial de Pôrto Alegre (24-9-1959, p. 14). Respeitando rigorosamente a mesma gramática e ortografia reproduzida pelo Diário Oficial, iremos transcrever alguns artigos destes Estatutos:

Art. 1.º — Esta Sociedade tem por fim de trabalhar na prática da Caridade desinteressadamente e na Lei que réje a imortalidade da a'ma, e estudar e desenvolver os fenômenos, estudar e desenvolver a sagrada ciência Ubandista de acôrdo com as demais ciências do Mundo, uma vez de acôrdo com verdade Divina.

Art. 2.º — Tendo em vista o Estudo da prática e propagação das Doutrinas Ubandistas Cardesistas e Esoterica.

Art. 3.º — Incentivar em cada sócio o despertar de suas energias, cristopsíquicas, estimulando em busca do bem estar físico e moral e Espiritual, auxiliar dentro de seus recursos todo o empreendimento humanitário e Altuista e desenvolver a prática da Caridade por todos os meios que lhe forem possíveis.

De Umbanda esta Sociedade será mantido e Administrada por uma Diretoria rejida por três (3) anos, e por um número de sócios desde de uma vez que preencha as exigências deste Estatuto. Ilimitado.

Procurando todos os meios de progresso espirituais e mantendo em ordem o bom teto de Trabalho e consagrado Abrigo do Trabalho.

Art. 4.º — Procurando desenvolver a Faculdade mediúnicas de todos os que de alma e coração aceitar a verdadeira “LINHA BRANCA”.

Art. 16.º — Incentivar entre seus membros o estudo biográfico das benfeitorias da humanidade e o culto cívico dos grandes vultos da Pátria e as Leis Brasileiras e aos poderes constituintes de Paiz.

Art. 17.º — Realizar relações com outras agremiações Religiosas Espirituais em geral filosófico Cientistas Espiritualistas e Umbandistas legalmente constituídas.

Art. 18.º — Dentro deste recinto todos terão que guardar o mais devido respeito e evitar todo e qualquer palestra que não rege unicamente a Doutrina e as curas abençoadas.

6) *Terreiros com tendências sãociprianistas.* O neologismo poderá surpreender. Vem do famoso “Livro de São Cipriano”, expressão máxima da bruxaria. Já no início deste século, em 1904, o jornalista João do Rio, em *As Religiões do Rio*, denunciava o seguinte: “Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de tōda a sua ciência é o Livro de São Cipriano. Os maiores alufás, os mais complicados pais-

seus adeptos e freqüentadores *para não lerem...*” — Em *Codificação da Lei de Umbanda* (Parte Científica), Rio 1951, p. 36, o mesmo Emanuel Zespo torna a insistir na recomendação das mesmas obras.

A UMBANDA EM FOTOS

Para certas cenas e coisas da Umbanda a fotografia será sempre a melhor descrição. As que neste fascículo apresento, têm três diferentes origens: algumas foram tiradas por mim mesmo (mas não posso gabar-me de ser hábil manejador da câmara); outras são de *O Globo*, importante vespertino do Rio, que em 1956 pediu ao jornalista Bernardino Carvalho uma série de reportagens sôbre os terreiros, ocasião em que eu acompanhei aquêle repórter e seu fotógrafo "no reino da macumba"; o resto é do rico arquivo da conhecida revista ilustrada *O Cruzeiro*, que generosamente me concedeu a permissão de selecionar e publicar as fotos mais expressivas e típicas. A *O Cruzeiro* e *O Globo* os meus agradecimentos.

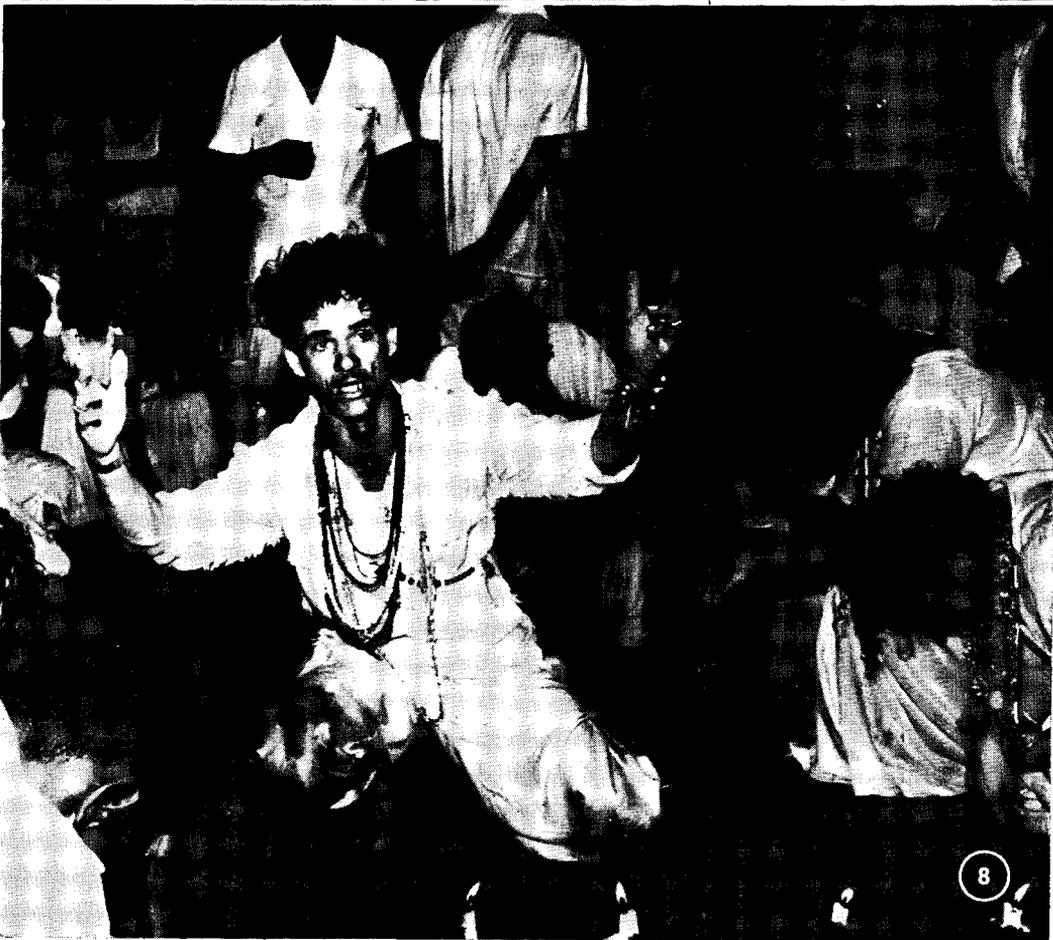
Frei Boaventura, O.F.M.





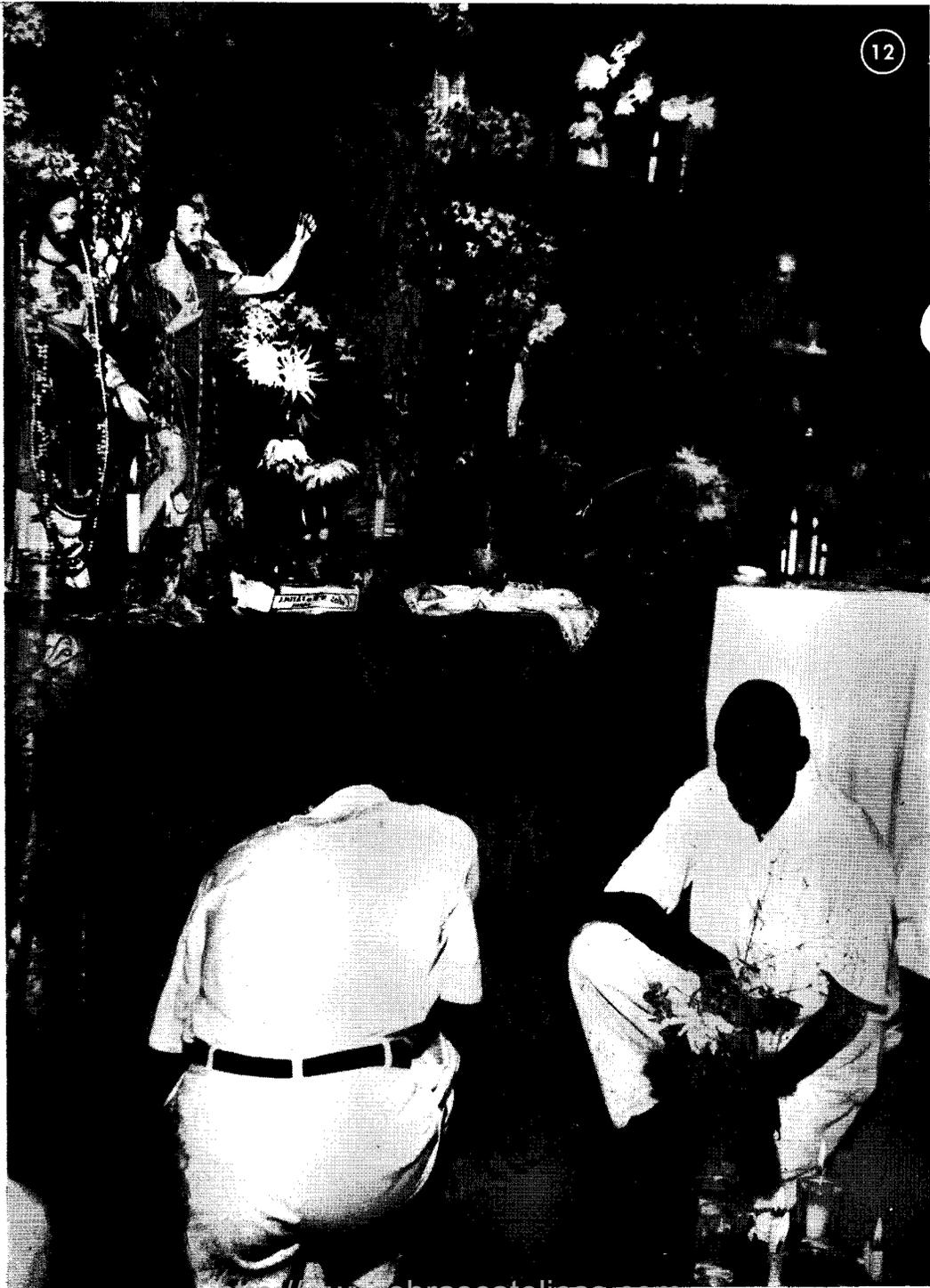


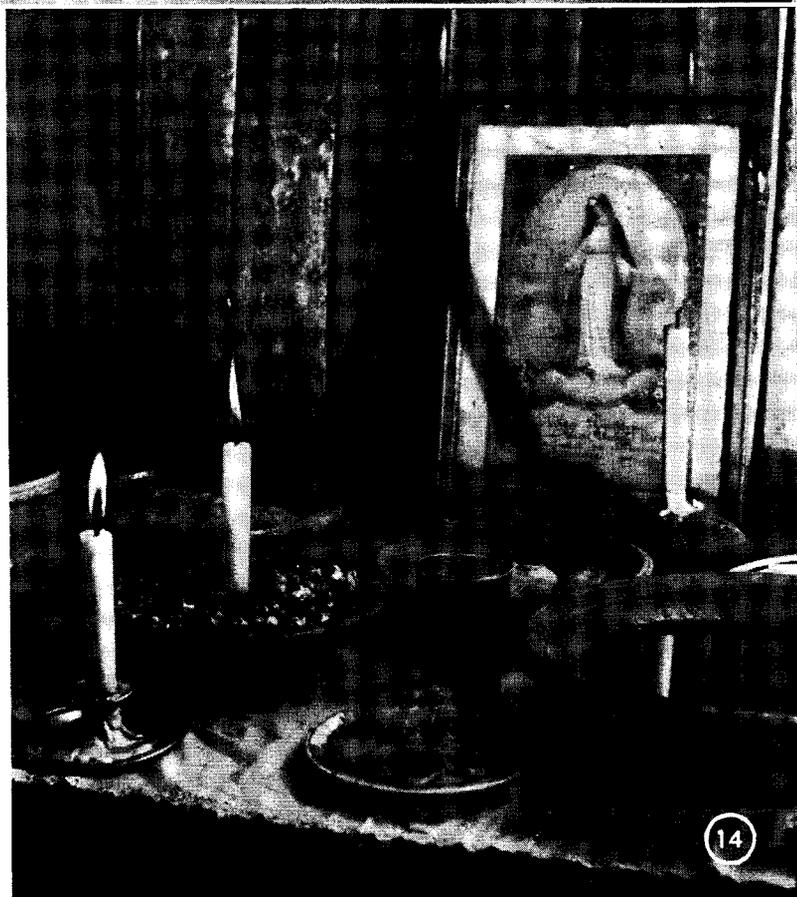
















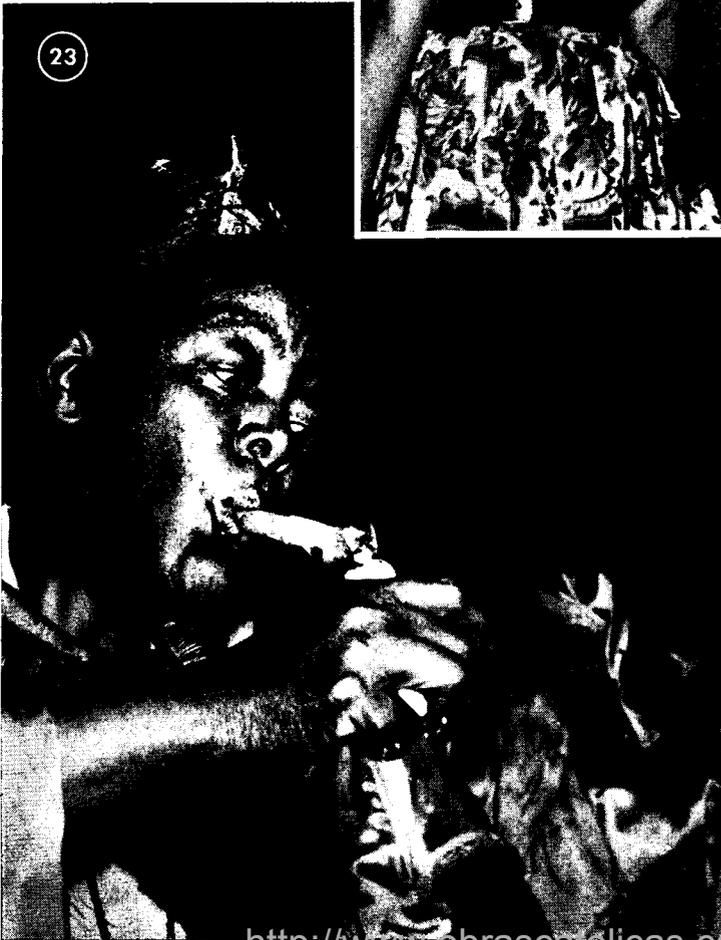




22



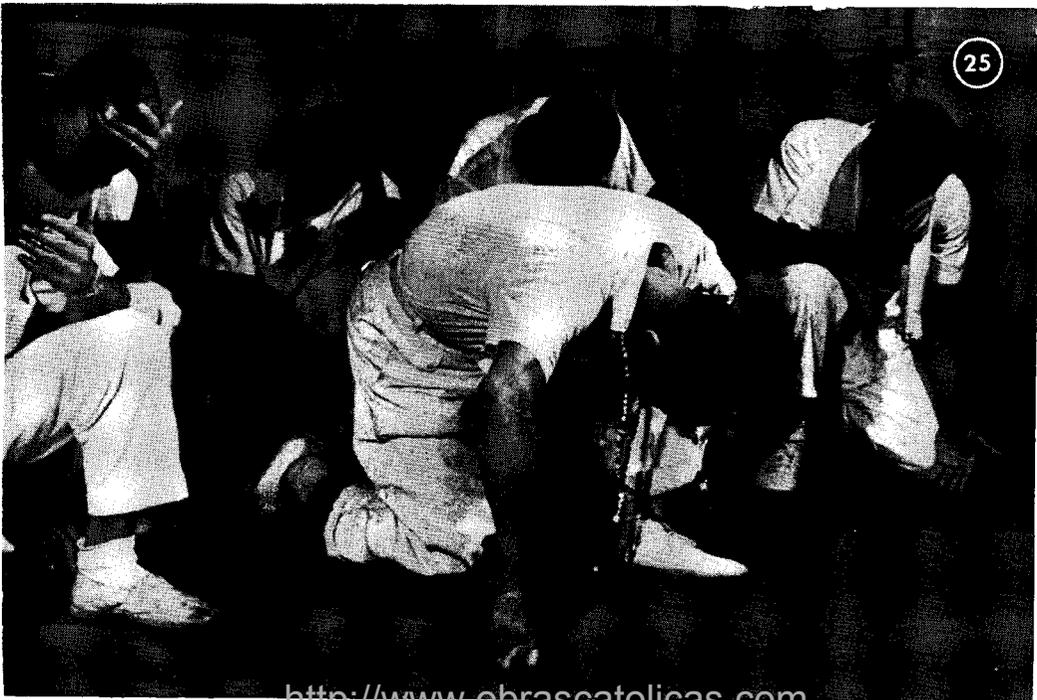
23

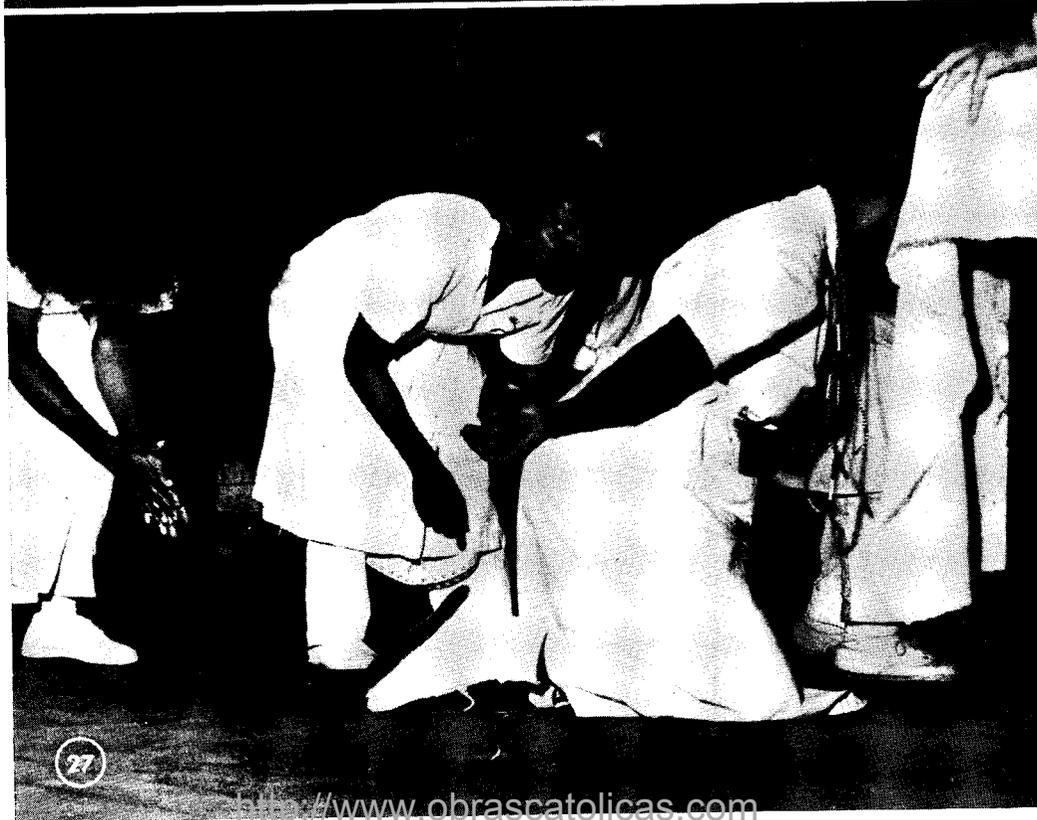


24



25





de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do S. Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturas fatais, os negros soletram o S. Cipriano, à luz dos candeeiros...² O livro continua hoje comum no ambiente umbandista. Por exemplo, a *Tribuna Umbandista* (“órgão dos umbandistas do Estado de São Paulo”), bastante ciosa de sua “pureza de doutrina”, publica regularmente uma página de “livros espiritualistas”, vendidas pelo próprio Diretor do jornal (J. A. Barbosa). Tomemos o número de fev. de 1960 e encontraremos na p. 3 o anúncio de 74 obras. Seleccionamos as seguintes, observando a numeração do jornal:

- 14 — *As Claviculas de Salomão* (é puríssima bruxaria)
- 37 — *O Legítimo Livro da Bruxa*
- 38 — *O Livro de Orações da Cruz de Caravaca* (pura superstição)
- 39 — *O Verdadeiro Livro da Cruz de Caravaca*
- 41 — *O Legítimo Livro da Cruz de Caravaca*
- 42 — *O Livro do Feiticeiro* ou a ciência do Juca Rosa revelada
- 43 — *O Livro Gigante de São Cipriano*
- 44 — *O Grande e Verdadeiro Livro de São Cipriano*
- 45 — *O Antigo e Verdadeiro Livro dos Sonhos*
- 46 — *O Breviário de Nostradamus*
- 48 — *O Legítimo Livro de São Cipriano*
- 49 — *O Livro Completo das Bruxas*
- 50 — *O Livro da Bruxa*
- 62 — *Tratado de Magia Oculta*

Eis a autêntica literatura “sãociprianista”. Nesta lista o “São Cipriano” aparece em três diferentes formas: uma vez é o “livro gigante”, outra vez o “antigo e verdadeiro” e a terceira vez o “legítimo”, mas é sempre a mais típica expressão da mais baixa bruxaria. E não há dúvida que êstes livros têm influência em muitos terreiros e guiam os babalaôs com maior segurança que os “guias” do além...

7) *Terreiros com tendências diversas*. Poderíamos lembrar, por exemplo, certas tendências *maçônicas*, como na Fraternidade Eclética Espiritualista Universal (que tem como obra fundamental o *Evangelho de Umbanda*, da autoria do Mestre Yokaanam, que faz inclusive questão de assinar com os três pontos). Também a organização da Ordem Umbandista do Silêncio obedece inteiramente aos moldes característicos da Maçonaria (inclusive com vários “graus mediúnicos”). — Poderíamos insistir em cer-

²) João do Rio (Paulo Barreto), *As Religiões do Rio* (edição de 1951), p. 40.

tas tendências *rosacruceanas*, que certamente também não faltam nalgum terreiro. Exemplo: a grande Tenda Espírita Mirim, do Rio, apresentou ao I Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, na sessão de 24-10-1941, uma tese sôbre “Cristo e seus Auxiliares”, plagiando páginas inteiras da obra *Concepto Rosacruz del Cosmos*, de Max Heindel (sem usar aspas e sem citar o autor ou a obra), endossando, sem mais, as arbitrárias fantasias de Max Heindel, como se fôsem patrimônio da doutrina umbandista.³ — Poderíamos documentar também certas tendências *ocultistas*, como no Centro Espírita Senhor do Bonfim, Rio, que nas reuniões das segundas-feiras diz trabalhar com o Caboclo Ubirajara e suas falanges; nas quartas-feiras faz sessões de “estudo de Ciências Ocultas”; e nas sextas-feiras trabalhos com Pai Antônio de Angola e seus Pretos Velhos... — Nem faltam terreiros com pronunciadas inclinações para a teosofia, para o ioguismo, o zarurismo...

2) A Teodicéia do Babalaô

No Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, foi unânimemente aprovada a quinta conclusão, formulada nestes termos: “Sua filosofia consiste no reconhecimento do ser humano como partícula da divindade, dela emanada límpida e pura, e nela finalmente reintegrada ao fim do necessário ciclo evolutivo, no mesmo estado de límpidez e pureza, conquistado pelo seu próprio esforço e vontade”.

Eis o *panteísmo* de teósofos, rosacruzistas, esoteristas e iogistas endossado pelos umbandistas. Nós (o “ser humano”) somos “partículas da divindade”, “emanamos” de Deus. Tais expressões são bastante comuns na literatura umbandista. “A alma humana é de essência divina”, ensina o livro oficial da Confederação Espírita Umbandista.⁴ E na mesma obra lemos expressões ainda mais fortes: “Deus é o Todo e eu Sua parte”; ou então: “Deus dorme no mineral, sonha no vegetal, desperta no animal, é consciente no homem, que, dêste modo, pode atingir a perfeição”; ou ainda: “O fim da evolução é, para o ho-

³) Sôbre as fantasias de Max Heindel veja-se o nosso estudo *O Rosacruceanismo no Brasil* (caderno 10 da coleção “Vozes em Defesa da Fé”), pp. 24-30.

⁴) *Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, p. 70.

mem, a completa realização de sua divindade, a identificação de seu próprio ser com a Realidade Única” (p. 40).

Essa identificação da criatura com o Criador evidentemente despersonaliza Deus. Mas não será êste o lugar para fazermos uma crítica do sistema panteísta como tal. Queremos apenas lembrar e documentar que também o panteísmo faz parte da filosofia dos terreiros. E' certo que a grande massa do povo simples, que procura as tendas de Umbanda, não sente inquietações filosóficas ou doutrinárias. Mas é certo também que, pouco a pouco, estas doutrinas, oficialmente anunciadas pelos terreiros, confundem as idéias religiosas da gente simples. Conhecemos no Rio um terreiro chamado Centro Espírita Três Pessoas da Santíssima Trindade; mas abrindo seus estatutos, verificamos que também êles querem a “propaganda e prática da doutrina de Umbanda”. E a “doutrina de Umbanda” é tudo.

Veja-se, por exemplo, esta teodicéia do babalaô Lourenço Braga:

“Sendo Êle [Deus] Espírito, pensa, mentaliza, plasma, vibra, irradia, cria, penetra, sustenta, agrega, desagrega e extermina. Êle cria pelo pensamento, pois sabemos que o pensamento conjugado com a fôrça da vontade, toma forma, plasma-se.⁵ Êle mentalizando, plasma tudo aquilo que deseja. Condena, pela intensidade vibratória, os elementos necessários à formação da matéria. Como Espírito, tem o seu Perispirito, que é o seu Corpo Fluídico.⁶ Êle é a Consciência Cósmica e o seu Corpo Fluídico é a Energia Cósmica, a qual se irradia por todo o Universo.⁷ Pela fôrça de vontade e pelo seu poder vibratório, Êle agrega e desagrega tudo o que existe no Universo. E' Êle a própria Natureza, como denominam os materialistas. A matéria é porção de Energia Cósmica condensada e plasmada pela fôrça da vontade, da mentalização e do poder vibratório de Deus. Quando a vibração é mais branda, agrega e quando é mais forte, desagrega, pois que a Energia Cósmica ou seja o Corpo Fluídico de Deus, é composto de moléculas, células e átomos, dentro dos quais giram os elétrons. O Universo é imantado. E' cheio de electricidade, pois que, a Energia Cósmica ou seja o Corpo de Deus, é um Corpo Eletrônico, de onde provém a luz e o som. O Universo é o Espaço Infinito que nossa vista não alcança e nem alcançará nunca, (nem mesmo por meio de aparelhos aperfeiçoados). E' Êle o oitavo Céu, de côr branca e luminosa, que circunda e penetra

⁵) O babalaô deve ter aprendido isso nalguma obra do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (nota de B. K.).

⁶) Idéia apanhada nas obras de Allan Kardec (B. K.).

⁷) São pensamentos comuns nas obras de Rosa-Cruz (B. K.).

os 7 céus que existem, sendo cada qual de côr diferente. Dêle pro-manam as sábias e imutáveis leis, que regem tudo o que nêle se contém".⁸

Estas são algumas das confusas idéias do dirigente da Associação Umbandista Brasileira. Sem nenhuma formação filosófica séria e sistemática, o babalaô, na necessidade, entretanto, de apresentar aos seus sequazes alguma doutrina, soletrou livros "espíritualistas", mastigou tudo aquilo como pôde, misturou, liqüidificou — e saiu o que vimos.

Outros babalaôs terão lido outros livros e feito misturas diferentes. Não vale a pena catalogar tôdas as fantasias filosóficas dos terreiros e das tendas. Um certo Catecismo de Umbanda, intitulado *Lex Umbanda*, diz, por exemplo: "A Vida é Deus em energia e fôrça manifestadas. A Morte é Deus colhendo as suas sementeiras. A Reencarnação é Deus na seleção das almas que precisam depurar-se. Natureza é a matéria de Deus, é Deus-Mãe".⁹ Outro Catecismo de Umbanda, entretanto, insiste na Santíssima Trindade: "Como no Cristianismo, no Bramanismo e noutras religiões, o Espírito Supremo, o Absoluto, é trino, e em Umbanda os seus três aspectos¹⁰ têm as seguintes denominações: *Obatalá*, correspondendo ao Pai, no Cristianismo, ao Brama no Hinduísmo, a Osíris, na trindade dos antigos egípcios; *Oxalá*, correspondendo ao Filho, no Cristianismo, a Vishnú no Hinduísmo, a Hórus, na trindade egípcia; o Filho é Cristo no Catolicismo e Jesus no Kardecismo; *Ifá*, corresponde ao Espírito Santo no Catolicismo, Ísis, na trindade dos egípcios, Maya no Hinduísmo".¹¹ Mas na União Espírita de Umbanda do Brasil deve-se rezar assim: "Em nome de Zambi, de Oxalá e do Anjo da Guarda".¹² Outros, todavia, querem assim: "Pela santa Cruz de Umbanda, pela fé de Pai Maior, Saravá meu Orixá. Saravá".¹³ E o Pai-Nosso reza-se assim:

"Pai Maior que é Deus e Pai; Pai Maior que tudo fêz pelo amor de sua Grande Mãe! Dai-nos a coragem, a fôrça e a saúde que no mundo precisamos; e o pão, o teto, a roupa para os que no mundo

⁸) Lourenço Braga, *Magia é Ciência*, Rio 1958. p. 10; o babalaô repete a mesma filosofia, textualmente, em *Umbanda e Quimbanda*, 2ª parte, Rio 1956, p. 29.

⁹) AB'D 'Ruanda, *Lex Umbanda*. Catecismo. Rio 1954, p. 48.

¹⁰) Note-se esta palavra. O Catecismo não diz "pessoas" (B. K.).

¹¹) *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, Livraria Tupã. Sem indicação do nome do autor.

¹²) Cf. *Jornal de Umbanda*, Rio, agosto de 1954, p. 6.

¹³) AB'D 'Ruanda, *Lex Umbanda*, p. 11.

estão. Perdoe-nos ensinando-nos a perdoar; livrai-nos do pecado e levai-nos ao Bem. Saravá”.

“Salve, Mãe, cheia de graça, Oxalá é convosco, bendita sois vós entre as Conhãs, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, Iêmanjá, Ochum Pandá, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Saravá”.¹⁴

Vê-se que há pleníssima e ampla liberdade. A religião libertada, sem freios, entregue à fantasia popular, só pode acabar nisso. E ainda nos dará mais novidades...

3) O Reencarnacionismo Umbandista

A antropologia dos terreiros se caracteriza pela filosofia da pluralidade das existências. A quarta conclusão unânime aprovada no Primeiro Congresso de Umbanda soa assim: “Sua doutrina baseia-se no princípio da reencarnação do Espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária”.

E’ exatamente a mesma filosofia kardecista, comum, aliás, aos modernos movimentos “espiritualistas”, ao menos aqui no Brasil.” E’ uma doutrina que sustenta a auto-redenção e nega a doutrina cristã da redenção dos homens pela paixão e morte de Cristo; e, por isso mesmo, é uma filosofia declaradamente anticristã e pagã.

A Confederação Espírita Umbandista, que, como vimos, quer restaurar a antiga doutrina africana, em uma de suas obras “oficiais”, declara o seguinte: “O umbandista acredita na lei das reencarnações, na lei da evolução das almas, aceita a revelação de Jesus Cristo”.¹⁵ Também Emanuel Zespo, já considerado por alguns como “o Codificador e Legislador da Umbanda”, ensina que “o Espiritismo de Umbanda aceita integralmente a revelação kardeciana”.¹⁶ E na p. 51 do mesmo livro o autor esclarece: “Dos diversos tipos de espiritualistas existentes no mundo, o umbandista é dos que praticam a mediunidade espírita, e, como os espíritas, o umbandista comunica-se com

¹⁴) Ibidem, p. 12.

¹⁵) Veja-se sobre isso nosso estudo *O Reencarnacionismo no Brasil*, Editora Vozes, Petrópolis, onde o leitor encontrará também a crítica da filosofia reencarnacionista.

¹⁶) Cf. *Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio, 1951, p. 68; mas os mesmos autores, em *Fundamentos da Umbanda* (Rio 1956), p. 58, declaram: “A Umbanda não tem nada com a doutrina de Kardec...”

¹⁷) Emanuel Zespo, *O que é a Umbanda*, Rio 1949, p. 47.

os desencarnados, aceita a lei das reencarnações, aceita a doutrina do Evangelho, e procura praticar a caridade como a entendeu Kardec... A Umbanda aceitou a comunicação com os desencarnados, a terceira revelação kardeciana, absorvendo do Espiritismo todos os seus ensinamentos”.¹⁸

O já citado *Catecismo de Umbanda* (Rio 1954) declara em seu prefácio querer expor apenas “o que é aceito pela maioria dos umbandistas” (p. 5). Na p. 66 pergunta: “Há alguma diferença entre Umbanda e Kardecismo?” Resposta: “Doutrinariamente, não há diferença. A doutrina de Umbanda é a mesma que a de Allan Kardec. A sua base é a evolução, o progresso espiritual, através do sofrimento, no decorrer das reencarnações, sendo necessária a prática da caridade para apressar-se êsse desenvolvimento”. Nas pp. 52-53 êste Catecismo apresenta três perguntas e respostas de fundo doutrinário:

P. — O que é reencarnação?

R. — Reencarnação é a volta do espírito a um corpo material.

P. — Por que existe reencarnação?

R. — Como já se disse anteriormente, o Universo é regido por leis justas, mediante as quais o Criador premia e castiga os seres que, dotados de consciência, infringem essas leis. A reencarnação tem por fim: 1) o resgate de erros e faltas cometidos numa existência anterior; 2) evoluir, progredir espiritualmente; 3) o desempenho de missões importantes.

P. — Todos reencarnam?

R. — Sim. Todos reencarnam, enquanto isso fôr necessário para o seu próprio desenvolvimento e para o bem de tôda a Humanidade.

São documentos gerais que provam a tese: o atual movimento umbandista do Brasil é e faz questão de ser reencarnacionista. Poderíamos citar também o depoimento de terreiros particulares. Um exemplo: a Tenda Espírita Afro-Caboclo Sete Flechas, do Rio, declara no cap. II, art. 6 de seus Estatutos:

“Os princípios que regem esta Tenda são a crença em Deus e nos Guias Espirituais, tendo como base a caridade.

a) — reconhecimento da existência e imortalidade dos espíritos e retorno sucessivo à face dos vários planétas, segundo o adiantamento de cada um;

b) — reconhecimento das manifestações dos espíritos desencarnados por intermédio dos médiuns — doação do Criador Universal;

¹⁸) E sôbre os ensinamentos do Espiritismo veja o leitor católico nosso amplo estudo intitulado *O Espiritismo no Brasil*, Editora Vozes, Petrópolis.

c) — reconhecimento da pluralidade dos mundos habitados e inhabitados, das responsabilidades individuais e coletivas”.

E, para distração no meio de tanta documentação, ouçamos agora um babalaô contar suas histórias:

“Quando dorme o meu corpo, o meu espírito sai e entra em contacto, no espaço, com outros espíritos de vários planos evolucionais. Por êsses meios vim a saber de muitas das minhas reencarnações na Terra. Desta vez voltei por duas razões: uma, para lapidar mais o meu espírito, pelo esgotamento do Karma restante, adquirido pelas faltas cometidas, erros, vícios ou defeitos; e a outra, para cumprir a missão de fazer tudo que estiver em meu alcance, pelo bem da humanidade terrena. Através da palavra falada e da palavra escrita, deverei procurar orientar, aconselhar, esclarecer e ensinar. Com práticas de magia, procurarei dar alívio aos sofrimentos, físicos e morais, daqueles que surgirem em meu caminho.

Já trazia o meu espírito conhecimentos de magia, adquiridos no Planêta de onde vim. Reencarnei na África 2 vêzes; na Angola e na Guiné, onde exerci a prática da Feitiçaria e depois reencarnei em vários Países da Terra, sempre cogitando das ciências ocultas, da feitiçaria, dos encantamentos, etc. Destarte, em meu subconsciente, ficou gravado todo o aprendizado e tôda a experiência adquirida nas múltiplas reencarnações. Procurei interpretar e decifrar os símbolos e sinais riscados, que os guias mostravam nos quadros acima referidos e daí tirei conclusões e ensinamentos diversos. Pelas instruções que recebi dos mentores espirituais, guias e protetores de vários planos espirituais, também muita coisa aprendi...”

E por êstes caminhos surgiu, no Brasil, o babalorixá Lourenço Braga.¹⁹

Percorrendo as obras umbandistas, na parte doutrinária, que é sempre fraquíssima e confusa,²⁰ daremos constantemente com idéias reencarnacionistas. Ouviram um pouco de Allan Kardec, leram alguma obra de Teosofia, caiu-lhes nas mãos um livro de Esoterismo ou Rosa-Cruz, assistiram a uma conferência de Ocultismo ou “Espiritualismo” e pronto: estavam doutrinados! Misturaram tudo, sacudiram o conjunto — e saiu a Umbanda! Para não assustar a gente católica, pintaram na fachada um nome de Santo e instalaram na tenda um altar, como se fôsse da Igreja.

¹⁹) O texto citado se encontra no livrinho de Lourenço Braga, *Magia é Ciência* (Rio 1958), pp. 8-9. Note-se que êle soube disso “quando dorme o meu corpo”, quer dizer: sonhou e tomou o sonho como realidade...

²⁰) Apesar do que se lê no livro *Lex Umbanda*, Rio 1954, p. 40: “A Umbanda não tem papas e nem bispos com poderes temporais, mas temos os nossos eruditos que são verdadeiros papas de sabedoria”...

4) Arremêdo de Sacramentos

Numa noite de São João Batista assistimos no terreiro do Pai Tininho, em Vilar do Teles, Estado do Rio, à cerimônia de 16 batizados, a maioria de crianças. Como o movimento era grande e o recinto pequeno, não foi possível acompanhar de perto o desenrolar exato das cerimônias. Podemos, entretanto, garantir que a forma do batismo não era cristã (não foi feita "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", segundo a ordem de Cristo). Constatamos também que tôdas as crianças então "batizadas" já tinham sido batizadas numa igreja católica; e que todes, perguntados sobre sua religião, fizeram questão de dizer que eram "católicos".

A importância do assunto nos força a um aprofundamento. É absolutamente necessário, para nós cristãos, estudar a validade do batismo umbandista. Veremos, pois, como batizam:

Na União Espirita de Umbanda do Brasil encontramos as seguintes prescrições: ²¹

1) O batismo na religião de Umbanda é o primeiro contacto do recém-nascido com os Guias espirituais e por isso deve ser realizado dentro do primeiro mês do nascimento.

2) As tendas devem ter um dia marcado em cada mês para essa cerimônia, de preferência em dia em que não haja outra sessão, podendo ser escolhido o domingo à tarde, com a presença dos méd'uns, cambonos e ogãs uniformizados, sendo feito o ritual comum das sessões até o n. 10, quando então o Guia-chefe ou seu preposto faria a cerimônia do batismo que o faria com água de cachoeira e luz.

3) O padrinho assistiria ao ato com uma vela acesa na mão direita e a madrinha ficaria com a criança no colo.

4) O ritual de abertura poderá ser reduzido com a supressão do ponto 5, sendo que a prece e a parte doutrinária (pontos 3 e 4) devem ser feitas de acôrdo com o objetivo da reunião.

5) Terminado o ato, far-se-á o encerramento, de acôrdo com a abertura, isto é, se naquela foi suprimido o n. 5, neste se começará do número 2".

Não é revelada, aqui, a forma do batismo. Diz-se apenas que o batismo é feito "com água de cachoeira e luz".

Mais claro é o autor do livro *Jesus, a Chave de Umbanda* (Rio 1953), pp. 17 s.:

"Para o Batismo a pessoa deve vestir-se com roupas brancas. O Batismo é feito com água da chuva apanhada recentemente. Caso não tenha chovido nos últimos dias, deve-se apanhar água de cachoeira

²¹) Cf. *Jornal de Umbanda*, agosto de 1954, p. 6.

ou nascente pura. O óleo empregado é tirado da lamparina que se mantém acesa dia e noite no Altar Espírita. O pão de sal deve ser feito no mesmo dia. Um pãozinho para cada pessoa. O vinho deve ser semelhante aos usados nas igrejas. Sôbre uma mesinha colocar uma toalha branca e rendada; no centro, uma vasilha de cristal branco com água da chuva ou cachoeira; um raminho de mangericão e uma pequena concha apanhada na praia em dia propício. A direita da vasilha, o vinho, em garrafa de cristal branco; um pão e um copinho para cada pessoa que vai receber o Batismo. Todos, de pé ao redor da mesa, o Dirigente da Tenda recebe o Enviado de São João Batista: *João*, o Pastor, que após uma preleção sôbre o ato, dá início à cerimônia". — Descreve-se em seguida o modo como foi feito o Batismo: — "Ao iniciar o Batismo, *João, o Pastor*, chamando pelos dirigentes Espirituais de *Jesus, a Chave de Umbanda*, pelos Anjos de Guarda e Padrinhos, mandou que cada um acendesse a sua vela (vela distribuída no momento) e rezasse para o seu Anjo da Guarda e Padrinhos pedindo a sua assistência e bênção, segurando a vela na mão esquerda. A Madrinha espiritualmente do seu lado esquerdo e o Padrinho do lado direito. Um a um se ajoelhando diante de *João, o Pastor*, o qual, depois de fazer uma preleção sôbre o ato, derramou uma concha d'água da vasilha de cristal sôbre a cabeça da pessoa que estava sendo batizada, pedindo que repetisse em voz alta o nome de seus Padrinhos, confirmando, assim, o seu Batismo. Depois com o dedo polegar da mão direita molhado no azeite da lamparina, fêz uma cruz na testa, no peito e na nuca de cada um, cortando todo o mal, confirmando o cruzamento do Batismo em tôdas as linhas. Distribuiu em seguida um pão a cada um. Derramou em cada copo um pouco de vinho. Mandou que cada um rezasse para os seus padrinhos e apagasse em seguida a sua vela. Que tirasse do seu pão (que representava o "Corpo de Jesus") um pedaço e sem mastigar dissolvesse na bôca, com todo respeito e Fé, pedindo saúde e fortificação para o seu corpo e repetisse essa cerimônia todos os dias em jejum, até acabar o pão. Finalizando o Batismo, mandou que cada um tomasse o seu vinho, pedindo fôrça para a matéria e proteção espiritual. A vela usada durante o Batismo é guardada para os momentos de grandes aflições terrenas e espirituais, só sendo acesa durante as preces dirigidas a Jesus e aos Padrinhos".

Pode-se afirmar com certeza que o Batismo, tal como foi descrito aqui, é inválido.

Outro autor umbandista descreve a cerimônia de maneira diferente. Veja-se esta passagem essencial:

"Cruza a chakra frontal com óleo de oliveira, salpicando algumas gôtas de água sôbre a cabeça da criança, gôtas tiradas com as pontas dos dedos da mão direita de uma taça virgem (colocada sôbre a mesa, e que será partida depois do ato, ou conservada, se pertencendo à Instituição Umbandista, tenha sido votada simplesmente para o ato do batismo) declarando: — Fulano, eu te consagro em nome do Guia (dirá o nome do Guia Responsável pelos trabalhos) e do Balahate, João Batista, para que diante do Senhor Jesus faças a tua jornada

terrena. Sobre ti, invoco as bênçãos do Altíssimo, e a proteção dos Falangeiros da Umbanda".²²

Também êste modo de batizar é certamente inválido.

E bastam êstes documentos. Pois temos a prova de que também o batismo e o modo de batizar dependem exclusivamente do capricho e da fantasia de cada chefe de terreiro. Não há lei ou determinação geral. Nem sabemos se todos os terreiros batizam.

Alguns também dão certificados de batismo. Temos meia dúzia dêstes atestados em mão, todos êles da cidade do Rio Grande (RS). Aí dão o nome do indivíduo batizado, do padrinho e da madrinha materiais; e mais: do padrinho espiritual (exemplos: Tupinambá, Caramuru, Júlio d'Alencar, São Bartolomeu...), da madrinha espiritual (exemplos: Jurema da tribo Guarani, Cabocla Jurema, Senhora Santana, Nossa Senhora da Penha), do Guia (exemplos: Caramuru Velho, Tio Agostinho, São Miguel), do Protetor (exemplos: Tamaguari da tribo guarani, Cacarandi Segundo, São Jorge) e do Anjo da Guarda (exemplos: Ubirajara da tribo de Malaia, São Miguel das Almas, Santa Magdalena)...

Ainda há outros "sacramentos" na Umbanda. Num dos Catecismos umbandistas lemos:

26. Quantos são os sacramentos, na Umbanda?

R. São sete.

27. Quais são os sacramentos, na Umbanda?

R. Os sete sacramentos da Umbanda são:

- 1.º) Batismo;
- 2.º) Confirmação;
- 3.º) Cruzamento;
- 4.º) Ordenação;
- 5.º) Abdatismo;
- 6.º) Casamento;
- 7.º) Acruzamento.²³

Depois o Catecismo explica que "o ritual do Batismo, na Umbanda, não é igual para todos"; que a Confirmação é um sacramento "pelo qual se confirma o batizado na fé de Umbanda"; que o Cruzamento "é ministrado sòmente àqueles que se destinam ao mister de médiuns de Umbanda"; que a Ordena-

²²) Paulo Gomes de Oliveira, *Umbanda Sagrada e Divina*, I vol., Rio 1953, p. 188.

²³) AB'D 'Ruanda, *Lex Umbanda, Catecismo*, Rio 1954, p. 25.

ção ou o segundo grande Cruzamento “é que confere poderes ao Cacicado”; que o Abdatismo “é a quinta grande iniciação em vida do filho de Umbanda... é o sacramento que confere o grau de Superior da Ordem, correspondente ao abadessado em outras seitas”; que o Casamento perfeito deve ser indissolúvel;” que o Acruzamento significa “libertar da cruz terrena”, uma espécie de extrema-unção.

5) Princípios de Moral

Tôda a literatura umbandista à nossa disposição é notavelmente omissa em tratar questões e princípios de moral. Limitam-se geralmente em dizer que “é preciso fazer a caridade”. Mas nem mesmo a palavra “caridade” recebe clara definição. Muitíssimas vêzes a prática da magia é identificada com a prática da caridade. Muitos usam simplesmente os princípios da moral católica, tanto quanto a conhecem. O Catecismo *Lex Umbanda*, por exemplo, no capítulo no qual deveria definir mais claramente seus princípios morais, envereda por êste caminho:

“Meu amigo, chegou o momento de dizer-lhe aquilo que eu gostaria de dizer a muita gente grande, e aquilo que digo a mim mesmo: Leia um Catecismo! Leia um desses livrinhos redigidos pelos padres da Igreja, para uso das crianças, um desses livrinhos em cuja capa se lê: *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*... Porque lá, além da enumeração dos vícios dos quais devemos fugir, estão mencionados os pecados contra o Espírito Santo, os pecados que bradam ao céu, as obras de misericórdia e tantas outras coisas que um bom cristão deve saber”.

Por isso, para podermos conhecer melhor e mais concretamente os princípios de ordem moral dos terreiros de Umbanda, era necessário ir lá e perguntar. Foi o que fizemos pessoalmente e mediante outras pessoas de confiança como informantes. Verificamos assim que nos terreiros geralmente se aplica uma moral de situação, conforme o gôsto de cada um que vem pedir conselhos ou resolver problemas. Vários dos nossos informantes apresentaram casos fictícios e nas respostas recebidas houve gravíssimas ofensas à moral cristã: permitem o abôrto quando necessário para salvar a fama; aconselham freqüentar sema-

²⁴⁾ Mas na resposta à pergunta n. 41 diz que “não há no Evangelho nenhuma passagem que condene o divórcio” e logo acrescenta: “Contanto o divórcio não seja proibido, sendo êle pecaminoso, deve ser evitado...”

nalmente casas de prostituição; recomendam meios físicos para evitar filhos, etc. Alguns chefes de terreiros chegam a dizer que “pecado não existe”. Exemplos: no Centro de Umbanda Guia, de Pôrto Alegre, um dos nossos informantes perguntou ao babalaô se podia visitar casas de tolerância; a resposta foi afirmativa, “mas apenas uma vez por semana”.

Outro informante nosso foi ao Centro de Umbanda Dona Gema, de Pôrto Alegre (no Partenon). Travou-se o seguinte diálogo:

— Estou com um grave problema e não sei o que fazer: Tenho uma noiva; mas acontece que também gostei de outra, que agora espera um filho meu. Que fazer? — Eis, exatamente, o problema proposto à Dona Gema no dia 9-9-1959, às 20 horas. E a diligente dona do terreiro não teve dúvidas:

— Filho, é evidente: Continue com a noiva e deixe a outra.

— Mas a outra vai atrapalhar minha vida e obrigar-me a casar com ela!

— Tenha confiança, meu filho, que eu vou fazer umas orações fortes e ela vai cair com outro homem e então você poderá abandoná-la dizendo que ela foi infiel.

E Dona Gema pediu o nome da môça por escrito e foi rezar no congá. Voltando, deu ao nosso informante um passe e despediu-se com votos de felicidade e êxito, rogando que voltasse. No dia 14-9-59 o rapaz voltou, informando que a tal môça anda; desconfiada e quer obrigá-lo a casar com ela. Sugeriu então o moço à dirigente do terreiro a solução pelo abôrto sem que a môça o soubesse.

— Não, resolveu Dona Gema; faça o seguinte: converse com ela, prometa casar, exigindo como condição provocar o abôrto, para ter um casamento limpo. Dê-lhe dinheiro para que procure uma parteira. Depois abandone-a, inventando qualquer pretêxto.

— Mas isso não seria pecado?

— Não. Você quer assim; e para o seu bem deve livrar-se da atrapalhada.

E nosso informante termina seu relatório: “Despedi-me e saí com o coração a pular de indignação. Dona Gema aconselhara o crime do abôrto e indicara os meios para isso. Portanto, êste terreiro era uma escola de crime. E a isso dão o nome de “caridade”...”

Organização e Funcionamento do Terreiro

Tentaremos penetrar agora mais concretamente na vida do Terreiro. Veremos os elementos materiais e humanos do local do culto umbandista. Também neste ponto, está claro, não há unanimidade. Mas algumas informações gerais sempre são possíveis.

1) Os Elementos Materiais

1) Como em tôdas as coisas humanas, devemos, também aqui, distinguir entre terreiros ricos, remediados e pobres. De modo geral, qualquer casa que possua um salão mais ou menos grande, serve para a instalação dum *terreiro*. Mas o ideal é que o local do culto fique reservado exclusivamente a êsse serviço. Para isso levantam um galpão ou barracão no fundo do quintal. O babalaô consciencioso faz questão de ter, para o culto, três "casas" especiais: a do orixá ou do Santo, a das almas ou a "casa do êgum" (ou Balê)¹ e a do exu, pequenina como uma casinha de cachorro, geralmente logo à esquerda de quem entra no recinto geral do terreiro. O Pai Tininho, de Vilar do Teles, Estado do Rio, mostrando-nos e explicando-nos o conjunto de seu terreiro, usou da seguinte comparação: a casa do orixá ou Santo (que é sempre a maior e a mais importante) é o Céu; a casa das almas (que fica bem nos fundos e é menor) é o Purgatório; e a casa do Exu, que está na entrada (e a dêle era bastante grande, com um "belo" Exu pintado a óleo na parede) é o inferno.

Mas fiquemos na descrição da casa do orixá, que é o "terreiro" pròpriamente dito. Tem os mais variados tamanhos, con-

¹) José Ribeiro, *Candomblé no Brasil*, Rio 1959, p. 96, diz com a autoridade de babalaô experimentado: "E' indispensável a casa do êgum em todo o Terreiro, embora não o festejem. Mas devem ser servidos e tratados. Nesse caso a casa é pequena, bastante semelhante à do Exu, apenas com uma cruz no alto. Dentro são colocados recipientes contendo alimentos: galo, acacá, êpó, pipoca, etc. As louças usadas, de um modo geral, são quebradas, simbolizando a vida que se partiu".

forme as possibilidades e o progresso da respectiva organização umbandista. O chão é geralmente de terra batida. O teto é todo coberto com enfeites de bandeirolas de papel de sêda de várias côres. Ao lado há um lugar especial para os tocadores de atabaque. Muitas vêzes reservam também um recinto para os assistentes. No centro, o espaço principal fica livre para a ação dos filhos-da-fé. Num dos extremos (às vêzes num dos cantos), é levantado o altar.

2) O altar, chamado também “peji”, “congó”, ou “estado” (por influência do Catimbó), é de importância vital e essencial para o terreiro. Varia muito. E’ grande ou pequeno, alto ou baixo, pobre ou rico, conforme as posses, o gôsto e a fantasia do pai-de-santo ou da mãe-pequena. Lembra os altares das capelas católicas da roça. A ornamentação é geralmente exagerada. Há uma profusão de coisas: flôres, folhagens, sêdas, velas, lâmpadas, flâmulas, bandeiras, retratos, orações impressas, copos de vidro e, sobretudo estátuas, muitas estátuas, de caboclos, de pretos-velhos, de Santos. Um dos nossos informantes contou num Centro bastante pequeno 55 estátuas no altar e 18 quadros nas paredes, mais amuletos, espadas, machadinhas, etc. O Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora, São João Batista, São Jorge (que nunca falta e muitas vêzes é iluminado), São Cosme e São Damião, São Sebastião, Santo Antônio, Santa Luzia, Santa Teresinha, São Jerônimo, Santa Bárbara, São Benedito, São Pedro, São Miguel, São Judas Tadeu, Santo Onofre, São Francisco de Assis, Santa Catarina, São Severino, Santa Rita — são os principais. Encontramos também, nos altares dos terreiros, lembranças da primeira comunhão e diplomas de Filha de Maria. Quanto mais pobre o terreiro, mais imagens apresenta. Alguns são mais sóbrios. A Cabana Espírita Pai Tingó de Aruanda (CEPTA), no Rio, determina no art. 4, § 2 dos Estatutos:

“O altar da CEPTA terá sômente a imagem da padroeira — Santa Luzia — colocada no sétimo lance; da parte inferior da imagem descerão sete fitas representativas das sete linhas de Umbanda; no quinto lance haverá luz permanente, devendo ser mantidos recipientes com água do mar e da cachoeira, entre três velas, no primeiro lance. Devidamente iluminado, o altar terá em seu lado direito a Bandeira Brasileira e ao seu lado esquerdo a bandeira da CEPTA”.

3) Via de regra é reservado também um recinto especial para o “altar de Umbanda”, o *peji* prôpriamente dito. O balaô José Ribeiro no-lo descreve assim:

“O Pegi é o santuário sagrado da seita. Geralmente está localizado ao fundo do Terreiro, dando acesso a êsse por uma porta ampla. Aí, num altar baixo, de três ordens, estão os possantes Orixás africanos, como Xangô, Ogum, Odé, Obaluayê, Yemanjá, Yansã, Oxum, Nanã Buruku, Oxalá (Orixalá), “assentados” nos seus respectivos otás. Cercando o “assento” dêsses Orixás, vê-se louça da Bahia, quartinhas de barro chinês cheias de água e com os respectivos emblemas riscados com pomba branca, pratos cobertos por outros pratos, contendo alimento sagrado, frutas, etc., de cada um dos orixás e distribuídos pelos três degraus do altar... Dispostos pelo chão, são encontrados crânios de animais sacrificados. Obês, ôberós, vários instrumentos utilizados no culto, são ali guardados, livres do contacto de pessoas que não estejam em condições físicas adequadas... Sendo o Peji um recinto sagrado, são observados severos preceitos de limpeza para o ingresso no mesmo. A ninguém é permitido entrar com o “corpo sujo”, isto é, quando em período menstrual ou após relações sexuais. Deverá sempre, antes de ingressar em tal lugar, purificar-se com banhos de ervas (amaci), etc.” (*Candomblé no Brasil*, Rio 1959, p. 63).

4) O *atabaque* ou o tambor tem grande importância. “Sem o atabaque, a festa perde 90% de seu valor, pois êsse instrumento é considerado o meio de que se servem os humanos para as suas comunicações e para suas invocações aos orixás”.² “Os atabaques são tambores de forma cônica, geralmente feitos de barril. A pele é presa por meio de cordas a um arco, que pode ser de cipó ou de metal, colocado a meio corpo do instrumento e firmado por meio de cunhas de madeira”.³ Há o atabaque grande (chamado “run”), o médio (“rumpi”) e o pequeno (“lé”). Alguns são enormes e para percuti-los, o tocador deve sentar num estrado. Cada orixá tem um toque característico: Xangô quer batidas rápidas, Omulu deseja toques cadenciados, Yansã exige um ruído lento. Há um toque especial, chamado “adarrum”, que é muito acelerado, irresistível, que, diz Édison Carneiro, “desorienta completamente as filhas-de-santo, fazendo-as cair em transe, uma após outra”. “Não tem orixá que resista ao convite frenético do *adarrum*”, observa Waldemar Valente. Os tambores são considerados objetos sagrados e, por isso, são submetidos a cerimônias especiais de “preparação”.

Outro instrumento musical usado em alguns terreiros é o “agôgô”, de ferro, duas campânulas, superpostas, uma menor

²) Édison Carneiro, *Candomblés da Bahia*, 2ª ed., p. 106.

³) Waldemar Valente, *A Função Mágica dos Tambores*, Separata da Revista do Arquivo Público, Ns. 9 e 10, 1953, p. 10, nota.

que a outra, percutindo com uma vareta de ferro. Também a cabaça faz parte da orquestra dos terreiros.

5) A *pemba* é outro objeto muito usado na magia umbandista. Trata-se de simples giz e com êle são riscados os sinais evocativos dos espíritos. Segundo os umbandistas cada espírito possui seu próprio sinal cabalístico, denominado "ponto riscado". Temos em mão um exemplar da pemba branca, "legítima africana, exportada diretamente da África por Ali-Bem-Itah, descendente legítimo de Li-U-Thab, da tribo de Umbanda", que foi feita "por môças virgens em completo jejum, presididas pelo Sacerdote, que durante a fabricação não pode tomar alimento de espécie alguma nem beber água, apenas fumando o seu cachimbo que é considerado sagrado. Durante três dias e três noites e às vêzes mais, é trabalhada a Pemba, acompanhada por música do Congo, as virgens cantam sem cessar preces à virgem Pemba, para que esta transmita tôdas as suas virtudes à que estão fabricando..." Lourenço Braga nos elucida seu funcionamento: "A pemba branca serve para firmar no chão os pontos das diferentes falanges, utilizadas em qualquer trabalho; tais desenhos ferem o nosso pensamento nêles, estabelecendo uma corrente fluídica magnética, por meio da qual, êles, os espíritos, fazem os trabalhos que desejarem, projeção, descarga ou afastamento de obsessores" (*Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., p. 32). Há também pembas de outras côres: vermelho, amarelo, rosa, rôxo, azul, verde e prêto. Cada côr tem sua finalidade.

6) A *pólvora* é também um elemento de muito uso. Lourenço Braga, pp. 32 s, justifica seu uso com as seguintes palavras:

"Eu explico a grande utilidade dela (da pólvora) para a descarga de ambientes ou deslocamentos de camadas fluídicas, densas, pesadas, em volta de uma criatura, dentro de uma casa, em uma localidade qualquer. Nós, espíritos reencarnados, somos imperfeitos, pecamos d'ariamente por obras, por palavras e por pensamentos; os nossos maus pensamentos formam camadas que se condensam com os fluidos dos espíritos inferiores, livres da matéria, que são atraídos por nós mesmos e, dessa forma, tornam muitas vêzes uma pessoa, uma família, ou uma população de uma cidade, vítimas de várias coisas, tais como sejam: moléstias, brigas, desastres, loucura, paralisias, etc. Para a descarga, deslocamento ou desagregação dessas camadas pesadas de fluidos condensados, é muitas vêzes necessário, para se livrar rapidamente do mal que êles nos causam, o uso da pólvora, cuja ação é rápida; porém tais práticas são sempre auxiliadas por falanges de espíritos bem intencionados, que acodem à nossa chamada pelos cânticos (pontos cantados) e pelos pontos riscados no chão, com a pemba branca".

7) É curioso anotar como o Sr. Oliveira Magno, *Prática de Umbanda*, Rio 1952, pp. 42 s, esclarece o uso do *galo prêto*: “De todos os galos, os pretos são os últimos a cantar, isto é, os que só cantam próximo ao raiar do dia. Eis o motivo de algumas lendas dizerem que o canto do galo dissipa as trevas da noite e afugenta os demônios... A influência do galo prêto é de grande importância em alguns trabalhos de magia”.

8) Também o *amuleto*, pequenos objetos preparados para afastar as más influências, os obstáculos, malefícios, quebrantos e maus olhares, são muito usados e favorecidos pela Umbanda. O *Catecismo de Umbanda*, p. 74, conhece e descreve vários tipos: os “cambiás”, que se preparam para serem enterrados, no chão, em frente à casa de quem deseja estar protegido contra inimigos, pessoas invejosas, etc.; os “patuás” que consistem em orações escritas num papel e que são cosidas dentro de um saquinho que a pessoa traz sôbre o peito, debaixo da camisa. Mas, acrescenta o *Catecismo*, “o verdadeiro conhecimento dessas substâncias (que entram no preparo dos amuletos) é um dos segredos dos babalorixás”. Seu preparo é feito em dias especiais, sendo proibido ao babalorixá revelar à pessoa o conteúdo do amuleto. Quem usar os patuás não pode abandoná-los.

9) *Outros muitos objetos*, necessários para o culto e a magia umbandista, devem ser ao menos lembrados: várias espécies de bebidas, como marafo (cachaça), cerveja branca e preta, vinhos, charutos, cachimbos, azeite de dendê, mel de abelha, carvão, enxôfre em pedra ou pó, perfumes e essências, ponteiros (punhais de aço), coitês, maringues de barro, velas de cêra, fitas de sêda, barbante (linha crua), otás (pedras dos rios ou seixos rolados), conchas marinhas, estrêlas do mar, defumadores, ervas, flechas, bodoques, capacetes de penas, guias (colares de contas), plantas e raízes, fumo de rôlo, sangue de boi, farofa de farinha de mandioca, pombos pretos, galos vermelhos... Para certos trabalhos mais fortes ainda precisam de corujas, morcegos, besouros, sapos, bodes pretos, cabelos, pimenta da costa, agulhas, alfinêtes, bonecos, ôlho de boi, areia do mar, terra de cemitério, espadas e lanças de São Jorge, raspa de veado, garfos tridentes, panos pretos e vermelhos, dentes de cobra e jacaré, pé de coelho, casca de cascavel, caveiras, canela de defunto, fava da costa, etc.

Aliás, há casas especializadas em vender “ervas medicinais, defumadores, raízes, rasuras, resinas, cascas, fôlhas, flôres, frutas, óleos, sucos, etc.”. Uma casa do Rio anuncia nos jornais: “Estatuetas de caboclos, índios e pretos velhos; ferramentas e material para terreiro; imagens e artigos religiosos; artigos da Baía, bonecos e colares; livros especializados; artigos indígenas, velas e artigos de cêra; especialidades para as cerimônias de Umbanda; depósito do defumador Caboclo; fantasias, cerâmica, artigos de barro e variedades; defumadores em tôdas as qualidades”... Tudo está na “Casa de Umbanda”.

Outra casa, de São Paulo, que declara “vender por atacado e a varejo” e “atender pelo reembolso postal”, anuncia no título: “Grande sortimento de artigos para cerimônias ritualísticas de Umbanda”. E eis o que oferece: “Incenso, Alfazema, Benjoim, Sabão de Descarga, Tabletes de Ori, Sabão da Costa, Cocais, Dentes Sortidos, Pendentes de Aço, Guias, Colares, Velas de tôdas as côres, Medalhas, Pemas de tôdas as côres, Copos com os pontos traçados, Ferraduras, Defumadores Pai Thomaz, Santa Fé, Chave de Ouro e S. José, Obi, Orobô”. A casa chama-se “Organização Sete Flechas”.

10) O *uniforme dos médiuns* nos terreiros de Umbanda também merece ser mencionado. Há muita variedade nos terreiros, mas a tendência geral é de vestir os médiuns de branco, calçados com sapatos de corda ou descalços.⁴ O Regulamento Interno da Tenda Espírita Estrêla da Guia, do Rio, no art. 8º, chega a dizer: “E’ considerado falta grave os Internos vestirem os seus uniformes por cima de qualquer peça de uso”. No art. 2º a mesma Tenda regulamenta assim o uso dos uniformes:

“Art. 2º. O corpo interno é dividido em 5 grupos:

- 1) Chefe do Terreiro: emblema do lado esquerdo e 3 estrêlas douradas no lado direito;
- 2) Médiuns desenvolvidos: emblema do lado esquerdo e 2 estrêlas douradas do lado direito;
- 3) Médiuns em aperfeiçoamento: emblema do lado esquerdo e uma estrêla dourada do lado direito;

⁴) Osório Cruz, *O Esoterismo de Umbanda*, Rio 1953, p. 45: “A vestimenta mais usada é a de côr branca. Trata-se de uma côr que tem alto significado e cujas irradiações etéricas (sic) são puras. A qualidade do tecido influi muito na pureza das irradiações do branco”.

4) Médiuns em desenvolvimento: usarão o emblema que fôr designado pelo guia-chefe;

5) Cambonos: emblema azul do guia-chefe.

A Cabana Espírita Pai Antônio, do Rio, que faz sessões distintas de Umbanda e de Kardec, resolveu também prescrever uniformes diferentes:

Nas sessões de Umbanda: *Homens*: túnica, com cinto, calças compridas, meias e sapatos tênis; *mulheres*: saia rodada, comprida, com blusa sôlta estilo baiana) sem decote, calças compridas, fechadas no tornozelo, meias e sapatos tênis, tudo na côr branca e com o distintivo da C.E.P.A. ao lado esquerdo, à altura do busto.

Nas sessões de Kardec: *Homens*: como acima; *mulheres*: guarda-pó, abotoados ao lado esquerdo, meias e sapatos tênis, tudo branco, e com o distintivo ao lado esquerdo.

O babalaô ou o chefe do terreiro usa muitas vêzes sua "nunanga" especial: preta, com listras vermelhas, quando faz despachos ou oferece sacrifícios; preta, com barrête encarnado quando faz despachos para o Exu; vermelha, com frizos amarelos e barrête azul para despachos a Ogum. Em alguns terreiros mais perfeitos e desenvolvidos o babalaô muda também conforme os dias da semana: Na segunda-feira: túnica prateada com frizos pretos e turbante prateado; na terça-feira: túnica vermelha com frizos prateados; na quarta-feira: túnica vermelha de várias côres, em listras, com frizos pardos e turbante multicolor; na quinta-feira: túnica azul com frizos amarelos e turbante verde; na sexta-feira: túnica verde, com frizos vermelhos e turbante verde; no sábado: túnica preta com frizos dourados e turbante prêto; no domingo: túnica amarela ou dourada, com frizos dourados e turbante amarelo ou dourado.⁵

Certos funcionários do terreiro usam também um colar, chamado por êles de *guia* (que não deve ser confundido com o outro "guia", que é uma imaginada entidade do além, uma espécie de anjo da guarda). E' feito de conchas, contas naturais ou artificiais, aço, pedras e de outros objetos, conforme a preferência do "espírito". Cada "guia", de acôrdo com suas côres ou a disposição das contas, indica o orixá-protetor ou o cargo hierárquico. Os homens com orixá masculino usam a guia a tiracolo; as mulheres com orixá feminino usam-na em tôrno do pescoço; as mulheres com orixá masculino usam a guia do orixá a tiracolo e as outras no pescoço; os homens com

⁵) Cf. Yonóri, *Umbanda, Indústria Rendosa*, Rio 1954, pp. 99 s.

orixá feminino usam a guia do orixá no pescoço e as outras a tiracolo. As guias devem ser “preparadas”, com “amaci”, sangue de animais (que vão do pombo ao cabrito) conforme o orixá.

2) A Hierarquia Umbandista

A extrema complexidade dos ritos e cerimônias para a evocação mágica dos orixás, êguns e exus, ou para outros “trabalhos espirituais de caridade”, reclama numeroso pessoal, suficientemente instruído e habilitado. Veremos ao menos os mais importantes:

1) O chefe principal ou chefe de terreiro é o *babalaô*. “Em nagô *babá* quer dizer *pai*. Orixá é o *santo*, o espírito da natureza. Assim *babalorixá* quer dizer: *pai-de-santo*, isto é, a pessoa que faz o assentamento do orixá na cabeça do filho”.⁶ Em alguns terreiros é chamado também Cacique, Pajé, Príncipe de Umbanda, Senhor de Olorum, Chefe de Rebanho. Quando mulher — e o caso é assaz freqüente — o nome ou o título dela será *ialorixá*, que vem do nagô *ιά* que quer dizer mãe ou senhora. *Ialorixá*, portanto, significa mãe-de-santo. Em alguns terreiros ela é chamada também *babá*.

O *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, pp. 69 s, resume as funções do *babalorixá* nos seguintes pontos:

- 1) Incorporar o espírito do Dono do terreiro, isto é, do espírito sob cuja proteção se fazem os trabalhos do terreiro, constantemente;
- 2) identificar os espíritos que se manifestam;
- 3) executar tôdas as práticas mágicas necessárias à consagração dos *otás*, isto é, das imagens dos orixás que baixam no terreiro;
- 4) riscar o ponto, no início de trabalhos;
- 5) explicar a doutrina, fazendo prédicas, em sessões que sejam dedicadas a trabalhos de demanda;
- 6) dar passes, nas sessões de caridade;
- 7) diagnosticar as doenças, empregando as ervas no seu tratamento;
- 8) evitar disputas, brigas e inimizades entre os sócios de um terreiro;
- 9) fiscalizar os trabalhos dos médiuns e dos auxiliares do terreiro;
- 10) conhecer a arte de adivinhações por meio dos búzios, saber cartomancia e leitura das mãos.

Outros acrescentam que o *pai-de-santo* deve também presidir os sacrifícios, preparar e iniciar filhos-de-santo e fazer

⁶) Byron Tôrres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, *Camba de Umbanda*, Rio (sem data), p. 121.

sortilégios.¹ A mãe-de-santo tem os mesmos ofícios e direitos; só não pode adivinhar pelo Ifá, por ser mulher; mas pode adivinhar pelos búzios.

2) A seguir vem os *Ogans*, homens que auxiliam diretamente o babalaô, tratam do cerimonial, dirigem os trabalhos de incorporação dos médiuns, entoam os pontos cantados e zelam pela perfeita ordem do terreiro. Devem conhecer a força das ervas, os segredos e os efeitos dos pontos riscados, a comida dos Santos; e manejar a faca para sacrificar os animais. Quando mulheres, chamam-se *jabonan*, *jibonan* ou mãe-pequena. Elas devem também dirigir as danças e ocupar-se com as mulheres.

3) Vêm então os *cambones*, *cambonos* ou *cambandos* e as *sambas*. Todos são “Filhos ou Filhas de Santo”. São auxiliares, competindo-lhes abrir o terreiro, receber qualquer babalaô, enxugar o rosto dos médiuns, evitar que se machuquem, socorrê-los quando em transe, ajudar nas danças e cantar para as grandes cerimônias. Os *cambones* prestam assistência aos homens, as *sambas* às mulheres.

4) Seguem, afinal, os médiuns, julgados em condições de incorporar ou receber os Orixás Menores. Na Umbanda esses médiuns, quando incorporados, são chamados também *cavalos*, *aparelhos*, *moleques*, etc. A respeito da expressão *cavalo*, o Sr. Samuel Pönze, *Lições de Umbanda*, Rio 1954, p. 21, tem a seguinte explicação: “Cavalo é uma expressão aparentemente brutal, porém bem judiciosa. O médium é realmente o cavalo de que se serve o cavaleiro (o guia, espírito ou orixá) para percorrer o caminho dessa nova espécie de apostolado: ensinar aos filhos de Umbanda a vereda da luz. Todo o cavalo, depois de domado, tem o seu cavaleiro; assim todo o cavalo de Umbanda, depois de desenvolvido, tem seu guia, seu cavaleiro de Aruanda”. Mas quando o médium do terreiro é incorporado por um Exu, diz-se “burro”. A expressão é corrente entre os umbandistas e não tem nada de ofensivo. Geralmente cada terreiro tem numerosos médiuns. Nossos informantes em Pôrto Alegre assistiram a sessões com 10, 18, 25, 33, 50 e até com 110 médiuns funcionando. “Nunca vi sessão que tivesse menos de dez médiuns; daí para mais”. Dos 50 médiuns, 18 eram homens e 32 mulhe-

¹) Cf. José Ribeiro, *Candomblé no Brasil*, Rio 1959, p. 61.

res; dos 33, 12 homens e 21 mulheres; dos 18, 8 homens e 10 mulheres. O número de médiuns varia também de acordo com o tipo da sessão. Quando é dia de "trabalho" (consultas, passes) haverá necessidade de maior número. Sessão de pura doutrinação dos assistentes não precisa de tantos. Disseram-nos que a Tenda Nossa Senhora das Graças, no Rio, possui 300 médiuns. Vimo-los, uma vez, funcionando, mas não foi possível contar o conjunto dançante.

Quanto à *cultura* dos médiuns, a impressão geral dos nossos informantes foi de que é ínfima e mínima; que 99% são totalmente ignorantes, "altamente ignorantes". Mas convencidos. Muitos não sabem nem ler ou apenas conseguem assinar o nome. Quando dão os "passes" falam um português todo arrebitado e desculpam-se dizendo que falam assim forçados pelos espíritos (que, aliás, todos, falam português!). E os poucos que aparentam formação mais esmerada, têm na cabeça um emaranhado tal de idéias certas e erradas que se torna difícil levá-los a um raciocínio lógico. Mas consideram-se seres importantes. Pensam que é grandíssima honra ser "cavalo-de-santo". E as mães se orgulham quando podem apresentar um filho ou uma filha "em desenvolvimento". Muitos são sinceros e aceitam convictamente a "baixa do Santo". Mas são extremamente crédulos e supersticiosos. Quanto menos cultura, mais sinceridade. Mesmo nos terreiros, a absoluta maioria dos médiuns é de côr branca.

5) Os terreiros conhecem ainda funções especiais, com nomes também especiais. O babalaô José Ribeiro nos dá a seguinte lista:

Ogan Catofé: padrinho escolhido pelos orixás, confirmado e entronizado. Não tem obrigação de cabeça, mas tem deveres para com o terreiro. Recebe as mesmas homenagens e o mesmo respeito que o babalorixá ou a ialorixá.

Ogan Nilú: Ogan batedor de atabaque.

Ogan Alabe: Ogan chefe dos batedores de atabaque.

Axogum: sacrificador de animais.

Ebomin: filha-de-santo com mais de sete anos feita.

Ekédi: encarregada de organizar a festa.

Iaô: noviça ou filha-de-santo recém feita.

Ialaxé: zeladora dos Axés.

Iabassé: cozinheira dos orixás.

Peji-gan: organizador da ordem geral dos preceitos.

Exi-de-orixá: filho-de-santo em geral.

3) As Sessões no Terreiro

Não é possível dar informações precisas a respeito do ritualismo umbandista. “Temos visitado inúmeros terreiros no Brasil — escreve Emanuel Zespo — e não encontramos a uniformização do ritual tão desejada por alguns. Verificamos que cada terreiro, cada centro, segue, no geral, a orientação dada pelos seus próprios guias e caciques”.⁵

Muito embora não haja ainda unidade no rito, obedecendo contudo a certas regras, que o *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, pp. 39 s, resumiu nos seguintes traços:

“Numa sessão pública, a assistência fica separada do terreiro, por uma grade com duas entradas, uma para entrada, outra para saída. Os médiuns do sexo masculino dispõem-se numa fila, os do sexo feminino, noutra fila. Todos os médiuns vestidos de branco, descalços, no caso do terreiro ser assoalhado, ou calçados com sapatos de lona. Os cambonos, vestidos de branco e com sapatos de lona, defumam o ambiente. O presidente faz a prece de abertura. O chefe do terreiro, enquanto se cantam os pontos, risca o ponto de segurança ou porteira (contra os *exus*), derramando depois marafo (cachaça) nos quatro cantos do terreiro, do lado de fora. O chefe do terreiro volta ao centro do terreiro, iniciando-se então o canto dos pontos das falanges ou Linhas que têm de baixar. Incorporados os guias (espíritos), o público é atendido para os passes de descarga, resposta às consultas, conselhos, etc. O encerramento das sessões públicas é feito com o canto dos pontos de despedida dos espíritos, prece final dita pelo presidente”.

Costumam distinguir, na Umbanda, três tipos de sessões: 1) sessões públicas, 2) sessões privativas para sócios, 3) sessões especiais para desenvolvimento de médiuns.

a) As *sessões públicas*, também denominadas “sessões de caridade”, obedecem mais ou menos à seguinte ordem, descrita pelo babalaô Lourenço Braga: “Depois de riscados e cantados os “pontos de segurança” (contra os *exus*, ou os maus espíritos, para que não estraguem os trabalhos do terreiro), devem os médiuns receber seu “guia”, que “descarregará” o médium. O presidente ou o chefe do terreiro manda que um médium “vidente” ou “auditivo” examine todos os médiuns e cambonos, para verificar se algum deles está com o “espírito encostado” (essa verificação poderá ser feita também por um médium “incor-

⁵) Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Prática, Rio 1953, p. 44.

⁶) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 2ª parte, Rio 1956, pp. 34 s.

porado”). Feita assim a limpeza do ambiente e dos médiuns (com o auxílio de defumadores e outros meios mágicos), é iniciado o exame das pessoas que compareceram pela primeira vez: o médium descreve o que vê em volta do paciente, dizendo se há algum trabalho feito contra êle, se há falanges grandes ou pequenas e a que grupo de espíritos pertence, se há espíritos sofredores ou trevosos em volta dêle, se há doença ou se está passando provação. Esclarecida esta parte, serão puxados (cantados) vários “pontos” para retirar as falanges de obsessores e o Presidente (ou babalaô) pede para que “queimem, cortem, rebentem e destruam qualquer ponto de amarração, preceito ou patuá, feito contra a pessoa examinada”. Então o médium esclarece se ficou algum espírito para baixar. — A maioria dos terreiros começa logo com a defumação do ambiente, na entrada, nos quatro cantos do recinto; defuma-se também o Presidente, o Chefe do Terreiro, os diretores presentes, os médiuns, os cambones, etc., enquanto se puxa um ponto apropriado à defumação. Findos os trabalhos, canta-se um ponto para descarga do ambiente e de todos os presentes. Vem então o momento para o babalaô fazer uma alocução doutrinária, de 15 a 20 minutos. Muitas vêzes também, depois da defumação inicial e dos primeiros pontos cantados, começam a sondar ou como êles dizem, a “salvar” as diversas falanges de Umbanda. inicial e dos primeiros pontos cantados, começam a saudar ou saudar. Diz Arthur Ramos que a expressão já nos chegou assim, prontinha, da África.

b) *Sessões para sócios*: Para isso é determinado um dia da semana, “podendo ser em uma semana para exame e descarga dos sócios e na outra para descarga nas casas dos sócios, ou irradiações à distância, em pessoas loucas ou doentes, impossibilitadas de locomover-se”. Nos dias de exame e descarga dos sócios, observa-se o processo precedente. Nos dias de descargas ou irradiações para as casas dos sócios faz-se o seguinte: 3, 4 ou 5 pessoas levantam-se, fecham os olhos e concentram-se firmemente na casa ou na pessoa a descarregar; o babalaô puxa um ponto e manda que a falange chamada siga para a limpeza espiritual do ambiente ou da pessoa. “Para essas irradiações, dois minutos são suficientes, findo êsse tempo, podem abrir os olhos e sentar-se...”

c) *Sessões de desenvolvimento dos médiuns*. Na Umbanda geralmente procuram desenvolver apenas a “mediunidade de incorporação”. Para isso é fixado um dia da semana. Os médiuns devem comparecer uniformizados, com sapatos de lona ou descalços. As mulheres de guarda-pó branco comprido e calções; os homens com calças e camisas brancas, tendo à esquerda do peito bordado o ponto do padroeiro e, à direita, o próprio nome. Colocam-se as mulheres dum lado do terreiro e os homens de outro. Entoam-se diversos “pontos”, enquanto os médiuns tentam ficar concentrados, de olhos e bôca fechados, respirando só pelo nariz. Durante as sessões, quaisquer que sejam, não devem estar cruzados os pés nem as mãos, nem as pernas nem os braços. No dia do desenvolvimento devem os médiuns tomar um banho especial de descarga (guiné, pipiu, arruda e sal grosso). O Chefe do Terreiro observará a afinidade de cada médium com os diversos guias ou espíritos e exigirá que as incorporações sejam totais.

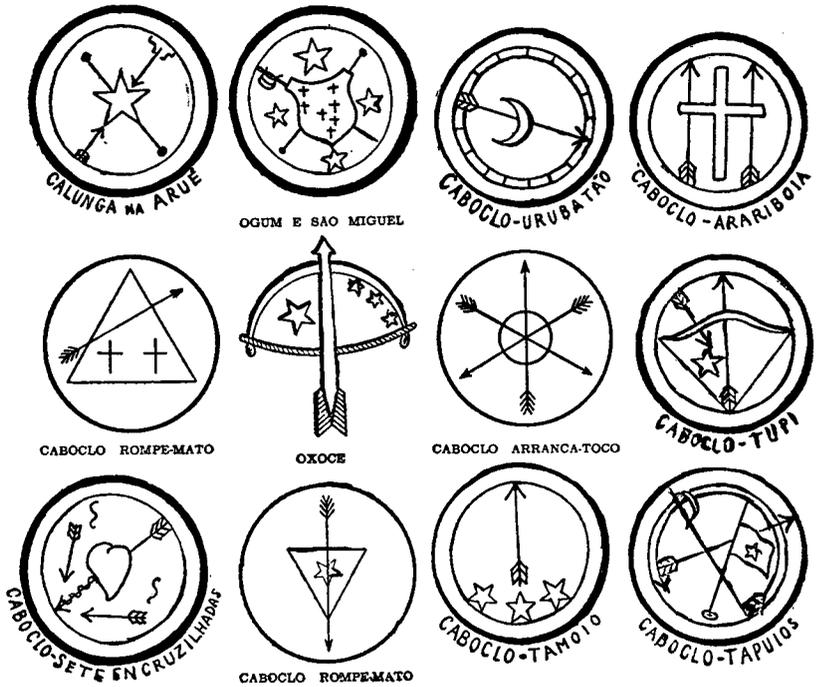
4) Os Pontos Cantados e os Pontos Riscados

Os umbandistas distinguem “pontos cantados” e “pontos riscados”. As canções e os hinos em honra de qualquer espírito e, sobretudo, os que têm a finalidade de chamar ou evocar ou fazer baixar os espíritos, são conhecidos como *pontos cantados*. “Os pontos cantados — dizem eles — são verdadeiras preces. Provocam vibrações mentais homogêneas que se aglutinam e formam uma corrente fluídico-magnética propícia à eficiência maior dos trabalhos experimentais. Como hino ou evocação, os pontos podem ser de atração ou afastamento; de alegria ou de luta; de festa ou de demanda, etc.”.¹⁰ A variedade dos “pontos” é enorme. Alguns mais ou menos bem formulados. Outros totalmente ininteligíveis. Eis, para exemplo, um Ponto de Ogum, dos melhores:

Quem está de ronda é São Jorge
Com sua cavalaria
Na porta da Romaria.
Vamos salvar Ogum! Vamos salvar Ogum!
Em hora de Deus, meu Deus!
Em hora de Deus, meu Deus!

¹⁰) Tenda Espírita São Jorge, *Umbanda e seus Cânticos*, Rio (sem data), p. 57.

Jesus na frente
 E a paz na guia
 Vamos salvar Ogum oh! gente
 E a Virgem Maria.



Exemplos de “pontos riscados”, segundo Benedito Ramos da Silva, *Ritual de Umbanda*, Rio 1960.

Os vários símbolos ou sinais cabalísticos riscados nos terreiros com “pembas” (espécie de giz) de várias cores, são chamados *pontos riscados*. Há centenas de pontos diferentes, alguns deles bem complexos. Lourenço Braga explica: “Todo o ponto que tem espada, geralmente é referente ao povo de Ogum. Os que têm arco e flecha, identificam o povo de Oxóce. Os que têm machado, referem-se ao povo de Xangô. Pontos com lanças, cruzes, pentágonos, pontinhos e quadrados, referem-se aos povos Africanos, Mineiros, Baianos, etc. Pontos com triângulos, meia-luas, estrêlas e cruzes, em geral, revelam o povo do Oriente. Pontos com punhais, tridentes quadrangulares ou arredonda-

dos, referem-se ao povo de Exu ou Ganga. A caveira com as tibias cruzadas, revela o povo dos cemitérios. Quando riscamos um ponto com as pontas para baixo, isto quer dizer que há fôrça, há domínio, sôbre o ponto que ficou por baixo ou então, que se deseja fôrça vibrante sôbre os trabalhos. Quando as pontas estão para cima, quer dizer que se entrega ao domínio das vibrações superiores, os trabalhos a executar. Quando deitados horizontalmente, representa neutralidade ou então que não se quer lutar, que tudo deve se realizar em paz e de comum acôrdo... Os pontos ou símbolos podem ser cruzados. Quando deparamos com um ponto de flecha, espada e machado, podemos dizer que tal ponto é cruzado com as linhas de Oxóce, Ogum e Xangô".¹¹

Explicações mais ou menos razoáveis sôbre o significado de cada símbolo em particular nos são dadas por Osório Cruz.¹² Eis, em substância, seus esclarecimentos:

1) *A cruz*: é considerada geralmente, nos meios esotéricos, como um dos símbolos mais antigos. Simboliza, diz o A., a luz espiritual, o espírito puro e as energias ou fôrças espirituais. Afasta, por isso, os espíritos inferiores, maus e obsessores. Seria também eficaz contra pensamentos ruins e confere maior luminosidade à nossa "aura". E' por tudo isso um ponto muito estimado e riscado no início dos trabalhos ao pé da mesa, pelo próprio presidente do terreiro, enquanto reza um Pai-Nosso. Depois da sessão deve ser apagado com um pano branco e limpo, molhado em água fluidificada pelo presidente...

2) *A linha reta*: simboliza a justiça divina; significa também o caminho mais curto entre o êrro e sua consequência, entre o bem e sua recompensa, entre o mal e seu castigo. E', pois, um "ponto" muito apto para simbolizar a importante lei do Karma, "que é uma lei básica na linha de Umbanda".

3) *A linha curva* (aberta ou em semicírculo): se fôr traçada com pomba branca, simboliza a sabedoria de Deus e seus mistérios; se fôr traçada com pomba vermelha, significa a fôrça espiritual para o bem.

¹¹) Lourenço Braga, *Magia é Ciência*, Rio 1958, p. 33.

¹²) Osório Cruz, *O Esoterismo de Umbanda*, Rio 1953, pp. 20-24.

4) *O triângulo*: se fôr traçado com um dos vértices para cima, simboliza a libertação do espírito; se com um vértice para baixo, significa a descida ou a incorporação do espírito.

5) *O signo de Salomão*: é um dos “pontos” mais riscados, formados de dois triângulos invertidos e encaixados um no outro. Simboliza a união do espírito com a matéria. Garantem os umbandistas que este signo “possui grande poder mágico, se fôr riscado por uma pessoa muito evoluída e conforme certos ritos que pertencem aos iniciados africanos e hindus”. Dizem que, para riscar este ponto, “é necessário forte concentração de pensamento, tanto da parte de quem risca, como também de todos os assistentes”. Feito devidamente o signo, ele “possibilita grandes trabalhos invisíveis por parte das entidades presentes que forem benéficas”, pois “tem o poder de afastar os maus espíritos”.

6) *A flecha* representa o impulso das energias astrais. Este ponto, advertem, deve ser utilizado com muito cuidado e somente com boas intenções e forte concentração, pois “assim como a flecha pode não atingir o alvo, assim uma energia astral pode ser desviada ou não alcançar a meta por ser fraca ou mal orientada”. A flecha é o ponto preferido dos “caboclos”, pois “eles são portadores de energia astral muito forte”.

Estes e outros pontos devem ser riscados com pomba. Usar para isso o carvão seria praticar magia negra...

Cerimônias e Ritos nos Terreiros

1) Os Sacrifícios ou as Obrigações

Os sacrifícios ou oferendas “são presentes feitos a uma ou mais Entidades, quer cumprindo a obrigação pré-estabelecida, quer reverenciando um Orixá em sua data festiva, quer, finalmente, em retribuição a um favor recebido ou, em casos especiais, por ocasião de um pedido de especial relevância”.¹ Distinguem, pois, os umbandistas, quatro espécies de sacrifícios: 1) de obrigação, 2) de reverência, 3) de agradecimento e 4) de petição.

Na oferenda surgem também quatro problemas: 1) o problema da oferta a ser dada (ou o objeto), 2) o problema da maneira como ofertar, 3) do local onde sacrificar e 4) da hora quando deve ser oferecido o sacrifício.

Quanto ao objeto ou o *material da oferenda*, os umbandistas no culto aos orixás (não falamos aqui da Quimbanda ou do culto aos exus), costumam usar: flôres (lírios, rosas vermelhas sem espinho, jasmim), bebidas (cerveja branca, vinho branco, champagne, marafo), mel, charutos, fumo em rama, rapadura, pó de arroz, bandejas, taças de cristal, perfumes, velas e outras coisas.

Na *maneira de ofertar*, distinguem a preparação do ofertante (que deve tomar antes banhos de descarga, purificar o espírito pela prece), do material (tirar as marcas e etiquetas, selos e rótulos; prece) e as ações que devem ser feitas no local (saudação à Entidade, preces de oferecimento).

O *local* varia segundo a “vibração” peculiar do espírito. Exemplos: Oxalá vibra nos verdes, Yemanjá nas águas, Pretos

¹) M. José Pedrosa, *Breviário de Umbanda*, Pôrto Alegre 1957, p. 26. O autor continua na exposição, dando depois muitos exemplos e modos de fazer “sacrifício”. Os dados sôbre o local, o material, a hora e maneira de ofertar, por nós resumidos no texto, são dêste autor.

Velhos nos gramados, etc. O local depende também da lua. As melhores horas são: das 5-7, das 12-13, das 15 às 18 horas.

Exemplos:

Oferendas para Yemanjá: Local: em praia de mar. Oferenda: Uma bandeja de madeira, forrada com papel branco e azul e contendo um vidro de perfume, pó de arroz, espelho, pente e flôres brancas. Maneira de preparar: Essa dádiva é oferecida à sétima onda, devendo o ofertante entrar na água levando o presente espalmado em ambas as mãos.

Oferenda a Ogum: Local: na entrada da mata. Oferenda: um churrasco de costela, cerveja branca, farinha, um charuto e fósforos. Maneira de preparar: Prepara-se o churrasco untando-o antes com azeite de dendê, temperando-o na forma normal e levando-o ao fogo para assar. A farinha é preparada com gema de ovo batida e levada ao fogo para corar, com azeite de dendê. Coloca-se depois a farinha numa bandeja e sôbre esta o churrasco e em volta rodela de tomate e ovo cozido. Prepara-se o local, cobrindo-o com o papel de sêda branco e vermelho; coloca-se a oferenda, abrindo-se a cerveja que é depositada ao lado, juntamente com copo um pouco de bebida; acende-se o charuto, que é depositado do outro lado da bandeja, deixando-o sôbre a caixa de fósforos aberta.

Oferenda ao Povo do Oriente: Local: na areia da praia. Oferenda: Sete flôres conhecidas pelo nome de bastião de São José, uma garrafa de vinho branco, uma de champagne, papel branco e rosa. Maneira de preparar: Abre-se o papel branco sôbre o chão, depois o rosa e coloca-se o ramo de flôres, amarrado com fita côr de rosa; ao lado, deposita-se a garrafa de vinho, já aberta e cerca-se a oferenda com champagne.

Nos terreiros com tendências africanistas “a maioria das obrigações são acompanhadas de *matança de animais* de várias espécies”.² E’ a cerimônia “das mais importantes”. A pessoa especializada para êsse sacrifício chama-se *Axôgun* (mão-de-faca). A matança deve obedecer a uma porção de regras. Não cumprindo estas determinações, o Orixá não só rejeita o sacrifício, mas é capaz de “cobrá-lo em dôbro ou triplo”. Daí o grande cuidado nesta cerimônia. Deve-se saber escolher o tipo do animal que o Orixá deseja, sua côr, o sexo, etc.

2) As Adivinhações

Muitos vão ao terreiro pedir ao “Pai de Santo” que “bote os búzios”, isto é, que interrogue os espíritos sôbre determinado problema, sôbre a natureza de alguma aflição ou doença, sôbre o êxito de certos negócios, inclusive para resolver proble-

²) José Ribeiro, *Candomblé no Brasil*, Rio 1959, p. 93. As informações que aqui vão sôbre as matanças são resumidas dêste babaiaô.

mas políticos. “Búzios” ou “buzos” são pequenas conchas marinhas, por meio das quais os *babalaôs* se comunicam com os espíritos. “Os búzios, depois de apanhados na praia, recebem um batismo... Os búzios assim consagrados, são guardados dentro do altar. Normalmente o número dos búzios é 12, mas este número pode aumentar até 16 ou 20. Os búzios recebem cada um o nome de um *Orixá*”.³ Entre os umbandistas “o jôgo dos búzios é uma decisão espiritual semelhante ao julgamento de um tribunal livre”.⁴ A comunicação é feita do seguinte modo:

“Doze búzios são convenientemente preparados pelo *babalorixá*; para se saber de alguma coisa, fecham-se os búzios na mão direita e depois, abrindo esta, como quem está jogando dados, atiram-se os búzios sobre a mesa. Os búzios formam então várias figuras, que são interpretadas pelo *babalorixá*. Quando o *babalorixá* está jogando os búzios, há sempre espírito junto dêle e do consulente. Esses espíritos auxiliam o *babalorixá* a interpretar as figuras muito complicadas. Antes de iniciar a adivinhação, o *babalorixá* dirige uma pequena prece ao seu Guia e ao Guia do consulente” (*Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, pp. 70 s). Estas consultas devem ser pagas e aí há muita exploração. Por isso aconselha E. Zespo o seguinte: “Aos que, desejando consultar um batuqueiro, não queiram ser explorados, ensinamos proceder assim: Na véspera do dia da consulta, quando se vai dormir, colocam-se debaixo do travesseiro 3 moedas de um cruzeiro, as quais servirão para pagar a consulta. No dia seguinte, em presença do batuqueiro, quando este já arrumou a toalha, as guias e empunhou os búzios, põe-se (sem dizer palavra alguma) as três moedas dentro do círculo de guias. A consulta está paga; e, mesmo que a quantia não agrade ao batuqueiro, por ser pouco o *aché* (valor), êste nada mais reclamará na hora, se fôr realmente um *babalaô* ou filho de santo e não um mistificador ou impostor” (E. Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Científica, Rio 1951, p. 46). A êste respeito diz ainda *Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, p. 139: “Quando se trata de um consulente estranho, e que necessitando do socorro espiritual, faça qualquer donativo espontâneo, o *babalaô* é obrigado a jogar os búzios e traduzir fielmente as respostas recebidas. Porque se o *babalaô* não usar de sinceridade, estará tentando enganar não o cliente, porém o seu anjo da guarda. Êsse procedimento acarretará graves prejuízos ao *babalaô*”. A interpretação dos búzios jogados é uma das grandes *mirongas* (segredos) de Umbanda, “e o seu completo conhecimento não está ao alcance mesmo de umbandistas iniciados” ib. p. 137).

Nos terreiros estão em uso ainda outros modos de adivinhar. Muito usado é também o *rosário ou colar de Ifá*, poderoso orixá dos adivinhadores. Êste rosário é uma cadeia de metal

³) *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, p. 72.

⁴) *Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, p. 139.

e cada conta do colar é a metade de uma noz de manga. O baba-lão joga o colar no chão do pegi (onde está o altar) e pela posição das nozes prevê o futuro ou diz o passado. — Mais outro método de adivinhação consiste em “encher as mãos com os frutos do dendê, sacudi-los, misturá-los bem e depois jogá-los na mesa ou no solo, aos poucos tirando o adivinho as suas conclusões”.⁴

3) Outras Cerimônias

Há na Umbanda cerimônias que não podem ser assistidas por estranhos, por exemplo: as comidas dos orixás, os assentamentos dos otás, dar comida à cabeça, a iniciação, etc. “A Umbanda tem *mironga* (segrêdo)”. Os livros da Confederação Espírita (de Byron Tôrres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto) como *As Impressionantes Cerimônias da Umbanda, Doutrina e Ritual de Umbanda, Camba de Umbanda, As Mirongas de Umbanda, Fundamentos da Umbanda*, revelam uma infinidade de cerimônias diferentes. Basta percorrer os índices. Exemplos: Comidas e bebidas de Santo, Lavagem das guias dos Orixás, Obrigações no mar e na cachoeira, O assentamento dos otás, O padê de Exu, Preceitos do nascimento, O matrimônio umbandista, Fechamento do corpo, Confirmação do anjo-da-guarda, Reservar a cabeça, Lavagem dos pertences do Orixá, Obrigação a Yemanjá, A festa do ongombe, Despachar ebó, Como se despacha o Santo, etc., etc.

Destas e de outras obras recolhemos alguns exemplos, colocados aqui em ordem alfabética:

Agô, quer dizer licença. Há certos momentos em que esta palavra significa pedido de proteção aos guias, por exemplo, quando alguém passa com velas, fogareiros, lamparinas acesas atrás de outros, êstes, além do esconjuro, devem dizer: “Agô, agô, meu pai!”

Água de Oxalá: Cerimônia de mudança das águas nos candomblés, contidas nos potes, copos, etc. Essa água é apanhada pelas filhas-de-santo; e também se denomina purificação dos candomblés.

Água de Xangô: Esta água é preparada deixando uma pedra de raio (meteorito), pedra de cachoeira, etc., dentro de

⁴) Byron Tôrres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, *Fundamentos de Umbanda*, Rio 1956, p. 32.

uma vasilha de água durante algumas horas ou da noite para o dia. É proibido bebê-la a quem na véspera ou no dia teve relações sexuais ou mulher menstruada.

Água fluidificada: Vem da influência kardecista. É água potável que recebeu “vibrações dos guias”, quer em terreiros, quer pela exposição ao sereno ou mesmo em algum compartimento da moradia a fim de adquirir propriedades inexistentes na água comum. Dizem também “água magnetizada”, segundo a escola de Mesmer. É pura fantasia.

Assentamento de Orixá: É o lugar no péji (altar) onde se coloca a representação do orixá ou seu fetiche (otá), ponto riscado, etc., tudo mediante ritual apropriado.

Axê: Fôrça mágica do terreiro, representado pelo “segrêdo” composto de vários objetos pertencentes às diversas Linhas, Falanges, Entidades, etc., e que são enterrados no centro do terreiro ou debaixo do “ixê” (mastro que ostenta no cimo os símbolos de Xangô ou de outra entidade protetora).

Axêxê: Cerimônia fúnebre, de 7º dia.

Azueia: ordem dada no terreiro para os assistentes baterem palmas à chegada do “santo”, isto é, quando se incorpora o Orixá nos médiuns ou cavalos-de-santo. É uma espécie de saudação ou cumprimento que se faz à Entidade.

Bater cabeça: Quando se bate a cabeça no peji ou diante de algum Guia incorporado, é sinal de respeito e humildade.

Bater nos ombros: Quando nos terreiros o Guia toca seu ombro esquerdo no direito e o direito no esquerdo do outro guia ou de algum assistente, é um cumprimento que significa muita amizade e fraternidade.

Batucajé: Dança religiosa do ritual do terreiro, tendo por finalidade facilitar a incorporação dos guias nos médiuns que a executam.

Boneco: Figura de pessoa ou animal, feito geralmente de cêra, utilizados em trabalhos de Magia, para as mais diversas finalidades, contendo um pedaço de roupa, um pouco de saliva, urina, sangue, suor, unhas, cabelos ou outra coisa qualquer que tenha passado pelo corpo da pessoa a qual se quer beneficiar ou prejudicar e sendo batizado com o nome dessa pessoa mediante um complicado ritual.

Breve: Oração escrita, dobrada e guardada em um pedaço de pano ou couro, sempre em poder do seu possuidor a fim de protegê-lo em todos os seus empreendimentos, saúde, etc. E' chamado também patuá, bentinho.

Camarinha: Compartimento do terreiro onde os iniciandos, quer masculinos, quer femininos, ficam internados um certo tempo, durante o desenvolvimento mediúnico e aprendizagem do ritual, nomes, finalidades dos objetos usados, pontos cantados e riscados, enfim, tudo que se relaciona com o terreiro, tanto na parte material como na espiritual.

Confirmação: Cerimônia indispensável a fim de dotar a um lugar ou objetos de poder e fôrça mágica, tirando-lhes tôdas as impurezas provenientes de seus fabricantes e também tôdas as imundícies psíquicas. Se o local ou o objeto não fôr consagrado, nenhuma fôrça mágica possui e estará sempre em relação ao mundo profano, não tendo portanto nenhum poder de proteção, amparo e ajuda. A cerimônia da confirmação é chamada também cruzar.

Confirmação do Anjo da Guarda: Para essa cerimônia, que dizem ser "muito séria", o chefe do terreiro deve convidar mais sete babalaôs. O ritual é estritamente secreto.

Corpo limpo: E' o médium masculino ou feminino que tenha se preparado convenientemente para os trabalhos, isto é, tenha tomado seu banho de firmeza, tenha feito higiene mental pensando apenas em assuntos de elevada espiritualidade e, finalmente, que não tenha tido relações sexuais nos dias de trabalho.

Corpo sujo: Diz-se do médium masculino ou feminino que, em dia de trabalho, tenha tido relações sexuais ou que não tenham tomado o banho de firmeza. Considera-se também corpo sujo o médium feminino que esteja menstruado, não devendo tomar parte nos trabalhos. — Em casos excepcionais, estas mulheres podem entrar. Mas, acompanhadas pelo responsável do terreiro, fazem o pedido e retiram-se imediatamente. O acompanhante vai atrás pronunciando as seguintes palavras: "Entra como entrei, bebe como bebi, sai como sai".

Cruzamento de médiuns: Diz-se do período inicial de seu desenvolvimento até o final do mesmo.

Cruzeiro das almas: E' o cruzeiro existente em quase todos os cemitérios. Em seu redor, acendem-se velas não sòmente de-

sobrigando-se de alguma obrigação, como também em benefício de algum espírito atrasado ou familiar.

Dança da fogueira: Todos os membros do terreiro são obrigados a, uma vez por ano, visitarem o mar e a cachoeira, terminando a excursão com a dança da fogueira, em homenagem a Exu. Assim os crentes ganharão fôrça e descarregarão os malefícios. Essa obrigação é geral para todos, sejam simples adeptos ou iniciados.

Dar comida à cabeça: Desenvolvimento parcial do médium de Umbanda, isto é, aquêlê que não se submeteu a tôda iniciação e nem completou o ritual constante do cerimonial apropriado.

Dar comida ao Santo: Oferecimento do alimento aos Orixás, seja como parte do ritual, seja como obrigação, seja como gentileza devocional ou, finalmente, como pagamento de algum favor recebido. Diz-se também “fazer Ossé”. — Veja-se o que dissemos no início dêste capítulo sôbre os “sacrifícios” ou as oferendas em Umbanda.

Descarga: Retirada do corpo de uma pessoa ou de um lugar de fluidos nocivos por meio de passes, banhos, queima de pólvora ou outro qualquer processo defensivo ou protetor.

Desenvolvimento: Entendem-se por desenvolvimento os diversos processos, métodos e maneiras de se desfazer de enfeiticamento, vampirismo, quebrantos, fascinação, mau olhado, etc., sôbre coisas, animais e pessoas, sendo inúmeros os recursos de que lançam mão. Um dêles é de se dirigir a um terreiro onde a idoneidade de seus médiuns esteja acima de qualquer suspeita e, com seus Guias, o interessado se orientar. Diz-se também “desmanchar trabalho”. Veja o capítulo especial sôbre a eficácia ou ineficácia dos feitiços.

Despacho: Consiste em uma infinita variedade de executá-lo, difícilíssima de ser enumerada, podendo ser tanto para o bem como para o mal, sendo portanto o despacho uma arma de defesa ou de ataque, de homenagem, de oferenda em cumprimento do ritual no desenvolvimento mediúnico, de pedidos pessoais ou para outrem, cura ou provocação de moléstias. E’ feito em encruzilhadas, estradas e ruas desertas ou movimentadas, residências, rios, mar, cachoeiras, local de trabalho da pessoa visada, cemitério, igrejas, matos. Veja sôbre isso maiores

informações no capítulo sobre a Demonolatria nos terreiros de Umbanda.

Dia de obrigação: Dia ou ocasião em que os médiuns ou consulentes observam certos atos do ritual e cumprem o que lhes foi determinado pelos Guias.

Efum: Cerimônia do ritual durante o desenvolvimento mediúnico, consistindo em pintar a cabeça das iniciandas com círculos concêntricos, com tintas de diversas cores, notadamente vermelha, branca, azul, preta, enfim do Orixá de quem ela é “filha”. Depois dessa cerimônia sua cabeça é lavada com infusão de ervas do mesmo Orixá.

Embé: Ato ou cerimônia da matança dos animais para o ritual do culto.

Encanteria: Espécie de terreiro onde se realizam sessões semelhantes a pajelanças e onde se acreditam receber espíritos não somente de seres humanos como também de animais.

Encruzar: Parte do ritual umbandista no início das sessões, consistindo em fazer uma cruz com pomba na nuca, nas mãos, na testa dos médiuns e dalgum assistente a fim de proteger, fortificar, auxiliar psiquicamente e estabelecer uma ligação com as falanges que tomarão conta da segurança dos trabalhos bem como das pessoas que nêles tomarão parte. Enquanto o Guia ou o chefe do terreiro encruza, é puxado (cantado) o ponto apropriado a essa cerimônia.

Fechar a tronqueira: Ato de defumar o lugar onde se realiza a sessão e, em seguida, jogar aguardente nos quatro cantos. Com essa precaução pensam os umbandistas evitar a balbúrdia provocada por espíritos obsessores e garantir um desenrolar tranquilo dos trabalhos.

Feitura de Santo: Iniciação do desenvolvimento de um médium.

Firmar a porteira: É a segurança para os trabalhos da sessão que será realizada, simbolizada por um ponto de firmeza riscado na entrada do terreiro. Existe uma enorme variedade de se firmar a porteira, conforme o critério seguido de terreiro para terreiro.

Firmar o ponto: Concentração coletiva que se consegue cantando o ponto puxado pelo Guia ou responsável pelos trabalhos.

Nome: Uma das cerimônias existentes no ritual umbandista durante o desenvolvimento mediúnico do iniciado onde o Guia

chefe de sua cabeça se identifica não somente dando o seu nome como também o seu ponto cantado, seu ponto riscado, sua bebida preferida, amalá e todos os detalhes necessários para a continuação do desenvolvimento.

Padê: Despacho para Exu no início das sessões ou festas, constando de bebidas (aguardente), alimentos (pipocas, bode, galo, etc.), velas e outras oferendas a fim de que o mesmo não perturbe a reunião.

Pemba: Espécie de giz em forma cônico-arredondada, colorida em diversas cores: branco, vermelho, amarelo, rosa, rôxo, azul, verde e preto, servindo para riscar pontos e outras determinações ordenadas pelos Guias, sendo que, conforme a cor trabalhada, pode-se identificar a Linha a que pertence a Entidade. De um modo geral as cores pertencem: Branco para os Pretos Velhos, vermelho a Ogum, amarelo a Oxossi, rosa a Cosme e Damião e ao Oriente, roxo a Xangô, azul a Iemanjá, preto a Exu e Omulú.

Tirar a mão da cabeça: É o conjunto de cerimônias que se fazem desde o dia do falecimento de um chefe de terreiro até um ano depois. Essas cerimônias têm por finalidade desfazer o que tinha sido feito com o mesmo quando vivo.

Troca de cabeça: Transferência que se faz para uma pessoa, animal ou vegetal, de doenças, contrariedades, maus negócios, divergências familiares, feitiços, etc., com a finalidade de beneficiar ou prejudicar alguém. Ao fazer esse despacho, não se deve olhar para trás e nem pisar sobre o mesmo, evitando-se voltar pelo itinerário seguido a fim de não neutralizar, acumular ou adquirir o que se foi desfazer; se assim não proceder, será uma volta ao passado, a continuação do que se quer libertar ou a contaminação por fluidos deletérios existentes em tais trabalhos. Depois de feito o que foi recomendado a pessoa que se encarregou e desincumbiu dessa missão, deve, para sua maior segurança, tomar um banho de descarga ou se defumar.

4) Caboclos e Pretos Velhos

Caracterizam-se ainda os terreiros de Umbanda com os "trabalhos" dos Caboclos e dos Pretos-Velhos.

1) Os *Pretos Velhos* são geralmente considerados como espíritos de antigos escravos (pertencem, portanto, à categoria

dos “êguns”). Predominam nos terreiros com tendências africanistas, mas “baixam” também em outras tendas, inclusive naquelas que são fanaticamente anti-africanistas. O médium (ou o “cavalo”) que “recebe” um dêsses Pretos Velhos costuma curvar-se, como se fôsse velho de verdade. Apresentam-se muito modestos e humildes, com uma linguagem enrolada e em português estropiado. A principio é difícil entendê-los. Pedem cachimbo, para fumar (por meio do “aparelho” ou do médium). Bebem parati ou vinho. Gostam de sentar-se num tamborete (“tôco”). Dão conselhos. Resolvem dificuldades. Perdoam e desculpam facilmente as faltas humanas. São pacientes e geralmente apresentam bom humor. O trabalho específico dêles é “dar passes” nos doentes. Os mais conhecidos, nos terreiros do Brasil, são os seguintes: Rei Congo, Vovô Benedito, Pai Cipriano, Pai Agostinho, Pai Chico, Pai João, Pai José da Praia, Pai Velho, Pai Jobá, Pai Guiné, Pai Serapião, Pai Chico Prêto, Mestre Luís, Tio Antônio, Tio Custódio e Pai Tomás. Há também Pretas Velhas: Mãe Maria, Mãe Emília, Maria Conga (a mais popular), Tia Rosa, Vovó Luíza, Vovó Ganga...

Costumam os umbandistas dar oferendas aos Pretos Velhos, como rapadura, charutos, mel, cachaça, pé-de-moleque, cocada, fumo, balas. Êstes “presentes” são colocados na grama do jardim, no canto da encruzilhada, na porta duma igreja, ao pé da arruda ou da guiné, na rua em qualquer lugar, numa praça entre árvores. Quando é para a Tia Rosa, tem que ser num jardim ao pé da roseira...

2) Os *Caboclos* seriam índios ou sertanejos. Predominam nos terreiros do Norte e nos lugares onde a influência africana foi menor. No interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, os terreiros de Umbanda são conhecidos simplesmente como “caboclos”. Assim também no Ceará. O Caboclo costuma “baixar” com violência, espalhafato e impetuosidade. Caracteriza-se pelo assobio. Quer vestido de penas, com cocares, penachos e saíotes. Fuma charutos (“carurutos”) e bebe (êle diz “curiar”) marafo (cachaça), sangue-de-Cristo (vinho tinto) e bêja (cerveja). Obriga seu cavalo (o médium) a tomar atitudes marciais: busto ereto, fisionomia fechada e gestos rudes. Fala difícil, muitas vezes entre dentes. Nas primeiras vezes não entendemos quase nada. Mas é prestativo. Sua especialidade é “trabalho de demanda” ou “desmanchar mandingas”. Dedicar-se também aos

doentes. Mas, segundo êle, o doente tem quase sempre “encôsto” ou “coisa feita”. Os mais conhecidos Caboclos são: Tupinambá, Tupimirim, Urubatão, Cachoeira, Serra Negra, Gira Sol, Sete Flechas, Arruda, Sete Encruzilhadas, Rompe Mato, Arranca Tôco, Pedra Preta, Junco Verde, Vira Mundo, Treme Terra, Pena Branca, Pena Vermelha, Cobra Coral, Ubirajara, Sete Cachoeiras, Fôlha Verde, Sete Luzes, Araripe. — Há também Caboclas: Jurema, Iracema, Cici, Jupira, Diamantina...

Aos Caboclos oferecem-se os seguintes presentes: charuto aceso, vinho tinto, guaraná, maço de cigarros, cerveja branca, laranja com casca e aberta ao meio, água com mel, espadas de São Jorge em cruz. As Caboclas gostam também de “três lírios amarrados com fita branca e cercados com mel”.

Há também orações dirigidas aos Caboclos. Por exemplo, esta, dirigida ao Caboclo Sete Flechas: *

“Salve, Pai Sete Flechas e sua falange guerreira. Pai Sete Flechas, baixai sôbre nós um jato da vossa Divina Luz, iluminai os nossos espíritos, para que possamos entrar em comunicação com esta centelha de Luz Divina que emana das vossas Sagradas Flechas, nos defendendo e amparando neste mundo terreno. Salve as Sete Flechas que vos foi dada, espiritualmente, para nos defender de tôdas as provas que nos vêm de Deus. Bendito seja São Sebastião que vos botou sôbre o vosso braço direito a flecha da saúde, para que derrame sôbre nós os bálsamos curadores...”

*) Cf. M. José Pedrosa, *Breviário de Umbanda*, Pôrto Alegre 1957, p. 108. Revela o autor que a oração foi ditada “psicograficamente” pelo próprio Caboclo Sete Flechas.

Politeísmo e Idolatria com Fachada Católica

1) Confusão Católico-Umbandista

No Espiritismo de Umbanda encontramos uma particularidade que precisa de ser denunciada e desmascarada com toda a energia. É vêzo comum a todos os espíritas do Brasil apresentar uma fachada cristã. Poder-se-ia pensar que o Espiritismo de Umbanda, que pretende introduzir no Brasil um verdadeiro politeísmo pagão, não encontraria jeito de encobrir seus intentos “sob pele de ovelha”. Mas como, infelizmente, por falta de suficiente instrução religiosa (que, por sua vez, tem sua causa na absoluta escassez de padres, graças às perniciosas atividades da Maçonaria no século passado), o nosso povo geralmente não está compenetrado do verdadeiro espírito da mensagem cristã e conhece do Catolicismo apenas suas manifestações externas, ou a fachada, cultivando ainda uma devoção quase supersticiosa aos Santos (no que, por vêzes, e em certos Santuários, ou outras manifestações populares, ainda é corroborado por Irmandades e mesmo por alguns padres) por isso os dirigentes da Umbanda encontraram um meio fácil de dissimular seu politeísmo pagão sob a fachada popular do Catolicismo. As nossas festas mais populares (do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora, de São Jorge, São Cosme e São Damião, Santo Antônio, São Sebastião, etc.), são oportunidades extraordinárias, exploradas pelo Espiritismo de Umbanda, para apresentar sua fachada católica e propagar seu politeísmo pagão, com todo o cortêjo de magias e superstições. Na última festa de São Jorge pudemos observar uma procissão de Umbanda, com estátua de São Jorge, acompanhada pela banda militar e que, para a gente menos instruída, apresentava as características das manifestações populares católicas. Os terreiros, as tendas e os centros de Umbanda têm muitas vêzes nomes católicos: “Centro Santa Bár-

bara”, “Tenda São Jerônimo”, “Terreiro Francisco de Assis”, “Centro Santo Expedito”, “Tenda Santa Rita de Cássia”, para não mencionar os infinitos centros dedicados a São Jorge. Na sala do centro há verdadeiros altares, com grande variedade de estátuas e imagens de Santos nossos. E’ a confusão. E confusão intencionalmente, pensadamente, acintosamente, mantida, favorecida e explorada pelos dirigentes de Umbanda. E’ o grande meio para atrair o povo. E o povo vai. Vai para a Tenda São Jorge; como vai para a igreja de São Jorge; leva seus filhos para serem “batizados” no terreiro, como os apresenta ao primeiro vigário que encontrar e que também os batiza, sem maiores indagações, na doce ilusão de que todo brasileiro é católico; comemora a festa de São Cosme e São Damião em alguma igreja católica, para ir depois ao terreiro pagão; vai praticar a magia na Umbanda e vai confessar na igreja...

— Por que esta mistura de Santos no altar de Umbanda? pergunta um dos nossos informantes à mãe-de-santo do Terreiro São Francisco de Assis, na Rua Lobo da Costa, 80, em Pôrto Alegre. E a “irmã Lúcia” foi clara e peremptória na resposta:

— Precisamos dos Santos para atrair o povo e para o pessoal poder concentrar-se. O povo gosta muito dos Santos e se nós não os tivéssemos ou não os quiséssemos, muito poucos procurariam nossos terreiros...

Verificaram ainda os nossos investigadores que a quase totalidade dos médiuns fazia questão de dizer que eram católicos e que queriam “continuar católicos”. Para eles não há nem a mínima dificuldade em ser médium umbandista e continuar católico. Uma das médiuns, que é também professôra, fêz absoluta questão de dizer que era “católica praticante”, com missa todos os domingos e confissão e comunhão freqüentes. No Centro Pai Xangô (Rua Marista, 253, Pôrto Alegre) o babalaô deu o expresso conselho de continuar católico, só que deixassem “esse negócio de confissão e padres”. E no Terreiro Mãe Yara, diante de muita gente, a ialorixá falou enfaticamente de sua filhinha de 7 anos, que estuda num colégio de freiras e vai agora fazer a primeira comunhão e, ao mesmo tempo, cantava no terreiro e recebia passes...

Sempre que nos foi possível, indagamos nos terreiros do Rio e do Estado do Rio, aos que aí estavam ativos ou passivos, qual a religião deles. E a resposta geral e regular era: “cató-

lico". Os investigadores do IPEME verificaram que até mesmo dos católicos praticantes, 42% assistiam ou assistiram a sessões do terreiro; e que 25,9% dos "católicos" eram pura e simplesmente adeptos da Umbanda.

Em *A Doutrina e Ritual de Umbanda* (com tendências africanistas e claramente paganizantes), Rio 1951, p. 148, lemos: "Os umbandistas, em sua maioria também católicos, vão [durante a Semana Santa] às igrejas, confessando-se e pedindo perdão dos seus pecados". E na p. 127 prescreve esta mesma obra, adotada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista: "As crianças, vestidas de azul e rosa, vão assistir, no templo católico, à missa de São Cosme e Damião. De volta, inicia-se a cerimônia no ritual africano".¹ E em julho de 1956 o babalaô-chefe Tancredo Silva informou aos jornalistas do Rio: "Quero declarar que a Confederação Espírita Umbandista, que já tem registadas 1.150 tendas, segue e tem por princípio o culto católico, que veneramos nas nossas grandes festas, como as de São Jorge, Cosme e Damião, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e São Jerônimo. Acredito que, se os umbandistas não fossem por princípio católicos, os festejos daqueles Santos não teriam o movimento que têm no dia que lhes é consagrado".

Édison Carneiro informa que, na Baía, "as iniciandas (*iaôs*) devem assistir à missa no Bonfim, numa sexta-feira previamente marcada".² A mesma informação nos foi dada em Nova Iguaçu (RJ), por um conhecido babalaô, dizendo ainda que as *iaôs* devem ir à igreja vestidas de branco, de pé no chão e acompanhadas pela mãe-de-santo, para assistir à santa Missa; só depois da missa são filhas-de-santo.

¹) Édison Carneiro, *Candomblés da Bahia*, 2ª ed., p. 88, denuncia o mesmo costume na Baía: "No dia da festa, a família, amigos e aderentes assistem a uma missa para os *meninos*, contratada de antemão numa igreja qualquer. Uma criança — em geral do sexo feminino — leva a imagem particular da família e a deposita no altar, para receber a bênção do padre. Esta missa deve ser mandada celebrar todos os anos, a fim de não *atrasar* o devoto".

²) Édison Carneiro, *Candomblés da Bahia*, 2ª ed., p. 45. — Roger Bastide, *Sociologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo 1959, p. 16, sabe até o seguinte: "Em geral toda festa de candomblé é precedida por uma missa que o zelador faz celebrar e a que assiste com todo o pessoal de seu terreiro. As más línguas insinua que este é um processo usado para comprar, a peso de dinheiro (missa paga), a cumplicidade da igreja. À noite celebrar-se-á com toda a tranquilidade a festa pagã; o padre não poderá dizer mais nada".

O babalaô José Ribeiro, em *Candomblé no Brasil*, Rio 1959, pp. 57 s, dá até determinações bem particularizadas:

“Para festejar a Imaculada Conceição, que na religião africana corresponde a Yemanjá, todos os Babalorixás e Yalorixás realizam nos seus Terreiros, dentro dos seus Pejís, por 30 dias, uma Ladainha em homenagem a essa Santa. Comparecem todos os membros do Terreiro e, juntamente com seu Chefe, realizam a cerimônia. Vestidos de branco ou azul, com suas Guias, seus paramentos, dão início à ladainha, que se prolonga por uma ou duas horas. Essa cerimônia se prolonga até o dia 30 de maio, diariamente. Somente depois de rezada a ladainha, dão início ao Candomblé, com o sacrifício inicial para Exu, o que é feito atrás da porta de Peji. E’ ritual indispensável, dentro da Lei do Candomblé ou Xangô, para que as festas ocorram sem aborrecimentos ou contrariedades. A Ladainha se desenrola na seguinte ordem:

- 1) 5 Padres Nossos, 5 Aves Maria, 5 Sta. Maria, 5 Glória ao Pai.
- 2) Reza-se a ladainha propriamente dita.
- 3) 1 Salve Rainha.
- 4) Hinos: Neste Dia; O’ Mãe de Ternura; No céu a irei ver; Se no céu tu queres ir; Louvando a Maria; Queremos Deus; Com minha mãe estarei; O meu coração; Dai-nos a bênção; Seu lindo nome; Adeus, Maria. Despedida, para coroar Maria.

Nas festas de Santo Antônio, observa-se o mesmo fato, que se realizam, nos Xangôs, as Trezenas de S. Antônio, que vão do dia 1.º ao dia 13 de junho. Essas Trezenas são rezadas na seguinte ordem:

- 1) 1 Padre Nosso, 1 Ave Maria, Jaculatória.
- 2) Ladainha de Sto. Antônio.
- 3) Salve Rainha, Ato de Contrição, A.B.C. de Sto. Antônio.
- 4) Responso de Eto. Antônio.
- 5) Hino a Sto. Antônio, Versos de Sto. Antônio.
- 6) Oração a Sto. Antônio, Bendito de Sto. Antônio.
- 7) Despedida de Sto. Antônio.

Em qualquer das cerimônias acima, quer no mês de maio, quer no mês de junho, somente após terminada a ladainha ou a trezena é que se inicia o Candomblé, já então com as suas características normais”.³

A confusão é nacional. Quando em 1952-1953 o Sr. Alceu Maynard Araújo estudou a “medicina rústica” no interior alagoano e particularmente em Piaçabuçu, verificou o seguinte: “Os curadores, benzedores, rezadores, presidente de toré [espécie de Pajelança], pai de santo em determinadas épocas recorrem à religião para adquirir maior força através da confissão.

³) José Ribeiro, *Candomblé no Brasil*, Rio 1959, pp. 57 s. O Autor, na p. 8, depois de enumerar os terreiros importantes nos quais foi devidamente preparado e iniciado, escreve: “Sinto-me, pois, perfeitamente capacitado e autorizado para escrever, com conhecimento profundo e real, sobre o assunto em questão”. Informa também que foi ele o fundador da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros do Recife.

Jajaba, pai de terreiro do candomblé, no dia 15 de agosto confessou. Pernambuco, assim era chamado Artur Francisco Cruz, o presidente do Toré que funciona à rua do Socorro, também confessou nesse dia. Entrevistados, ambos disseram o que resumimos: “Quando a gente tem um trabalho grande e precisa de mais força é bom confessar e comungar” (*Medicina Rústica*, Brasileira, vol. 300, 1961, p. 92).

Temos diante de nós uma fôlha de propaganda da Tenda Espírita Filhos de São Jorge, de Nova Iguaçu (RJ), para a festa de Cosme e Damião no dia 27-9-1959. Aí lemos: “A partir do dia 18 do corrente, até o dia 27, será rezada uma ladainha pelo Sr. Maurício, das 19 às 20 horas”; informa ainda que a festa será acompanhada de “músicas clássicas, Ave Maria, Queremos Deus e outras músicas Católicas dentro do recinto”.

Ora, tudo isso só pode produzir os efeitos que aí estão: católico-umbandistas e umbandista-católicos. E’ a confusão religiosa.

2) Orixás de Umbanda e Santos Católicos

E’ preciso abrir os olhos dos católicos. Urge desmascarar a Umbanda e mostrar que atrás de tôda essa fachada católica não há nem vestígio de Cristianismo. “Mas por dentro são lôn-bos — não, leões — vorazes!” Atrás de cada Santo (cristão) está um deus pagão. Os dirigentes de Umbanda apresentam o Senhor do Bonfim, na realidade, porém, querem prestar um culto a *Orixá* ou *Obatalá*, “Chefe Supremo da Côrte Celestial”; aparentam venerar a Virgem Nossa Senhora (da Conceição, do Rosário, dos Navegantes, da Glória, etc., conforme a devoção de cada localidade), mas na verdade intencionam oferecer sacrifícios a *Iemanjá*, deusa da água e do mar; simulam o culto a São Jorge, entretanto pensam em *Ogun*, deus da guerra; fingem venerar São Cosme e São Damião, quando de fato cultuam *Ibeji*, deus protetor das crianças; etc. Se os umbandistas se apresentassem como são — magos e politeístas — poucos seriam seus sequazes. Bem o sabem êles. Por isso ocultam a magia sob o manto cristão da caridade e disfarçam o politeísmo com a devoção cristã aos Santos, para então gritar a plenos pulmões pelo Brasil afora: “Nós também somos cristãos!” E milhões de brasileiros, inclusive gente branca e *chic*, vão para lá.

Note-se, porém, que não há unanimidade no disfarce. *Ogum* é São Jorge no Sul, é Santo Antônio na Baía, é São Paulo ou São João em Recife, é São Roque em Alagoas (e é São Tiago em Haiti e São Pedro em Cuba); *Xangô* é São Jerônimo no Rio, São Miguel em Pôrto Alegre, Santa Bárbara na Baía, Santo Antônio em Recife, São João em Alagoas (e é Sant'Ana em Haiti e Santa Bárbara em Cuba); *Oxóssi* é São Sebastião no Rio, São Miguel em Pôrto Alegre, São Jorge na Baía e no Recife (e Santo Alberto em Cuba); *Omulú* é São Lázaro no Rio, N. S. do Bonfim em Pôrto Alegre, São Bento na Baía, São Sebastião em Recife e Alagoas (e São João Batista em Cuba e Haiti); e assim por diante.

Cada um desses deuses (ou *orixás* ' maiores) tem o seu fetiche, suas insígnias ("pontos riscados", sinais cabalísticos), sua comida predileta (que eles chamam de *amalá*), suas vestes especiais, seus dias preferidos e seus gritos característicos. Eis aí uma lista, colhida em várias obras:

Oxalá (ou *Obatalá*, *Orixolá*, *Zambi*): Chefe Supremo da Côrte Celestial. Para evocá-lo usam dos seguintes *fetiches*: anel de ouro, chumbo; *insígnias*: bastão de pastor com pequenos sinos ou cruz com argolas nas pontas; como *amalá* (comida) oferecem-lhe: carne de cabra e pombos, ou também cangica (*munguzá*); vestes para o culto: de côr branca, com pulseiras (*guias*) de contas brancas; *dia* preferido para sua evocação: Sexta-Feira; *grito*: gemido trêmulo. E' dissimulado sob a figura de Jesus Cristo, Senhor do Bonfim.

Xangô (ou *Xangô-Agôdô* ou *Bêri*): deus do relâmpago, rei da cachoeira, chefe das quedas d'água e das pedras. *Fetiche*: meteorito; *insígnias*: lança e machadinha; *comida*: galo, tartaruga, bode, caruru, rabada de boi com agrião; *vestes*: vermelha, com pulseiras verdes ou encarnadas, feitas de ferro ou latão; *dia*: Quarta-Feira; *grito*: ei-i-i. *Santo* correspondente, sob o qual é dissimulado: São Jerônimo (ou Santa Bárbara) na Baía, São Miguel no Sul e Santo Antônio em Recife.

Ogum (ou *Ogun-Megê*, *Ogun Rompe-Mato*): deus da guerra, chefe das demandas espirituais. *Fetiche*: pá, foice, lança, bigorna, malho, enxada; *insígnias*: lança e espada; *comida*: carne de bode, cabeça de boi, galinhola (galinha de angola), galo vermelho; *vestes*: encarnada, com pulseiras verdes e brancas, de estanho ou bronze; *dia*: Têrça-Feira; *Santos*: São Jorge no Sul, Santo Antônio na Baía, São Paulo em Recife.

Oxóssi (ou *Oxóce*): deus da caça, rei e senhor da floresta. *Fetiche*: arco e flecha, frigideira de barro; *insígnias*: flecha; *comida*: carne de carneiro, galo, milho verde e amendoim; *veste*: verde; *dia*: Quinta-Feira;

*) "Orixá" é palavra nagô e significa imagem. Por extensão passou a significar divindade ou "santo".

grito: latido como de cachorro; *Santo*: São Sebastião no Sul, São Jorge na Baía.

Omulu (ou *Omulum*, *Xapanã*, *Ototó*): deus da peste, principalmente da varíola. *Fetiche*: caveira, piaçava com búzios, enxada; *insígnias*: lança; *comida*: bode, galo preto, acassá, farofa com azeite de dendê, pipoca, orobó; *veste*: amarela e preta, com pulseiras de contas pretas, de chumbo; *dia*: Segunda-Feira; *grito*: hã. *Santos*: São Lázaro no Sul, São Bento na Baía.

Iemanjá (ou *Iamanjá*): deusa do mar, sereia do mar, mãe d'água. *Fetiche*: conchas e estrêlas do mar; *insígnias*: leque, espada; *comida*: pombo, milho verde, galo, bode castrado; *veste*: branca, azul, côr de rosa, com pulseiras "pingo d'água", de prata ou alumínio; *dia*: Sábado; *grito*: hin-hi-ye-min. *Santo*: Nossa Senhora, sob diversos títulos.

Iansan: deusa do vento, da tempestade, deusa da vingança. *Fetiche*: meteorito; *insígnias*: espada e raio; *comida*: bode, galinha; *veste*: vermelha, verde, com pulseiras vermelhas, de cobre ou latão; *dia*: Quarta-Feira; *grito*: ei-i-i ("mais suave do que o de Xangô"). *Santa*: Santa Bárbara.

Oxun (ou *Osum*, *Axum*): deus dos raios e da água fresca. *Fetiche*: pedrinhas raladas; *insígnias*: leque, pequeno sino, espelho; *comida*: tainha, cabra, galinha, feijão fradinho; *veste*: azul e branca, com pulseiras da mesma côr, de prata; *dia*: Sábado; *grito*: hmm-hmm. *Santa*: Nossa Senhora da Conceição no Rio, dos Prazeres no Recife, de Lourdes na Baía (e em alguns centros da Baía também Sant'Ana).

Iheji (ou *Dô-ú*, *Dois-Dois*, *Beijinho*): deus protetor das crianças. *Fetiche*: três garotos; *comida*: bombons, balas e doces; *vestes*: rosa e branca, com pulseiras de várias côres; *dia*: Domingo. *Santo*: São Cosme e São Damião (em alguns terreiros da Baía também São Crispim e São Crispiniano).

Nem sempre, porém, os orixás são representados por estátuas ou imagens de Santos. Todo terreiro ostenta o seu "congá" com numerosas estátuas de Santos, "para o povo ver". Mas atrás dêste altar está, muitas vêzes escondido, em "capelinha" especial, outro "peji" (altar) com verdadeiros ídolos, denominados *otás* e que representam na verdade os orixás. Num terreiro de Nova Iguaçu tivemos ocasião de verificar isso mais de perto. Perguntamos ao babalaô se êle achava mesmo que, por exemplo, Ogum é São Jorge. Respondeu que não e, com um sorriso misterioso, puxou duma chave e abriu uma porta secreta ao lado do altar com os Santos. Mostrou-nos então o verdadeiro congá, enfeitado e iluminado, mas já sem estátuas de Santos. "Êste é o nosso congá!" Em vez das estátuas estavam aí os "otás", pedras especialmente escolhidas para êste fim e revestidas de panos de várias côres, conforme o orixá. Perguntamos ao babalaô: "Para que então aquêle outro altar com Santos?" Sua

resposta foi sincera: “E’ para o povo; todos são católicos e sem Santos êles não viriam...”

3) Razão Histórica da Confusão

Esta identificação de orixás com santos tem sua explicação histórica. Conhecidos investigadores como Nina Rodrigues, Manuel Querino, Artur Ramos, Waldemar Valente e outros, acentuam que os negros, trazidos à fôrça, eram também “cristianizados” à fôrça. Habitados ao politeísmo pagão, sem suficiente instrução religiosa cristã, era-lhes, todavia, vedado o culto aos orixás. E desta maneira, para disfarçar um culto que lhes era tradicional e caro mas proibido, aproveitaram-se das imagens dos Santos para nelas venerar os orixás. Assim, por exemplo, escreve Manuel Querino:⁵ “O africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças”. E Waldemar Valente⁶ resume suas investigações nestas palavras: “O trabalho do sincretismo afro-cristão, a princípio, como já tivemos ocasião de assinalar, não passou de mera acomodação. Tal fenômeno, como já ficou acentuado, foi devido à momentânea incapacidade mental do negro para assimilar os delicados conceitos do Cristianismo. A impossibilidade de uma rápida integração. Condição que não deve ser menosprezada na obra de assimilação, que constitui, ao nosso ver, o processo final do sincretismo, é o tempo. O que parece certo, como tivemos oportunidade de chamar a atenção, é que os negros recebiam a religião cristã como uma espécie de anteparo por trás do qual escondiam ou disfarçavam conscientemente os seus próprios conceitos religiosos. Adotaram as imagens católicas e as cultuaram. Mas, na verdade, sob as invocações dos santos do Catolicismo adoravam os representantes da divina côrte africana. Assim despistaram a vigilância religiosa dos seus senhores. E mais do que isso: iludiram a ingenuidade dos padres na obra apostólica da catequese. Os negros se mostravam aos senhores e aos missionários convertidos à religião cristã. Mas apenas aparentemente. Na realidade, conservavam vivo o seu apegado fe-

⁵ Manuel Querino, *A Raça Africana*, edição de 1955, Salvador, p. 46.

⁶ Waldemar Valente, *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*, coleção “Brasiliana”, vol. 280, São Paulo 1955, p. 144.

tichismo. Posteriormente, e até nossos dias, outro fato contribuiu para incentivar e dar à obra de acomodação novos aspectos: foi a pressão que a polícia passou a exercer sobre a religião dos *terreiros*. A perseguição policial foi por vêzes tremenda e devastadora. E a técnica mais eficiente utilizada pelos negros, pelos seus descendentes mais puros e pelos mulatos que adotavam as seitas africanas e que não tinham ainda chegado à fase de verdadeira assimilação da religião cristã, foi o disfarce. Disfarce que se desenvolveu mais no sentido da mescla, da acomodação”.

Não se deve, entretanto, pensar que a catequização dos nossos escravos, nos séculos passados, não tenha interessado vivamente as altas autoridades eclesiásticas. As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Baía*, propostas e aceitas no Sínodo de 1707 e posteriormente adotadas pelos Bispos do Brasil, manifestam logo nos primeiros capítulos grande cuidado pela formação religiosa e cristã dos escravos. Chegam mesmo a impor aos senhores a obrigação de ensinar ou fazer ensinar a Doutrina Cristã aos escravos. No Título III, n. 8, vem esta interessante determinação: “E porque os escravos do Brasil são os mais necessitados da Doutrina Cristã, sendo tantas as nações e diversidades de línguas, que passam do gentilismo a êste Estado, devemos de buscar-lhes todos os meios, para serem instruídos na Fé, ou por quem lhes fale nos seus idiomas, ou no nosso, quando êles já o possam entender. E não há outro meio mais proveitoso que o de uma instrução acomodada à sua rudeza de entender e barbaridade de falar. Portanto serão obrigados os Párcos a mandar fazer cópia (se não bastarem as que mandamos imprimir) da breve forma de Catecismo, que vai no título 33, para se repartirem por casas dos fregueses, em ordem a êles instruírem aos seus escravos nos mistérios da Fé e Doutrina Cristã, pela forma da dita instrução, e as suas perguntas e respostas serão as examinadas, para êles se confessarem e comungarem cristãmente, e mais fãcilmente do que estudando de memória o Credo; e outras, que aprendem, os que são de mais capacidade”. Depois, no Título XIV, nn. 50-57, se trata do Batismo dos escravos, insistindo com muita solicitude que antes sejam bem instruídos. A instrução, porém, nem sempre é fãcil. O n. 55 fala com realismo: “Porém, porque a experiência nos tem mostrado que entre os muitos escravos, que há neste Arcebispado, são muitos

dêles tão boçais e rudes que, pondo seus senhores a diligência possível em os ensinar, cada vez parece que sabem menos, compadecendo-nos de sua rusticidade e miséria, damos licença aos Vigários e Curas para que, constando-lhes a diligência dos senhores em os ensinar, e rudeza dos escravos em aprender, de maneira que se entenda que, ainda que os ensinem mais, mais não poderão aprender, lhes possam administrar os Sacramentos..." Insiste-se, todavia, no n. 57, que o Batismo deve ser recebido livremente: "É no que respeita aos escravos, que vierem de Guiné, Angola, Costa da Mina, ou outra qualquer parte, em idade de mais de sete anos, ainda que não passem de doze, declaramos que não podem ser batizados sem darem para isso seu consentimento, salvo quando fôrem tão boçais, que conste não terem entendimento, nem uso da razão, porque não constando isso, a idade de sete anos para cima tem por si a presunção de ter juízo quem chega a ela..." Muitas páginas adiante, nos nn. 579-583 segue o Catecismo especial: "Breve Instrução dos Mistérios da Fé acomodada ao modo de falar dos escravos do Brasil, para serem catequizados por ela".

Eis, pois, uma lei eclesiástica de 1707, que prova o interesse e a solicitude das autoridades responsáveis em catequizar os nossos escravos.

Mas aos motivos acima lembrados, que até certo ponto justificam o curioso sincretismo afro-católico, ajuntou-se ultimamente outro, êste injustificável e de todo condenável. O vergonhoso disfarce, a fachada católica, os altares do terreiro com quadros e estátuas de Santos são usados como meio de propaganda e de atração dos católicos pouco instruídos, como já vimos e tornaremos a demonstrar:

4) Fachada Católica para Propaganda

A êste respeito um umbandista mais sincero, Hêlio Filgueiras, que se ocultou sob o pseudônimo de "Yonóri", conhecendo de perto a Umbanda e certas intenções menos corretas de seus colegas propagandistas, as denunciou vigorosamente nos seguintes têrmos:

"Da desmedida ambição dêsses individuos nasceu uma idéia diabólica que veio modificar, da noite para o dia, o curso do Espiritismo no Brasil, fazendo com que o número de seus adeptos se tornasse com o tempo maior que o de fiéis do Catolicismo. Sim, o Católico jamais en-

traria num Terreiro de Umbanda para pedir o auxílio de Ogun, nem daria dinheiro para a ornamentação de um Terreiro de Oxósse, mesmo porque os padres não perdem vasa em apontá-los de chantagistas, combatendo-os. Porém qualquer católico tem fé em São Jorge, ou faz doativos em dinheiro ou outros valores, para a instituição de uma casa religiosa, cujo padroeiro seja São Sebastião, não deixando os padres de incentivá-los a isso. Pela mesma razão não podem condenar um católico que vá fazer um pedido a um Santo, ou rezar aos pés de uma das imagens que ornaram as igrejas, pois estaria, ipso facto, negando aquilo mesmo que eles pregam... O insidioso golpe dos sabidões foi além de sua própria expectativa. Indiscutivelmente venceram materialmente e, hoje, 60% dos católicos freqüentam Centros Espíritas, Terreiros de Umbanda, etc., pois nêles os Santos são os mesmos, e mesmas são as imagens. A exploração é, também, exatamente a mesma, o tema teatral sofreu, apenas, uma modificação de indumentária e rituais, ou seja de vestuário e de cenário, adaptado ao meio. Ganharam, então, os Orixás das Linhas de Umbanda mais um nome, ficando, na parte material, metade Africano e metade Católico, numa confusão que ninguém podia entender. Habilidosamente juntaram os sabidões, conforme suas atribuições segundo a concepção africana, o nome de um Santo de maior evidência no Catolicismo, ao do Orixá, que chefiava uma determinada Linha de Umbanda" (*Umbanda, Indústria Rendosa*, Rio 1954, pp. 90 s). Mais adiante o mesmo autor insiste: "Sendo o povo brasileiro fundamentalmente católico, ambiente que encontra desde o berço, sua fé nos Santos que decoram as Igrejas torna-se quase indestrutível e, por isso mesmo, o lado mais fraco pelo qual os exploradores iniciam o seu ataque, tendo quase assegurado o mais completo êxito. Este é um dos principais motivos pelo qual eles procuram imitar a ornamentação das igrejas Católicas, enchendo seus Pegis, Congás, etc., de santos e santas, cópias reduzidas dos que se encontram nas igrejas, pois sabem que assim atrairão os católicos e também todos os que possuírem alguma fé naquelas entidades. Ora, adotando as figuras decorativas do Catolicismo, os espectralhões nada mais fazem que manter a fé que os seus adeptos têm nos santos, dentro de um círculo material católico. Daí, os verdadeiros ensinamentos que nos foram trazidos pelos africanos terão de ser adaptados e obedecerem a certos princípios da Igreja Católica, pelo menos em parte, *porém só na aparência*, não só para não caírem em contradições, como é, ainda, o melhor escudo que usam para sua própria defesa, forçando a Igreja a constituir-se em advogado de seus próprios santos, defesa que ela faz gratuitamente... Sendo a adoção dos santos uma inovação assentada sobre uma base falsa, logicamente, mais falsos serão os ensinamentos daí decorrentes, uma vez que, tendo que justificá-los para os que não aceitam o Catolicismo, professando o Espiritismo, embora desconheçam as bases em que ambos repousam, os espectralhões formam dentro dos falsos princípios católicos, outros falsos princípios espíritas, causando uma tremenda confusão para os adeptos e para os estudiosos" (ib., pp. 119 s).

Um outro senhor, que se diz membro da União Espiritista de Umbanda, começa por confessar singelamente o seguinte: “Em verdade, temos nos nossos altares as venerandas imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, dos Santos Jerônimo, Jorge, Sebastião, Benedito, Antônio, Miguel, Cosme e Damião, das Santas Catarina e Bárbara, sendo mesmo as nossas Tendas registadas no Registo de Títulos e Documentos com os nomes dos Santos Católicos”.¹ Está, porém, alarmado com a seguinte idéia: que “a Igreja de Roma poderá lembrar-se de mover contra nós uma ação (tal como fêz com o bispo de Maura), com o objetivo de nos privar, pelo menos por algum tempo, da prática do nosso culto, obtendo da Justiça a proibição de exibirmos nos nossos altares os santos por ela consagrados, e dos quais pensa ser a senhora absoluta. Diante do fato consumado, grandes seriam os nossos prejuízos, não só de ordem espiritual, como material, pois, obrigados a acatar qualquer decisão judicial, pelo menos enquanto se discutisse, teríamos que nos privar, por algum tempo, da presença, nos nossos altares, das figuras que representam as máximas entidades que presidem os destinos da Umbanda”. Para evitar tão desastroso acontecimento e para prevenir tão inaudita perseguição, o mesmo autor propõe “uma modificação na apresentação dessas imagens”, conservando, todavia, a identificação com os Santos mencionados. E assim a confusão continuaria do mesmo modo. Não seria solução nenhuma. O que os umbandistas precisam fazer, se quiserem fugir à justiça, é proclamar com tóda a lealdade e sinceridade de propósitos: Nós umbandistas consideramos a Doutrina Cristã falsa e condenável e queremos, por isso, reintroduzir o antigo paganismo politeísta; quem quiser aderir ao nosso movimento, não pode continuar católico nem admitir as doutrinas ensinadas por Jesus, pois somos contra Cristo, sua Igreja e seus Santos.

Mas, bem o sabem êles, tão manifesta lealdade seria a ruína da Umbanda. Seria o lóbo sem a pele de ovelhas...

Veremos, em apêndice, dois documentos da Polícia de São Paulo sôbre o uso e o abuso das imagens de Santos Católicos nos terreiros de Umbanda. Provam êstes documentos que se trata duma autêntica “violação de direitos de terreiros”. Por isso,

¹) Cf. *Jornal de Umbanda*, Rio, junho de 1954, p. 1.

a polícia pode intervir licitamente para evitar e coibir tais abusos. Pode a ação policial proibir ou dissolver procissões umbandistas com imagens de Santos Católicos. E' legítima também a ação coercitiva da polícia em retirar os nomes de Santos Católicos dos portais das tendas e terreiros, bem como dos títulos das entidades umbandistas. Porque, se há de fato liberdade religiosa no Brasil, como há, então também a Igreja Católica deve ter esta liberdade e deve poder defender seus legítimos direitos. Pois, se as coisas continuarem assim como estão, não haverá liberdade religiosa, mas confusão religiosa.

A Demonolatria nos Terreiros de Umbanda

1) O Culto ao Exu ou ao Demônio

Mas não há apenas orixás nos terreiros de Umbanda. “Há ainda os Exus, que representam o maior mistério de Umbanda, que são os maravilhosos auxiliares que emprestam suas fôrças e o seu poder para a realização da grande obra de caridade da magia. Porque, antes de tudo, a Umbanda é magia”.¹

De fato, o culto aos Exus tem seus aspectos particulares e suscita problemas especiais. Da África, os iorubanos (nagôs) trouxeram os *Exus*, os gêges vieram com os *Lebas* (ou *Elegbara*), os bantos com o *Zumbi* e o *Cariapemba*. Todos êsses espíritos eram considerados maus e maléficos. No Brasil, os negros ainda encontraram o *Jurupari*, o *Anhangá* e o *Caipora* dos ameríndios, também espíritos trevosos e ruins. A tudo isso ajuntou-se a fé cristã no *Demônio* ou *Diabo*. Houve depois um processo de aproximação e identificação. A influência nagô conseguiu que prevalecesse o termo *exu* (mas não desapareceu de todo a palavra *Leba* ou o “senhor *Leba*”), que, de fato, se tornou sinônimo do Diabo da Revelação Cristã.²

Quanto à origem da palavra “Exu”, temos no livro *A Umbanda Através dos Séculos*, de Aluísio Fontenelle (Rio 1953, p. 163), uma informação bem curiosa e rara. Escreve êle textualmente: “A palavra “exu” nunca veio do latim e nem tão-pouco se originou de qualquer língua africana, banto, gêge, ameríndio, etc. Essa palavra foi pronunciada por Deus na língua Ijudice (língua dos espíritos), quando por ocasião da revolta havida nos páromos celestiais, entre os anjos que faziam parte da suprema Côte do Céu; Lúcifer, o anjo belo, pretendendo a supremacia dos direitos que lhe outorgara o Criador, como chefe dos seus subordinados, julgou-se no direito de ser maior que o próprio Deus.

¹) *Jornal de Umbanda*, junho de 1954.

²) Cf. Arthur Ramos, *O Folclore Negro do Brasil*, 2ª ed., p. 22, que acentua também essa identificação do exu com o diabo dos católicos. Parece que primitivamente, na África, o Exu não era tão ruim como o diabo. Era um dos orixás. Aqui é que ficou ruim mesmo.

Por castigo foi-lhe imposta a pena de “exud” (que quer dizer: povo traidor), e, enxotado, foi condenado a habitar as profundezas da terra, tornando-se êsse o seu reinado”.

Geralmente do lado esquerdo de quem entra no Terreiro se encontra a casinha do Exu (como uma casinha de cachorro) ou a “casinhola das obrigações”. Dentro está uma estátua do Exu, ou sentado em um trono, ou de pé, com chifres na cabeça, olhos grandes e esbugalhados, barba de bode, dedos longos com unhas aduncas, como se fôsem garras, empunhando um grande garfo tridente, pés de cabra ou de cavalo e sôbre os ombros uma capa vermelha e preta. Outras vêzes é representado por uma simples pedra, o “otá” do Exu. Diante dêle duas velas, vermelha uma e preta outra, dispostas em forma de X, tendo no vértice superior outra vela em pé e acesa; e no vértice inferior um coité (cuia) ou um copo com cachaça.

Tôda e qualquer reunião de Umbanda inicia invariavelmente com um ato de culto aos Exus. E não se diga que êste culto é exclusivo da Quimbanda, da Macumba, do Candomblé, do Batuque ou do “Baixo Espiritismo”.³ Convém que êsse ponto fique bem documentado e claro. “Na Umbanda os Exus são constantemente invocados e trabalho algum é começado sem que sejam salvadas (isto é: reverenciadas ou saudadas) essas entidades”.⁴ Também o *Catecismo de Umbanda* é incisivo neste ponto: “Nenhum trabalho de Umbanda pode fazer-se sem antes ser riscado o ponto de segurança, chamado porteira, puxando-se um ponto (cantado) adequado, dando-se algumas vêzes um presente a Exu, quando se trata de um trabalho importante”.⁵

Para explicar esta prática umbandista, um babalaô lembrou ao Sr. Alderico Toríbio⁶ a seguinte curiosa comparação: Se fizemos uma festa em nossa casa e convidarmos os nossos amigos do bairro, mas não convidarmos o desordeiro e beberrão que mora na nossa rua, que poderemos esperar? Naturalmente, que êle, no melhor da festa, aparecerá para perturbar e talvez mesmo acabar com a dança. Por isso, a nossa primeira preocupação será ir na sua casa, oferecer-lhe uma garrafa de bebida e alguns quitutes, palestrar um pouco e conquistar as suas simpatias. Depois disso, teremos a certeza de que nos deixará em paz. Assim é no terreiro o despacho ou padê de Exu. O deus-demônio é homenageado e logo a seguir se despedem dêle para que se vá e não volte

³) Aliás, “baixo espiritismo” não existe. Tudo é “espiritismo”. Ele se torna apenas “baixo” depois que foi descoberta a marmelada...

⁴) A. Fontenelle, *O Espiritismo e a Lei de Umbanda*, Rio, p. 12.

⁵) *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, p. 30.

⁶) Cf. a revista *Ciência Popular*, Rio, agosto-set. 1959, p. 36.

mais. Quando o despacho não é bem feito, isto é, quando não agrada e não faz Exu ir embora, acreditam os macumbeiros que alguma desgraça será provável no decorrer do toque ou ritual.

O Sr. Aluísio Fontenelle, em uma obra de 272 páginas, com o título de *Exu* (Rio 1952) diz de si mesmo: "Orientado em grande parte pelos meus Guias Espirituais, pelos próprios Exus e ainda: aliado ao profundo conhecimento sobre Magia, como sacerdote que sou dos diversos cultos de Umbanda; além de conhecedor real de tôdas as práticas que se exercem nos diversos terreiros onde se praticam os *Batuques*, *Candomblés*, *Cangerês*, etc., posso perfeitamente, como catedrático no assunto, mostrar-lhes o que é verdadeiramente um Exu" (p. 94).

Pois bem, êste autor, como, aliás, também outros doutrinadores de Umbanda, identifica sem mais os *exus* com o que nós católicos denominamos "demônios" (pp. 93, 103-116: onde descreve a história da revolta dos anjos, chefiados por Lúcifer: êstes anjos revoltados, diz êle, são os *exus*). "Podem os Exus dar-nos forças suficientes para com o mal prejudicarmos os nossos semelhantes... Êles atuam da maneira mais variada possível. Mostram-se mansos como cordeiros, porém o seu íntimo é uma gargalhada demoníaca de gôzo. Poderemos usá-los também como armas contra os malefícios que nos fizeram, pois, interesseiros como são, tanto se lhes dá, seja nossa ou de outrem, a alma ou o espírito que pretendem arrastar" (p. 97). "O Exu é em via de regra interesseiro, e, se lhe damos um presente (*despacho!*), fatalmente êle irá cumprir o que pedimos, pouco se importando que o resultado bom ou mau possa repercutir no Mundo Terreno, pois que só lhe apraz fazer o que está errado e é para isso que êles existem" (p. 101). "Sendo o Exu o dono principal das Ruas e Encruzilhadas, é a êle quem primeiro devemos salvar, pois é somente com a sua licença que podemos dirigir um trabalho de Magia, pelo fato de ser ainda êle o elemento mágico universal" (p. 100).

Pensam os Umbandistas que Deus é bom e não faz nem pode fazer mal. Êle é o Pai bondoso de todos e tem obrigação de cuidar de seus filhos. Não precisamos por isso de estar pedindo favores a Deus. Pedir a Deus seria até um sinal de desconfiança. Declara, por isso, a Confederação Espírita Umbandista, num livro aprovado oficialmente: "Para nós, Deus é tão

excelso que não lhe tributamos rito especial”.¹ Mas o *Exu* é ruim, sempre pronto a fazer das suas, a nos prejudicar e fazer o mal. Todavia, querendo, o *Exu* também nos pode favorecer e servir para o bem. E’ por isso que precisamos esforçar-nos por estar bem com êle. Daí a necessidade de cultuá-lo, de oferecer-lhe sacrifícios e presentes. Então êle se põe às nossas ordens e faz o bem (ou o mal) que lhe pedimos.

Os *Exus* são numerosíssimos. Têm os nomes mais extravagantes: Exu Tranca Ruas, Exu Quebra Galho, Exu das 7 Poeiras, Exu das 7 Portas, Exu Tranca Tudo, Exu Cheiroso, Exu da Capa Preta, Exu Tiriri, Exu Calunga, Exu Morcêgo, etc. Cada um dêles tem a seu serviço numerosos subalternos. Êles dividiram entre si o mundo, de que são os senhores imediatos, com liberdade sem restrições;² uns mandam nos rios, outros nas matas, outros nas estradas, nas montanhas, nos cemitérios, nas soleiras das casas, etc. Vários dêles (como Tranca Tudo e o Tranca Ruas) fazem qualquer “serviço”. Outros têm especialidades: alguns possuem qualidades especiais para transmitir doenças, outros para produzir desastres, outros para matar, outros para seduzir môças, separar casais, etc. “Enfim — escreve Oliveira Magno, *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, p. 32 — há Exu para tudo, para todos os fins e atos da vida, por exemplo: Se o leitor quer enganar uma pessoa, pode se pegar com Exu Enganador; se quer seduzir uma môça, pode chamar por Exu Sedutor; se uma mulher quer prender ou amarrar um homem, pode chamar pelo Exu Amarrador”. E há “comidas” prediletas, que lhes são oferecidas: uns gostam de porco, bode, galinha preta, outros de charutos, outros preferem cachaça (“marafó”), pipoca, pimenta, dinheiro, velas, etc. Geralmente querem várias iguarias ao mesmo tempo. E tudo isso deve ser preparado dentro dum bem determinado e complicado ritual mágico, acompanhado de “pontos riscados” (sinais cabalísticos), traçados com *pemba* e “pontos cantados” (espécie de hinos). Êsses sacrifícios devem ser depois colocados em determinados lugares, de acôrdo com a finalidade e a qualidade do *Exu*: uns são le-

¹) Cf. *Fundamentos da Umbanda*, Rio 1956, p. 7.

²) O Exu é “o agente mágico universal por cujo intermédio o mundo dos vivos se comunica com o mundo espiritual, em seus diversos planos (*Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, p. 117); “este planêta no qual habitamos, pertence aos Exus” (Oliveira Magno, *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, p. 25).

vados à margem dum rio, outros ao cemitério, outros à entrada da casa onde mora a pessoa em favor ou contra a qual se faz o despacho, a maioria vai parar nas encruzilhadas, nos descampados, no alto de morros, em pedreiras...

Tipo de um despacho a Exu Tranca Ruas: “Numa encruzilhada de quatro caminhos ou nas ruas, coloca-se uma toalha quadrada tendo um metro de cada lado, sendo essa toalha de côr vermelha, de preferência cetim. Deverá ter a toalha, em tôda a sua extensão, franjas de sêda preta com cinco centímetros de largura. No centro da toalha deve ir bordado o *ponto* de Tranca Ruas, ponto êsse riscado na irradiação do trabalho para a respectiva finalidade, possuindo ainda êsse ponto 49 centímetros de circunferência. Estende-se a toalha de preferência no centro da encruzilhada, e sôbre ela, em cada um dos cantos, duas velas cruzadas e amarradas com fitas de sêda preta e vermelha. No centro da toalha coloca-se um alguidar de barro exclusivamente adquirido para êsse fim, contendo: um galo prêto recheado com farofa amarela e pimenta da Costa. Ao lado direito, em pé e aberta, uma garrafa de marafo (cachaça). Ao lado esquerdo, 7 charutos cruzados e amarrados com fitinhas de sêda preta e vermelha, e 7 caixas de fósforos, estando as caixas semi-abertas, mostrando as cabecinhas de sete palitos. Finalmente, em volta da toalha, em círculo (fora da toalha), catorze velas de sebo, tôdas acessas” (A. Fontenelle, *Exu*, Rio 1952, p. 144).

2) A Lista Macabra dos Exus

Damos a seguir a relação de alguns *Exus*, sempre guiado pelo “catedrático no assunto”, o Sr. Fontenelle.*

Exu Rei ou *Maioral*: Identificado com Lúcifer (pp. 103 e 118). O *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, p. 22, pergunta: “Quem é Exu Rei?” Resposta: “E’ o maioral dos Exus, considerado como Lúcifer ou Satanás do Cristianismo”. Prossegue Fontenelle: “Apresenta-se como figura de altos conhecimentos, tratando-nos com grande elevação de sociabilidade, prometendo-nos êste mundo e outro, exigindo tão sômente que por nós seja tratado por: Majestade. Raramente vem a um terreiro, preferindo apenas aproximar-se dos lugares onde se professam altos estudos de Magia Astral, para com os poderes de que é imbuído, e usando de uma estratégia tôda especial, procurar abalar ou captar os que se julgam portadores da Fé e que, não raramente, leva a melhor, pois pode produzir maravilhas de modo imediato” (p. 103). “E’ mais conhecido como possuidor de bellissima capa preta, forrada de vermelho tendo ao alto da cabeça dois cornos; tem as feições finas e o seu gesto é de um perfeito cavaleiro” (p. 119). “Deve ser tratado como rei” (ib.). Protege todos quantos buscam nos malefícios prejudicar os incautos que inconscientemente se atiram de mil formas nas práticas da Magia Negra” (p. 119).

* A indicação das páginas vai referir-se à obra de Aluísio Fontenelle, *Exu*, Rio 1952.

Exu Rei das 7 Encruzilhadas: Um dos mais invocados nos trabalhos da Magia. "E' êle o Senhor absoluto de tôdas as estradas e caminhos que se cruzam" (p. 130). "Chefe supremo de todos os caminhos" (ib.). Seus despachos são por isso colocados nas encruzilhadas. "Todo aquêle que inconscientemente ou não procurar desmanchar ou retirar os objetos depositados, como despachos nessas encruzilhadas, está incorrendo em uma falta gravíssima, pois ficará sujeito a uma perseguição tremenda da poderosa falange dessa grande entidade do mal" (pp. 139 s).

Exu Tranca Ruas (também Exu Eliô): Manda também nas ruas. Possui grande falange de auxiliares. "E' o mais invocado pelos praticantes de Baixo Espiritismo e a êle são entregues a maioria dos despachos feitos nas encruzilhadas" (p. 144).

Exu Veludo: tem o "poder de proteger ou castigar os inimigos daqueles que recorrem aos seus incalculáveis benefícios" (p. 149).

Exu Tiriri: companheiro de Tranca Ruas. "E' grandemente evocado na prática de trabalhos a serem despachados nas encruzilhadas, nos campos, nos rios, bem como nos cemitérios".

Exu Quebra Galho: manda principalmente nas matas. "Exerce ainda forte domínio sôbre as mulheres e mças, incitando-as à perversão e ao abandono do lar (quando casadas). E' grandemente evocado na prática da Magia Negra, para a separação e união ilícita de casais, e todos os trabalhos nos quais se amarram bonecos de madeira, etc., são entregues a essa poderosa entidade" (p. 158).

Exu Pomba Gira: "Representa a maldade em figura de mulher". "Encarrega-se da vingança, pactuando com as mulheres feiticeiras contra as suas inimigas. Todos os trabalhos inerentes a casos de amor, nos quais a mulher se sente prejudicada, ou então pretende realizar qualquer união, são entregues a Pomba Gira, e os seus resultados são de fato surpreendentes" (p. 159).

Exu das 7 Cruzes: encarregado de zelar a entrada dos cemitérios. "A essa entidade é entregue todo o trabalho que se pretende fazer para que uma pessoa morra por acidente, assassinada, ou outra qualquer espécie de morte, desde que não seja natural" (p. 162).

Exu Tronqueira: é o encarregado das tronqueiras ou entradas de portas. "A essa entidade é que devemos salvar (saudar, oferecendo despachos) quando se iniciam quaisquer trabalhos ou sessões de Umbanda, para que êsses trabalhos logrem o seu devido êxito" (pp. 163 s). "Ao penetrarmos em um terreiro de alta magia, bem como em qualquer terreiro de Umbanda, depararemos na maioria das vizes, colocado à esquerda ou à direita de quem entra, com algo de estranho, que logo nos desperta a atenção. Trata-se do ponto de saudação ao Povo de Exu, o qual, colocado muitas vizes dentro de uma pequena casinhola, traz as seguintes características: Duas velas cruzadas com as duas pontas queimadas e apagadas, dispostas em X, tendo no vértice inferior uma *Cuitê* (cuia) contendo marafo (cachaça) e ainda, no fundo, riscado no solo com pomba branca ou preta e que em geral está representado por um ponto, sendo êsse ponto apresentado na forma de dois garfos tridentes, cruzados, e uma ou mais cruces riscadas, que

representam cabalisticamente a Linha das Almas. A isto é o que se denomina de *Exó* de *Exu*, ou ainda: a *salva* dessa entidade” (p. 99; cf. também *Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, pp. 117 s).

Exu das 7 Portas (também chamado *Exu das 7 chaves*): “Facilita a todo aquêlo que o invoca, quando deseja abrir cofres, ou recipientes onde se encontre qualquer objeto de valor que esteja bem guardado” (pp. 175 s). “Faz desaparecer objetos ou ajuda a descobrir objetos escondidos” (p. 117). Seus despachos devem ser colocados em lugares onde haja formigueiros, pois êle “gosta de formigas” (ib.).

Exu das 7 Poeiras: “Seu trabalho é nas estradas e, tal como seu nome indica, vive a perseguir aquêles que trafegam justamente pelos caminhos ou picadas onde o bafejo do progresso ainda não conseguiu fazer ruas verdadeiramente calçadas” (p. 165).

Exu Morcêgo: “Trabalha principalmente depois da meia-noite”. “Tem o poder de transmitir tôda e qualquer espécie de moléstia”. E’ a êle que se fazem as rezas no gado atacado de bicheiras, vermes, etc. (p. 173).

Exu Tranca Tudo: Seu despacho deve conter: “Galo preto, farinha misturada ao azeite de dendê, ovos cozidos e marafo”. Seja colocado de preferência nas encruzilhadas; mas qualquer outro lugar também serve. Êle ajuda em tudo: Tranca Tudo!

Exu da Pedra Negra: E’ muito poderoso. “Tem o poder sôbre bens e riquezas, bem como com facilidade protege as pessoas que se encontram em situações financeiras abaladas. Êle pode fazer com que se descubram tesouros escondidos e geralmente é evocado para a obtenção e realização de grandes negócios comerciais” (p. 181). Seu despacho é colocado preferencialmente nas pedreiras onde exista abundância de água corrente; deve conter: vinho tinto, misturado com mel de abelha; gosta também de frutas, principalmente de jamelão.

Exu de Capa Preta: “A finalidade dos seus trabalhos é postar-se em todos os caminhos como observador ou fiscal dos demais exus” (p. 182). “Pela sua aparência senhorial e imponente, costuma dedicar-se exclusivamente a informar tudo quanto é segrêdo e tem por especial predileção provocar desinteligências e arruaças entre os homens. E’ muito evocado com o fito de provocar a derrubada de Chefes de terreiros” (p. 183).

Exu Caveira: à serviço de Omulum, rei dos cemitérios. Gosta de bife cru ou de carne de porco, com farofa e azeite de dendê; é amigo também de marafo, vinagre e azeite doce. “Nunca se deve deixar de acender pelo menos 7 velas, quando o presente para *Exu Caveira* tem que ser entregue no cemitério” (p. 200). Os despachos devem ser feitos depois de meia-noite.

Exu da Meia-Noite: “Ensina a falar de um modo imediato qualquer língua e tem o poder de decifrar qualquer enigma” (p. 203). Foi êle quem deu a São Cipriano as famosas receitas de magia. “Em todos os centros ou terreiros onde se realizam sessões espíritas, costuma-se esperar pelo menos cinco minutos para que todos abandonem seus lugares e saiam à rua, caso os trabalhos se prolonguem até à meia-noite, isso devido a aguardar a passagem de ronda dessa po-

derosa entidade do mal, que pode trazer perturbações a quem desconhece suas atividades maléficas” (p. 204).

Exu Pagão: “Seu trabalho se prende ao que comumente acontece entre casais que se separam, motivados pelo ciúme, pelo desejo de conseguir amôres ilícitos, etc. A essa entidade do mal costuma-se entregar todos os despachos que visam justamente os trabalhos que se destinam a concessões duvidosas, quando determinadas pessoas desejam juntar-se a outras por meios ilegais. Prima excepcionalmente pela prática do mal, pois sua finalidade é inculcar o ódio, a incompreensão e tudo o que resulta na separação de casais que vivem em harmonia” (p. 215).

Exu Ganga: “Seus trabalhos são feitos exclusivamente nos cemitérios”. A êle “é entregue todo e qualquer trabalho no qual se deseja a morte de pessoas, ou também a cura de enfermos completamente desenganados; pois êle tanto cura como mata qualquer indivíduo” (p. 225).

Exu Quirimbo: “Suas atividades malélicas são de molde a prejudicar simplesmente as mocinhas, induzindo-as a praticarem atos indecorosos, induzindo-as ao caminho da prostituição” (p. 229). Despacho: marafo e sangue de galinha.

Exu Brasa: “E’ o provocador dos incêndios e domina o reino do fogo, tendo a facilidade de conceder aos praticantes da Magia Negra o dom de caminhar entre chamas sem queimar-se” (pp. 123 s).

3) Como Fazem os “Despachos”

“E’ muito comum hoje em dia, mesmo entre os elementos da alta sociedade, verem-se casos de larga procura aos Quimbandeiros, para que êstes realizem trabalhos de macumbas, feitiçarias, despachos, etc., com a finalidade de conseguirem desmanches de casamentos, aproximações de amantes, enfim, uma série de trabalhos próprios dos Exus, num crescer constante de maldade, perversidade e falta de bom-senso”.¹⁰ Em vista da enorme difusão, mormente nas grandes cidades, dêste recurso aos *Exus*, para melhor alertar aos católicos e para dar-lhes oportunidade de conhecerem mais de perto esta perigosa e condenável prática da magia, transcrevemos do livro de Oliveira Magno, *Prática de Umbanda*, Rio 1952, mais algumas amostras e receitas.

1) *Para soltar e desamarrar negócios*: — “Em uma sexta-feira à meia-noite ir a uma encruzilhada, levando um galo prêto vivo e amarrado com uma fita preta e outra vermelha; uma garrafa de cachaça, um charuto e uma caixa de fósforos. Chegando na encruzilhada, pedir licença; em seguida abrir a garrafa e salvar os quatro cantos da encruzilhada, um pouco de cachaça em cada um; porém que fique ainda

¹⁰) A. Fontenelle, *Exu*, Rio 1952, p. 98.

bastante cachaça na garrafa, a qual deve ser posta no centro da mesma encruzilhada com a caixa de fósforos aberta e o charuto ao seu lado; depois disto feito cantar o ponto seguinte:

Exu Tiriri,
Trabalhador da encruzilhada,
Toma conta e presta contas
Ao romper da madrugada. (Bis)

Terminado o ponto cantado, dizer: “Exu Tiriri! Eu vos ofereço para que os meus caminhos sejam abertos e desembaraçados e os meus desejos sejam realizados, e, assim como vou soltar e desamarrar este galo em vossa honra, assim sejam soltos e desamarrados os meus negócios e a minha vida”. E dito isto, desamarrar e soltar o galo na encruzilhada, cantando a seguir o ponto:

Firma o ponto,
Acerta o passo,
Para Exu da encruzilhada
Não há embaraço. (Bis)

Depois disto, pedir licença para retirar e terminar dizendo: “Estou confiante”.

2) *Trabalhos para diversos fins*: — “Em uma sexta-feira da lua crescente e próximo à meia-noite, ir a uma encruzilhada fêmea (dois caminhos que fecham em forma de T) e levar: Uma farofa amarela dentro de um alguidarzinho de barro, uma garrafa de cachaça, um charuto e uma caixa de fósforos; pedir licença e cantar o ponto seguinte:

Que bela noite,
Que lindo luar,
Exu Pomba-Gira
Vem trabalhar. (Bis)

Em seguida, pôr no centro da encruzilhada a farofa, a garrafa aberta, o charuto e a caixa de fósforos, também aberta, e dizer: “Eu vos ofereço para que meus caminhos sejam abertos e desembaraçados e os meus desejos sejam realizados”. E logo a seguir cantar este ponto:

Salve tá lá Pomba-Gira
Salve Exu mulher
Ela é na encruzilhada
A que faz tudo o que quer. (Bis)

E terminar dizendo: “Assim como na encruzilhada tu fazes o que queres, assim também seja feito o que eu quero. Estou confiante. — *Nota*: Se fôr mulher que deseja ser beneficiada, deve ir em companhia de um homem, pois os trabalhos de Exu Pomba-Gira obedecem à lei do sexo”.

3) *Para resolver todos os casos*: — “Em uma noite de segunda-feira procurar sete encruzilhadas levando sete velas, sete charutos, sete caixas de fósforos, e acendendo uma das velas em cada encruzilhada e pondo a seu lado um dos charutos e uma das caixas de fósforos

aberta e, na última encruzilhada, pôr também uma garrafa de cachaça aberta, e dizer: “Eu vos ofereço, ó Grande Rei das encruzilhadas, para que os meus caminhos sejam iluminados, abertos e desembaraçados, para que tenha prosperidade e os meus desejos sejam realizados. Estou confiante”.

4) *Para se livrar do desânimo*: — “Quem estiver desanimado, triste, sem fé e esperança, é fazer o seguinte: Em uma quinta-feira, ir a uma mata levando uma vela, um vidro de mel e uma garrafa de cachaça; quando entrar na mata, pedir licença, em seguida salvar o Rei da mata e todo o seu povo, despejando a cachaça em tôdas as direções; depois acender a vela e espalhar o mel pedindo para que a vida lhe seja mais doce, mais favorável; depois disto, cantar o ponto seguinte:

Vem, ó caboclo,
Vem, pena branca,
Vem trabalhar,
Vem dar a esperança. (Bis)
És o caboclo
Da fé e esperança,
Da luz vibrante,
Da fôrça branca. (Bis)

E terminar dizendo: “O’ sublime caboclo, com a graça de Deus, dai-me ânimo, fé, esperança e alegria de viver. E que Deus pai permita que assim seja”.

5) *Para resolver um caso difícil*: — “Primeiramente chamamos a atenção que qualquer trabalho ou oferta que se vai fazer no mato, mar, encruzilhada, pedreiras, cachoeiras, rios, cemitérios, etc., a primeira coisa a fazer é salvar e pedir licença; principalmente nos cemitérios não se deve fazer nenhum trabalho sem primeiramente pedir licença ao dono do cemitério (Omulu) e acender três ou sete velas no cruzeiro em benefício das almas cujos corpos foram aí enterrados e rezar Pai-Nosso e Ave-Maria. Depois disto feito, então é que se pode fazer qualquer trabalho. Enfim, para que uma pessoa resolva qualquer caso difícil, há o seguinte: Sete velas, sete caixas de fósforos, sete charutos, uma garrafa de cachaça e em uma sexta-feira das 23 e meia às 24 horas percorrer sete encruzilhadas pondo em cada uma 1 vela acesa, 1 charuto e 1 caixa de fósforos aberta; e na última encruzilhada entregar também aberta a garrafa de cachaça dizendo o que quer conseguir. No sábado seguinte levar 7 velas em um cemitério e acender no cruzeiro rezando 7 Pai-Nossos e 7 Ave-Marias em benefício das almas cujos corpos foram aí enterrados para que se consiga o que se pretende. No domingo seguinte levar sete velas em sete igrejas (católicas!) e acender uma em cada igreja rezando um Pai-Nosso e uma Ave-Maria para que termine se realizando o que deseja. Por exemplo: Quer ser vitorioso em uma demanda ou luta, que a última igreja seja a de São Jorge. Quer ser feliz no casamento, que a última igreja seja a de São José. Quem fizer êste trabalho à risca, isto é, completo sem nada faltar, pode ter a certeza de realizar o que pretende, pois não só é a ação das forças como também dá uma prova de fé, cora-

gem e força de vontade” (êste último exemplo foi tirado do livro do mesmo autor: *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, pp. 66 s).

Aí temos receitas para fins mais ou menos bons (seria a “magia branca”). Mas há outras, para finalidades perversas (a “magia negra”), para fazer o mal, para transformar o bem em mal, para desligar amizades, para prejudicar a saúde das pessoas, para arruinar os negócios, para destruir a felicidade do lar, para “atrasar” uma pessoa, para separar casais, para obter o amor das mulheres, para dominar uma mulher, para matar, etc., etc. Já vimos, no macabro elenco dos exus, as várias “especialidades”. E tudo isso, sempre num ritual de “sacrifícios” e “oferendas”, com orações especiais, dirigidas ao diabo...

Hélio Filgueiras, o umbandista velado sob o pseudônimo de “Yonóri”, tem esta página em *Exu, a Nova Máquina de Fazer Dinheiro* (Rio 1953, p. 33):

“Exu, palavra sombria e enigmática, terror dos espíritos, arma tão poderosa quanto uma bomba atômica, a mais perfeita e rápida máquina de fabricar dinheiro. Dizemos a mais perfeita, porque é usada aos olhos da própria lei que, até hoje, não conseguiu provar a sua falsidade, e a mais rápida porque, bem explorada, produz centenas de cruzeiros, sem empate de capital e sem burocracia.

“Exu, nome que vale no mínimo Cr\$ 300,00 por cabeça de consulente, chegando freqüentemente a Cr\$ 5.000,00 e, às vezes, até a Cr\$ 10.000,00.

“Exu, poderosa arma dos escroques, fonte de renda dos exploradores da boa fé e da ignorância do povo, agindo sem temor da lei, que na sua apatia, lhe confere tôda a segurança.

“Exu, o novo ramo comercial que centenas de comerciantes exploram dentro da lei, gozando de privilégios que outros não possuem, tais como não pagar impostos, não adquirir mercadorias, etc., tendo ainda êstes mais vantagens de não procurarem os fregueses, recusando-os até, quando não dispõem de fartos recursos.

“Exu, uma nova estrada aberta para a perdição, para todos os vícios, para a vagabundagem e para a exploração; vício nocivo à sociedade e fábrica de elementos cheios de neuroses, para não taxá-los de tarados e débeis mentais.

“Exu, alavanca dos espertos que não trepidam em atirar ao lodo a felicidade de casais e destruir a esperança dos jovens...”

A Crítica do Feitiço dos Babalaôs

1) O Problema dos Feitiços e Despachos

Podem todos os babalaôs, pais-de-santo, mães-de-santo, filhos-de-santo, filhas-de-santo, cavalos-de-santo, todos os umbandistas, quimbandeiros, macumbeiros, batuqueiros, pajés, catimbôzeiros, bruxos e feiticeiros, do Brasil, da África e do mundo, reunir-se no mais macabro dos congressos, chamar e evocar todos os exus, demônios, espíritos maus e fôrças astrais; podem todos êles oferecer os mais valiosos presentes e sacrifícios a qualquer exu ou demônio, riscar e queimar os mais perigosos “pontos” e lançar todo êste conjunto fantástico de fôrças adversas contra mim; — e aqui ficarei tranqüilo nas mãos da Divina Providência...

Foi mais ou menos assim que falei numa conferência de esclarecimento aos católicos sôbre a Umbanda, na noite de 12-9-1960, no salão do Colégio Nazaré, em Belém do Pará. Queria provar e mostrar que o feitiço não pega e que os católicos não devem ter mêdo destas coisas. Pois os babalaôs e chefes de terreiro não raro imperam e se impõem com ameaças de feitiços, sortilégios, coisas-feitas, despachos e trabalhos-fortes. E muita gente, que aliás gostaria de desligar-se da Umbanda, teme e treme diante dos misteriosos “poderes da magia”. Outros, que nunca estiveram em terreiros ou tendas, e nem querem saber de “espiritismo”, têm, não obstante, suas dúvidas e acham que a mandinga pode mesmo pegar. Os investigadores do IPEME constataram em 1958 que 66,2% dos favelados do Rio acreditam em “despachos” e 7,2% alegam conhecer casos concretos de gente “enfeitada”. E mesmo entre os católicos praticantes encontraram 52,6% de crentes nos poderes mágicos do babalaô e feiticeiro. Já em 1904 escrevia João do Rio (Paulo Barreto) em *As Religiões no Rio*: “Nós dependemos do Fei-

tiço. Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Há no Rio magos estranhos que conhecem a alquimia e os filtros encantados, como nas mágicas de teatro, há espíritos que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigíveis voltarem ao tálamo conjugal, há bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dois corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para esse povo o indiscutível valor do Feitiço, do misterioso preparado dos negros". Depois fala dos que se rojam de medo diante do Feitiço africano, "indo buscar trêmulos a sorte nos antros, onde gorilas manhosos e uma súcia de pretas cínicas ou histéricas desencavam o futuro entre cágados estrangulados e penas de papagaio".¹

No dia seguinte ao desafio, o "Pai" do Terreiro do Rei Xapanã de Belém foi à redação dos jornais declarar que aceitava a demanda e que ia fazer o "serviço" e "colocar um sapo na barriga do Frei". E dias depois os jornais de Belém publicavam uma carta dos pajés e macumbeiros:

"Frade Boaventura: Em face do seu desafio lançado através do jornal *A Província do Pará*, do dia 13 do corrente, contra os macumbeiros ou pajés, não somente os do Pará, mas os de todo o mundo, vimos por intermédio desta, e de público, dizer-lhe que, pelo Alto Conselho dos Exus, foi aceito o seu desafio, para que você possa conhecer a verdade sobre as forças espirituais, visto que você não conhece e que por isso veio a esta terra provocar as criaturas, cujas forças refletem no corpo, como agora em você, frade Boaventura, que delas está possuído... Fique sabendo, frade, que está perfeitamente aceito o seu desafio pelos Exus denominados Caveira, Imundo, Faminto, Preguiçoso, Cego, Mentiroso, Beberrão, Suga-Sangue, Enfezado, Zombeteiro, Desanimado, Pereba, Canceroso, Leproso, Fraco, Leso, Desesperado e outros tantos que se apresentam espontaneamente para uma demanda que você, frade Boaventura, aceitou de livre e espontânea vontade e que nós, os macumbeiros ou pajés, como você nos classifica, aceitamos o desafio, para ficar bem patenteado aos olhos do mundo que não se deve mexer com os espíritos atrasados, e sim procurar educá-los, coisa que você não faz, frade Boaventura. Fique sabendo, frade Boaventura, que a força espiritual existe e que ela pode ser empregada para o bem como para o mal. Como você pelo seu desafio preferiu que ela fôsse empregada contra você de livre e espontânea vontade para o mal!... Aguarde. Se você não tinha encontrado, por onde tem andado a fazer o mal a quem nunca lhe conheceu, a não ser agora, por este desafio, vai conhecer o peso da macumba, feita ou realizada em plagas onde vivem espíritos altamente atrasados... Caso você dentro de breve tempo

¹) João do Rio, *As Religiões no Rio*, ed. de 1951, p. 34.

não sofra os resultados do desafio que nos lançou, estaremos, todos os macumbeiros do mundo, desmoralizados e você com a razão...”

Mas um dos feiticeiros de Belém não gostou. E enviou aos jornais o seguinte recado:

“Com relação ao memorandum que os pajés enviaram ao Frei Boaventura, eu, apesar de ser o Pai de Santo mais velho da Capital (há quarenta e seis anos que bato Tambor) não fui ouvido nem cheirado, pois respeito os padres como Ministros de Deus, porém lamento que no meio da classe aparecesse um para implantar a desarmonia entre tôdas as seitas. Na minha seita existe catolicismo. Para provar festejo o Glorioso São Sebastião com missas, novenas e procissão. Fui preparado na Bahia, na Mata Escura, Caminho do Rio Vermelho, Casa de Xangô, porém desconheço essa falange de Exus Pereba, Preguiça, Beberão, Leso. Conheço as classes de Exu Mari, Exu Barabou e Exu Malê. O mais é ignorância...”

O sapo ainda não me apareceu na barriga. Nem sei quanto tempo terei que esperar, para poder proclamar desmoralizados todos os macumbeiros do mundo. Pois até o momento, tôda aquela medonha caterva de exus, cujo Alto Conselho resolvera aceitar o desafio, nada fez em meu prejuízo e dano...

Tudo isso parece ser pura brincadeira de criança. E' inacreditável que tais coisas ainda possam ser tomadas a sério, por gente grande, em pleno século vinte. E, todavia, como é enorme, neste Brasil e neste mundo, o número dos que têm fé em feitiçarias. Poderia transcrever cartas recebidas, de excelentes cristãos, que se julgam vítimas de algum trabalho-forte ou coisa-feita. Inclusive de pessoas que aparentam cultura e boa formação religiosa. Por exemplo:

“Há cêrca de um ano venho ouvindo um vozerio estranho, isto desde que uma pessoa da família de meu marido prometeu nos separar por meio da Macumba. O interessante é que as vozes não gostam que eu reze o rosário e nem o Exorcismo de Leão XIII. As vozes querem destruir-me a despeito de minhas orações. Fui a um padre e êle me disse que eu estava doente, o médico disse que não. Muitas vêzes as vozes gritam “saravá”, que eu não sei o que é. Meu espôso pula dormindo e geme a noite tôda e já chegou até a dizer que me quer deixar. Se ainda não o fez, é porque o Sagrado Coração de Jesus está entronizado aqui em minha casa, pois sou zeladora e o recebo todos os dias e rezo o rosário...”

Eis aqui outro exemplo:

“Sou uma môça católica de comunhão freqüente. Há sete anos conheci um rapaz e depois de quase um ano de namôro ficamos noivos. Ele mostrou sempre ser um bom rapaz. Quando faltava apenas um mês

para o nosso casamento, êle desmanchou o noivado e até hoje não sei por que motivo, pois nunca houve entre nós dois qualquer contrariedade. Fiquei desesperada e, se não fôsse a nossa santa religião, não sei o que seria de mim. Desde êsse tempo até hoje ainda não me casei. Todos os que me aparecem de repente se afastam, sem ao menos dar satisfação. Peço-lhe por amor de Nosso Senhor que me oriente, o que devo fazer e se é verdade que há essas maldades que fazem para prejudicar as criaturas. Estes dias fiquei impressionada, porque uma senhora, nossa amiga, mandou uma espírita ler a minha vida, isso sem o meu consentimento, pois se soubesse antes, não teria consentido. E a espírita disse que todos os rapazes que me aparecem vêm com boas intenções, mas que há um *trabalho* que uma mulher fez contra mim para que eu nunca me case. E que ela pode desmanchar isso sem ser preciso eu fazer nada... Não posso negar que, quando era nova, por influência de outras colegas, fui um dia numa espírita e ela me disse quase a mesma coisa. Queria que o senhor me explicasse se existe mesmo essa maldade e me aconselhasse o que devo fazer..."

São dois casos apenas, ambos de pessoas bem formadas e devotas. Dêsses haverá milhares por êsse Brasil infestado de antros de feitiçaria. Na campanha de esclarecimento dos católicos sôbre o Espiritismo passei por todos os Estados do Brasil. Estive em numerosas cidades e falei a muita gente. E em tôda a parte encontrei o problema do feitiço, gente que se julga vítima dum malefício, tendo perdido a paz e a tranqüilidade. Não fizesse o Espiritismo outro mal e já seria suficiente para rejeitá-lo. Tentaremos, pois, estudar o problema do feitiço e a possibilidade de sua eficácia.²

2) A Natureza do Feitiço

No feitiço devemos distinguir cinco tipos de malefícios:

1) *O feitiço direto*, que age mediante envenenamentos, drogas nas beberagens e garrafadas, etc. E' o feitiço mais eficiente. Arthur Ramos³ lembra que os escravos, para se vingarem dos senhores, ministravam-lhes venenos de ação insidiosa e lenta e cita uma interessante verificação do Dr. Baptista de Lacerda: "Dizia-se que as substâncias vegetais de que êles [os escravos] se serviam eram geralmente raízes pulverizadas que juntavam

²) Já tratamos da questão duas vêzes: uma no décimo capítulo de *O Espiritismo no Brasil* (pp. 272-292), e outra vez em *Nossas Superstições* (cap. 5), caderno N.º 34 da coleção *Vozes em Defesa da Fé* (pp. 21-25).

³) Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*, 1.º vol.: Etnografia Religiosa, 3ª ed., pp. 166 ss.

aos alimentos ingeridos sob a forma líquida. Feiticeiros, isto é, os que possuíam o segrêdo da planta, forneciam o veneno já preparado, que o pajem ou a mucama propinava nos momentos oportunos aos senhores. As vítimas dessas propinações começavam por apresentar uma irritabilidade de caráter insólito, revelando-se por atos impetuosos e brutais praticados nas relações domésticas. A esta fase de superexcitação do comêço sucedia em pouco a fase de abatimento e de indiferença pelas coisas mais importantes da vida, que conduzia à demência... Outras vêzes o efeito produzido era o de uma gastrite rebelde, que trazia o definhamento progressivo da vítima, levando-a até às portas da morte". As ervas mais usadas eram o *pipi* ou *tipi* ou "erva da Guiné", a "raiz de gambá" ou "amansa senhor";⁴ a "erva do diabo" a "erva moira" ou "erva de bicho", a esponjeira e a taioba. Informa também A. Ramos: "Os negros usavam ainda o vidro pulverizado e o suor de cavalo, a que atribuíam ação venenosa". Daí vinha também o "quebranto" dos filhos de branco, atribuído a práticas de feitiçarias. Também a *maconha* (ou o "fumo de Angola") entrava na mandinga. "Entre nós — escreve o prof. Rodrigues Dória" — a planta é usada, como fumo, ou em infusão, e entra na composição de certas beberagens, empregadas pelos feiticeiros, em geral pretos africanos ou velhos caboclos". A *jurema* é outra planta venenosa e é lembrada com freqüência nos "pontos cantados" dos terreiros de Umbanda.

Não será fácil saber, em cada caso concreto de "enfeiticamento", se houve ou não ação por envenenamento. Em princípios de 1959 os jornais deram o caso da umbandista Cesarina Martins do Nascimento, do Centro São Judas Tadeu, especializada em dar um jeito nos maridos enjoados. A polícia descobriu que ela dava também vidro moído (o mesmo "feitiço" dos escravos!). Eis como o caso é contado:⁵

Maria de Lourdes Rosa da Cunha não se dava bem com o marido e, vai daí, resolve um dia consultar a macumbeira. Cesarina, depois de alguma relutância, concordou: por 50 mil cruzeiros daria sumiço no

⁴) Desta erva diz o Pe. Camillo Torrend, S.J., citado por A. Ramos, que "envenena lentamente, causando a princípio uma superexcitação, insônias e alucinações, e depois sintomas opostos de amolecimento cerebral e morte, o que permite compreender o nome de "amansa senhor" que lhe davam os negros quando a davam a seus amos geniosos".

⁵) Dr. Radrigues Dória, *Os Fumadores de Maconha*, cit. por A. Ramos, p. 169.

⁶) Em *O Cruzeiro* de 7-2-1959.

marido. A primeira poção preparada (pinga com cobra coral e temperada com raspa de unha) não surtiu efeito e Cesarina resolveu, então, recorrer à cachaça com vidro moído. Como João Rosa da Cunha ainda resistisse, ela deu o golpe de misericórdia: comprou uma lata de formicida e entregou a Maria de Lourdes, que se encarregou do resto. A mulher adicionou o veneno a um chá que preparara para o espôso e saiu de casa. Quando o marido bebeu a mistura, ela estava longe, preparando-se para desempenhar o papel de viúva inconsolável. O marido de Cesarina, Ezequiel Lúcio do Nascimento, confirmou tudo e acrescentou: “Eu moí o vidro, mas não tenho nada com o negócio. Estava cumprindo ordens dos espíritos”. — Cesarina não sabe o número de suas vítimas.

Assim, mandinga pega...

2) *O feitiço simbólico imitativo*, baseado na lei ocultista da Correspondência: “Tudo que existe em cima é como o que existe em baixo; tudo o que existe em baixo é como o que existe em cima”; ou também na lei do efeito semelhante à causa: imitando-se o fenômeno, reproduz-se a causa originária. Procuram então imitar a coisa desejada, preparando, por exemplo, imagens ou bonecos que representam a pessoa visada e fazem com a imagem o que fariam com a pessoa. E’ chamado também “envultamento”. Chegam a enterrar o boneco, levá-lo ao cemitério, em caixão. “Para matar um cavalheiro qualquer, basta torrar-lhe o nome, dá-lo com algum milho aos pombos e soltá-los numa encruzilhada”. Já os nossos índios carijós conheciam o envultamento. “Para enfeitiçar um semelhante costumavam amarrear numa árvore um sapo. À medida que o nojento animal fenecia, a pessoa enfeitiçada também enfraquecia até morrer”; “se desejavam cegar outrem, enterravam-lhe debaixo da rêde um ôvo. Descoberta a mandinga, os objetos que serviram para a mesma deviam ser arremessados ao rio”.⁸

Êste tipo de sortilégio é usado também nos terreiros de Umbanda. Explica um dos nossos umbandistas que é preciso “realizar um ato material correspondente ao trabalho espiritual que tem de ser executado”;⁹ pois, esclarece o mesmo babalaô, “tudo o que fizermos de bem ou de mal a seu corpo físico se repete sôbre o seu espírito; e tudo que fizermos de bem ou mal a seu espírito se repercute sôbre seu corpo físico”. E dá uns exemplos: “Num trabalho de demandá, os dançarinos têm que

¹⁾ João do Rio, *As Religiões no Rio*, ed. de 1954, p. 39.

²⁾ Lima Figueiredo, *Índios do Brasil*, Rio 1949, p. 149.

³⁾ Oliveira Magno, *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, pp. 37 s.

imitar dois capoeiras brigando até que no final o que representa as forças inimigas se dê como vencido”. Diz êle que a dança de espada de Ogum e a dança da machadinha de Xangô têm êste sentido. As obras de feitiçaria e bruxaria, como o Livro de São Cipriano, dão muitos exemplos baseados neste tipo de feitiço. As malvadezas cometidas com Santo Antônio e outros Santos têm aí sua base.

3) *O feitiço simbólico simpático*, baseado na lei ocultista da Contigüidade Simpática: “O que pertence ao todo continua a êle idealmente ligado mesmo depois da separação”.¹⁰ Roupa, cabelo, unha, dente, saliva, sangue, suor, urina, resto do alimento, farrapos da roupa, pegada na areia, tudo serve para manter o contacto com o todo. Qualquer ação sôbre um desses elementos se refletirá sôbre o todo. “Um fio de cabelo na mão do feitiçeiro é a própria pessoa inteira e completa, à disposição do sortilégio”. Os famosos filtros de amor da bruxaria européia pertencem a essa categoria de malefício. E’ por isso que o balaô pede a camisa ou qualquer outro objeto da pessoa a quem pretende fazer o bem ou o mal. Esta é também a base para a ação à distância, tão corriqueira para os feitiçeiros.

4) *O feitiço contagioso*, que exige o contacto com a pessoa visada. Nisso se baseia a prática da “troca de cabeça”, muito usada pelo curandeirismo umbandista. Neste caso o feitiçeiro pensa condensar as forças num animal ou objeto: basta então tocar no feitiço para que a doença se apodere da pessoa. Por isso o despacho é colocado na soleira da casa ou no caminho por onde passa habitualmente a pessoa visada. Temendo êste tipo de feitiço, muitos contornam prudentemente o “despacho”, evitando até mesmo de olhar na direção.

Muitas vêzes o feitiço ou o despacho participa de vários processos mágicos: é imitativo porque é preparado pela imitação do que se faria à pessoa a quem é dirigido (exemplo: preparação com mortalha simbolizando a morte); é simpático porque utiliza objetos relacionados com a pessoa.¹¹

5) *O feitiço evocativo dos espíritos maus*: Pedem ao exu ou demônio para comparecer e fazer determinado “serviço” a certa

¹⁰) Cf. Luís Câmara Cascudo, *Meleagro*, Rio, Agir, 1951, pp. 14 e 110.

¹¹) Cf. Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*, 3ª ed., p. 178.

pessoa e para isso lhe oferecem objetos ou presentes, que são “despachados” para certos lugares, conforme o fim visado. Os manuais de Umbanda trazem exemplos em abundância.

3) A Eficácia do Feitiço

Se 66,2% da gente interrogada pelo IPEME acreditavam na possibilidade do feitiço, apenas 7,2% era capaz de mencionar algum caso concreto. Portanto, os fatos de “enfeitiçamento” são relativamente raros. Mesmo assim é preciso explicar êstes casos. Provariam os fatos a realidade do feitiço pròpriamente dito?

1) E’ certo que o “feitiço direto”, por envenenamento, é eficaz. Mas não se trata nestes casos de verdadeiros feitiços, como é evidente. E’ apenas uma “mistificação do feitiço”. E não sabemos nem podemos saber se são freqüentes. Muitas vêzes há motivos para suspeitar. Diz Arthur Ramos: “No exercício da minha profissão de médico legista, no Estado da Baía, encontrei numerosos casos suspeitos de intoxicação, saídos dos candomblés e centros do baixo Espiritismo”.¹² E lembra também estranhos efeitos, noticiados de quando em quando pela imprensa, como êste:

Wenceslau, encontrando-se desempregado, resolveu procurar um terreiro. Deram-lhe um líquido para beber. Wenceslau sorveu por vários dias o “remédio”, que lhe produziu coisas estranhas. Tinha ódio de todos, até de Deus. Quando alguém procurava contrariar seus propósitos, Wenceslau armava-se com uma faca e ameaçava a degola universal. Depois, caía em prostração. Em fins da semana passada, indo ao Morro do Cristo, viu ali várias mocinhas, que passeavam. Ao aproximar-se de uma, sentiu instintos bestiais. Procurou dominar-se, mas não teve fôrças.

Em casos assim há motivos para suspeitar que na beberagem houvesse qualquer coisa mais do que meras “fôrças astrais” ou “espirituais”.

O *Livro Completo das Bruxas*, publicado em São Paulo para uso das nossas bruxas, diz na p. 89 que a bruxa pode atuar sôbre suas vítimas de duas maneiras: pelos meios físicos ou pelos meios astrais. E então explica: “Pelos meios físicos fazem a vítima ingerir qualquer alimento contendo os ingredientes capazes de lhe alterarem a saúde, principalmente o sistema nervoso; pois a debilitação do sistema nervoso concorre para

¹²) Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*, 3ª ed., p. 177.

a perturbação do cérebro e, daí, a incapacidade de pensar e querer; a pessoa, desprovida desses dois grandes poderes mentais, passará a ser simples autômata nas mãos da bruxa, recebendo facilmente as vibrações da sua vontade e, dêsse modo, passando a fazer o que ela quer". Mas quem não vê logo que isso é puro crime e não bruxaria.

Contaram-nos que é também bastante freqüente o caso de se esparramar em redor do ebó (feitiço) um tipo de pó (da pomba?) que causa muitas cócegas na pele e que é, provavelmente, também a causa das misteriosas inchações de que tanto se lastimam as vítimas da macumba.

2) Muitas vêzes há também excessiva pressa em atribuir arbitrariamente um acontecimento qualquer à ação dum malefício. Certos ambientes nossos, tomados pela credulidade espírita ou umbandista, vêem com espantosa facilidade a intromissão e a ação direta de espíritos do além ou, ao menos, de certas e mui misteriosas e duvidosas forças astrais. A Umbanda cria em seus adeptos uma autêntica *mentalidade mágica*, primitiva e infantil. E assim surgem facilmente as mais fantásticas histórias de envoltamento, que, depois, passam a ser "fatos" autênticos e "casos" reais de feitiço. Nossos jornalistas, que em grande parte formam a opinião pública, além de superficiais e sensacionalistas, quase todos êles sem nenhuma formação filosófica, muitas vêzes participam desta mesma mentalidade vulgar e mágica, aumentando assim o número dos "casos" de enfeitiçamento. Demos também aqui um exemplo concreto dos jornais de fevereiro de 1959:

Iara Carlos, de 16 anos, residente em Campo Grande (Guanabara), começa a inchar e das inchações saem alfinêtes e agulhas. A primeira hipótese, para explicar o estranho acontecimento, foi assim levantada, num título de jornal: "Iara, branquinha, repudiando o amor de um negro, expele alfinêtes e agulhas por artes de Exu". E contaram a seguinte história: a mocinha mantinha um romance com um pedreiro de côr. Mas os pais não concordaram. Ailton, o rapaz, ameaçou: "Vou vingar-me. Irei agora mesmo ao Centro Espírita Pai Tomás pedir ao meu amigo Celestino Macumbeiro um serviço. Iara com isto irá sofrer muito. Vocês verão". Levada depois a um outro Centro Espírita, o pai-de-santo não teve dúvidas: "Houve trabalho forte, é preciso desmanchar!" e até explicou como foi feito o serviço: "Escreveram o nome da menina num papel, que, em seguida, foi atravessado por três agulhas e, depois, colocado sob um cadáver" (portanto, feitiço simbólico imitativo). E prescreveu banhos de erva (mas a família se diz "muito católica"). —

Dias depois tudo ficou esclarecido: ela mesma, desesperada, introduzira 43 agulhas e alfinêtes no seu corpo, para suicidar-se.

3) Outras vêzes certos acontecimentos banais e comuns, contratemos inevitáveis na vida de cada pessoa humana, recebem interpretações e explicações mágicas. Caiu: foi um feitiço; ficou doente: houve algum "serviço"; morreu: foi "trabalho-forte"; fêz mau negócio: havia mandinga. Os médicos conhecem muito bem as *interpretações delirantes* dos paranóicos. "O paranóico inventa as mais incríveis histórias de enfeitiçamento", diz Robert Amadou.¹³ E o experimentado exorcista de Paris, P. Tonquédec, constatou que êstes interpretadores delirantes são os que com mais freqüência procuram o padre para o exorcismo, apresentando-se como vítimas de malefícios e bruxarias.¹⁴ Os paranóicos são geralmente inteligentes, capazes de despistar-nos em todos os pontos e enredar-nos num labirinto de complicações.

4) Piores e mais perigosos, porém, são os *mitômanos* ou os histéricos. São incapazes de distinguir suas imaginações internas da realidade externa. Caracterizam-se pela tendência à fabulação, à criação de novelas desprovidas de tôda a realidade, com uma verdadeira mania de criar mitos. Daí a palavra "mitomania". Criam fábulas, inventam romances, contam histórias de magia e feitiçaria, "onde tudo é verossímil, mas quase nada verdadeiro". Mentem a valer, mas não têm consciência de estarem mentindo. De tal modo estão convencidos da realidade de suas fabulações que seriam capazes de confirmá-las com juramento. E para comprovar a realidade de suas mentiras, têm extraordinária habilidade de encenação. E' preciso ser então muito perspicaz para desmascarar a mitomania. "São capazes de fazer o papel de possessos com rara perfeição", diz Tonquédec.

E o Dr. Jean Lhermitte, eminente neurólogo francês, nos descreve o quadro de um delírio demonopático-histérico: A transformação exterior da personalidade física e moral confere ao paciente o aspecto de um autêntico possesso. Não só o corpo do desgraçado se debate em convulsões e contrações de potência extraordinária, adotando atitudes lúbricas, grotescas e teatrais, mas êle se entrega também a grosserias, obscenidades, invectivas injuriosas e blasfemas, proclamando em altas vozes que

¹³⁾ Robert Amadou, *La Parapsicología*, Buenos Aires 1956, p. 38.

¹⁴⁾ José de Tonquédec, S.J., *Acción Diabólica o Enfermedad?* Madrid 1949, p. 164.

é o demônio (ou o exu, ou um caboclo) que o possui e se agita nêle. E tais ataques podem durar horas”.¹⁵ Exatamente como os “cavalos” e os “burros” nos nossos terreiros umbandistas. E não há dúvida de que muita mitomania passou para os anais da Umbanda e do Espiritismo como autênticos casos de magia e enfeitiçamento.

5) A *fraude dos malandros* é outro fator eficiente na produção de “efeitos mágicos”. E precisamente a história dos médiuns é muitas vêzes a história da fraude e da malandragem. Eis a conclusão de um livro recente sôbre os grandes médiuns: “A fraude, entre os grandes médiuns, é quase geral: êste fato se aplica tanto aos médiuns de efeitos psíquicos paranormais como aos grandes médiuns de efeitos físicos”.¹⁶ Temos no Brasil numerosos casos. Em fins de abril de 1958, por exemplo, a imprensa do Rio, em sensacionais reportagens, contou minuciosamente a história das fraudes e mistificações de Lourival de Freitas, o “Nero de Cavalcanti”. Confortavelmente instalado em seu Centro, êste famoso médium conseguiu iludir meio mundo durante uns dez anos, guiado principalmente, como dizia, pelo espírito de Nero, do Caboclo Tocantins e do Caboclo Serra Negra. Médicos, advogados, juizes, jornalistas, políticos de fama, gente do Catete, grandes comerciais e industriais, altas autoridades militares e policiais e, sobretudo, muita gente humilde ia procurar o taumaturgo. Certa imprensa o apregoava como o novo Cristo, o fazedor de milagres e o gênio sobrenatural capaz de conjurar as piores crises particulares. Resolvia problemas morais e políticos, revelava segredos da vida, promovia e desfazia casamentos, bebia grandes quantidades de cachaça, éter e formicida, despido rolava sôbre cacos de vidro, franzino levantava brincando pessoas de grande pêso e, sobretudo, fazia as mais incríveis intervenções cirúrgicas sem deixar cicatrizes nem outros vestígios. Afinal, acusado, foi prêso e confessou que tudo fôra fraude e tapeação. Sua espôsa, cúmplice por algum tempo, revelou os segredos do prestidigitador. — Não é possível conhecer a porcentagem da fraude na Umbanda. Mas devemos contar também com êste fator. Vale a pena lembrar a expressão da mãe-de-santo da Tenda de Umbanda São Judas Tadeu, quando

¹⁵) Cf. Jean L hermitte, *En Poder del Demonio*, Barcelona 1958, p. 48 s.

¹⁶) Robert A m a d o u, *Les Grands Médiums*, Paris 1957, p. 190.

prêsa, perante o Delegado: “Esse negócio de macumba, seu doutor, é mentira pura. Trabalho no ramo há muitos anos e nunca vi nada do outro mundo. Tenho para mim que os espíritos vivem muito ocupados para andar baixando em terreiro a torto e a direito. Mas que a profissão é rendosa, isso é”.

6) Afinal, não devemos esquecer também a ação da *sugestão*. Não queremos repetir aqui os princípios da Reflexologia,¹¹ mas convém lembrar ao menos uma das conclusões principais: Um órgão pode entrar em atividade (ou ser inibido em sua ação) tanto sob a influência de seus excitantes absolutos e conaturais, como sob a excitação de estímulos indiferentes e ocasionais. E para isso pode bastar, no homem, uma simples palavra. E até mesmo poderá ser suficiente a idéia duma palavra. Mas a sugestão não precisa ser sempre verbal e direta: ela pode ser indireta, mediata e oculta e quanto mais oculta fôr, mais eficiente será. Em vez da palavra teremos então um objeto ou uma ação. Ora o malefício ou o despacho, com todo aquêl ambiente de credulidade e mistificação, é um excelente meio para sugestões indiretas. Usando a terminologia técnica, diríamos que o feitiço é um “estímulo-sinal” para desencadear no organismo movimentos reflexos condicionados. E’ como se o feitiço ou o despacho diante da porta do crédulo dissesse: “Você vai ficar doente!”; ou : “Você vai brigar com a mulher!”; ou: “Você vai morrer!” — Ora, o crédulo se identifica muitas vezes com o tipo altamente sugestível; e conhecem-se os grandes efeitos que semelhantes sugestões podem produzir.

“As vítimas dos despachos — assim lemos num jornal — que sabem ler as ameaças que se encerram nos criptogramas das macumbas, decifrando os perigos que representam um charuto a mais ou uma pena de galinha e uma garrafa de cachaça a menos, se impressionam e, não tendo energia para resistir à sugestão sinistra, acabam sofrendo todos os males que os inimigos desconhecidos conjuraram e morrem mesmo”.

4) O Feitiço Evocativo

Parece-nos desnecessário perder tempo em estudar a possível eficácia dos feitiços simbólicos, sejam imitativos ou sejam

¹¹) Escrevemos sôbre isso o terceiro capítulo do nosso ensaio *O Espiritismo no Brasil*, Editôra Vozes, 1960.

simpáticos. Pois não se vê nenhum fundamento objetivo nos princípios ocultistas em que se baseiam. Mas bem diferente é o caso do feitiço evocativo de espíritos maus. Pois nós cristãos admitimos não somente a existência do demônio, mas também sua possível atuação entre os homens ou sobre o homem. Precisamos, por isso, dizer algumas palavras de esclarecimento acerca desta questão.¹⁸

Pensamos poder resumir, muito brevemente,¹⁹ a doutrina cristã sobre o demônio e sua atividade nos seguintes pontos:

1) E' doutrina revelada por Deus e, portanto, verdade de fé, que de fato existem espíritos maus. São seres espirituais, inteligentes e livres, criaturas de Deus que se revoltaram contra o Criador e foram condenados a um lugar e estado de exclusão da Visão Beatífica, chamado por Cristo "inferno". Pouco importa seu nome: demônio, satanás, diabo ou *exu*. Jesus Cristo preferiu estas primeiras três denominações. Mas também lhe chamou de "pai da mentira" (Jo 8, 44), "príncipe deste mundo" (Jo 12, 31; 14, 30); "homicida desde o começo" (Jo 8, 44), "inimigo" (Mt 13, 39), "o forte" (Mt 12, 29), "espírito imundo", "impuro" (Mc 3, 30), etc.

2) Há entre eles certa ordem e hierarquia, sendo Lúcifer o chefe. Cristo fala do "demônio e seus anjos" (Mt 25, 41), referindo-se explicitamente ao "reino de satanás" que está unido (Mt 12, 26). Também o Apocalipse nos recorda o "dragão e seus anjos" (12, 7) e São Paulo lembra aos efésios "que temos que lutar contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade" (6, 12).

3) Em certo e limitado sentido podemos dizer que satanás é como que o rei deste mundo: Já vimos a expressão de Cristo que lhe chama de "príncipe deste mundo" (Jo 14, 30). São Paulo declara que é o "príncipe no reino dos ares, que opera nos filhos da desobediência" (Ef 2, 2), até mesmo diz que é o

¹⁸) No nosso ensaio *O Espiritismo no Brasil* dedicamos todo o décimo capítulo à "Atuações do Demônio no Espiritismo". O leitor mais particularmente interessado nesta questão queira, pois, recorrer a este capítulo. Aqui só diremos o essencial.

¹⁹) Publicamos na Editora Vozes as Atas da VI Semana Teológica do Brasil (janeiro de 1957), sob o título: "*O Demônio*. Aspectos Teológicos", com estudos bem interessantes sobre a demonologia cristã.

“deus dêste século” (2 Cor 4, 4). Os servos ou filhos de satanás e os súditos de seu reino são todos os pecadores, principalmente os que combatem a verdade (cf. Jo 8, 44; At 13, 10). São João escreveu: “Quem comete pecado é filho do demônio” (1 Jo 3, 8).

4) O reino de Cristo não é dêste mundo (Jo 18, 36). Mas Jesus frisa: “Eu sou rei” (Jo 18, 37). Não é simples rei entre outros, mas o “Rei dos reis e o Senhor dos senhores” (Apoc 19, 10), de tal modo que tudo lhe foi entregue: “Todo o poder me foi dado no céu e na terra” (Mt 28, 18). Ele é também o “príncipe dos reis da terra” (Apoc 1, 5). A Cristo e seu reino pertencem todos os que foram arrancados do poder das trevas pela Redenção (Col 1, 3 s). A missão de Cristo é a de “destruir as obras do demônio” (1 Jo 3, 8) e que “todo o que nêle crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 15).

5) Assim temos de fato, nesta terra de lutas e provações, dois reinos opostos, inimigos um do outro. Satanás e seus anjos tentam com todo o empenho destruir o reino de Deus. Pertence ao plano da providência divina que o homem mostre sua virtude e constância na luta, nas adversidades e nas tentações. E’ esta a razão mais profunda por que Deus concedeu ao demônio certa liberdade de movimento: para provocar a luta, as adversidades e as tentações.

6) Mas “apareceu a benignidade e o amor humanitário de Deus, nosso Salvador” (Tito 3, 4): Cristo veio “a fim de aniquilar pela morte aquêle que imperava pela morte, o demônio” (Heb 2, 14). E Cristo venceu e quebrou seu poder. Depois de Jesus, Satanás de fato já não é o senhor imediato e absoluto dêste mundo.

7) Contudo, o demônio, mesmo depois de Cristo, continuou com relativa liberdade para hostilizar os homens, até o fim do mundo. Por isso admoesta São Pedro: “Irmãos, sêde sóbrios e vigilantes, porque o demônio, vosso adversário, anda em derredor como um leão a rugir, procurando a quem devorar; resisti-lhe firmes na fé” (1 Ped 5, 8). Porém, e isso é muito importante: êle não pode agir à vontade! “Mau grado seu grande poder e obstinação — escreve o *Catecismo Romano*, ed. Vozes, p. 589 — e seu ódio mortal contra o gênero humano, o demônio não pode tentar-nos e importunar-nos, com a fôrça ou

pelo tempo que êle queira, pois tôda a sua influência é regulada pela vontade e permissão de Deus. Disso temos em Job o exemplo mais conhecido. Não tivesse Deus dito ao diabo a seu respeito: "Tudo quanto êle possui está em tuas mãos", não poderia satanás tocar em nada que fôsse dêle. Todavia, se o Senhor não tivesse acrescentado: "Só não estendas tuas mãos contra a sua pessoa", um único golpe do demônio o teria fulminado, juntamente com seus filhos e todos os cabedais. A tal ponto está ligado o poder dos demônios, que sem permissão de Deus não poderiam sequer entrar nos porcos, de que falam os Evangelistas".

8) Insistimos: é relativa e limitada a liberdade do demônio em hostilizar os homens. Satanás não independe de Deus. Os espíritos maus nos podem tentar ou insidiar apenas dentro dos limites determinados por Deus para cada pessoa humana e de acôrdo com suas fôrças. O demônio nos hostiliza de duas maneiras: ou direta, imediata e sensivelmente, ou indireta, mediata e imperceptivelmente. O modo mais comum é o indireto, quando satanás, permanecendo êle mesmo escondido, se serve de outros meios (maus livros ou revistas, filmes pornográficos, bailes impudicos, homens perversos, etc.), para solicitar-nos ao mal. Pode-se dizer que é êste o meio normal e ordinário. Extraordinariamente, todavia, o demônio pode importunar-nos também de um modo imediato, sendo diretamente perceptível sua intervenção. Neste caso, porém, deverá êle obter uma permissão especial de Deus. E o Criador pode dar esta licença ou para provar o seu servo (como no caso de Job) ou para castigar o pecador. Garante-nos, todavia, a revelação cristã que Deus jamais permite sejamos tentados acima de nossas fôrças. "Deus é fiel e não permite que sejas tentados acima de vossas fôrças" (1 Cor 10, 13). Só cai no poder do demônio quem livre e espontâneamente a êle se entrega. Mas neste caso a culpa não é de Deus: é dêle mesmo, do pecador, que voluntariamente foi ao encontro do inimigo, brincou e pactuou com êle.

9) Cremos na Providência Divina: Nem os pássaros do céu caem em terra sem a vontade do Pai e até mesmo os cabelos todos de nossa cabeça estão contados: "Não temais, pois valeis muito mais do que muitos passarinhos" (Mt 10, 29-30). Considerandó semelhantes palavras de Cristo, não podemos sequer

pensar que, só porque um mago, um babalaô ou um feiticeiro o quer, o demônio pratique ou deva praticar algum mal. “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?... Olhai os lírios do campo: como crescem, não se fatigam nem fiam. Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um dêles. Se, pois, a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, Deus assim a veste, muito mais fará Ele convosco, ó homens...” (Mt 6, 25-33). — Diante desta mensagem cristã podemos, pois, tranqüilamente, lançar o desafio lembrado no início: Podem todos os babalaôs, pais-de-santo, mães-de-santo, filhos-de-santo, filhas-de-santo, cavalos-de-santo, todos os umbandistas, quimbandeiros, macumbeiros, batuqueiros, pajés, catimbôzeiros, bruxos e feiticeiros, do Brasil, da África e do mundo, reunir-se no mais macabro dos congressos, chamar e evocar todos os exus, demônios, espíritos maus e fôrças astrais; podem todos êles oferecer os mais valiosos presentes e sacrifícios a qualquer exu ou demônio, riscar e queimar os mais perigosos pontos e lançar todo êste conjunto fantástico de fôrças adversas contra o autor destas linhas; — e aqui ficaremos tranqüilo nas mãos da Divina Providência. Aliás, se feitiço pegasse, já estaríamos morto...

10) Toda intervenção preternatural é sempre contra o curso ordinário e comum da natureza. Nem o desejo ou o capricho do homem, nem a gana ou o ódio de satanás podem perturbar a ordem e as leis estabelecidas e mantidas pelo Criador. O homem não dispõe de meios naturais para conseguir efeitos não naturais. Ou, em outras palavras: O homem não tem a faculdade ou a possibilidade de provocar por sua própria iniciativa e de modo eficiente uma atuação direta e perceptível do demônio ou de qualquer outro espírito do além. Por isso a magia como tal, a necromancia, o espiritismo e o feitiço são impossíveis e ineficazes.²⁰ Filosoficamente falando, o feitiço (ou qual-

²⁰) No grosso volume *Il Peccato*, publicado em Roma em 1959, encontramos a bela contribuição de Pietro Castelli: *Il Peccato dell'Occultismo* (pp. 597-655), na qual o teólogo defende com boa argumentação a impossibilidade da magia. Na p. 635 temos êste trecho: “Quando se trata de magia maléfica — que seria o nosso “feitiço” — excluimos não somente a realidade, mas também a possibilidade duma intervenção diabólica. O motivo é muito simples: O diabo não pode intervir sem a permissão de Deus. Por outro lado os malefícios são

quer outra tentativa de provocar ou evocar espíritos) é um autêntico disparate: Pretende-se um efeito superior à causa, o que é impossível. O homem pode, não há dúvida, querer ou desejar a presença do demônio ou do exu, pode consciente ou deliberadamente entregar-se a êle, pode ajoelhar-se perante satanás, adorá-lo e oferecer-lhe sacrifícios, fazer sinais convencionais de evocação, etc. Em tudo isso o homem pode tomar a iniciativa exclusiva, porque, por mais deplorável, repugnante e pavoroso que seja, tudo isso depende apenas do uso ou melhor do abuso de seu livre arbítrio. E' o "mistério da iniquidade", o tremendo mistério da desgraçada possibilidade de pecar, de revoltar-se contra o Criador e de pactuar com o demônio. Mas tudo isso ainda não pode forçar ou obrigar o demônio a obedecer ou a executar as ordens do feiticeiro. Em tudo isso, quem manda é Deus, exclusivamente Deus.

11) Portanto, para que o acometimento de satanás possa conseguir um desfecho eficiente, é necessária, além da licença do Criador, a disponibilidade do homem. Será inútil e vão todo esforço do Inimigo, quando o homem, como Job ou Paulo, no meio das tentações e tribulações, continua a cantar as glórias do Senhor. Mas quando êle encontra entre os homens um ambiente acessível e a permissão divina, então, sem dúvida, poderá agir. Ora, não há dúvida de que o Espiritismo faculta ao demônio o ambiente apropriado, o mais propício que o espírito satânico possa ambicionar. Nada, absolutamente nada falta para que o demônio se sinta à vontade e em casa própria. Dir-se-ia que o centro espírita e principalmente o terreiro de Umbanda é

feitos somente para satisfazer vinganças particulares ou pessoais. Portanto, Deus, permitindo ao demônio intervir na magia maléfica, se tornaria cúmplice da vingança particular de um homem sobre outro homem. Seria concebível semelhante convivência divina? Deus, é certo, para Seus altíssimos fins, pode permitir ao demônio — já confirmado para sempre no mal — de fazer o mal a uma pessoa com o fim de provar uma virtude, como no caso de Job, ou para castigar os pecados, para reconduzir à realidade da Fé, mas não para vinganças pessoais e particulares de um homem sobre outro. E' certo que Deus permite males e escândalos no mundo para daí tirar um bem, mas estes males são produzidos pelo mau uso da liberdade humana. No malefício, porém, se trataria não apenas de permitir que um homem faça o mal abusando da liberdade, mas que Deus o *ajude* em certo sentido — mediante a permissão duma intervenção direta de Satanás — a *fazer o mal* a outra pessoa e precisamente no instante e segundo o modo escolhido e querido pelo feiticeiro". E isso é inconcebível.



CHOUPANA
de
TUPINAMBÁ

Consultas Pagas

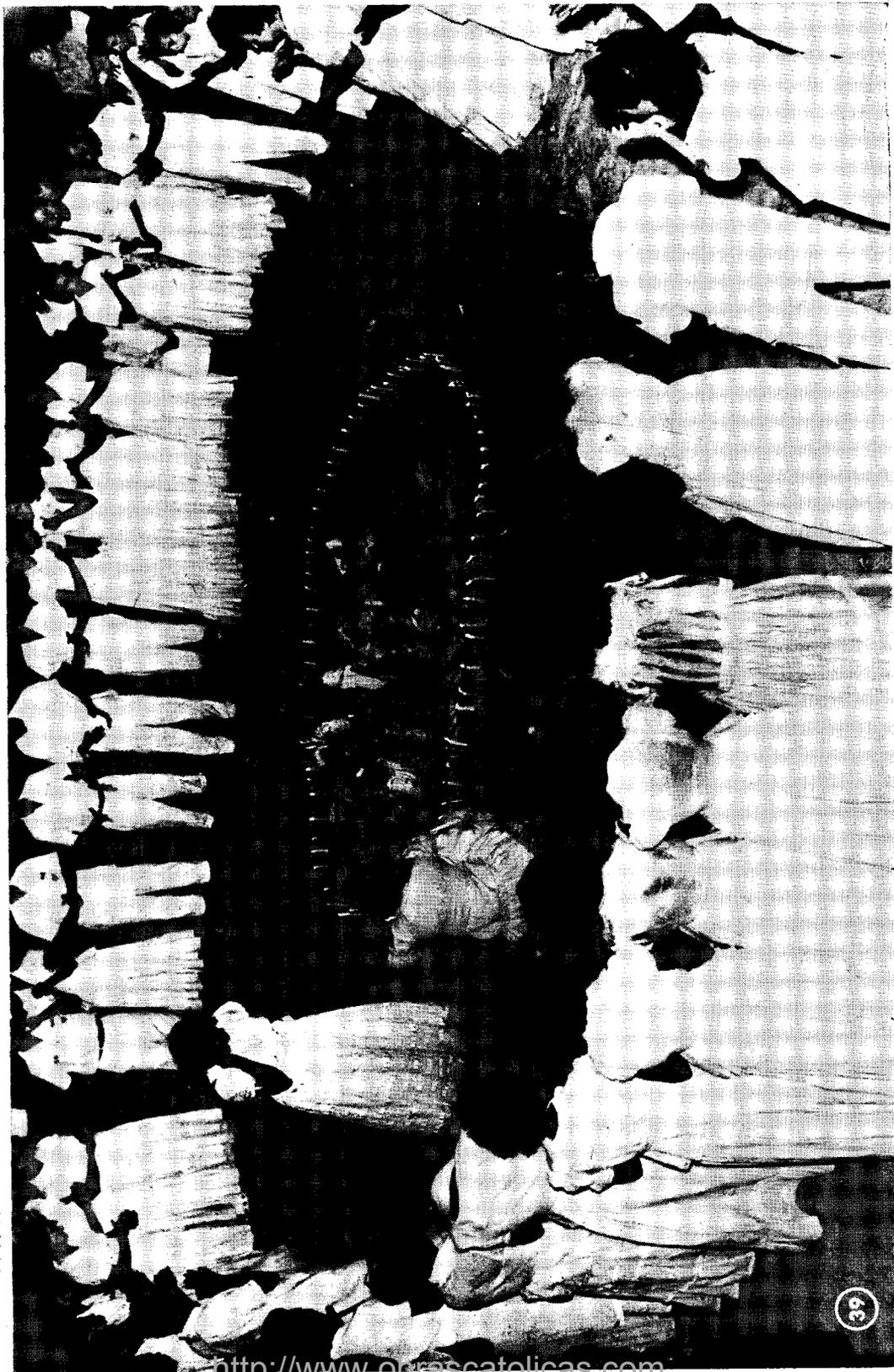
1372

















46



47



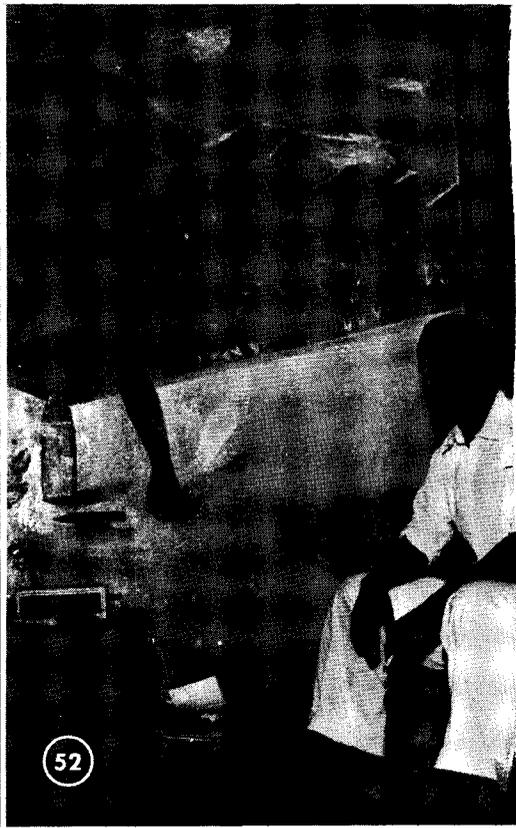
49



48









54

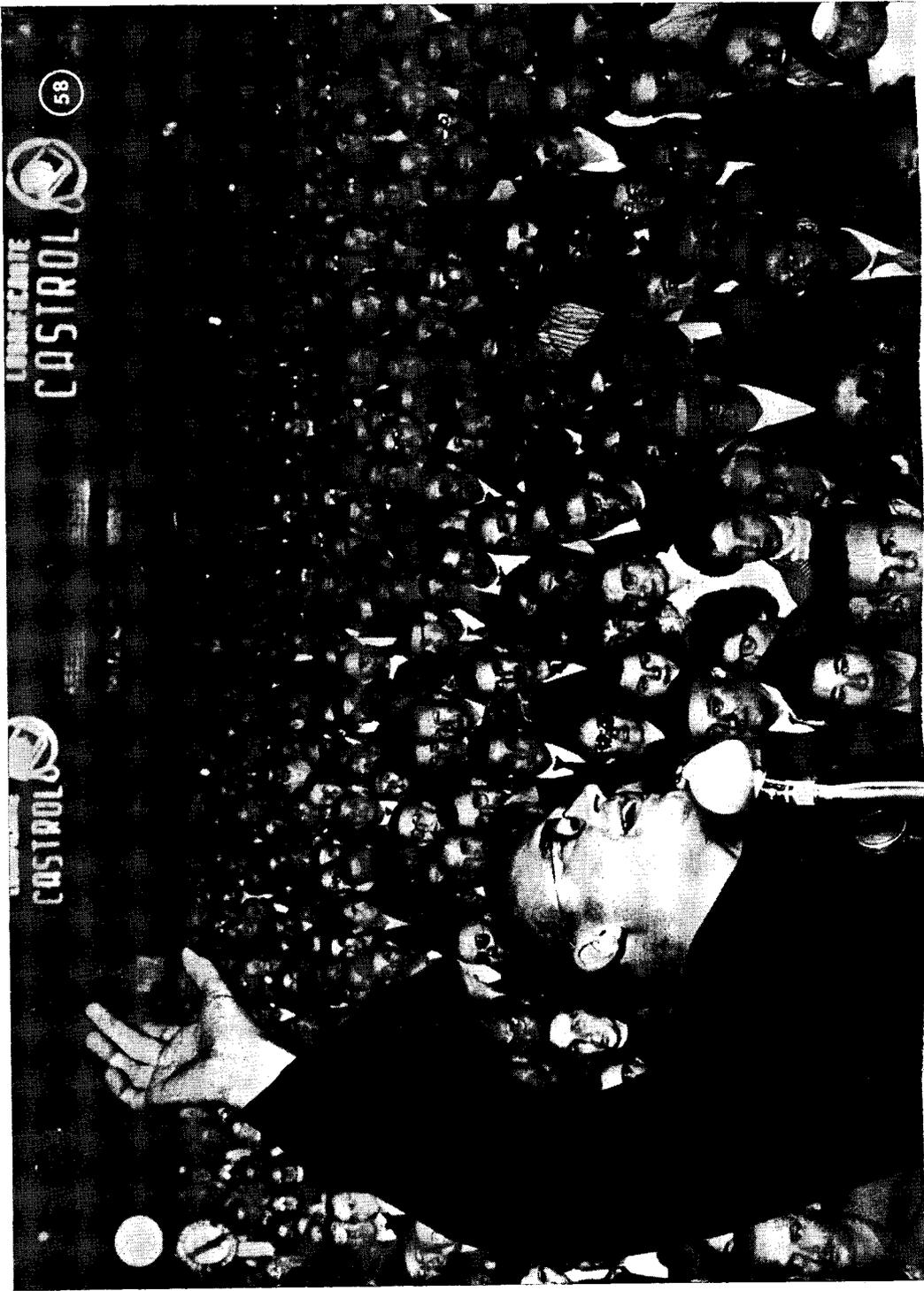
55



56







o domicílio de satanás, como o templo cristão é a casa do Senhor. O próprio arranjo do ambiente, a crédula prontidão dos presentes, a doutrina anticristã de que estão impregnados, a atitude de desobediência contra Deus (que proibiu a magia e a evocação), a disposição de revolta contra a Igreja de Cristo, a convicção de total desprevenção dos que já não acreditam no inimigo, sobretudo a nervosa expectativa de receber e acolher mensagens do além e, como se tudo isso não bastasse, o estado de transe inconsciente e aberto para tôdas as sugestões e insuflações, venham donde vierem, — oh! o demônio não seria Satã (“adversário”), se não se prevalecesse de tão descomunal ocasião para avassalar aquelas almas...

12) Como vencer, pois, o demônio? Responde o *Catecismo Romano* (p. 594): “O demônio, naturalmente, não é vencido por meio da vadiagem, da sonolência, da bebedeira, da glotonaria e da luxúria, mas tão somente pela oração, pelo trabalho, pela vigilância, pela abstinência, pelo domínio de si mesmo e pela castidade”. Cristo Nosso Senhor admoesta a todos nós: “Vigiai e orai, para não entrardes em tentação” (Mt 26, 41). E manda rezar: “Pai nosso... não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal (maligno)”.

5) Exageros e Falsidades

Em vista do que acabamos de lembrar resumidamente, podemos agora assumir uma atitude cristã frente à doutrina e às práticas umbandistas e quimbandistas em tórno dos exus. Há algumas verdades, vários exageros e muitas falsidades e arbitrariedades que convém assinalar:

1) E' verdade que existem numerosos espíritos maus, que não foram assim criados por Deus, mas por própria e livre vontade se revoltaram contra o Criador; pouco importa o nome que lhes demos: demônio, satanás ou *exu*; e há entre êles certa organização ou hierarquia.

2) E' verdade que êstes espíritos maus receberam de Deus uma relativa liberdade de agir neste mundo e hostilizar os homens.

3) E' verdade que o homem, abusando de seu livre-arbítrio, pode pactuar com os espíritos maus e entregar-se a êles.

4) E' verdade que Deus pode permitir ao demônio inter-venha de um modo direto e sensível na vida do homem, aparecendo mesmo sob alguma forma visível.

5) Mas é um formidável exagêro dos teóricos de Umbanda dizer que os espíritos maus são os senhores imediatos e absolutos dêste mundo: Cristo venceu e quebrou o poder de satanás.

6) E' outro grande exagêro dizer que os espíritos maus aparecem à vontade do homem: só o podem fazer com permissão divina e Deus pode permiti-lo ou para provar os bons ou para castigar os maus e revoltosos.

7) E' exagêro e mesmo falso dizer que o demônio, independentemente de Deus, obedece aos caprichos e aos desejos de certos homens ou *babalaôs*.

8) E' falso dizer que em certas coisas nós homens dependemos dos espíritos maus.

9) E' falso dizer que é lícito ao homem chamar os espíritos maus: é sempre pecaminoso e revoltante qualquer tentativa de evocar os *exus* ou demônios, mesmo para "praticar o bem".

10) E' totalmente falso e arbitrário dizer que certos espíritos mandam nas encruzilhadas, nos cemitérios, nos rios, nos bosques, etc., pois não existe para isso absolutamente nenhuma base na Revelação Divina.

11) E' falso e arbitrário dizer que os espíritos maus preferem trabalhar de noite ou em determinadas horas.

12) E' falso e arbitrário dizer que são necessários determinados ritos ou objetos para chamar ou evocar os demônios.

13) E' pura e condenável idolatria, ou melhor *demonolatria*, oferecer a satanás presentes e sacrifícios ou dirigir-lhe certas orações e petições.

Suponhamos agora que algum *babalaô*, ou por iniciativa própria ou a pedido, faça, segundo todos os requisitos do ritualismo, um presente ou despacho contra Fulano, pedindo a *Exu Veludo* que castigue Fulano com um desastre qualquer. O que acontecerá? Respondemos: Em si e como tal o despacho não terá efeito nenhum, pois, como vimos, o demônio (ou Exu) só pode imiscuir-se de modo direto e sensível na vida do homem com permissão especial de Deus. E mesmo então será uma atuação espontânea e não pròpriamente provocada pelo feiticeiro, que, como vimos, não dispõe de meios naturais que pos-

sam ser causas eficientes da manifestação diabólica. Pode, no entanto, ser que Fulano seja, também êle, amigo do demônio (ou vivendo habitualmente em estado de pecado mortal e, portanto, de inimizade com Deus, ou praticando também êle a demonolatria, a necromancia ou a magia, proibidas rigorosamente por Deus, sob a cominação dos mais graves castigos) e neste caso é *possível* que Deus, *para castigar* Fulano, aproveitando a oportunidade, permita ao demônio que intervenha espontaneamente e de fato faça o que aquêles revoltosos amigos do demônio tão insistentemente querem e suplicam. E teríamos então, dentro dêste conjunto de reservas, um caso em que o despacho “pega” mesmo. Suponhamos, todavia, que Fulano seja uma pessoa que se esforça por viver em estado de amizade com Deus (graça santificante), não brincando nem pactuando com os espíritos maus; neste caso o despacho certamente não teria efeito nenhum. Tudo depende, por conseguinte, de dois fatores: da vontade de Deus que permite ao demônio uma atuação no caso, e do estado de alma (graça santificante ou pecado mortal) da pessoa visada. Observe-se, entretanto, que não queremos com isso dizer que todo despacho ou “trabalho” feito contra uma pessoa em estado de pecado mortal tenha sempre seus efeitos garantidos. Absolutamente! Sustentamos apenas que neste caso o efeito seria *possível*, não repugnaria, não seria nem contra a justiça, nem contra a providência paternal de Deus, sempre, porém, sob completa dependência do Criador. Pensamos sinceramente que também nesta suposição (isto é: quando o malefício é feito contra uma pessoa em estado de pecado mortal) a absoluta maioria dos despachos ficam sem efeito precisamente porque o homem não pode ser a causa *eficiente* de tais manifestações. Mas, como cristão e dentro da mentalidade cristã, não nos surpreendem certas histórias estranhas e extraordinárias, que se narram nos meios onde é praticada a magia e a demonolatria e onde os homens põem à disposição do demônio portas escancaradas e carta branca, oferecendo-lhe até presentes e verdadeiros sacrifícios, pedindo e suplicando que venha e “trabalhe”. Certos terreiros, quando em pleno funcionamento, apresentam tôdas as características da atuação direta de espíritos maus... Quando, por exemplo, os “filhos ou filhas de santo” entram em transe, inteiramente tomados por algum espírito, que os faz pro-

nunciar palavras sem nexos e agitar-se em movimentos alucinados, parecendo os pés não mais tocar o solo e a cabeça balançando doidamente em tôdas as direções, sôbre um pescoço desarticulado, chegando a executar danças rituais, rodopiando horas sem parar, fumando cachimbos e charutos ou comendo os bichos mais nojentos... O umbandista Lourenço Braga escreve que viu “muitos espíritos violentos jogarem o médium no chão, darem sôcos na mesa, darem urros ou gritos fortes, furar o corpo com a ponta de punhal, pisar em brasas, mastigar vidro, estraçalhar uma galinha nos dentes para beber o sangue” e o médium a “gritar, sapatear, bater com as mãos na mesa ou ficar como se estivesse sufocado”.²¹

O melhor e mais eficaz meio para nos tornarmos imunes contra tôda a sorte de despachos e malefícios é conservar-nos na amizade de Deus, na graça santificante. E esta vida sobrenatural da graça deve ser conservada, aumentada e alimentada pela freqüente recepção do Pão Eucarístico, que é o “Pão dos fortes”: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia... Quem come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nele... Quem come este pão viverá eternamente” (Jo 6, 53-58).

6) Motivos Bíblicos contra a Magia

Nem se objete que a Sagrada Escritura teria proibido praticar a magia, a necromancia, o malefício, a adivinhação ou outras práticas ocultistas por desconfiar nelas uma atuação diabólica.

E' certo que em Israel a magia foi combatida desde o início e sistematicamente. Não se poderá aduzir um só texto bíblico favorável a qualquer ação mágica. Mas no assim chamado “ambiente bíblico” (entre os povos que viviam ao lado de Israel) a magia fazia parte da vida cotidiana. A religião dos sumerianos, dos babilônios e dos assírios era visceralmente mágica. “Os povos da Mesopotâmia criaram em tôrno de si um ambiente em que se respirava a cada passo a atmosfera da magia, do en-

²¹) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., p. 37.

cantamento, dos sortilégios e malefícios, das violações dos tabus e das infestações diabólicas".²² Também no Egito a magia andava de braços dados com a religião. Amuletos, talismãs, fórmulas e ritos mágicos serviam para afastar obstáculos e trazer os bens e as satisfações do corpo, do coração e do espírito. Sobre as práticas ocultas entre os cananeus informa o próprio Deuteronômio 18, 9-12: "Quando tiveres entrado na terra que Javé, teu Deus, te der, não aprenderás as abominações daquelas nações. Não se há de encontrar em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem autor de adivinhações, nem agoureiro, nem adivinhador, nem mago, nem evocador de mortos. Porque constitui abominação de Javé todo homem que faz tais coisas, e em vista destas abominações Javé, teu Deus, irá desapossar essas nações diante de ti".

Constantemente a magia ou qualquer outra forma de práticas ocultistas é severamente condenada na Sagrada Escritura. Os profetas a atacam e ridicularizam, principalmente quando se referem à magia dos egípcios e babilônios (cf. Is 47, 12 ss; Dan 1, 20; 2, 10-12; Sab 17, 7). Mas *nenhuma única vez é o demônio o motivo alegado para tão rígida atitude de proibição*. Não se condena a magia porque desconfiavam aí de alguma ação diabólica. A razão é outra: "... para que vos não contamineis por meio dêles: Eu sou o Senhor vosso Deus" (Lev 19, 31); "porque o Senhor abomina tôdas estas coisas" (Deut 18, 13); porque afasta o homem de Deus (Deut 13, 2-6); porque desvia da Lei e do Testamento (Is 8, 19-20); porque o mago "perverte os caminhos retos do Senhor" (Atos 13, 10); porque a magia faz parte das "obras da carne" (Gál 5, 20). Estes são os motivos indicados nos livros bíblicos. Não o demônio diretamente, não o pacto com o demônio, não a invocação de satanás. O que os livros do Velho Testamento querem é confiança no Senhor. "Quando os profetas nos seus oráculos se dirigem às nações pagãs, a magia é visada com palavras que exaltam o poder de Javé sobre todos os adivinhos, sobre todos os magos e práticas de encantamento, em que os pagãos punham sua esperança. O ataque chega a atingir o sarcasmo, como p. ex., em Is 19, 1-3; 11-13, contra o Egito. Mais fortes ainda são

²²) Pe. Antônio Charbel, S.D.B., Demonologia e Magia à luz do Antigo Testamento, em *O Demônio*, Editora Vozes, Petrópolis 1957, p. 26.

as sátiras do profeta contra a Babilônia (Is 44, 25; 47, 12-13; Jer 50, 35-36; 51, 57).²³

O verdadeiro motivo de condenação da magia, indicado pela Bíblia, é, pois, êste: A magia é uma injúria à soberana independência e transcendência de Deus e aos seus direitos exclusivos de criar, revelar, fazer milagres e santificar os homens. A magia tende a rebaixar Deus ao nível da criatura e abre os caminhos para o politeísmo. E porque a magia é um aviltamento da soberania divina, por isso ela é também uma degradação da dignidade racional do homem, é deformação do autêntico sentimento religioso.

²³) Cf. Charbel, op. cit., p. 29.

A Medicina Mágica dos Terreiros

66,9% dos favelados adultos, perguntados pelos homens do IPEME, acreditam nas curas realizadas pelos pais-de-santo e 23,8% dizem conhecer casos positivos. Não é nenhum segredo, nem mesmo para a polícia, que os terreiros de Umbanda se transformaram em autênticos antros de curandeirismo. Alguns deles até o dizem nos seus próprios estatutos. Por exemplo a União Espírita de Umbanda Mamãe Anxum, fundada em 10-9-58, diz claramente que “tem por fim o estudo do espiritismo, *prática de curas espíritas*, bem como a propaganda dos seus ensinamentos doutrinários”. Assim está no *Diário Oficial* de 26-9-58 e assim foi registado no Cartório Dr. Arruda. Tudo legal. Também o Centro Espírita Hermão Montanguara, fundado em 27-9-59, registado no mesmo Cartório, tem por fim a “*prática de curas espirituais*”, segundo lemos no *Diário Oficial*. Curas “espíritas” ou “espirituais” há de ser, para eles, apenas diferença de nome. Podia ser também “espiritualista” ou “umbandista” ou “ocultista” ou “esoterista” ou “mágica”, que dava tudo no mesmo. Nem têm eles preocupações de filologia ou filosofia. O adjetivo não importa. O essencial é o substantivo: que haja “curas”.

Veremos, pois, o aspecto curandeirista da Umbanda.

1) Como Explicam as Doenças

Na indicação da causa das doenças os umbandistas se aproximam notavelmente do homem primitivo, com mentalidade infantil e mágica. Neste ponto, aliás, não há grande diferença entre kardecistas e umbandistas: “Nós, espíritas convictos, militantes da doutrina, não procuramos a doença no corpo físico”, diz um espírita kardecista;¹ e explica: “As enfermidades vêm

¹) Wenefledo de Toledo, *Passes e Curas Espirituais*, São Paulo 1955, p. 81.

do espírito, ainda mesmo as hereditárias”; “tôdas as doenças penetram no corpo através do espírito”. Concretamente teriamos as seguintes causas:

1) *Espíritos maléficos e trevosos*: Seriam geralmente os “espíritos atrasados” que atuam sôbre uma mediunidade não desenvolvida ou mal desenvolvida. Sôbre esta questão têm os espíritas e os umbandistas curiosas elucubrações. Exemplos:

“Os espíritos malfazejos atuam primeiramente sôbre o perispírito de qualquer criatura e em seguida sôbre o sistema nervoso. Depois de provocar o descontrôle dêsse, passam a ter maior influência sôbre a vítima, sendo-lhes assim mais fácil dirigir a projeção fluidica sôbre determinado órgão do corpo humano, provocando nêle a moléstia que desejarem, ou então valem-se de um espírito ainda sofredor, o qual êles, os malfazejos conscientes, *obrigam a ficar encostado ao paciente* provocando no mesmo as moléstias de que era portador quando ainda em vida, na terra. A ação dos fluidos de um espírito sofredor ou trevoso sôbre o organismo humano é idêntica a ação que produzem os raios solares, através de uma lente, sôbre a nossa epiderme; êles, pela atuação constante, destróem os tecidos mais delicados do nosso organismo, provocando moléstias diversas. Embora sejam êles retirados de junto das vítimas, ficam essas em estado tal, que só com um tratamento médico espiritual, prolongado, poderão recobrar a saúde” (Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., pp. 42 s).

“Os espíritos obsessores atuam de diferentes modos. Antes de atuarem, êles fazem pelo astral um exame da aura da pessoa e se utilizam de qualquer ponto fraco da aura, para por aí exercerem a sua influência. Os vícios permitem o assalto dos obsessores, principalmente o álcool, os excessos sexuais, o jôgo. Também quando a pessoa tem faltas a pagar, isso possibilita o ataque do obsessor, que começa sugerindo uma idéia, na aparência inocente ou simples. Se o desejo fôr satisfeito, êle aumenta a intensidade dos seus fluidos, tornando-se o desejo num impulso irresistível. O álcool favorece as obsessões. Quando a obsessão aumenta, é sinal de que o obsessor já tomou conta do indivíduo, que se torna um autômato e que só se livrará da tirania do obsessor, recorrendo à intervenção das Falanges de Umbanda... Os espíritos sofredores também podem pela sua aproximação provocar doenças, não porque queiram, porque êsses espíritos sofredores não são maus. Mas o seu sofrimento se irradia sob a forma de maus fluidos, que envenenam e enfraquecem a aura das criaturas” (*Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, pp. 60 s).

2) *O espírito “encostado”*. A idéia popular mais comum é a de um espírito sofredor que está “encostado” na pessoa doente e que precisa de ser retirado por meios mágicos. Os textos citados já aludem a êstes espíritos encostadores. Para maior elucidação, leiamos mais êste passo:

“Certos espíritos arregimentam espíritos sofredores, desconhecedores do estado espiritual em que se encontram, para colocá-los junto da pessoa ou grupo de pessoas a quem desejam fazer mal, provocando assim, no paciente, moléstias diversas, pelo contacto fluídico desses espíritos com o perispírito da vítima. Geralmente verifica-se que o espírito atuante transmite às vítimas as moléstias de que era portador, quando ainda prêso à matéria, na Terra” (Lourenço Braga, obra citada, p. 25).

3) *O quebranto* ou o *mau olhado* é outra explicação muito popular e tipicamente umbandista para interpretar uma série de doenças. Eis como justificam seu modo de ver:

“Todo ser humano é possuidor de fluidos magnéticos que agem segundo o pensamento, sentimento, desejo e vontade de cada indivíduo. Se o homem tem bons sentimentos, os seus fluidos são bons, mas se o dito homem tem maus sentimentos ou más intenções, seus fluidos são maus; assim se explica a inveja, o quebranto e o mau olhado. Se uma pessoa nos olha com bons sentimentos nos desejando saúde e felicidade, está nos fazendo bem, mas se a dita pessoa nos olha com maus sentimentos, inveja, ódio e raiva nos desejando mal, está nos fazendo mal, pois as chispas que essa pessoa projeta sôbre nós nos atacam segundo o seu pensamento, sentimento ou desejo” (Oliveira Magno, *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, pp. 47 s).

Outro umbandista explica assim: “O homem transuda fluidos inúmeros. O pensamento, o sentimento, em sua elaboração, originam fluidos, que entram em contacto com os fluidos dos outros homens, provocando simpatia ou antipatia. Os sentimentos inferiores, como sejam os de inveja, cobiça e ódio, causam fluidos maléficos, que vão prejudicar a pessoa atingida. Daí o que o povo denomina de “quebranto”, “mau olhado”, “enfeitiçamento”, etc.” (cf. Freitas-Pinto, *Fundamentos da Umbanda*, Rio 1956, p. 40).

Sôbre o mau olhado têm Luís da Câmara Cascudo, em seu inconfundível estilo, a seguinte bela descrição: “Invisível, obstinado, terrível mal! Continua assombrando e matando milhares de criaturas. Por êle vive o Catimbó parte essencialíssima. E’ uma força irradiante e malévola que o Mau Olhado espalha ao derredor, consciente ou inconscientemente. Mata devagar, secando, como se a energia vital se evaporasse lentamente. Árvores, flôres, animais, crianças, mulheres, homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm calafrios, insônias, mal-estar, inapetência. Perdem a alegria de olhar, de desejar, de querer. As crianças são as vítimas preferidas. Morrem sêcas, mirradas, encolhidas, com a pele de pergaminho, atoleimadas, babando, lábios finos, esgazeando os olhos, arroxean-

do a face, recusando alimentar-se. Invisível, obstinado, terrível mal!"²

4) *O castigo*: Muitas vezes "as doenças são castigos enviados pelas divindades a seus fiéis, quando não cumprem os deveres que têm para com elas. Com efeito, cada iniciado deve respeitar os tabus alimentares de seu deus, render-lhe culto particular (obrigação) no dia que lhe é consagrado, enfim, oferecer-lhe um sacrifício uma vez por ano. Se essas prescrições não forem mantidas, a divindade, ofendida por essa falta de respeito, pune o culpado".³ Cada deus tem o seu castigo próprio: Oxossi e Ogum mandam crises de loucura; Ogum também produz acidentes das estradas de ferro ou em fábricas; Xangô dá queimaduras; Oxum faz afogar; Iemanjá dá moléstias no ventre; Omulú joga a lepra em cima.

5) *Erro de iniciação*: Segundo os umbandistas todo homem tem o seu orixá e precisa tornar-se filho-dêste-santo mediante a cerimônia da iniciação ou da "abertura da cabeça", para que o "santo" (orixá) possa entrar. Mas pode haver engano na indicação do orixá, colocando no corpo ou na cabeça um orixá errado. Então o verdadeiro fica enciumado e torna doente aquele que deveria ser seu "filho".

6) O *feitico*, a terrível mandinga dos quimbandeiros, a coisa-feita, o trabalho-forte, pode ser outra causa, e bem frequente, de males e doenças. Sobre isso já dissemos o suficiente no capítulo anterior.

7) Os *fluidos do ambiente*, muito abundantes, segundo a fantasia espírita e umbandista, são causas cotidianas de mal-estar e enfermidades. Principalmente na sala de refeições e nos quartos de dormir. "Nestes lugares — explica um kardecista — os pensamentos emitidos estão condensados em nuvens, forrando o teto, que se movimentam por toda a casa".⁴

8) Afinal, a *predisposição kármica*, baseada na "lei do Karma", é responsável por uma série de doenças incuráveis.

²) Luís da Câmara Cascudo, *Meleagro*, Rio, AGIR 1951, p. 63.

³) Roger Bastide, *Sociologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo, Anambi 1959, p. 163.

⁴) Wenefledo de Toledo, *Passes e Curas Espirituais*, São Paulo 1955, p. 84.

E' a mentalidade reencarnacionista, segundo a qual o sofrimento seria um efeito inevitável de crimes cometidos em vidas ou encarnações anteriores.

2) A Terapêutica Umbandista

A esta obscura etiologia e diagnose deverá corresponder um receituário não menos problemático e supersticioso. A indicação do remédio dependerá da indicação da causa do mal. E para isso é competente o próprio pai-de-santo: "Só um babalorixá — diz o *Catecismo de Umbanda*, Rio 1954, p. 64 — um Chefe de terreiro, um médium, competentes, perfeitos conhecedores dos segredos de Umbanda, verdadeiramente caridosos, sem ambição e com apreciáveis qualidades morais, podem dispor dos meios que ajudem a cura de uma doença qualquer". Em alguns casos será necessário recorrer aos "médiuns videntes". Diz o mesmo *Catecismo*, p. 62: "Os médiuns videntes de Umbanda podem ver qual é a causa da moléstia; se há espírito maléfico ou algum sofredor, produzindo a doença, se se trata de uma prova, o que é que o doente deve fazer para livrar-se do mal".

A terapêutica umbandista dispõe de alguns remédios gerais e de certos recursos particulares.

a) Os Remédios Gerais

1) O *defumador* ocupa um lugar de destaque no ritual e na medicina umbandista. O *Catecismo de Umbanda* entende assim sua finalidade: "O defumador serve para dois fins. O primeiro é que a essência do defumador, desfazendo-se no ambiente, isto é, misturando-se com o éter atmosférico (sic), vai ser sentida pelos espíritos. A outra utilidade do defumador é que o seu perfume desperta alguns centros nervosos dos médiuns, fazendo êsses centros vibrarem de acôrdo com as irradiações fluídicas do Protetor".

Há vários tipos de defumadores. O babalaô Oliveira Magno aprehoa numerosas fórmulas ou receitas: ⁵ Defumador de descarga de casas e de pessoas, Defumador para descarregar uma pessoa, Defumador de Cosme e Damião, Defumador Agum-Megê,

⁵) Oliveira Magno, *Prática de Umbanda*, Rio 1952, pp. 21-42.

etc. Na sua confecção entram os seguintes ingredientes: arruda, palha de alho, fumo de rôlo, guiné, benjoim, saco-saco, aloés, escama de peixe, fígado de peixe sêco, enxofre, mostarda, canela, alecrim do mato, café, erva doce, cominhos, cravo, incenso, noz-moscada, côco sêco ralado, açúcar, alzapama, rosas brancas, erva de Santa Luzia, chifre de boi, escremento de boi, pimenta da Costa, raspa de veado, queijo ralado, breu... Não sabemos se a informação do babalaô é completa. Dizem que aproveita muito também o defumador de penas de galinha, contanto que seja preta.

O *Catecismo do Umbandista*, de Pôrto Alegre (1957), que insiste em defumadores "criteriosamente fabricados e de efeitos seguros", descreve largamente miríficas defumações. Conhece a Defumação de Oxalá, do Bará (que é o Exu), do Ogum-Beira-Mar, de Oxóssi, de Xangô, de Iemanjá, de Oxum, do Prêto Velho, do Pai João da Baía, do Caboclo de Umbanda, a Defumação Defesa, a Defumação Oriente, a Defumação Celeste (esta em tabletes) e outras muitas. Há defumações especiais para crianças em dificuldades de estudo (p. 85), para militares e policiais (p. 87), para escritores, professôres, tradutores, advogados, juizes, viajantes, mensageiros, deputados, senadores (p. 87), para início de viagem e para as noivas (p. 88), para espôsas que se querem fazer amadas pelos maridos (p. 88), para môças casadoiras, aconselhável também às solteironas e viúvas que desejam maridos (p. 89), para os namorados, pela vibração atrativa (p. 92)...

Nos jornais já é comum encontrar anúncios de Defumadores: Um dêles "é o único completo, para tôdas as 7 linhas, único capaz de produzir efeitos espirituais poderosos"; outro é "o único que contém plantas, ervas e matérias-primas importadas diretamente da Índia, com poderes sobrenaturais comprovados"; outro é "o mais completo, feito com todo escrúpulo na escolha de sua composição, por certo atingirá sempre sua finalidade, quer religiosa, quer espiritual"; outro "supera todos os outros... em ervas colhidas pelos feiticeiros nas épocas próprias". Um dêles diz na propaganda: "Este defumador só agora está sendo apresentado assim em tabletes, porque antes não tivemos autorização dos verdadeiros cultuadores da Lei de Umbanda para fazê-lo; porém agora, depois de muitas exigências, foi-nos finalmente concedida..." E todos advertem: "E' o úni-

co completo”, “rejeite as imitações e falsificações”, “exijam êste, não aceitem outro que digam ser a mesma coisa, pois usar um defumador é bom, porém um defumador falsificado é sempre perigoso”...

Mas o babalaô Tancredo da Silva os acusa a todos: “Vendem banhos e defumadores “completos” em lindas e sugestivas embalagens, com a figura do caboclo e pretos-velhos, mas por dentro é só capim...”⁶ Possivelmente êle, sim, terá, de fato, os verdadeiros, os autênticos e os completos...

A defumação não é coisa simples. Imaginaram cerimônias especiais. Veja-se, para amostra, um exemplo dado por Oliveira Magno para a “descarga de casas e pessoas presentes:

Aloés, escama de peixe, fígado de peixe sêco. A defumação se faz dos fundos para a porta da rua, com um copo com água na mão esquerda e o defumador na mão direita. Mas antes disso é necessário acender três velas e fazer três preces, sendo uma ao Anjo Governante do dia e outra à entidade que executa o dito trabalho e a terceira a Deus Nosso Senhor, pedindo licença. Em seguida se canta o ponto seguinte:

Mestre Luís chegou
oi Mestre Luís baixou,
Mestre Luís chegou
pra levar todos males
de sua “zefio” com sua gongá
para o fundo do mar, ê, ê. (Bis).

Ao terminar a defumação, a água do copo deve ser jogada pela porta fora dizendo: “Vai-te para o fundo do mar ou para o lugar que Deus te destinar para que mal não possas mais causar”. O defumador deve ser pôsto atrás da porta da rua até se apagar, e depois embrulhar seus restos num papel branco, e em seguida deve ser despachado no mar dizendo: “Dá licença!” E atirando o embrulho no mar, dizer: “Povo do mar, tomai conta do meu mal (ou do nosso, quando se trata de mais de uma pessoa) e dai-me (ou dai-nos) paz e prosperidade”. E’ bom também levar sete rosas brancas, um sabonete branco, uma caixa de pó de arroz branco para a Rainha do mar e, jogando estas três coisas no mar, dizer: “Eu vos ofereço, Rainha do mar, para que me deis paz, saúde e felicidade e realize o meu ideal. Estou confiante”.

2) Os *banhos* têm também função importantíssima na medicina dos terreiros. Servem para lavar o corpo das infelicitades, dos atrasos, do caiporismo, do enguiço e das urucubacas. Ajudam até na aquisição de emprêgo e dinheiro. Abrem os caminhos da vida. E há banhos contra enfermidades, contra o aba-

⁶) *Camba de Umbanda*, Rio 1957, p. 116.

timento moral, o mau olhar, a inveja, os ciúmes, a obsessão, o encanto, o despacho e contra as grandes dificuldades. Até para facilitar os estudos. Ao menos é que nos informa o *Catecismo do Umbandista*, de Pôrto Alegre (1957). Aí temos os seguintes banhos, “de absoluta garantia”: Banho de descarga São Jorge (é “banho forte”), banhos de descarga de casas, ônibus, automóveis e animais, banho de descarga Iara das Matas, para mulheres; banho de Jurema (contra enfermidades), de Desencanto, de Defesa, Sete Encruzilhadas (abre os caminhos da vida), de Oxosse (contra doenças), de Xangô (eficaz para professoras), de Iemanjá (para moças solteiras e viúvas que querem casar), de São Cipriano (“poderosíssimo”), do Oriente (para os filósofos e os estudantes), de Cosme e Damião (para os meninos estudar), do Pai João da Baía Congo (para os velhos). Há também o Sabão da Costa, o Antifluido Amôres de Loveti (que é exclusivo para mulheres), o Amaci Tupa, o Antifluido Sagrado (para homens), o Perfume Atrativo Oriental, o Pó Atrativo Oriental, o Perfume Repulsivo Oriental, o Pó de Pemba Branca Legítima Africana, o Pó de Liga, as Tinturas de Incenso, Mirra, Benjoim, Alecrim e Alfazema. E para as viagens, já preparado, o Banho de Descarga em Líquido.

Vê-se que o negócio é mesmo completo e enche um armazém. Aliás, há casas especializadas nisso. E as farmácias, as legítimas e verdadeiras farmácias, com farmacêuticos formados e diplomados, também possuem estoques...

Para os bons banhos de Umbanda é necessário: água do mar, sal grosso, cipó caboclo, guiné, milome, alecrim do campo, erva do Congo, espada de São Jorge, arruda, rosa vermelha, pepino, cravos vermelhos, fôlhas de louro, gira-sol, palma de Santa Rita, beijo de frade, lírio do brejo, malícia de mulher, palha de arroz, capim santo, manjerição, malva rosa, alfavaca, fedegoso, erva cidreira, hortelã, vassourinha — mais as mirongas do babalaô. Porque há ainda o processo de arranjar a mistura, os ingredientes auxiliares, as orações e os esconjuros certos, o dia e a hora da cerimônia e as obrigações durante e depois do banho...

E com seriedade prescrevem por vezes banhos repugnantes e nojentos. Leia-se, por exemplo, êste “para tirar qualquer praga ou maldição”:

Procurar uma mulher que esteja para ter um filho e pedir que assim que ela tenha a criança, guardar a primeira defecação da criança, o chamado ferrão. Tirar o primeiro leite numa xícara, antes da criança mamar e assim que a criança defecar o ferrão, pegar todo o conteúdo e passar na cabeça, no rosto e assim descendo pelo corpo, passando em tôdas as partes do corpo e pedindo que sejam retiradas tôdas as pragas e maus desejos, por mais fortes que sejam, desde o tempo que estêve no ventre da mãe até o momento presente. Em seguida, esperar um pouco e, logo em seguida, tomar um banho sem sabão, até limpar todo o corpo. Enxugar muito bem o corpo com uma toalha limpa e em seguida passar em todo o corpo o primeiro leite que a mãe da criança tirou do seio e colocou numa xícara antes da criança mamar. Em seguida vestir roupa limpa. Lavar o pano ou fralda em que veio o ferrão e guardar” (transcrito do livro *Jesus, a Chave de Umbanda*, Rio 1953, p. 289).

A título de amostra, apresentamos mais outro exemplo, tirado do mesmo livro, p. 286. Trata-se de um tipo de banho de descarga:

“Pegar as fezes de um boi completamente preto, botar dentro de um pano e amarrar as bordas do pano, de modo que as fezes não saiam para fora. Botar uma lata com água no fogo e quando a água estiver fervendo, colocar no interior o saco e deixar dar uma boa fervura. Quando a água estiver morna tomar o banho e depois esperar um pouco e, logo a seguir, tomar o banho com água e sabão, usando toalha limpa e mudando de roupa limpa. Em seguida, põe o que puder apanhar da água do banho juntamente com o pano com as fezes do Boi Preto, dentro da lata que cozinhou, deixando a mesma na encruzilhada; pedir ao Exu do Boi Preto que leve tôdas as cargas de feitiçaria, maus olhados (maus olhos), pragas, etc., etc.”.

3) A *água fluidica*, também usada nos terreiros, vem do Kardecismo que, por sua vez, recebeu a herança do Mesmerismo e dos “magnetizadores”. Explica o babalaô: “Os espíritos adiantados podem, pela ação fluidica, aumentar o efeito medicamentoso de qualquer remédio. Podem mais ainda, pelos seus fluidos combinados no fluido universal e com os fluidos de um médium de efeitos físicos ou curador, tornar a simples água em ótimo medicamento”.¹⁾ Há, entre os espíritas e umbandistas, vários métodos de “fluidificar” a água:

a) pela própria pessoa: basta colocar diante de si uma vasilha com água, concentrar-se e pedir o que se deseja que seja feito na água; e pronto: a água terá exatamente os efeitos desejados;

¹⁾ Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., p. 43.

b) pelo médium: toma a vasilha na mão e passa com os dedos, ligeiramente separados, as faces laterais da mesma e com a outra mão faz a devida “imposição técnica”;

c) pelos espíritos: deixa-se a água exposta ao sereno da noite. “No dia seguinte estará fluidificada pelos Espíritos do Bem”.⁹

O autor do *Evangelho de Umbanda*, o Sr. Oceano de Sá (“Mestre Yokaanam”), fundador da Fraternidade Eclética Universal (movimento umbandista-maçônico e antiafricanista), fantasiou a “corrente branca universal”, que funciona da seguinte maneira:

“Tôdas as pessoas, indistintamente, pretendendo assistência ou ajuda espiritual, cura à distância para seus males físicos, por se encontrarem em lugares longínquos da Fraternidade, desejando conforto, proteção e alívio para suas dores e aflições íntimas, devem proceder da seguinte forma: Ao se recolher ao leito para dormir, preparar seu coração para orar, expurgando-o de tôdas as vibrações e sentimentos inferiores. É importante saber que é indispensável o bom estado do coração, afastando ódios, vinganças, antipatias, ciúmes, rancores, etc. Nesta disposição fazer sua prece como melhor lhe parecer e de acôrdo com a sua Fé ou religião, contanto que seja sentida e sincera sobretudo. Pede, a seguir, ingresso na Corrente Branca Universal da Fraternidade, dirigida espiritualmente pelo Mestre Yokaanam durante a noite, para que possa receber os benefícios espirituais durante o sono. Se fôr o caso de tratar-se de enfêrmo ou interessado por outra pessoa enfêrma, deve colocar à cabeceira da cama do necessitado um copo com água pura e pedir que ali sejam depositados os fluidos benéficos e curadores necessários, segundo a vontade divina e os méritos do suplicante. No dia seguinte essa água deve ser tomada em parcelas, em três ou quatro vêzes”.

4) O *passé* é outro remédio universal, comuníssimo nos terreiros. É também uma herança do Kardecismo e de Mesmerismo. Os manuais espíritas oferecem longas descrições sôbre os vários modos de fazer os passes. Geralmente distinguem três tipos:

a) o *passé* magnético, exclusivamente do médium; pode ser longitudinal (de cima para baixo), rotatório, transversal e perpendicular, tendo cada qual seu efeito próprio;

b) O *passé* mediúnic, realizado pelo médium incorporado; êste é prôpriamente o “*passé* espírita”;

⁹) Wenefledo de Toledo, *Passes e Curas Espirituais*, São Paulo 1955, p. 158; os três métodos aqui lembrados são dêste autor.

c) o passe espiritual, feito exclusivamente pelos espíritos; pode ser feito também à distância.

Nos terreiros de Umbanda os passes são dados principalmente com o auxílio dos Pretos Velhos e, algumas vezes, dos Caboclos. O povo vai quase exclusivamente aos terreiros para receber o passe. Em alguns terreiros, antes de entrar, recebe-se a ficha e dá-se o nome. O passe é então dado por ordem, conforme a ficha. Durante o passe podem-se observar as reações mais extravagantes, tanto da parte do médium, como da parte de quem recebe. Certas reações só se entendem no manicômio. Os médiuns aproveitam o tempo dos passes individuais para doutrinar o paciente, explicar a “verdadeira” origem das doenças e conseguir que ele volte na próxima semana.

Durante êsses “tratamentos” dão-se as cenas mais curiosas e burlescas. Um amigo nosso resolveu receber um passe. Eis o que nos escreve: “Quando a dona do terreiro viu que meu caso era sério [na realidade era puro fingimento], arrastou-me para junto de si. Esfregou-me as mãos. Sacudiu-me a cabeça. Colocou marafo (cachaça) na cabeça e me deu um banho. Afirmou que eu estava desconfiado de minha noiva, que seria morena, alta e gorda [na realidade, o rapaz não tinha noiva]. Por fim recomendou que eu devia levar o meu cavalo (corpo) a um burro para ficar forte. Logo após minha fingida saída do estado de incorporação a médium insistia, batendo-me na face, para que não me concentrasse. Quando retornei ao meu lugar, corria pinga, gosma e saliva por todo o meu rosto...”

Outro amigo nosso fingiu tomar alívio no Terreiro Pai Xangô e Sereia do Mar (Rua Marista 253, Partenon, Pôrto Alegre). Eis a descrição que nos deu: “Logo que cheguei perto dêle, disse: “Moço ajoelha-te!” E começou a tirar do meu corpo os maus espíritos, com um ritual característico de dedos estalando e respiração ruidosa. No início fiquei quieto. Mas logo lembrei-me de ter ímpetos, gesticulações, até terminar em pulos e fandango ao som de um canto que entoaram na hora. Agarraram-me os médiuns e as médiuns e eu pulava, batia os pés, avançava, recuava, num desejo violento de me jogar contra o congá (altar) para desmontar aquêles mostuário de estátuas e exus; mas a turma me segurava com força. Por duas ou três vezes deixei-me cair no chão, passando-me então o Pai Xangô cachaça pelo rosto e oferecendo vinho e água, o que recusava com gesto violento. Encheu então a bôca de água, soprou nas palmas e fechou-as com o cuidado de quem guarda coisa preciosa. Em certo momento, quando estava deitado, a Cabocla Sereia do Mar se atirou por cima de mim, e aproximou seu rosto do meu, com os olhos esbugalhados e bateu algumas vezes com a cabeça na minha frente esconjurando o mau espírito a que saísse. Já cansado, suando, com a camisa rasgada e suja, desvencilhei-me e fiquei quietinho, sentado num canto do terreiro. Ofereceu-me água: “E’ água da Pomba Gira!” Com um sopapo atirei tudo longe. Pai

Xangô perguntou-me então onde eu morava. Respondi que era num lugar qualquer. Mandou buscar pólvora de caça. Fêz três montes, um na minha frente e um de cada lado. Tomou a brasa do charuto e ateou fogo, repetindo incessantemente: "Bênção e proteção". Três chamadas enormes e violentas como explosão de bomba. Saltei e logo me agarraram, de modo que não me foi possível jogar-me contra o congá. Então desisti. Dois dias depois voltei. Era sessão de caridade. Iniciando a sessão, Pai Xangô chamou a atenção para o meu caso. Todos me olhavam com piedade. Pai Xangô insistiu para que todos se concentrassem e rezassem a fim de reforçar a corrente. Então invocou tôdas as forças dos orixás maiores e menores. Todo o corpo mediúnico estava preparado para um grande trabalho. Na hora dos passes avancei para o congá. Pés no chão, sem casaco e a tal camisa rasgada. Iniciou o passe e comecei a pular. Mas os médiuns prevenidos agarraram-me logo, ficando eu literalmente desarmado. Assim mesmo pulei, espantei alguns assistentes e espernei para ver qual a terapêutica que haveriam de aplicar. Ao cabo de dez minutos, já cansado, suado, sujo e rasgado, relaxei os músculos e deixei-me cair. Soltei uns grunhidos. Perguntaram-me se queria dizer alguma coisa. Respondi que queria desencarnar. Então Pai Xangô mandou vir pólvora, fêz uma linha ao redor do meu quase-cadáver e encostou a brasa do charuto. Chamas e fumaça. Saltei de pé, bruscamente, e tentei apagar a chama. Agarraram-me em todos os sentidos. Saltei, pulei, dansei ao som de uma melodia que cantaram para mim. Julguei, então, que devia dar fim à comédia. Acalmei-me e vieram as receitas: Tomar um vidro de coláfosfato. Pai Xangô preparou-me um amuleto: mandou buscar um pedaço de papel, nêle enrolou fôlhas de arruda, fumo de seu cachimbo, fumaça acompanhada de rezas a Jesus, aos orixás e aos exus. "Você deve levá sempre no bôlso isso aqui, fio, que é pra bênção e proteção". Depois receitaram-me uma série de medidas para o meu caso, que era dos mais graves conhecidos até então: Deve trazer 7 velas e 7 charutos para fazer um despacho a Exu. Traz aqui e depois leve a um rio. Ponha na água e deixe que ela leve. Não deve olhar, porque senão êle volta. Deve ser de noite, porque de dia é vergonha. Mas não pode ser à meia-noite, porque é perigoso. Deve ser na bôca da noite"...

Os espíritos do além não haviam percebido sequer que tudo era puro fingimento.

b) Os Recursos Particulares

Daremos apenas alguns, que são os mais importantes, porque neste terreno a fantasia não tem limites:

1) *A troca de cabeça*: É um processo muito usado na medicina mágica. Procura-se transferir a doença para outra pessoa, ou para um animal ou outro objeto. "Consiste em concentrar por meio de encantamentos, em qualquer objeto ou roupa do doente, os males que o atormentam, encerrá-lo numa embalagem

atraente, e abandoná-lo em qualquer ponto freqüentado, para despertar a atenção dos transeuntes. Se um destes tocá-lo, por curiosidade ou inadvertência, atrairá para si os males que simbolicamente ali se encontram, e o verdadeiro dono ficará livre deles".⁹ Outras vezes procuram transferir a doença para algum animal. Eis como se faz:

"No quarto do enfermo acham-se o babalaô, com seus auxiliares, todos vestidos com os trajes do ritual. O animal que vai servir para a troca está presente. O animal é coberto por um pano preto, passando-lhe antes *epó* (azeite de dendê). Riscam-se os pontos de Omulu e acende-se parte de vela de cera virgem e parte de vela de cêbo ou esparmacete, cumprindo-se os preceitos necessários. Tira-se a roupa do doente e cantam-se os pontos próprios de *vumbi*; passa-se-lhe a *muginga* de pipoca (o preparo de pipoca feita em areia, em panela de barro nova, constitui outro cerimonial). Passa-se depois o azeite de dendê pelo corpo do doente, cantando-se os pontos adequados. A roupa e os cabelos do doente são entregues a Iroco (orixá ou deus das árvores). Abre-se uma fenda em uma árvore determinada, ou em sua raiz, colocam-se aqueles objetos, depois fecha-se a mesma. Isso é feito para que Iroco dê saúde ao doente, enquanto a árvore tiver vida. A vida do doente dependerá da vida da árvore. Juntamente com o resto dos objetos do doente, faz-se o entêrro do animal, com as cerimônias do *vumbi*. O doente fica escondido até que, no prazo de 7 dias, se complete o ritual do *vumbi* (*Doutrina e Ritual de Umbanda*, Rio 1951, p. 123).

2) *O fechamento do corpo*: Dizem que é uma cerimônia "de grande responsabilidade", pelo que deve ser feito com muito cuidado. Realiza-se a cerimônia numa "sexta-feira grande" (que cai num dos quartos da Lua Nova), com roupa especial, banho especial, em lugar especial. Com um punhal fazem cisuras na testa, na nuca, nas costas, no peito, nas juntas dos braços, nas palmas das mãos, no joelho, nos pés, tudo acompanhado com pontos próprios. A cerimônia dura vários dias. Dizem que então a pessoa está com o "corpo fechado": imunizado contra a atuação declarada ou oculta do inimigo, escapa das mais embaraçosas situações, como desastres, facadas, tentativas de assassinato, mordida de animais, etc.

3) *Dar de comer à cabeça* é outra cerimônia importante, difícil e cara. Mas asseguram os umbandistas que cura mesmo qualquer doença. Para isso devem procurar saber primeiro quem pode encarregar-se da função. A pessoa que vai dar comida à

⁹) Cf. A. Alcântara, *Umbanda em Julgamento*, Rio 1949, p. 141. O autor é Kardecista e tenta fazer a crítica do Umbandismo.

cabeça deve passar por banhos específicos e vestir roupas especiais. Há oferendas, adivinhações complicadas, matança de animais, etc. Também êste rito pode estender-se por seis dias.

4) Os *contra-feitiços* serão os únicos remédios para as doenças causadas por coisas-feitas ou trabalhos fortes. E' preciso então "desmanchar o trabalho". O babalaô, em sessão especial, procura saber qual foi exatamente o serviço feito e qual a Entidade do além que foi invocada. Feita a verificação, será suficiente destruir o trabalho com novo rito, nova oferta e outros espíritos mais poderosos...

5) *Outras fantasias*, conforme a capacidade imaginativa dos exploradores da credulidade. Exemplo: Depois de fazer uma prece ao Guia, escreve-se num papel o desejo de ficar curado, colocando o recado debaixo do travesseiro. Na hora de dormir basta dizer: "Vou dormir e depois o meu espírito vai ao espaço buscar os remédios ou elementos necessários para a minha cura, e acordarei na hora de costume com saúde e bem disposto". Diz o babalaô Oliveira Magno que é êste "um dos melhores métodos de curas".¹⁰

Veja-se esta resposta dada pelo babalaô Edgar M. Júnior, da Tenda Espírita N. S. da Penha, de Campo Grande (Guanabara), a uma senhora de Petrópolis, que o consultou (a carta é de 20-10-1954, respeitamos a gramática e a ortografia do babalaô): "Recebi sua carta a bastante dias, porem só agora pude responder em vista de milhares de cartas que tenho recebido e mesmo a crientêla do meu terreiro que é enorme e toma-me muito tempo. Mande-me o nome todo do rapaz o endereço dele junto uma oração a Santo Antonio, e até que ésta possa chegar as minhas mãos, acenda toda sexta-feira a vela para as almas santas as 6 h. da tarde ao 1/2 dia ou as 6 da manhã; pessa as almas santas o que desejas que eu espero o que já pedi acima para iniciar meus trabalhos. Também esqueceste de dizer o que é que sua prima deseja, assim tambem como esqueceste do nome déla. Faça tudo com bastante fé e escreva-me".

3) O Crime do Curandeirismo

E' assim que querem fazer "caridade" e "obras sociais". Na realidade, legítimo e puro curandeirismo. Nosso Código Penal tem sôbre isso dois artigos:

¹⁰) Oliveira Magno, *Umbanda e Ocultismo*, Rio 1953, p. 53.

Art. 283. — Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível:
Pena: Detenção, de três meses a um ano, e multa, de um a cinco contos de réis.

Art. 284. — Exercer o curandeirismo:

I — Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II — usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III — fazendo diagnósticos:

Pena: Detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único: Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa, de um a cinco contos de réis.

A lei é clara. Diz que é *crime* prescrever, administrar ou aplicar quaisquer substâncias, ou diagnosticar. Prescreve quem indica; ministra quem fornece; aplica quem impõe diretamente ao doente qualquer substância para curá-lo; diagnostica quem determina uma doença. Pouco importa se o embusteiro pratica seu mister gratuitamente ou se recebe remuneração. E' sempre crime, mesmo quando de graça.

Ora, não há dúvida de que tudo isso se pratica abertamente nos terreiros umbandistas. Basta ir ver. A polícia só não vê porque não vai. E quando vai, é para receber um passe também... São relativamente raros os flagrantes de curandeirismo.

E os perigos do curandeirismo são reais. Depois duma conferência nossa sobre o curandeirismo espírita, um médico teve a caridade de formular o seguinte pedido:

“— que o prezado Frei insista no perigo das falsas curas das sessões espíritas, pela seguinte razão: Suponhamos uma pessoa que, sentindo-se doente, procure um centro espírita. Recebendo passes, tem a impressão de sentir-se curada ou melhorada, por simples sugestão, conforme ficou claro em sua última conferência. Nestas condições, esta pessoa deixa de recorrer a tratamentos científicos, permitindo assim que a doença continue evoluindo até invadir irremediavelmente o seu organismo. Aquela cura aparente, portanto, foi a causa da doença ter se tornado incurável, porque no início, quando tinha cura, não foi tratada e sim ludibriada a boa fé do doente, por meio de passes. No entretanto, quando o enfermo está à morte, é o médico procurado e então querem que façamos milagres.

Tenho em minha clínica à disposição de quem quer que seja vários casos bem documentados, de doentes que perderam longo e precioso tempo, recebendo passes para tratamento de pedras nos rins, câncer e outras enfermidades e que me procuraram, uns em fase já incurável, e outros necessitando de grandes intervenções cirúrgicas. Cito como exemplo o caso de uma senhora que era médium, realizava sessões es-

piritas em sua casa e recebia ela própria passes, como tratamento da doença de que sofria. Pois bem, em fase já avançada de sua enfermidade, sem poder andar, procurou-me. De urgência extirpei-lhe um rim pôdre, contendo 2 litros de puz. Esta senhora ainda se salvou, fisicamente falando.

E' preciso, portanto, que o povo seja bem esclarecido, para repudiar êsses recursos desonestos e criminosos, responsáveis pela morte de muitas pessoas".

Todos os médicos conscienciosos, com clínica organizada, poderiam testemunhar casos parecidos. E a polícia, para cumprir seu *dever*, teria grande trabalho. De vez em quando dão um sustozinho num ou noutro terreiro. Assim lemos, por exemplo, na *Última Hora* de S. Paulo, de 27-8-59:

Agentes da Delegacia de Costumes surpreenderam ontem, em pleno meio-dia, uma sessão de curandeirismo em terreiro de umbanda, na rua dos Aicás, 686, no Indianópolis. Funciona ali a Fraternidade Umbandista Benedito Nestor e Jorge Guerreiro, da qual é dirigente Benedita Franco Pereira, de 54 anos, casada. Doze clientes encontravam-se no local a fim de receberem os curativos de dona Benedita. O agente infiltrou-se entre os crentes, como enfermo, e foi levado para o terreiro onde se fêz roda, em meio à qual foi queimada pólvora. Havia sal, charutos e pinga no "ponto roda". Dona Benedita, depois de umas baforadas, cuidou da ferida na perna de uma cliente. Em seguida, atendeu outras pessoas que sofrem de alcoolismo e fê-las beber pinga com casca de barata. Depois, bateu-lhe no estômago e fê-la vomitar.

— Isso é para você tomar horror à pinga, nega!

— Saravá!, respondeu a cliente.

Houve ainda passes e rezas e, quando tudo terminou, clientes e o pai-de-santo seguiram em fila indiana para a Delegacia de Costumes, onde o delegado Vanderico de Moraes os autuou em flagrante, por prática de curandeirismo. Ficou entendido que não havia cobrança de consulta. Cada um dava o que queria.

Filas indianas assim, em direção à Delegacia, poderia haver todos os dias, e várias e em numerosas cidades. De *O Estado do Paraná*, de 10-7-1956 temos um recorte, com boas descrições, sôbre as atividades e o *modus procedendi* do Terreiro Pai Tibiriçá, caboclo que baixa no cavalo de Oscar Ramos do Nascimento. A crônica é bem escrita e mostra novos aspectos da medicina mágica dos terreiros:

Quando alguém tinha que ser submetido a uma operação na Tenda da Vila Carmela Dutra, Pai Tibiriçá era exigente. Primeiro o diagnóstico. Depois o ato operatório propriamente dito. O diagnóstico era feito por meio de um copo d'água. Oscar, fumando seu charuto ou o seu cachimbo conforme o gôsto de Pai Tibiriçá, munia-se de um copo

cheio d'água e o interpunha entre seus olhos e a barriga do doente. Dêsse modo, através da água via a doença onde estava.

Era o raio X de Pai Tibiriçá. As vêzes o paciente não concordava com a localização da doença feita por Pai Tibiriçá. Mas não podia discutir, pois Pai Tibiriçá não gostava de ser contrariado.

Assim aconteceu com muita gente que nem sequer compareceu à Polícia. Estela Calonaci, com domicílio em Barigui do Campo Comprido, foi examinada ao preço de 500 cruzeiros por Oscar Ramos do Nascimento que lhe propôs uma operação, adiantando desde logo o preço desta: Cr\$ 5.000,00.

Estela conseguiu o dinheiro e lá se foi temente, para ser operada. Segundo suas declarações foi colocada num aposento do centro de Umbanda, deitada numa cama e coberta com alvo lençol, tendo sido rodeada por inúmeros "cambones", devidamente paramentados com suas batas alvíssimas. De repente o caboclo Tibiriçá ou Tibilizar levantou o lençol e fungando, bravo mesmo, meteu-lhe os dentes no couro da pança. A mulher gemeu e Pai Tibiriçá a um gesto fez com que se afastassem os irmãos, declarando-a curada.

Não concordou a paciente com tão simples processo operatório, nem tanto pela simplicidade, mas pelo seu elevado preço.

Foi ter à polícia, dando parte de Oscar Ramos do Nascimento, o milagroso Pai Tibiriçá.

Na acareação com ela, Oscar negou que tivesse recebido a importância alegada.

Ela, Estela, o afirma com decisão. Admitiu o pai de santo que o dinheiro foi dado ao dono da casa onde funcionava a tenda.

Outra queixa contra Pai Tibiriçá veio a DSP por intermédio de Leopoldino Bueno de Lima. Este estava com a esposa seriamente enferma, e como Estela, foi vista pelo milagreiro. Oscar prometeu, que a mulher de Bueno de Lima ficaria boa logo que os santos, finos caboclos, lhe tirassem do corpo a doença. Propôs também a operação, por um preço danado: Cr\$ 10.000,00.

A operação foi feita a dentes também, mas a mulher de Leopoldino Bueno de Lima piorou. Os dez mil cruzeiros foram para o bôlso do caboclo Tibiriçá, mas a mulher cada vez pior. O pai de santo foi novamente procurado, ao preço de 500 cruzeiros, e receitou remédios à mulher. Nada de melhorar, sendo então levada para São Paulo, onde, a despeito dos recursos médicos empregados, veio a falecer.

Pelos mesmos dias (junho de 1959) os jornais de São Paulo noticiavam que na cidade de Presidente Prudente três pessoas, atraídas a um dêsses antros de curandeirismo, instalado sob as vistas complacentes das autoridades locais com o nome de Centro Espírita de Umbanda Mensageiro da Paz, aí perderam a vida. Duas senhoras morreram, ao receberem passes, enquanto outra, para curar-se de um tumor, deixou-se pisotear no ventre por um dos dirigentes da Tenda, vindo a fa-

lecer. E uma quarta teve suas vestes incendiadas, sofrendo graves queimaduras.

Mas eis que vem a grande desculpa de sempre: *há liberdade de cultos!* — Queres mistificar o povo e explorá-lo impunemente? A fórmula será fácil e eficiente: Basta cobrir a ação com o manto protetor da “religião”. Sob êste manto o malandro não apenas escapará da punição, mas será protegido e defendido por todos os liberais e maçons. A revista *O Cruzeiro*, de 4-4-1959, apresenta nas pp. 88-97 uma reportagem sôbre a “cidade alucinada” de Nazaré do Maranhão. E’ uma triste amostra de um povo mistificado sob a capa da religião e da “liberdade de cultos”. Lá o criminoso explorador se chama José Bruno de Moraes, “mestre” e “padrim” daquela gente, mas que é livre e faz o que bem entende, porque é o “sacerdote” de uma desesperada multidão que recebeu a promessa da “cura para todos os males”. José Bruno diz receber um espírito forte: o Príncipe Ariolino Jurema. Para o “padrim de Nazaré” todos os doentes têm apenas “espíritos encostados” e Zé Bruno expulsa os espíritos perturbadores para curar tanto o homem que sofre de úlceras nas pernas, como a mulher com dor no lado. E o repórter conta: “José Bruno traz um manto vermelho bordado de estrêlas, cruzes e círculos amarelos. Senta-se diante dum altar solene. Vários médiuns, também cobertos com mantos, o cercam. Os doentes são dispostos em círculos, os médiuns iniciam os cantos de “doutrina”. José Bruno dá a volta ao círculo, para o “banho de fôrça” (com infusão de cachaça e raízes) nos doentes. Depois, com um defumador, dá nova volta, agitando a ponta do manto em cruz e inicia as esconjurações contra os males causados por espíritos zombeteiros, feitiço, bruxaria, tentação do demônio. Pouco depois é a “tomada geral”, quando quase todos os presentes recebem os “caboclos”: “Dançam, cantam, arrojam-se no chão, esponjam-se, grunhem”. Vimos a cena muitas vêzes. Tem-se a impressão que a parte humana e racional foi totalmente abalada e que diante da gente se contorce um bando de animais bípedes...

Dizem que isso é religião e como há “liberdade de culto”, a polícia assiste, olha e entra também na dança, com caboclo no corpo. E é assim que Zé Bruno de Moraes continua pastor, babalaô, prefeito, juiz e senhor das coisas e das almas do arraial de Nazaré do Maranhão. Em junho de 1960 estivemos em Na-

zaré, falamos com Zé Bruno e seu povo: todos, inclusive o “Mestre”, proclamaram que eram católicos. E o chefe da polícia, em São Luís, alegou que Zé Bruno recebeu licença do Governador...

Assim é no Norte e assim é no Sul. Em janeiro de 1959 estivemos em Esteio, no Rio Grande do Sul, onde fomos receber um passe do “Mestre” Osvaldo Jesus Vieira, fundador da “Religião do Nazareno”. Também puro curandeirismo, nada mais. Mestre Osvaldo mistifica e explora milhares de doentes e miseráveis. Repete-se aí o mesmo fenômeno: Dissimulado sob a capa da religião, o criminoso explora impunemente, aos olhos da polícia, a credulidade do povo. Nesta ocasião Dom Vicente Scherer, zeloso Arcebispo de Pôrto Alegre, denunciou não apenas a charlatanice do Mestre Osvaldo, mas condenou sobretudo o indiferentismo das autoridades: “Não se compreende como as autoridades competentes, a Polícia e o Departamento Estadual da Saúde, que devem defender a saúde e a bolsa do povo, se conservem indiferentes aos acontecimentos de Esteio e também de outros lugares. Vem um médico diplomado em afamada Universidade e não pode exercer a profissão entre nós, mas um ignorante arrojado, de boa ou má fé, brasileiro ou estrangeiro, pratica a medicina sob a capa da religião e não é incomodado por ninguém”.

Por outro lado, quando algum policial consciencioso toma alguma medida, levanta-se logo o vozerio liberal: “Perseguição religiosa! Parece que estamos na Idade Média! Inquisição! Santo Ofício! E’ rasgada a Constituição Federal!” e gritos semelhantes. Mas nenhum deles define o que é “religião” (nem saberia fazê-lo); e nenhum deles se lembra de que a própria Constituição Federal restringe a liberdade de cultos com um inciso esquecido: “Salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes”. E veremos no próximo capítulo que é êste, exatamente, o caso da “religião” de Umbanda.

Crimes, Imoralidades, Loucura e Exploração

Informa o *Diário do Congresso Nacional* (Secção I, 13-4-1961, p. 2391) que o Sr. Deputado Federal Aarão Steinbruck, com a data de 6-4-61, resolveu apresentar ao Congresso Nacional um projeto de lei nos seguintes termos:

“Art. 1.º Não constitui contravenção penal a prática de cerimônia, solenidades e ritos dos cultos afro-brasileiros.

Art. 2.º Este projeto entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário”.

Na *Justificação* do projeto cita o Sr. Deputado o art. 141, § 7 da Constituição Federal que assegura a inviolabilidade da liberdade de crença e do livre exercício dos cultos religiosos. Entende Sua Excelência por “cultos afro-brasileiros” o Candomblé, o Catimbó, o Xangô, a Macumba, a Umbanda “e outras denominações”, sendo cultos “praticados por grandes camadas do nosso povo em todo o território brasileiro”.

Para justificar sua proposta, o Sr. Steinbruck declara ainda: “A prática de tais cultos em nada ofende a ordem pública ou os bons costumes, contando com a participação de adeptos de tôdas as classes sociais”. — Eis uma tese que Sua Excelência não poderá sustentar em vista dos fatos e documentos que iremos apresentar.

Não são raras as manchetes dos jornais que gritam: — Alucinação e morte durante uma sessão de Umbanda — Morte “baixou” no terreiro — Fugiu com o pai-de-santo abandonando a própria mãe — Tiros encerraram a sessão de macumba — A macumbeira matou o menino — Demônio baixou no sargento: matou e suicidou-se na sessão espírita — Com Exu no corpo matou o desafeto em plena macumba — Loucura e crime na sombra de Umbanda — Dominada pela macumba, abandonou o lar em que vivia feliz — Brigam os “Caboclos” para explorar mulheres doentes — Embebeu todo o corpo com álcool e dançou

em chamãs ritual exótico — A sombra de Kardec se estende sobre o crime e a loucura — Maus espíritos impulsionaram os criminosos — De pai-de-santo a perigoso Don Juan — A macumba provoca incêndios — Dois irmãos mortos a facada por causa da macumba — Pólvora, Exu e queimaduras — Vítimas da Umbanda — Duas crianças mortas pelo “trabalho” do macumbeiro — Baixou no macumbeiro o espírito de Don Juan — No terreiro tentaram cortar ao meio a criança...

São alguns exemplos escolhidos ao acaso na imprensa diária. Certamente, não teremos a ingenuidade de responsabilizar exclusivamente a Umbanda por todos os crimes, mistificações e explorações verificados nos terreiros e nas tendas. Compreendemos perfeitamente a possibilidade de crimes comuns, no recinto da Umbanda, que não devem ser imputados ao movimento umbandista como tal. Entretanto, certa mentalidade dos umbandistas, algumas práticas especificamente umbandistas e, também, a desenfreada “liberdade religiosa”, sem contrôle, sem freios e sem orientação, ofereceram aos terreiros um ambiente muitas vezes duvidoso e outras vezes diretamente favorável aos crimes e às explorações que iremos denunciar.

1) Os Crimes nos Terreiros

Ouviremos a eloquência dos fatos. Não faremos nenhum apelo à fantasia. Recolhemos da imprensa diária alguns fatos que nos parecem caracterizar os vários tipos de crimes causados ou, ao menos, favorecidos pelo ambiente e pela mentalidade umbandista:

1) *Crimes “por ordem do santo”*: Walquíria Pereira dos Santos, filha-de-santo do terreiro de Claudionor Rocha Pita (vulgo “Nônô”), na Baía, estrangulou o menino Gérson, de 8 anos, “porque recebeu ordem do santo”, como confessou depois na polícia. Nônô, o pai-de-santo, depois da confissão de Walquíria, declarou que ela não era culpada, simplesmente “porque matara a mando do santo”.¹ — Bernardino Carvalho, 36 anos, ao retirar-se de um terreiro da cidade de Duque de Caxias (RJ), dirigiu-se à porta do cemitério, onde morreu tomando formicida. Deixou o clássico bilhete dos suicidas, no qual declara que aca-

¹) *O Globo*, Rio, de 11-8-1952.

bou com a vida porque, durante a sessão, sua mãe, que falecera dias atrás, baixara chamando-o para o além.²

2) *Crime por exigência de cerimônias*: Eunice Felipe, tendo de cumprir uma das últimas obrigações para ser considerada “cabeça feita”, foi à Tenda Espírita São Sebastião, dirigida por Geni Machado do Sacramento. Ela teve que colocar na palma da mão certa quantidade de pólvora para ver se explodia ou não. Logo que a chefe da Tenda encostou o fogo, a pólvora explodiu, resultando queimaduras de 1º e 2º grau nas mãos, no pescoço e no corpo.³ Casos como êste são bastante freqüentes.

3) *Crime durante o processo da “cura”*: No Centro da Rua Cocais, em Belo Horizonte, a senhora Geni Anacleto Reis foi atirada dentro dum cinturão de fogo “para que pudesse libertar-se dos maus espíritos”. Tendo as vestes em chamas, ela começou a gritar pelo marido, que veio correndo em socorro. Barrado pelos assistentes da sessão, só à custa de muita pancadaria conseguiu arrancar a espôsa das chamas, já com queimaduras generalizadas.⁴

4) *Crimes por vingança de inimigos fantasiados*: José Pedro Meireles sofre de nervos e recebe passes e benzimentos de Margarida Conceição Marcucci e sente-se melhor. Mas depois o mal volta e Dona Margarida lhe revela que o mal é causado por Dona Rita Nogueira e que o único remédio eficaz seria o afastamento de Dona Rita. No dia 12-12-1957, José Pedro Meireles vai à residência de Dona Rita a quem, sem maiores explicações, foi logo perguntando por que motivo o estava “maltratando” assim. E em seguida matou-a com um tiro.⁵ — Arsenio Gonçalves, da Vila Bertioga, freqüenta sessões em busca da cura. Vem então a descobrir que a própria espôsa é a “causadora” principal de seus males. Na manhã de 7-10-1952 investe contra a espôsa, matando-a com 17 golpes de sabre.⁶

5) *Crime preventivo contra o macumbeiro*: O macumbeiro é temido, considerado como um ser assustador que conhece os segredos portadores da morte. Como impedir que êle nos faça mal? Antônio José Cambuhi e Antônio Inácio Camargo, para de-

²) *Última Hora*, Rio, de 29-4-1957.

³) *Diário de Notícias*, Rio, de 17-12-1952.

⁴) *Correio da Manhã*, Rio, de 29-4-1960.

⁵) *Fôlha da Manhã*, São Paulo, 8-12-1959.

fender-se contra possíveis ataques “espirituais”, resolveram matar o temido pai-de-santo Firmino Inácio.⁷

6) *Crime durante o desenvolvimento da mediunidade*: No decurso de uma das conhecidas sessões de desenvolvimento, um dos presentes incorporou um Exu e caiu ao chão. Vieram o chefe do terreiro, o presidente e outros curiosos para provocar a desincorporação. Mas nada conseguiram: o rapaz continuou caído no chão. Pela madrugada morreu.⁸

7) *Crimes para efeitos de feitiço*: Dona Cesarina Martins do Nascimento, chefe da Tenda de Umbanda São Judas Tadeu, é especializada em fazer desaparecer maridos enjoados. Chegava a cobrar 50 contos para “dar sumiço nos maridos”. Prêsa, verificou-se que dava vidro moído ou formicida. Matou vários.⁹

8) *Crime por sugestão mediante despachos*: O babalaô Antônio de Oliveira foi contratado por Cristolino de Deus Ribeiro a fazer um “trabalho” para que Hilda dos Santos Perez abandonasse o marido Antônio Perez e viesse com êle, Cristolino. Hilda ficou com a cabeça “virada” e abandonou o lar.¹⁰

9) *Crime por falsa revelação do além*: Em Nova Cruz (RN) a jovem Maria de Lourdes Silva é assassinada por sua própria mãe, porque ela, a mãe, numa sessão de Umbanda, recebera a revelação de que a filha estava grávida do próprio pai. De fato era inocente.¹¹

10) *Crime para pagar dívidas ao Exu*: Maria Isabel Vieira, de Vila Sêca (SP), matou por asfixia uma menina de 3 anos e cortou a orelha de um menino de dois anos (ambos seus filhos adotivos), “para pagar uma dívida ao Exu Vira Mundo”.¹² Na África, aliás, o Exu exigia sacrifícios humanos.

11) *Crime por impulso do Exu*: Maurício José da Rocha, pai-de-santo no morro de Santo Antônio, Rio, matou a facadas seu desafeto Crispim José Ribeiro, declarando na polícia que estava totalmente inocente, porque na hora do crime estava in-

⁷) *Diário de São Paulo*, de 8-10-1952.

⁸) *Diário da Noite*, de São Paulo, 23-2-1941; cf. Roger Bastide, *Sociologia do Folclore Brasileiro*, Editora Anambi, São Paulo 1959, p. 293.

⁹) Otávio Cruz, *Mistérios do Espiritismo*, Rio, p. 106.

¹⁰) *O Cruzeiro*, Rio, de 7-2-1959.

¹¹) *Luta Democrática*, Rio, 26-5-1955.

¹²) *Diário de Notícias*, Rio, 1-7-1959.

¹³) *Fôlha de São Paulo*, de 23-10-1959.

corporado pelo Exu Sete Encruzilhadas, que foi quem cometeu o crime...¹³

12) *Crime por causa de crises durante o "passe"*: Leonilo Amaro de Melo, ex-pracinha e neurótico, abandona o tratamento médico e resolve receber "passes" no Centro Espírita João Batista, no Rio. Durante um desses tratamentos teve violenta crise, puxou do revólver e matou a tiros a babalorixá Etelvina Ribeiro Romero e feriu outras pessoas, enquanto gritava: "Caboço Arruda está comigo! Ninguém é mais forte do que eu!" Mas êle acabou sendo linchado "aos pés do altar onde eram feitas oferendas a Ogum e outros deuses da Umbanda".¹⁴ Êsses ataques e crises, durante os passes, são, aliás, freqüentes nos terreiros. Assistimos mais de uma vez a semelhantes cenas. Três ou mais pessoas devem então segurar o "paciente" e impedir maiores estragos.

13) *Crimes dos que enlouqueceram nos terreiros*: Adiante falaremos das loucuras causadas ou desencadeadas durante as violentas sessões dos terreiros. José dos Santos Cruz freqüenta sessões de tenda umbandista em Artur Alvim (Central do Brasil), onde chegou a "falar com o Diabo" e lhe vendeu várias almas de crianças. Num infeliz dia, desvairado, mata em plena rua, com uma faca, duas crianças e fere várias outras, declarando: "Satanás comprou as almas das crianças que matei!"¹⁵

14) *Crimes do curandeirismo umbandista*: Já focalizamos êste aspecto no capítulo precedente. Aqui apenas mais um caso: A pequena Dilve, de 5 anos, filha de Benedito de Oliveira, estava doente. Levaram-na ao médico. Mas Laurentino Medeiros Sobrinho, babalão nas horas vagas, aconselhou os pais a não acreditar em "doutor", que êle conhecia aquela doença e dava os remédios adequados. E receitou Ankilostomina e Pilulas Brasil. Dilve bebeu o purgante e tomou as pilulas e ficou com o corpo coberto de chagas e morreu.¹⁶ No dia 23-3-61 a mãe-de-santo Léia Pereira, do Centro Espírita Vovó Catarina, opera Herotides Teixeira com lâmina de gilete e canivete enferrujado, deixando a vítima agonizante. Para fazer o trabalho, a macumba não exigiu exame de sangue, mas exigiu um cabrito, um

¹³ *Última Hora*, Rio, 6-5-1957.

¹⁴ *O Globo*, Rio, 29-12-1959; *Última Hora*, Rio, 31-12-1959.

¹⁵ *Diário da Noite*, São Paulo, 11-12-1959.

galo preto, um galo pintado, três galinhas pintadas, sete pacotes de velas, vinte e um charutos, duas dúzias de copos, sete garrafas de cachaça, três quilos de farinha de trigo, cinco alguidares, mais dez mil cruzeiros.

15) *Crimes provocados pelo barulho dos terreiros*: São constantes as reclamações dos vizinhos dos terreiros. “A minha rua tornou-se um verdadeiro inferno, com um barulho de deixar tonto qualquer ser humano”, queixa-se um na polícia. E outro esclarece: “É insuportável o constante alarido que produzem, acompanhado dos gritos, cânticos, palmas cadenciadas, toques de tambores com ritmos monótonos, que enervam os vizinhos e perturbam o sono”. Não adianta reclamar na polícia. Foi assim que Vital Vicente Pereira, farto de reclamar, resolveu por conta própria acabar com o barulho. Houve um conflito e dois morreram.¹⁷

16) *Crime por violação de cemitérios*: Relativamente freqüentes são as notícias nos jornais de jazigos violados ou destruídos e coisas piores, resultado de macabros rituais da Umbanda. — Semelhante crime é também bastante freqüente na África. Carlos Estermann, C.S.Sp. publicou sôbre isso na revista *Portugal em África* (1958, pp. 69-82) um artigo intitulado: “O problema do homicídio ritual no Sul da África”. Por homicídio ritual entende-se “um assassinio perpetrado para fins mágicos, para obter poderes considerados extra-naturais, seja por meio da manducação da carne da vítima, seja para confeccionar amuletos protetores com partes do corpo, ou ainda para poder dispor da alma do assassinado como fâmulo” (p. 70). Na p. 80 o ilustre etnólogo angolês fala dos casos em que os pretendentes a poderes mágicos e os seus iniciadores vão desenterrar nos cemitérios corpos recentemente sepultados, a fim de extraírem as partes que lhes interessam para a confecção de certos amuletos. Este serviço macabro é executado à noite. “Ainda em nossos dias a mentalidade mágica admite a existência do homicídio ritual com relativa freqüência” (p. 80).

Há ainda outros crimes que merecem destaque em parágrafos especiais.

¹⁷) *Luta Democrática*, Rio, 10-1-1956.

2) A Umbanda Facilita Atos Imorais

Neste ponto, as denúncias serão feitas pelos próprios umbandistas mais sinceros e preocupados com o futuro de seu movimento. “Nós — diz um deles, considerado o Codificador da Umbanda — nós, que temos estudado várias religiões e convivido com sacerdotes de diversas seitas, tomando parte ativa no seu culto, afirmamos, a bem da verdade, que a Umbanda é a religião que maiores perigos oferece quanto o pecado da carne”.¹⁸ E outro umbandista, que se considera catedrático no assunto, declara: “Nenhuma das religiões é mais propícia aos atos de leviandade e depravações como a Umbanda, pois se o médium não fôr controlado e não tiver a seu favor os princípios de bom caráter, ânimo forte e grande espírito de abnegação, ruirá por terra, e se arrastará tal qual um verme, na lama da inconsciência”.¹⁹

Concretamente, segundo as denúncias dos próprios umbandistas, as imoralidades ou as oportunidades para tais atos são as seguintes:

a) “Quando não se pratica uma Umbanda apenas de terreiro e sim deseja-se a realização do culto levado ao ponto em que deve ser: cultuação dos elementos da Natureza e na Natureza, cruzamentos reais, iniciações no mato, nas praias, nos montes, o que obriga a uma convivência mais ou menos prolongada entre iniciador e iniciado, o perigo de uma aproximação carnal é grande, quando os sexos gritam sob o impulso das tentações”.²⁰

b) Mas não é preciso ir à Natureza. Há perigo também nas iniciações feitas nas famosas “camarinhas”, onde as futuras filhas-de-santo devem passar semanas ou meses. Exemplo: José Antônio dos Santos contou ao delegado de S. João de Meriti (RJ) que sua noiva Maria Teresa de Andrade estava presa numa camarinha do Terreiro de Mundinho da Formiga, em Vilar do Teles, para ficar mãe-de-santo e acabara ficando mãe-dum-filho-do-babalaô (serviço pelo qual, além disso, teve que

¹⁷) *A Noite*, Rio, 12-10-1953.

¹⁸) Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Prática, Rio 1953, p. 104.

¹⁹) A. Fontenelle, *O Espiritismo e a Lei de Umbanda*, Rio, p. 91.

²⁰) Emanuel Zespo, loc. cit., p. 104.

pagar seis mil cruzeiros). De fato, a polícia foi ao terreiro e lá encontrou nove mulheres prêsas, com as cabeças raspadas e seminuas.²¹

c) A trôco do “serviço” feito exigem-se por vêzes atos imorais. E’ a umbandista Zina Silva que o denuncia, falando dos que “abusam da ignorância e ingenuidade de senhoras e jovens, infelizes nos seus amôres, que recorrem ao espiritismo para voltar a gozar das boas graças de Cupido. Criam-se verdadeiros casos de consciência. Não raro as condições são as mais imorais e infamantes. Alguns prescindem do dinheiro a trôco da lealdade que a espôsa deve ao marido ou da virgindade da donzela, desesperada de conquistar o ser amado. Lutas, hesitações, verdadeiros dramas de consciência até a cessão de sua pureza, contanto que o “trabalho” dê o resultado almejado”.²²

d) Durante os passes: Há médiuns “que tocam em tôdas as partes sensíveis do corpo, deliciando-se com o contacto, sem mais terminar com os passes”.²³

e) Eis outra denúncia muito grave e que descreve uma nova situação:

“A tenda do caso presente está situada no centro da cidade, próxima à Central do Brasil [no Rio]. Desta feita o nome do caboclo Ogum Beira Mar foi escolhido para as atividades dum fracassado D. Juán, que se colocava em atitude de concentração, encostado na parede, a observar senhoras e senhoritas de boa aparência. Na hora de tomar passe, “caboclo” dirigia-se às mais interessantes, entregando-lhes um cartão com o nome e o endereço do médium; dizia-lhes que tinham um trabalho feito e da necessidade de desmanchar o catimbó”. Porém o pior de tudo é que, além do natural vexame a que muitas se sujeitaram, o sórdido sujeito ainda cobrava uma taxa de uns tantos cruzeiros, com a respectiva gorjeta... Quando elas negavam a curvar-se às suas exigências, êle ameaçava contar os segredos revelados ao pai, ao noivo, namorado ou marido da cliente: — Se é uma senhora: “Está grávida? Não? Mas estêve! Seu marido soube?” “Quem é êste homem que está sempre junto da senhora? Êle pensa muito em si e a senhora nêle. Não negue, minha filha. Não precisa ficar envergonhada. O “caboclo” compreende essas coisas”. — Se é solteira: “Há um rapaz interessado em você, minha filha. Conta pro “caboclo” tudo direitinho que é pro “caboclo” podê ajudá a “fiazinha”. Sua família consente no namôro? Não? O caboclo vai dar um jeito”.

²¹) *Luta Democrática*, Rio, 10-1-1952.

²²) Zina Silva, *No Limiar de Umbanda*, Rio 1954, p. 73.

²³) Otávio Cruz, *Mistérios do Espiritismo*, Rio, p. 90.

E dava mesmo, porque quem acabava virando moço bonito e bem intencionado, era o aparelho do “caboclo”, ou seja o torpe homem que se receitava como remédio à desilusão da consulente”.²⁴

f) “Outro caso freqüente é o das “entidades” [do além] que receitam o próprio aparelho [isto é: o médium] como remédio eficaz para curar a esterilidade. Não se esquecem também da cobrança pelo serviço”.²⁵

Eis, pois, a conclusão de um umbandista: “Multiplicaram-se as macumbas, os batuques, os candomblés e marchou tudo para a derrocada moral inevitável. Homens e mulheres sem escrúpulos descambam para a baixa magia, o bruxado, o são-ciprianismo, a magia do mal, e até mesmo prevaleciam-se de sua condição de “pais” ou “mães” para dormirem e coabitarem com os respectivos filhos ou filhas de santo. Conhecemos vários casos desta ordem e vimos, nas chamadas macumbas, coisas de aterrorizar”.²⁶ E um jornalista comenta: “Não existe um macumbeiro, um charlatão, enfim um desses reles exploradores, que não esteja ligado a um vereador ou a um deputado ou mesmo a uma autoridade qualquer que nutra aspirações políticas. Tocar, mesmo que seja com uma flor, em um dêles, é o mesmo que botar um mundo abaixo. Não se tem, por isso, conhecimento exato do que se passa nos subterrâneos do baixo espiritismo. Quantos crimes, sobretudo de desvirginamento de menores e cenas de adultério, processam-se nos bastidores das tendas, terreiros e centros! Verdadeiras tragédias... 95% dos casos de polícia que se desenrolam nesses covis permanecem no anonimato”.²⁷

3) O Perigo da Loucura

Quantas vezes vimos, nos terreiros, m^oças e rapazes, homens e mulheres, “incorporados por entidades do além” (segundo eles pensam e dizem) agitar-se em movimentos alucinados, rolar pelo chão como animais em estertores da morte, rodopiar e contorcer-se como possessos, balançar doidamente a

²⁴) Otávio Cruz, loc. cit., p. 89.

²⁵) Otávio Cruz, loc. cit., p. 91.

²⁶) Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Prática, Rio 1954, p. 52.

²⁷) Pery Augusto, numa reportagem em *Última Hora*, Rio, de 30-4-1957.

cabeça em tôdas as direções, sôbre um pescoço que parecia desarticulado, armando as mais horríveis caretas, desfigurando o rosto com simiescos trejeitos, a fumar charutos e cachimbos, a comer os bichos mais nojentos, beber garrafas de cachaça, estraçalhar galinhas nos dentes para sugar o sangue, pronunciando palavras sem nexos nem sentido, urrando e gritando como doidos e desvairados. E isso durante horas a fio. Nada podíamos fazer para impedir cenas tão bárbaras, que se repetem tôdas as semanas, em milhares de tendas e terreiros. Porque tudo isso se fazia em nome da religião, como se fôsse uma religião, sob a poderosa proteção da "liberdade religiosa".

E não exageramos na descrição. Poderíamos reproduzir aqui expressivas fotografias, tomadas naqueles instantes, para documentar as deprimentes cenas do terreiro em função. "Na Lei de Umbanda — escreve um dos babalaôs — ou na Lei de Quimbanda, as manifestações de espíritos são, *na maioria das vezes* (grifo nosso), totais, quero dizer, os espíritos apoderaram-se totalmente dos médiuns. Nesse estado, vimos muitos espíritos violentos jogarem os médiuns no chão, darem socos nas mesas, darem urros ou gritos fortes, furar o corpo com ponta de punhal, pisar em brasas, mastigar vidro, estraçalhar uma galinha nos dentes para beber o sangue, etc. . . . , dando-se *muitas vezes* o caso do médium gritar, sapatear, bater com as mãos na mesa ou ficar como se estivesse sufocado".²⁸

Nem é raro ver entre os *assistentes* fenômeno semelhante. Tomados súbitamente por uma crise, caem em convulsões, batem a cabeça contra a mesa ou a cadeira, choram e gritam, jogam-se por terra e aí ficam imóveis. Nem adianta querer ajudar, porque já vem o babalaô para tomar o caso a si. Pois para êles é sempre uma "entidade do além" que atua sôbre o infeliz. "A pessoa é médium e precisa desenvolver". E mais um candidato é encontrado para a vida ativa dos terreiros.

Perguntamos, anos atrás, a um grupo de médicos psiquiatras e especialistas em doenças nervosas se é aconselhável, sob o ponto de vista psíquico e médico, "desenvolver a mediunidade" ou "provocar fenômenos espíritas".²⁹ E todos, com absoluta

²⁸) Lourenço Braga, *Umbanda e Quimbanda*, 8ª ed., p. 37.

²⁹) Veja-se a documentação que então coligimos no caderno N.º 6 da coleção "Vozes em Defesa da Fé", intitulado *Livro Negro da Evoção dos Espíritos*.

unanimidade, responderam negativamente, declarando que semelhantes práticas são “nocivas”, “prejudiciais”, “desaconselháveis”, “perigosas”, “perigosíssimas”, etc. São adjetivos fortes, usados pelos médicos para denunciar o perigo do “desenvolvimento da mediunidade”. Dizem os mesmos médicos que as práticas mediúnicas podem agir como fator desencadeante de distúrbios mentais em indivíduos predispostos, pondo em evidência enfermidades mentais preexistentes e precipitando a psicose. Exemplo: o Prof. Dr. J. Alves Garcia declara: “O desenvolvimento mediúnico exalta qualidades patológicas latentes, sugere as pessoas simples, e em doentes mentais precipita a psicose e dá colorido especial aos delírios”. O Prof. Dr. José Leme Lopes ensina: “O exercício das denominadas faculdades mediúnicas é o principal responsável pela transformação psicológica, que prepara, facilita e faz explodir alguns quadros mentais. A prática pública de sessões espíritas, com manifestações ditas mediúnicas, exerce sobre a maior parte dos assistentes uma intensa tensão emocional e nos predispostos (psicopatas, neuróticos, fronteiros, desajustados da afetividade) é a oportunidade de desencadeamento de reações que os levam ao pleno terreno patológico”. E assim falariam centenas de médicos no Brasil.

Porém, entre as finalidades dos terreiros de Umbanda está precisamente esta: *desenvolver a mediunidade!* Quer dizer: os terreiros e as tendas se propõem — muitas vezes deixam isso consignado nos próprios estatutos — fazer alguma coisa que a unanimidade dos médicos declara ser perigosa, nociva e totalmente desaconselhável. E, todavia, a polícia e os demais responsáveis pelo bem público, registam os terreiros e licenciam as tendas, como se não houvesse problema, simplesmente porque a lei concede “liberdade de cultos”. Liberdade de cultos, sim, diz a lei, “salvo dos que contrariarem a Ordem Pública ou os bons costumes” (art. 141, § 7 da Constituição).

Portanto, a lei interdiz as práticas religiosas que “contrariam a Ordem Pública ou os bons costumes”. Ora, ouça-se, por exemplo, o que nos diz o Prof. Dr. A. C. Pacheco e Silva: “Em nenhum país do mundo, talvez a influência *nefasta* do Espiritismo se exerça com tamanha intensidade sobre a *saúde*

*) Dr. A. C. Pacheco e Silva, *Palavras de Psiquiatra*, S. Paulo 1950, pp. 147 s.

mental do povo como ocorre entre nós... Até mesmo um caso de morte foi há pouco observado no Rio de Janeiro, e deu-se com morte por traumatismo psíquico... No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem número de débeis mentais sugestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem ativamente".¹⁰ Por isso o mesmo Dr. Pacheco e Silva, quando era Diretor do Hospício de Juqueri, São Paulo, declarou ao Dr. Leonídio Ribeiro que o Espiritismo "é uma prática perniciosíssima, que deverá ser combatida a todo transe, por isso que, sobre *prejudicar a Saúde Pública*, contribui para a ruína de muitos lares e dá margem a explorações as mais ignóbeis".

Este é também o pensamento de outros. Afrânio Peixoto, por exemplo: "O poder público não pode ser indiferente à ruína nervosa, senão à alienação daqueles sôbre os quais lhe é missão velar, os inocentes, incautos, crédulos, que dêsses espetáculos e dessas sugestões podem ser vítimas". Outros declaram: "Os prejuízos que o Espiritismo traz a *Saúde Pública* são evidentes" (Dr. Pôrto Carrero); "julgo indispensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem êsse caso" (L. da Cunha); "é urgentíssima uma medida pública nesse sentido" (F. Franco), etc.

São clamores das autoridades competentes a gritar que as práticas espíritas e umbandistas *contrariam a Ordem Pública*; e que por isso, são contra a Constituição que veda expressamente o exercício da "religião" que "*contraria a Ordem Pública*".

E', pois, vã e covarde a constante desculpa da polícia quando alega que não pode fazer nada, "porque a lei dá liberdade". A lei é clara e não dá essa plena liberdade fantasiada pelos liberais, que querem a ruína duma nação avacalhada.

Aliás, também neste ponto concordam conosco alguns dirigentes umbandistas. "Sabeis — pergunta E. Zespo — o que pode produzir uma mediunidade mal orientada, mal dirigida? Isto: a obsessão, a alienação mental definitiva, a morte. Eis porque, apesar de ser espírita, jamais me ofendi quando ouvi padres católicos dizerem que o Espiritismo é uma fábrica de

loucos. Eles têm, em grande parte, tôda razão".³¹ E outro: "Casos há em que, havendo o completo domínio do espírito sobre a matéria, cujo subconsciente grandemente enfraquecido, quer pela moléstia ou outro qualquer fenômeno, deixa-se o indivíduo tomar facilmente pelo espírito obsessivo, jamais retornará esse elemento ao seu próprio estado, tornando-se um elemento perigoso, que, tomado pela obsessão, é quase sempre levado à loucura, com bem poucas probabilidades de cura".³² E mais: "A Umbanda, por se tratar de uma religião puramente fetichista, encontra uma infinidade de adeptos, os quais, julgando que com facilidade podem tomar conhecimento daquilo que lhes pode acontecer no futuro, entregam-se completamente inconscientes, sem de leve perceberem que muitas vezes incorrem em um erro gravíssimo, devido ao seu espírito mal formado e, portanto, sujeitos a uma série de perturbações que os levam invariavelmente à loucura ou à degradação moral".³³

4) Caça ao Dinheiro

Zina Silva, ela mesma umbandista sincera e convicta, publicou um livro intitulado *No Limiar de Umbanda*. No capítulo II faz ela uma crítica severa às tendas de Umbanda no então Distrito Federal (hoje Guanabara) e Estado do Rio. "Estas críticas — declara a autora — são fruto de mais de vinte e cinco anos de observação".³⁴ E eis suas denúncias:

"Nas tendas, o que vi, desde a mais modesta — notem que não usei o termo humilde — não desejo confusões, repito: da mais modesta à mais suntuosa, o que encontrei foi o "espírito comercial", o afã de construir e aumentar as respectivas sedes, numa perfeita organização tipo "caça-niqueis" ou donativos de gordas máquinas, onde a tesouraria é o departamento principal.

As festas, as tômbolas, as sacolas, nas portas, são uma prova evidente dos intuitos dos "proprietários" que exploram o estabelecimento tranqüila e prósperamente, como um comerciante de qualquer ramo.

Escandaliza testemunhar o desrespeito e desfaçatez das diretorias, permitindo que no próprio local das sessões, no Terreiro enfim, graças à cumplicidade de uma cortina divisória, encenam peças teatrais, ou exibem filmes, tudo com entrada paga, como em qualquer casa de diver-

³¹) Emanuel Zespo, *Codificação da Lei de Umbanda*, Parte Científica, Rio 1951, p. 68.

³²) A. Fontenelle, *O Espiritismo e a Lei de Umbanda*, Rio, p. 24.

³³) Idem, *ibidem*, p. 91.

³⁴) Zina Silva, *No Limiar de Umbanda*, Rio 1954, p. 43.

sões, e sempre a título de angariar fundos para futuras obras, que nem sempre se realizam. As leis são burladas lindamente, pois, desde que num bilhete de entrada figure a palavra "convite", está ela isenta de selo e de taxas.

Em regra há um fichário comum e outro secreto, no qual só os "proprietários" são dignos de fixar seus olhares profanos. Assim, os próprios elementos, que auxiliam nos serviços de administração, são excluídos das chamadas reuniões secretas, pois, como disse, é-lhes vedado o conhecimento do total das rendas das Tendas.

A parte espiritual é um simples pretexto para a econômica e a material. Entra aí em jogo a ignorância dos frequentadores, êsses infelizes, pouco esclarecidos, que supõem que a Fé pode ser comprada com meia dúzia de níqueis...

Li num jornal *O Dia* que o número de Tendas e Terreiros, licenciados pelas autoridades, ultrapassa a casa dos seis mil.

Desafio a quem quer que seja, mesmo aqueles que obturaram seus dentes com o slogan: "Dar de graça o que recebem de graça", a apontar uma, entre as seis mil, cujo presidente haja aberto a Tenda com seu dinheiro, a mantenha de seu bolso, e não tenha quadro social de contribuintes...

Mesmo nos pequenos grupos, que se reúnem numa pequena sala, em número reduzido, embriões de futuras Tendas, pois tôdas nascem assim, com o pecado original, o dinheiro é o motivo da *Fé* do médium responsável pelos trabalhos ou do dono do local que, em sentido figurado, dêle pode se dizer, *abriu uma portinha*.

A Tenda grande da esquina serve de padrão para a pequena Tenda que já possui as suas aspirações. Então, o *futuro proprietário* filia-se à grande; infiltra-se em seu quadro social; em resumo, faz um curso de aperfeiçoamento, e no futuro, quando puser em execução as lições recebidas, já tem em mente os métodos próprios de aperfeiçoamento, para acelerar a sua máquina de moeda falsa. Moeda, que no sentido espiritual, êle vai oferecer numa falsa casa de caridade, colocando-se na situação de beneficiado perpétuo e a tôda a sua família, pois aquilo passará a ser um patrimônio zelado com todo o rigor, para não perder a sua finalidade: FAZER DINHEIRO!...

O que Dona Zina Silva observou no Rio, nossos informantes viram em Pôrto Alegre. Frequentemente foram abordados, nos terreiros de Umbanda, com pedidos de "ofertas espontâneas", "para concluir uma obra", "para a sede própria", "para fazer uma festa", etc. Em quase cada sessão mais concorrida inventam uma rifa. Exigem mensalidades. Cobram os serviços de "despacho" ou outros "trabalhos" (que é sempre "caridade"). Recebem também pelas consultas feitas fora da hora (e que, para alguns babalaôs, são as mais importantes). Apresentam o "livro de ouro". Na entrada duma tenda estava escrito: "Um cofre à direita de quem entra espera a oferta do visitante". Lá

está também a bandeja de esmola aos pés das estátuas. Ou a bandeja passa, antes da sessão. “Uns dão consultas e há sempre um pratinho discreto, do qual os freqüentadores são os primeiros a falar para evitar mal entendidos dos que chegam: *Êle não cobra, cada um dá o que pode*; e assim cada um, na dúvida do que poderá satisfazer, dá o máximo, indo mesmo além das suas possibilidades”.³³

Já em 1952 o autor do *Evangelho de Umbanda* (êle mesmo, aliás, também grandíssimo explorador da credulidade) denunciava na p. 51: “Cobram passe ou consulta e desde 10 a 200 cruzeiros; trabalhos “especiais”, de 500 até 50 mil cruzeiros, para inutilizar um “obstáculo” qualquer, aleijar alguém ou conseguir um negócio rendoso... “Feituras de cabeça”, em camarins, de 500 cruzeiros para cima...”

Mas os “camarins”, agora, são mais caros. Na noite de 19-5-1959 compareceu à delegacia de Meriti (RJ), a Sra. Guiomar Martins Vechina, queixando-se de que sua filha Marli Martins Vieira Vechina havia sido seqüestrada por Maria Luísa de Freitas Santos, dona do Centro Espírita São Lázaro. Explicou a queixosa que, ouvindo conselhos de outras pessoas, entregara no dia 17-2-59 sua filha à Maria Luísa que, no prazo de 3 meses e 21 dias “faria a cabeça” da jovem. Durante êste período D. Guiomar teve que gastar a quantia de três mil e quinhentos cruzeiros, além de enviar mantimentos, semanalmente, para a casa da umbandista.³⁴

Em setembro de 1959 fomos procurado, na portaria do Convento de Petrópolis (RJ), por uma senhora que acabara de tratar-se, sem nenhum resultado positivo, num terreiro umbandista. O babalaô exigira para o tratamento:

- 1 alguidar;
- 4 kg de carne sem ôsso;
- 250 gr de milho para pipoca;
- 1 cebola;
- 1 garrafa de cerveja branca;
- 1 garrafa de cerveja preta;
- 1 maço de velas;
- 1 garrafa de azeite dendê;
- fitas amarela, branca e vermelha;
- 1 toalha nova e um travesseiro novo;

³³) Zina Silva, op. cit., p. 72.

³⁴) *O Globo*, Rio, 20-5-1959.

roupa nova para ela mesma;
 100 cruzeiros para o Cambone;
 100 cruzeiros para o coveiro;
 400 para o automóvel que devia levar o despacho;
 5.000 cruzeiros para o "trabalho" do babalaô;
 Resultado: bom negócio para um espertalhão.

Casos assim são de todos os dias, no Brasil inteiro. Hoje mesmo, 2-5-1960, quando escrevemos estas linhas, *O Globo*, do Rio, informa: O operário Mauro Jesus da Silva, chefe da Tenda São Sebastião, foi detido pela polícia porque cobrava 20 cruzeiros por consulta;²⁷ informa o jornal: "A renda diária do Centro era de 8 mil cruzeiros, já que o número de clientes sempre passava de 400". Mas: "Tudo era caridade".

E o babalaô Tancredo da Silva nos revela: "Vendem banhos e defumadores "completos" em lindas e sugestivas embalagens, com a figura do caboclo e pretos-velhos, mas dentro é só capim... "Guias" ou colares que as lojas americanas vendem a vinte cruzeiros, empurram à freguesia inocente por trezentos ou quatrocentos cruzeiros, dizendo que é artigo legítimo, "vindo da Baía". Caramujos apanhados em qualquer praia carioca custam muito caro, porque "vieram da África".²⁸

Em *O Globo* de 10-12-1956 damos com novas formas de exploração:

Na Rua Haddock Lobo, 67, próximo ao Instituto Róscio, foi recentemente inaugurada uma casa de comércio, talvez única no ramo. Sua atividade principal é a venda de estátuas de personagens importantes do mundo umbandista. O proprietário é o senhor Faustino Rodrigues, que fechou a sua mercearia para dedicar-se ao novo e original negócio. A pequena casa está repleta de estatuetas de conhecidos vultos do espiritismo, sob as mais variadas concepções e os mais extravagantes matizes.

²⁷) Note-se que a polícia, no Rio, só considera criminoso o curandeiro que cobra, com taxa fixa. Foi o que nos disseram na própria secção de tóxicos e mistificações. O macumbeiro-curandeiro que trabalha "de graça" (mas recebe ofertas espontâneas), não é criminoso, porque "faz religião" e "religião é livre", no Brasil...

²⁸) Byron Tórres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto, *Camba de Umbanda*, Rio 1957, p. 116. Mas na p. 133 dizem os babalaôs: "Quando se faz qualquer trabalho de interesse particular, é de praxe receber-se, nem que seja uma pequena quantia, porque senão o chefe de terreiro ficará com a carga psíquica que retirou de outrem..." Incluem esse princípio na cabeça de todos os chefes de terreiros e verão em que irá acabar.

O Sr. Faustino Rodrigues é espírita. É sócio de dois centros: o dos Caminheiros da Verdade e de São Francisco, situados na Rua Atalaia, em Engenho de Dentro, e na Rua Conde do Irajá, em Botafogo, respectivamente. Ia êle muito bem nos negócios de sua mercearia. Achou, porém, que não podia continuar sendo apenas um praticante do espiritismo. Queria dar sua contribuição para o melhor conhecimento do umbandismo e viu que o meio mais eficiente seria fazer, através de estátuas, presentes os grandes espíritos umbandistas. Diz que ali está para servir aos que acreditam na bondade e não apenas como comerciante.

A maior estátua da casa é a de um velho escravo. Representa um prêto que, segundo o dono da loja, trabalha na linha de Umbanda. O que é de estranhar é que o seu papel ali, naquela posição, é angariar dinheiro, explorando a credence e os sentimentos caridosos do povo, fato que representa estranha e abusiva forma de mendicância, mercedora de reparo.

Difícilmente ali entra uma pessoa que resista à armadilha do Sr. Faustino. Êle fala a todos das boas ações dos espíritos para com uns e das más para com outros. Está satisfeito com o sucesso do velho pedinte. E diz, envaidecido pelo êxito do seu engenho, que "todo homem tem coração e o escravo tem prestígio no mundo umbandista".

Mas o mais forte libelo veio do umbandista Hélio Filgueiras (pseud.: "Yonóri") do Templo Iniciático Jeovah (Rio), em duas brochuras, intituladas *Exu, A Nova Máquina de Fazer Dinheiro* (Rio 1953) e *Umbanda Indústria Rendosa* (Rio 1954). O autor prometeu outras, mas deve ter havido algum "trabalho forte" contra êle, porque nada mais foi publicado. No segundo dos citados livros escreve êle, por exemplo, na p. 35: "... 99% dos dirigentes desses Centros não visam outra coisa a não ser a glória efêmera de serem adorados por outros cegos, iguais a êles próprios, ou aproveitarem-se da ignorância e da dor alheia, para extorquir-lhe o dinheiro". E depois, na p. 70: "... Levamos a nossa ousadia ao cúmulo de declararmos que 99% dos Centros de Umbanda, que por aí se exibem, não passam de casas comerciais, ou teatros com péssimos atores; que 99% dos médiuns de incorporação, que formam êsses centros, nunca deram incorporação a nenhum Espírito; e que 99% dos livros sobre a Umbanda, à venda nas livrarias, não passam de fantasia, frutos da imaginação hábil de seus autores, que mais não visam senão uma falsa glória ou dinheiro".

Particularmente interessantes são as denúncias do mesmo autor em *Exu, a Nova Máquina de Fazer Dinheiro*, principalmente a partir da p. 46. Não fôsse tão longa a descrição, iria-

mos oferecê-la aos nossos leitores. Tentaremos resumir a história, como segue:

Uma senhora A., da alta sociedade, muito rica, descobre que o marido vive com amantes. De tanto desgosto fica doente e procura os médicos que nada descobrem e receitam apenas calmantes e fortificantes. Ela fala então sobre seu estado com a amiga B. Esta lhe faz saber que há, provavelmente contra ela um "serviço feito" e que é necessário "desmanchar o trabalho". Leva-a ao terreiro. O babalaô é previamente informado pela senhora B sobre a situação e o estado da senhora A. Começa agora a exploração, que irá desenvolver-se pelas seguintes fases:

Primeira Cena: Começa a sessão. Presentes: o babalaô, o ogam, alguns cambonos e as senhoras A e B. O babalaô dirige-se ao Congá (altar), emite uns grunhidos, apanha uma garrafa de marafo (cachaça), enche um coité (cuia), derrama um pouco para um lado e bebe o resto. O ogam tira um "ponto". Batem os tambores. O babalaô é acometido de súbito tremor convulsivo, dá pulos, corcoveia, improvisa horrenda careta, dá ao corpo grotescas contorsões e, com tremendo uivo, grita e faz umas perguntas. Um dos cambonos leva a senhora A, trêmula e nervosa, aos pés do babalaô. Este brada, profere umas pornografias, simula cólera, bate no peito e pergunta com arrogância:

— Não acredita em mim? Então, foi procurar casacudo (médico) pra se curar? Pensas que não te acompanho há muito tempo?

Faz mais umas "revelações", de acordo com as informações previamente recebidas pela senhora B. Mas a senhora A, surpreendida com o que ouve, pensa que foi o além que lhe revelou tudo isso. Afinal o babalaô informa:

— Tudo foi trabalho que fizeram para você morrer! E sabe quem fez? Foram as amantes de seu marido!

O chefe do terreiro mete a vela na boca, arranca um pedaço com os dentes, bebe mais cachaça, acende outro charuto e explode com mais esta novidade:

— Vou consertar a vida dela; mas vai ser demanda dura! Preciso mais vela, coité, galinha preta, cachaça, etc.

Dá um safanão, mais um grito; e o "espírito" se foi. Fala agora normalmente com a senhora A, garantindo que tudo terminará bem, que basta ela comprar o material pedido pelo espírito, que é forte e não falha; que vai fornecer uma lista das coisas que vai precisar para a demanda e outras "obrigações"; mas que, se ela não puder comprar o trem todo, ele mesmo se encarregará de arranjar tudo; que, para isso, precisará apenas de mil cruzeiros; e que, na próxima sexta-feira, ela poderá voltar para o "serviço".

Segunda Cena: No dia marcado voltam as senhoras A e B. Encontram o mesmo ambiente. E com a mesma encenação vai baixar o espírito. E durante uma hora inteira é feito o "trabalho", entre contorsões, corcovos e palavrões, com gargalhadas e espalhafato, num ambiente de cachaça, charutos e velas. Feita a "amarração", o babalaô informa que os trabalhos contra a senhora A foram feitos num cemí-

tério, com um despacho muito grande; e que é necessário fazer outro serviço lá no cemitério, pesado e forte e ainda antes da meia-noite; caso contrário tudo iria piorar.

Chegou para a gente do terreiro a hora do grande preço que “varia segundo a cara do freguês”.

Terceira Cena: Vão ao cemitério no carro da senhora A. Nova encenação. Desta vez o espírito exige muito material, que deve ser dividido em três e despachado parte no cemitério, parte no mar e parte na mata... Mas rogou que, desta vez, ela mesma fôsse comprar o material; pois, em vista do grande custo, poderiam pensar que êle, babalaô, quisesse aproveitar-se da situação, visto que o total custaria entre oito e dez mil cruzeiros. Madame, está claro, não pode comprar e pede, “por caridade”, ao babalaô mais êste favor...

E assim continua o “serviço” do terreiro...

Tinha razão a babá Cesarina Martins do Nascimento, da Tenda de Umbanda São Judas Tadeu, aquela que dava sumiço dos maridos enjoados, quando disse ao Delegado que a prendeu: “Êsse negócio de macumba, seu doutor, é mentira pura. Trabalho no ramo há muitos anos e nunca vi nada do outro mundo. Tenho para mim que os espíritos vivem muito ocupados para andar baixando em terreiro a torto e a direito. Mas que é profissão rendosa, isso é”. E no fim: “Êsse negócio é tudo mentira. Se me deixarem livre, vou montar outra tenda. Não falta trouxa que queira nos dar o dinheiro”.

*) Cf. *O Cruzeiro* de 7-2-1959, p. 39.

Causas e Remédios

1) Causas do Crescimento da Umbanda

A nosso ver, são êstes os fatores responsáveis pelo florescimento e pululamento dos terreiros umbandistas no Brasil:

1) *O abuso da liberdade de cultos*: Não há regulamentação do art. 141 da Constituição. O argumento constante e mil vezes repetido é êste: “Umbanda é religião, e religião é livre”. Na tarde do dia 9-5-1960 estávamos na secção de tóxicos e mistificações do Rio, quando entrou um abaixo-assinado reclamando contra o barulho dum terreiro e argumentando que se tratava, ademais, de um “culto ao demônio”. O chefe da secção (que, aliás, nos garantiu ser católico e ex-aluno de Franciscanos) leu-nos sua resposta negativa ao requerimento, alegando que a Lei concede plena liberdade de culto, “ainda que seja um culto ao demônio”. E leu êste último inciso com ênfase e orgulho, como quem se gloria desta conquista do liberalismo anticristão. Mas na realidade a Lei não reconheceu esta liberdade absoluta e sem nenhuma restrição. O texto exato do art. 141, § 7 é este: “E’ inviolável a liberdade de consciência e de crença, e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, *salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes*”. Esta segunda parte da Lei continua esquecida e morta.

2) *A facilidade de abrir terreiros*: E’, na realidade, muito mais fácil abrir uma tenda umbandista do que uma entidade recreativa. Para uma sociedade de recreio há exigências da lei, fiscalização pela polícia. Mas para um terreiro de Umbanda não existe nenhuma prescrição legal e nacional. O chefe da secção de tóxicos e mistificações do Rio mais de uma vez nos disse que não há obrigação nenhuma, nem de registo, nem de fiscalização, para o funcionamento dos terreiros. Por isso, no Rio, a maioria das tendas umbandistas funciona sem nenhum re-

gisto.¹ Só os mais adiantados procuram adquirir a personalidade jurídica na forma da lei civil. Em outros Estados a polícia é menos liberal. Também da parte da Umbanda como tal não há exigência nenhuma para a fundação dum terreiro. Pois não existe organização de cúpula para dirigir o movimento. Há, como vimos no segundo capítulo, tentativas de confederação, mas que não tem nenhuma obrigatoriedade: o terreiro adere ou não, como quiser e como lhe fôr mais conveniente. O umbandista Samuel Pönze o denuncia sem reboços: “Qualquer cidadão, bem ou mal intencionado, bem ou mal preparado, funda centros de Umbanda. Basta organizar uma diretoria, fazer uns estatutos e usar e abusar do artigo 141 da Constituição Brasileira; ... uma vez registado o centro, êle funciona com o beneplácito da polícia, e comete o bem ou o mal, segundo as boas intenções ou a burrice de seus dirigentes”.²

¹) Não sabemos exatamente quais seriam hoje as exigências no Estado do Rio. Mas em 1954 recolhemos informações em vários municípios da Baixada Fluminense. Verificamos então que a polícia protege os terreiros para explorá-los. Os sistemas do protecionismo policial funcionava da seguinte maneira:

1) O terreiro, por intermédio do delegado regional, precisa requerer licença de funcionamento à SSP (Secretaria de Segurança Pública) de Niterói, licença que deve ser renovada anualmente, custando sempre Cr\$ 2.000,00.

2) As delegacias e subdelegacias locais, no entanto, não permitem o funcionamento do terreiro sem um alvará especial, requerido mensalmente, mediante o pagamento de Cr\$ 100,00. Com êste alvará, todavia, o terreiro ainda não tem licença de bater tambores (o que é essencial para muitos ritos de Umbanda).

3) Por ser contrário à ordem e ao sossego público, o delegado jamais pode conceder alvará para bater tambores até alta madrugada; permite-o, no entanto, verbalmente, mediante uma “gratificaçãozinha” (Cr\$ 100,00 para cima), a ser dada para cada vez.

4) Por ocasião das grandes festas do terreiro, é preciso enviar ao delegado um convite especial, acompanhado de algum “presente” (Cr\$ 200,00 até 500,00).

5) Há muito terreiro não registado na SSP e isso com o conhecimento do delegado local, que então, mediante “entrada” particular, os regista na própria delegacia, passando a receber uma contribuição mensal, para dar licença verbal. “Soubemos — escreve um umbandista — por informação que nos parece fidedigna, que somente em um município perto do Distrito Federal, a coleta mensal das “licenças verbais” para funcionamento de terreiros é de Cr\$ 58.000,00” (Freitas-Pinto, *As Mirongas de Umbanda*, Rio 1954, p. 78).

Por aí se compreende o interesse da polícia em manter, proteger e aumentar os terreiros... — Já em 1904 constatava o jornalista João do Rio: “A polícia visita essas casas como consultante!” (cf. *As Religiões do Rio*, ed. 1954, p. 41).

²) Samuel Pönze, *Lições de Umbanda*, Rio 1954, p. 25.

3) *O prestígio social do babalaô*: Sem longa preparação, sem maiores estudos (muitos dêles são até analfabetos), ei-lo chefe: pode mandar, dar ordens, sobrepor-se aos outros; é respeitado, é venerado, beijam-lhe a mão. Quem não gostará de ser chefe-de-terreiro? Durante o dia, no serviço, é um João ninguém, deve talvez aturar as impertinências dos mais graduados ou as imposições do patrão; mas à noite, no terreiro, é êle “o tal”. E muitas vêzes o terreiro lhe dá e garante a subsistência, de maneira que nem precisa procurar outro emprêgo. Assim, com semelhantes exemplos à vista, muitos aventureiros se improvisam em babalaôs e abrem novo terreiro. “Seu prestígio de líder espiritual e sua posição dentro do culto leva-o a manter contacto constante e amistoso com as autoridades policiais do bairro; sua situação econômica permite-o ajudar alguns prosélitos mais desafortunados; suas relações pessoais com membros de outra classe, superiormente colocados, e sua maior habilidade mental e verbal, o tornam líder latente, não raro um líder real, neste pequeno mundo de seu burgo, liderança procurada, e utilizada muitas vêzes, periódicamente, nas vésperas das eleições, por solícitos candidatos a qualquer coisa”.³

4) *O prazer no exercício da mediunidade*: Um espírita o confessa, de própria experiência: “E’ uma aventura que pode apresentar sintomas de vício. A perda deliberada de consciência por um abandono consciente na obscuridade e na passividade mental gera no homem um prazer idêntico ao de todos os devaneios conhecidos”.⁴

5) *A massa de sangue negro*, que corre nas veias de uns 33% de nossa população. Verificou-se na África a tendência de passar insensivelmente da religião para a superstição, da fé em Deus para o culto dos seres divinizados, do culto dos espíritos para a magia, da magia branca para a magia negra.⁵ E temos mais uma particularidade nossa, denunciada por Gilberto Freire; é o “mestiçamento psicológico”: maioria branca que

³) L. A. Costa Pinto, *O Negro no Rio de Janeiro*, Brasiliense, vol. 276, p. 245.

⁴) Eduardo Prado de Mendonça, *O Problema do Espiritismo*, em *Vozes de Petrópolis*, 1951, p. 628.

⁵) Cf. Joseph Bouchaud, *L'Eglise en Afrique Noire*, La Palatine 1958. E’ muito interessante êste livro. O autor mostra que as nossas dificuldades daqui são essencialmente as mesmas na África.

em grande parte se criou junto com o prêto, que mamou leite branco nos seios generosos das babás negras. E com o leite, veio a mentalidade fetichista, supersticiosa e crédula.

6) *O catolicismo folclórico* tão bem marcado pelas pesquisas do IPEME, reproduzidas no Apêndice: Falta à nossa gente uma instrução religiosa elementar. Certas práticas religiosas, boas e cristãs em si, se manifestam mais por impulsos folclóricos do que por motivos religiosos. Não há consciência cristã formada. Nosso povo não dispõe de critérios suficientes para poder discernir a verdade do erro, separar a superstição e magia da religião e distinguir as práticas pagãs do culto cristão. Por isso é facilmente vítima da propaganda do erro sob a fachada cristã. E a Umbanda jamais se esquece desta fachada.

7) *A falta de assistência religiosa* produziu na gente um vazio espiritual. Para enchê-lo, voltaram ao fetichismo e primitivismo. E a Umbanda foi aceita como um sucedâneo (Ersatz). E um sucedâneo maravilhoso, com contacto direto com o mundo dos espíritos. Este fato, real ou ilusório, pouco importa, é sempre apresentado como verdadeiro e tem por isso uma extraordinária força convincente. Os assistentes ficam como que fascinados: De viva voz podem dizer à divindade os seus problemas e, de viva voz, recebem a resposta, o consôlo e o conselho... Quem poderá resistir?

8) *A garantia contra todos os males*: Dizem-se capazes de fazer descer espíritos sábios, poderosos, curadores e receitistas. Penas de amor, dificuldades de trabalho, questões de saúde, tudo pode ser resolvido; e facilmente; e barato. Ora, a coisa mais fácil deste mundo é chamar e atrair os doentes, os que sofrem, dando-lhes esperança de cura e conforto.

9) *A complacência dos governantes*: Todos os anos podemos ler no Orçamento a longa lista de entidades umbandistas contempladas com subvenções especiais, como a Cabana Cinco Pontas, o Terreiro Rompe Mato, a Tenda Caboclo Corre Campo, e outras entidades da Umbanda, com as denominações mais arbitrárias e ridículas. Nem é raro ler no Diário Oficial leis como esta de 31-8-1959: "É declarada de utilidade pública a Tenda Espírita de Umbanda Pena Azul, com sede nesta capital". Ou, então, fazem dos terreiros pontos de atração turística. Mostraram-nos um guia para turistas, publicado sob os auspícios do

Ministério do Exterior, onde os candomblés da Baía recebem especial destaque. E quando vem gente mais importante, são capazes, inclusive, de levar o terreiro ao hotel.⁹

10) *Zonas de influência política*, os terreiros estão muitas vezes sob a proteção direta de algum vereador ou deputado. A trôco de apoio moral e de ajuda financeira, os chefes de terreiros indicam aos seus prosélitos este ou aquele candidato. O babalaô, com o domínio absoluto sobre dezenas e centenas de pessoas influenciáveis, é excelente cabo eleitoral. O capitão Hélio de Castro, Presidente da União de Umbanda do Rio Grande do Sul, declarou ao *Diário de Notícias* de Pôrto Alegre, de 16-10-1959: “Sabemos que inúmeros candidatos procuram os nossos terreiros, em busca da simpatia de seus frequentadores”.

2) Paganização do Cristianismo

Se a esta altura devêssemos descrever a natureza do movimento umbandista, não poderíamos encontrar outra expressão que com mais precisão definisse suas tendências: é uma verdadeira tentativa de paganizar o Cristianismo. Estivemos pessoalmente, incógnito, em terreiros e tendas da Umbanda, vimos e fotografamos seus altares, assistimos às suas reuniões e cerimônias, conversamos demoradamente com seus chefes e dirigentes, assinamos e lemos seus jornais e revistas, compramos e estudamos mais de cinquenta livros e opúsculos que pretendem expor, mais ou menos autorizadamente, suas práticas e doutrinas. E a tendência de paganizar o Cristianismo é manifesta, é evidente, só é negável por parte de quem vive fora da realidade. Quem nos conhece sabe de sobra que não temos nenhuma inclinação para o sentimentalismo. No entanto, devemos confessá-lo (e dizêmo-lo apenas para reforçar o argumento), as cenas de tão inqualificáveis confusões — ver num mesmo recinto imagens de Cristo e Santos ao lado de estátuas do demônio; ter uma cruz cujas quatro extremidades terminam em forma de figa; ouvir as nossas

⁹) Pode-se ler, por exemplo em *O Tempo* de 4-3-1955: “Em atenção a um pedido de Ginger Rogers, foi levada a efeito uma sessão de macumba no chalé do Hotel Glória, onde está hospedada a “estrela” de cinema norte-americano. Ginger ficou horrorizada quando, a certa altura do despacho, o pai-de-santo arrancou a cabeça de um galo vivo.

mais sagradas e respeitadas orações de mistura com supersticiosas invocações aos deuses pagãos; assistir a demoradas cerimônias em que se invoca o santo e augusto nome de Deus para oferecer presentes ou “sacrifícios aos espíritos do mal”; ouvir a invocação de Cristo Nosso Senhor, e Redentor como “Chefe Supremo do Espiritismo de Umbanda”; ver Nossa Senhora rebaixada à qualidade de Iemanjá ou mãe d’água; ver crianças, môças, rapazes, homens e mulheres agitar-se em movimentos alucinados, rolar pelo chão, rodopiar e contorcer-se, urrar e gritar como doidos e desvairados; e tudo isso em nome duma religião, para praticar uma religião; e, ademais, ouvir da própria bôca dêles que também são católicos, que são batizados, que, portanto, abjuraram a satanás, que vão à igreja, que foi o vigário quem lhes benzeu as imagens, que têm imensa devoção a tal Santo, que comungam na Semana Santa; — tudo isso, essas cenas de inominável confusão, mais de uma vez nos humedeceram os olhos com lágrimas de compaixão para com as pobres vítimas, de revolta contra seus algozes e de súplica ao Criador a fim de implorar luz para os pastôres responsáveis por tantas ovelhas...

Concretamente esta tentativa de paganização do Cristianismo se manifesta de quatro maneiras: 1) pela introdução de costumes e usos supersticiosos nos meios cristãos; 2) pelo culto aos exus ou a demonolatria; 3) pelo culto aos orixás ou o politeísmo e a idolatria; 4) pela propagação da doutrina anticristã e pagã da reencarnação. Das três últimas já dissemos o suficiente nas páginas anteriores; digamos ainda algo sôbre a introdução de costumes e usos pagãos e supersticiosos nos ambientes católicos. E não nos referiremos às “pequenas” superstições, como sejam as defumações “para descarregar o ambiente”, as águas fluídicas “para curar doenças”, certos tipos de banhos “para tirar o espírito encostado”, o uso de figas, ferraduras, etc., “para afastar o quebranto”, etc. Aqui pensamos sobretudo nas grandes superstições da necromancia, da magia e de outras artes divinatórias muito em voga nos meios umbandistas e que mais e mais vão penetrando em ambientes ditos católicos. Não poucas vêzes a superstição é levada para o recinto da própria igreja católica. Para obedecer às instruções do babalaô, numerosas pessoas vão à igreja acender um determinado número de velas diante de não sabemos que Santo,

rezar tantos Pai-Nossos e Ave-Marias, durante marcado número de dias. Outros mandam rezar missa ou vão mesmo receber algum sacramento, porque assim ordenou o chefe do terreiro. Em si tais práticas são boas e recomendáveis; mas nestes casos concretos são fundamentalmente viciadas, porque a serviço da superstição, feitas por ordem ou indicação de algum feiticeiro, executadas com mentalidade de magia.

Em muitas regiões do Brasil estamos marchando retilineamente para a situação que se criou na “católica” república de Haiti. Tivemos oportunidade de falar sobre estas questões com o Sr. Bispo de Gonaïves, em Haiti, Dom Paulo Robert. Lá existe a mesma dificuldade e confusão, com a diferença de ser ainda mais grave. Lá é assim: 95% dos habitantes são “católicos”, 5% protestantes. Em Haiti quem não faz parte de uma seita protestante, considera-se com o direito de proclamar-se católico. Católico quer dizer: “não ser protestante”. Mas grande parte dos três milhões de haitienses é gente de côr. Também eles veneram Obatalá, Iemanjá, Ogum, Oxum, etc. Também eles escondem Obatalá sob a efígie e o nome de Cristo, Iemanjá sob o de Maria Santíssima. Lá Ogum é São Tiago, aqui é São Jorge (ou Santo Antônio na Baía e São Paulo no Recife). Mas a confusão e a mistura é a mesma. Também lá praticam tôda sorte de superstições e magias. Apenas o nome é diferente. O que aqui chamam de Umbanda (ou Macumba, Candomblé, Batuque, Xangô, Nagô, etc.) lá tem o nome de *Vodú*. Aliás, também na Casa das Minas de São Luís do Maranhão e em alguns candomblés gêges da Baía é conhecido êste vocábulo. “Vodú” é uma palavra do dialeto gêge e corresponde ao “orixá” dos nagôs. Como aqui no Brasil, também lá em Haiti querem ser ao mesmo tempo católicos e “voduístas”. A situação, pois, é perfeitamente paralela. Entregamos ao Sr. Bispo de Gonaïves um exemplar da primeira edição da nossa brochura “Posição Católica Perante a Umbanda”; e êle nos escreve: “Plus j’étudie votre brochure, et plus on est obligé de constater que c’est une identité a peu près complète” (quanto mais estudo vossa brochura, mais devo constatar que existe uma identidade quase completa entre a Umbanda do Brasil e o Vodú de Haiti). Portanto, a gente de lá é católica e pratica o Vodú, como aqui muitos dos nossos batizados praticam a Umbanda. Para acabar com tão inominável confusão, as dioceses de Port-le-Paix e Gonaïves (em Haiti

há cinco dioceses) resolveram tomar medidas severas e extremas. Fixemos a experiência feita na diocese de Gonaïvres, que começou em 1949. Naquele ano contava a diocese 570.000 habitantes. Vinte mil eram protestantes. Restavam, pois, 550.000 “católicos”. O Sr. Bispo colocou então os 550.000 católicos diante desta alternativa: ou seriam católicos de verdade e deixariam a superstição, ou ficariam apenas com o Vodú e abandonariam a Igreja. A opção se fez. E o resultado foi êste: 24.757, portanto 5% do total, permaneceram fiéis à Igreja; o resto, 525.000, 90% da população total (pois os outros 5% são protestantes), preferiram o Vodú e foram qualificados como *não convertidos* e, apesar de terem sido batizados, foram inteiramente excluídos da vida cristã, sem direito aos sacramentos e aos sacramentais. Os católicos fiéis receberam uma “carteira de católico”, documento sem o qual ninguém mais podia exigir seus “direitos de católico” (mandar batizar filhos, ser padrinho, pedir missas, receber sacramentos, etc.). Era o triste balanço, resultado da lenta mas constante ação de paganização do Cristianismo. E nós, no Brasil, repetimos, ao menos em algumas regiões, estamos marchando retilineamente para a mesma situação, porque assistimos, de braços cruzados, à mesma ação de paganização...

3) O Exemplo de Haiti

Colocar os católicos diante da alternativa de optar ou pela Igreja e abjurar a Umbanda (o Vodú), ou ficar com a superstição e deixar de ser católico, foi apenas a primeira reação contra o perigo de paganização do Cristianismo em Haiti. Para que um “católico não-convertido” pudesse voltar à prática normal da vida cristã, foram tomadas as seguintes medidas:

a) *Inscrição*. O primeiro passo que o candidato deve tomar é inscrever-se. Para isso êle precisa ser apresentado por um “católico verdadeiro e bom”, conhecido do vigário e que ofereça suficientes garantias acêrca da sincera vontade de querer realmente abandonar o Vodú e voltar à Igreja. Não basta, por exemplo, a vontade de querer ser padrinho, ou mandar batizar um filho, ou casar no religioso: exige-se a vontade declarada de querer futuramente ser católico verdadeiro e bom. Constatada esta decisão, o candidato recebe então uma *carteira de inscrição*. Com isso êle assume o compromisso de assistir regu-

larmente ao catecismo e à missa de preceito. A carteira serve ao mesmo tempo para controlar sua assiduidade. Mas com esta primeira carteira o candidato ainda não recebe nenhum direito à participação na vida cristã (não pode nem mesmo ser padrinho). Esta fase dura três meses.

b) *Juramento*. Será admitido ao juramento de fidelidade a Cristo quem: 1) possuir suficiente instrução religiosa (e são indicados taxativamente os números do Primeiro Catecismo que devem ser sabidos), verificada mediante rigoroso exame; 2) tiver assistido regularmente à santa missa dominical depois da inscrição e dado suficiente garantia que continuará nesta prática; 3) oferecer certeza moral de que abandonará definitivamente qualquer ligação com a Umbanda (o Vodú). Este juramento deve ser prestado na própria paróquia e só de três em três meses o vigário terá licença de realizar as cerimônias do juramento. Feito o juramento, o candidato receberá a *carteira de não-comungante*. Esta carteira lhe confere o direito de receber os sacramentais, de ser padrinho, de pedir o batismo ou a primeira comunhão para os filhos, de encomendar missas ou ofícios pelos falecidos e de receber entêrro eclesiástico em caso de morte. Mas ainda não pode o portador desta carteira receber nenhum sacramento.

c) *Comunhão*. São condições para a admissão à Comunhão: 1) ao menos um ano de catecismo regular e controlado, podendo este ano ser contado desde a inscrição; 2) exame sôbre todo o Primeiro Catecismo; 3) garantia que o candidato continuará a freqüentar o catecismo até à Promessa. Recebe então a *carteira de 1ª Comunhão*. Note-se que a este processo estão sujeitos também os que já fizeram alguma vez sua primeira comunhão, mas depois a abandonaram durante 10 ou mais anos e se entregaram às práticas supersticiosas.

d) *Promessa*. Só é admitido à Promessa ou Profissão de Fé: 1) quem tiver freqüentado o catecismo durante dois anos depois da primeira (ou nova) comunhão; 2) quem tiver feito exame sôbre o Grande Catecismo. Os que, depois da primeira (ou nova) comunhão, abandonarem o catecismo ou não quiserem preparar-se devidamente para a Profissão de Fé, devem ser excluídos da comunhão. Feita a Promessa, o candidato recebe

a *carteira de devoção* e é considerado cristão em pleno uso de seus direitos. Esta última carteira é renovada anualmente. A carteira poderá ser exigida na mesa da comunhão, sendo negada a Eucaristia a quem não a apresentar.

Sanções. O Exmo. Sr. Bispo de Gonaïves prescreveu ainda as seguintes graves sanções:

1) Será punido com a *excomunhão* (reservada ao Bispo) e submetido a *três anos de penitência*, durante os quais é privado da Santa Comunhão — mas não do direito de confessar e de receber a absolvição — e de outros direitos, conforme o caso: a) quem tornar à prática do Vodú, fazendo ou pedindo “despachos”; b) quem emprestar sua casa ou seu pátio para as cerimônias do Vodú; c) quem servir de intermediário para obter da Igreja qualquer cerimônia religiosa em favor da superstição.

2) *Um ano de penitência*: quem por si ou por outrem consultar algum chefe de terreiro ou o convidar para sua casa com fins supersticiosos.

3) *Um ano de penitência*: quem assistir a uma sessão de Vodú.

4) *Três a seis meses de penitência*: quem usar amuletos ou quaisquer outros objetos supersticiosos. Mas quem usar de um amuleto ordenado ou preparado por algum chefe de terreiro, incorre na penalidade prevista sob o n. 2; e se a confecção do amuleto incluir a necessidade de algum “despacho”, incorre-se na penalidade prevista no n. 1. — Os pais serão responsabilizados pelos filhos menores.

5) Quem emprestar sua Carteira para possibilitar a uma outra pessoa enganar o padre, incorrerá na mesma pena que recai sobre os que enganaram o vigário, e perde o direito à Carteira.

6) O recidivo terá penitência dobrada na primeira recidiva; na terceira, se o caso fôr grave, será considerado apóstata.

São estas as medidas principais, vigentes ainda hoje. Foram feitas ainda numerosas outras determinações particulares, como a proibição de certas devoções, imagens e estátuas, em si boas e católicas, mas já incorrigivelmente viciadas pela superstição. Na catedral de Gonaïves, por exemplo, já não se encontra

uma só estátua ou imagem de Santo. Isso valeu ao Bispo a acusação de iconoclasta; mas êle replicava: "Não, apenas idoloclasta!" Pois os Santos se haviam transformado em verdadeiros ídolos. Foram supressas também a maior parte das festas de padroeiro, que não passavam de manifestações pagãs sob a fachada cristã.

E os frutos?

Em fins de 1949, como dizíamos, a diocese ficou reduzida a um autêntico "pusillus grex", com apenas 24.757 fiéis. Mas aos poucos o número foi outra vez crescendo. Veja-se o quadro:

1949	—	24.757	fiéis com carteira
1950	—	26.723	fiéis com carteira
1951	—	34.444	fiéis com carteira
1953	—	41.271	fiéis com carteira
1954	—	44.345	fiéis com carteira.

Além disto, outros 14.700 possuíam carteira de inscrição ou de não-comungante. São, praticamente, os catecúmenos.

Houve, pois, uma recuperação metódica e bastante rápida. Mas, informa Dom Paulo Robert, "o que é consolador, mais ainda que o aumento das cifras, é a grande mudança que se operou na mentalidade dos fiéis, agora desejosos de conhecer a sua religião e de saber como servir ao bom Deus". Agora que o número oficial dos católicos era muitíssimo menor, as igrejas se tornaram pequeninas: "Os assistentes à missa triplicaram e quintuplicaram", escreveu-nos aquêle Sr. Bispo em carta particular. E' assim que se trabalha sistematicamente na lenta recuperação de um cristianismo que tinha sido paganizado pelas práticas da Umbanda.

4) Outra Sugestão Prática

Como se vê, as medidas um tanto severas tomadas em Haiti no fundo se resolvem numa intensa campanha de sólida instrução religiosa. Como complemento acrescentaremos aqui algumas sugestões que o *Diário de Notícias* já fêz em 25-3-1951. Diz aí o influente jornal do Rio que o problema dêste tipo de Espiritismo é "pura e simplesmente um problema de educação, uma questão de combate à ignorância, à credice, à superstição, ao atavismo. Problema difícil, delicado, sério, mas não

insolúvel... Em vez de se tentar, ridiculamente, criminosamente, absurdamente, fechar, ao brasileiro de côr, determinadas portas, o que se deve e se pode fazer é integrar de forma definitiva êsse mesmo brasileiro, pela educação, na muito mais numerosa sociedade branca, procurando-se destruir o que de africanismo persiste em sua alma e sua mentalidade, através do combate à ignorância e à superstição, esta última principalmente, que tem constituído, a nosso ver, um dos grandes entraves à ascensão mental de nossos irmãos de côr". "E' do brasileiro de côr a percentagem maior de freqüentadores dêsses verdadeiros antros de exploração da miséria, da dor, da credice do povo. Faz-se mister, por conseguinte, uma campanha enérgica contra a macumba e o macumbeiro. Mas não campanha de violência, campanha de bordoadas... mas campanha de educação popular, através da imprensa, do rádio, de cartazes sugestivos profusamente afixados, não em Copacabana ou na Avenida Rio Branco, mas nos subúrbios distantes, nas ruas perdidas, nos socavões do sertão carioca, nos lugarejos ermos de nossa terra. Cartazes de alerta contra o charlatanismo em suas variadas formas, cartazes explicativos do perigo de contágio que representa a freqüência a semelhantes lugares onde todos bebem, não sabem o que, pela mesma taça, onde existe um verdadeiro intercâmbio de enfermidades as mais variadas..." "Trata-se simplesmente de impedir a exploração, o assalto à bôlsa, a chantagem com a saúde, que se praticam na maioria dêsses terreiros cuja proliferação está se tornando alarmante e que concorre poderosamente para aviltar o brasileiro de côr, êsse brasileiro bom e digno, de cujo esforço se precisa, de cuja inteligência muito se pode esperar e que é necessário urgentemente educar. Combate à superstição, recuperação social do brasileiro de côr, constitui, queiram ou não queiram, um dos problemas nacionais mais sérios e mais dignos de atenção". E nesse trabalho sistemático de educação, de combate à superstição e de recuperação social do brasileiro de côr pode e deve o govêrno ajudar através do Ministério da Educação. Deveríamos, neste sentido, alertar os responsáveis, interessar alguns Deputados ou o próprio Ministro da Educação, para que êles tomem a si, como é de direito, tão urgente quão benéfica e patriótica campanha.

O problema criado pelo Espiritismo de Umbanda não é da alçada da polícia; é da alçada do Ministério da Educação e Cultura...

Outros remédios poderiam ser indicados. Por exemplo: uma regulamentação da lei da liberdade de cultos, para coibir os evidentes abusos e resguardar os direitos de terceiros. Dever-se-ia urgir também a Confederação dos terreiros de Umbanda, para evitar o pululamento arbitrário das tendas e a total inexistência de qualquer diretriz de cima. Pois, diz, alarmado, um dos dirigentes umbandistas, “se não tomarmos um rumo decente, correto, sábio, prudente e moral, em breve seremos uns verdadeiros demolidores da filosofia, da religião, da moral”.⁷ A liberdade sem freios acaba naturalmente na anarquia. E a anarquia aí está. Unam-se os umbandistas e façam uma limpeza radical, se quiserem sobreviver honestamente num país civilizado. Não é preciso falar em nome de Deus, nem em nome de Cristo, nem em nome da Igreja ou mesmo da Religião, para condenar o que entre nós, atualmente, se apresenta como “Umbanda”. Basta apelar para a razão, para o bom senso e para a Ordem Pública. Assim não pode continuar. Não somos contra o sistema da liberdade de cultos e do pluralismo religioso. Certamente, o ideal seria que todos fôssem sinceramente cristãos, ao menos num país onde todos fazem questão de dizer que são “cristãos”. Mas a tolerância não deve levar a um total avacalhamento da religião. Um dos nossos umbandistas chegou até a preconizar o seguinte: “O homem terá que voltar ao primitivismo!”⁸ E’ o que se vê. E onde quererão acabar?

Do ponto de vista estritamente pastoral, para os sacerdotes, teríamos outras sugestões a fazer. Mas para isso remetemos o leitor interessado ao próximo estudo, número 3 desta série, intitulado: “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”. Pois nem tudo está perdido. Existe a possibilidade de uma lenta e sistemática recuperação. Na interessante pesquisa feita entre os favelados

⁷) Paulo Menezes (“Itararé dos Santos”), *A Verdade sobre a Umbanda*, Pôrto Alegre 1955, p. 28.

⁸) Heraldo Menezes, *Caboclo na Umbanda*, Rio (sem data), p. 35. — Este babalaô, depois de pontificar que “o Universo é um conjunto de deuses e permanente harmonia” (p. 3), lamenta que o Cristianismo, “qual rôlo compressor, avassaladoramente, destruiu o politeísmo grego e o romano, o persa e o egípcio...” (p. 3).

do Rio, e que reproduzimos parcialmente no Apêndice, os homens do IPEME constataram, sim, que a maioria “preferiu encher o seu vazio espiritual mediante uma volta ao culto degenerado dos seus remotos antepassados africanos”. Mas eles viram também o seguinte: “O Catolicismo não desapareceu. Está presente na minoria praticante que resiste em parte à pressão do ambiente, mas também na massa, como demonstram o apreciável número de comunhões pascais, a formação religiosa de boa parte das crianças e até, apesar de sua manifesta desvirtuação, o culto aos Santos e a assistência às cerimônias das Festas tradicionais. Existe, pois, uma base ainda sólida para a Igreja voltar a satisfazer a ânsia espiritual dos favelados. Há missionários que vão evangelizar índios selvagens da Amazônia, que conservam uma moral natural. Com maior razão encontrar-se-iam sacerdotes para tomar conta, não mediante contactos esporádicos e sim vivendo no meio deles, de sub-proletários desorientados, que estão à mercê de qualquer aventura religiosa”.

Normas para uma Posição Católica Perante a Umbanda

Tentaremos formular agora algumas normas práticas para os católicos em especial, do ponto de vista puramente religioso e cristão. Estas normas foram publicadas também em folheto especial, com o título “O Católico Perante a Umbanda” (Editora Vozes, Petrópolis, R. J.), para que sejam amplamente difundidas entre o povo, como contribuição nossa à urgente campanha de educação e esclarecimento.

1) Perante os umbandistas, a atitude do católico é de respeito cristão e de prudente discrição. Umbandistas são principalmente os que dirigem a Umbanda ou nela trabalham: o chefe de terreiro, o pai-de-santo (*Babalaô, babalorixá*), a mãe-de-santo (*babá*), o auxiliar direto (*ogan*), a mãe pequena (*jabonan*), os acólitos ou filhos de santo (*cambones*), as filhas de santo (*sambas*) e os médiuns (chamados também *cavalos, aparelhos, moleques*, etc.). Umbandistas são ainda os que aderiram como sócios a uma entidade de Umbanda; os que frequentam regularmente as sessões do terreiro; os que vão evocar os espíritos de Pretos Velhos, Caboclos, Orixás ou Exus; os que contribuem com mensalidades para a manutenção ou a propagação do Espiritismo de Umbanda. Em vista do espírito de proselitismo que os anima e do evidente perigo de contágio, não convém aos católicos procurar ou fomentar amizades ou intimidades naqueles meios. E' sobretudo aconselhável afastar a infância inexperiente e a juventude aventureira do contacto habitual com estas pessoas. Geralmente será supérfluo e tempo perdido discutir com êles sôbre questões religiosas. O melhor ato de caridade que podemos fazer em favor dêles, é rezar, suplicando a Deus a graça da conversão, já que Deus deseja que roguemos e já que êles mesmos, convencidos como estão, não

pedem para si tão grande favor divino. O católico deve socorrer e ajudar todo umbandista necessitado que lhe pedir uma esmola ou outro auxílio qualquer. Mas de maneira nenhuma pode ajudá-lo, nem material nem moralmente, na construção ou manutenção de seus centros, terreiros, tendas, cabanas ou outras obras, ainda que sejam sociais ou filantrópicas, pois que tôdas elas têm a professada finalidade de propagar a Umbanda.

2) Perante a Umbanda como doutrina, a atitude do católico é de franca e total condenação. Em sua doutrina sôbre Deus, a Umbanda é *panteísta*, e como tal contesta e deve contestar tôda uma longa série de verdades cristãs: nega o augusto mistério da Santíssima Trindade; nega a existência de um Deus pessoal e distinto do mundo; nega a doutrina cristã a respeito da origem e da criação do universo; nega a criação da alma humana; nega a Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo; nega, conseqüentemente, a Maternidade Divina de Maria Santíssima; etc. Em sua doutrina sôbre o homem a Umbanda endossa o princípio kardecista da *reencarnação*, contestando mais outra seqüência de verdades claramente ensinadas por Cristo: nega a nossa redenção pela paixão e morte de Jesus; nega conseqüentemente a graça e tôda a doutrina cristã do sobrenatural; nega a unicidade da vida terrestre; nega o juízo particular e decisivo depois da morte; nega a ressurreição final de todos os homens; nega a existência do inferno; etc.

3) Perante a Umbanda como prática, a atitude do católico é de enérgica e declarada repulsa. A prática da Umbanda consiste essencialmente na evocação dos espíritos (*necromancia*) e na tentativa de pôr os espíritos direta e sensivelmente ao serviço do homem (*magia*). Para isso se servem de sinais cabalísticos (*pontos riscados*), versos evocativos (*pontos cantados*) e de outros muitos objetos (pembas, guias, ponteiros ou punhais, tambores, defumadores, charutos e cachimbos, pombos pretos, galos vermelhos ou pretos, sangue de boi, bebidas, cerveja, vinho, cachaça ou marafo, azeite de dendê, pólvora, pipoca, etc., etc.). E' inconcebível que alguém ame verdadeiramente a Deus e ao mesmo tempo pratique a necromancia e a magia tão severa e freqüentemente proibidas por Deus. Por isso jamais pode o católico ser sócio de quaisquer grupos, confederações, socie-

dades, fraternidades, centros, terreiros, tendas ou cabanas de Umbanda.

4) Perante as sessões de Umbanda, a atitude do católico é de completa abstenção. Nem mesmo “apenas para ver” irá participar em atos de tão manifesta revolta contra as claras determinações de Deus, que interditou rigorosamente a necromancia e a magia, o politeísmo e a demonolatria. Assistir a uma sessão de Umbanda ou de Espiritismo seria pecado grave de desobediência contra o Criador. Pior seria ainda êste pecado, se o católico, êle mesmo, mandasse evocar um determinado espírito ou alma de pessoa falecida.

5) Perante os livros de Umbanda, a atitude do católico é de desaprovação e censura sem restrição. Livros que propugnam tanta negação das doutrinas fundamentais de nossa santa fé cristã; livros que recomendam o politeísmo e a demonolatria; livros repletos de superstições e receitas mágicas, devem ir ao fogo. O católico que, sem a devida licença do Bispo, ler, guardar, vender ou propagar semelhante literatura, comete pecado grave e incorre sem mais na pena de excomunhão. O mesmo vale de livros como: “A Cruz de Caravaca”, “O Verdadeiro Livro de São Cipriano”, “O Livro da Bruxa”, e outras obras semelhantes, muito em voga também nos meios umbandistas.

6) Perante a diagnose umbandista, a atitude do católico é de absoluta reserva. Na Umbanda procuram explicar as doenças como atuação de algum espírito maléfico e trevoso; como consequência de algum espírito sofredor “encostado” no doente; como efeito do mau olhado, do quebranto, da inveja ou dos maus pensamentos de algum inimigo, etc. Quando doente, o católico não há de consultar pitonisas, babalaôs ou pais-de-santos, nem há de mandar jogar os búzios ou recorrer a outras artes divinatórias em uso na Umbanda (ou fora da Umbanda), como a cartomancia, a quiromancia ou coisas afins. São práticas que, se não forem simples explorações e mistificações, incluem a evocação de espíritos. Comete pecado grave de convivência com a Umbanda e de desobediência contra Deus, quem recorrer a semelhantes meios: “Não se ache entre vós — diz o Senhor — quem consulte adivinhos ou observe os sonhos e agouros, nem quem use malefícios nem quem seja encantador, nem quem con-

sulte pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina tôdas estas coisas” (Deut 18, 12-13).

7) Perante a terapêutica umbandista, a atitude dos católicos é de repúdio integral. Não usará nem defumadores, nem banhos, nem despachos, nem “desmanches”, nem fará uso da “lei do retôrno”, nem de passes, nem de água fluidica, nem de “orações fortes” ou de outras coisas ou práticas análogas. Mas a chamada “homeopatia” pode ser usada, porque é apenas explorada pelos espíritas e umbandistas e nada tem de comum com a magia ou necromancia.

8) Perante o culto umbandista aos Orixás, a atitude do católico é de decidida reprovação. E’ preciso que o católico saiba com clareza o seguinte: a Umbanda se aproveita dos nossos santos apenas como isca, para fachada. A Umbanda apresenta Cristo ou o Senhor do Bonfim, na realidade, porém, quer prestar culto a *Oxalá* ou *Obatalá*, “chefe supremo da côrte celestial”; aparenta venerar a Virgem Nossa Senhora, mas na verdade intenciona oferecer sacrifícios a *Iemanjá*, deusa da água e do mar; simula o culto a São Jorge, entretanto pensa em *Ogum*, deus da guerra; finge venerar São Cosme e São Damião, quando de fato cultua *Ibeji*, deus protetor das crianças; etc. Portanto, assim como os umbandistas ocultam a magia sob o manto cristão da caridade, assim disfarçam o politeísmo com a devoção cristã aos Santos. “Vêde — diz o Senhor — que sou Eu só e que não há outro Deus fora de mim” (Deut 32, 39). A idolatria e o politeísmo é dos pecados mais graves que o homem pode cometer contra Deus. A fé cristã nos ensina que no céu existem anjos e santos, mas todos eles são criaturas de Deus como nós, inclusive Maria Santissima. Eles merecem a nossa veneração, respeito e sobretudo nossa imitação, jamais, porém, nosso culto de adoração. O católico protestará sempre contra a insidiosa identificação dos anjos e santos com os deuses pagãos. Podemos rezar aos santos, podemos recorrer a eles, podemos até fazer-lhes promessas, mas sempre dentro dos limites do culto de veneração indicados por Deus e determinados pela Igreja de Cristo.

9) Perante o culto aos Exus, a atitude do católico é de santo horror e êle o repelirá sempre com apostólico vigor. Exu

Maioral, Exu das 7 Encruzilhadas, Exu Tranca Ruas, Exu Quebra Galho, Exu Tranca Tudo, Exu Cheiroso, Exu da Capa Preta, Exu Tiriri, Exu Calunga, ou como quer que se chame, é apenas outro nome para aquilo que Nosso Senhor chamava de demônio, satanás ou diabo. Os próprios umbandistas o admitem. Dizem por isso que, por ser ruim, é preciso procurar estar bem com êle, oferecer-lhe presentes (“despachos”), dirigir-lhe pedidos e preces, etc. Isso é simples e pura *demonolatria*. O católico admite sem dúvida a existência do demônio e sua relativa liberdade para nos hostilizar. Porém jamais brincará ou pactuará com êle, nem muito menos lhe acenderá velas ou lhe oferecerá quaisquer presentes ou sacrifícios. Satanás será sempre nosso inimigo, mesmo quando se mostra “amigo”. Não é possível acender ao mesmo tempo uma vela a Deus e outra ao demônio. Seria querer servir a dois Senhores. Isso não pode ser. “Ninguém pode servir a dois Senhores” disse Cristo (Mt 6, 24). A Igreja de Cristo nos oferece meios suficientes para nos defender e proteger contra as insídias e os ataques de satanás: são os Sacramentos, os sacramentais, a constante vigiância sôbre os sentidos e a união com Deus. Absoluta e incondicional fidelidade a Deus!, eis o lema constante do verdadeiro católico, mesmo nas mais difíceis situações e provações da vida.

10) Perante os despachos, a atitude do católico é de soberano desdém. Em si e como tal o despacho, o feitiço ou o malefício jamais “pega”. Pois que o demônio nada pode sem a permissão divina. Verdade é que Deus pode permitir uma atuação direta e perceptível do demônio, principalmente sôbre pessoas que, pelo pecado grave e mortal, vivem em inimizade constante com Deus e amizade manifesta com o demônio. Conservando-se, porém, na amizade de Deus e na graça santificante, o católico não teme nem malefícios nem despachos ou outros feitiços ou práticas parecidas. Quando se encontra com despachos, mesmo diante da porta de sua casa, o católico mune-se com o sinal da Cruz (pois está diante dum objeto “consagrado” ao Inimigo!) e remove-o tranqüilamente, podendo mesmo servir-se sem escrúpulos das coisas úteis que porventura aí encontrar (alguidar, prato, dinheiro, charutos, fósforos, cerveja, galinha, etc.).

11) Perante os demais meios supersticiosos de defesa contra a atuação dos maus espíritos, os amuletos, as figuinhas, a ferradura, a pomba, a arruda, o guiné, a espada de São Jorge, etc., a atitude do católico é de simples e formal desprezo. Não recorre a êles em hipótese nenhuma, nem dêles se utiliza para fins de decoração ou enfeite, a fim de evitar possíveis escândalos ou maus exemplos. Ao católico verdadeiro e praticante basta Deus e os meios que Cristo, por sua Igreja, lhe oferece. O homem sente em si tão grande necessidade de crer que, quando deserta dos santuários sagrados, é para ir aos antros da superstição. Quanto mais fielmente o homem crê e confia em Deus, mais se afasta das práticas da magia e da superstição. Na proporção em que perde sua fé em Deus, aumenta sua confiança na superstição. Os melhores cristãos são os menos supersticiosos; os maiores supersticiosos são os piores católicos.

12) Perante o Espiritismo de Umbanda, portanto, a atitude do católico é de absoluta, total e frontal oposição. Cristianismo e Umbanda são dois polos opostos. Um exclui o outro. Quem é umbandista não pode professar-se cristão. Quem é cristão não pode ser umbandista. É de todo impossível ser ao mesmo tempo católico e umbandista. Todo aquêle, portanto, que aderir às práticas e às doutrinas de Umbanda, sai da Igreja, exclui-se a si mesmo da comunidade dos fiéis de Cristo, deixa de ser católico e renuncia ao direito de receber os Sacramentos. Em outras palavras: o umbandista já fez tudo para desligar-se interiormente da igreja e as autoridades eclesiásticas são apenas conseqüentes e coerentes com aquilo que o próprio umbandista voluntariamente escolheu, quando o consideraram também exteriormente desligado da Igreja, isto é: *excomungado*. Com isso o umbandista perdeu o direito de assistir à santa Missa; perdeu o direito de receber os santos Sacramentos: na Confissão não pode receber a Absolição, na mesa da Comunhão não pode receber a Eucaristia, etc.; perdeu o direito de tomar parte nas indulgências, nos sufrágios e nas orações públicas da Igreja. Identificando-se substancialmente com o Espiritismo (pois praticam a evocação dos espíritos e aceitam a teoria da reencarnação), vale para os umbandistas o que os Bispos do Brasil declararam recentemente a respeito dos espíritas em geral: *são e devem ser tratados como verdadeiros hereges*. Por isso vigoram também para os umbandistas as seguintes determinações:

a) Não podem ser admitidos à recepção dos Sacramentos, ainda que os peçam de boa fé, sem que antes abjurem a Umbanda e renovem a profissão de fé católica;

b) não podem mandar batizar na Igreja os filhos menores, a não ser que estejam em iminente perigo de morte ou ofereçam garantias suficientes de que receberão uma educação católica;

c) não podem ser convidados ou admitidos como padrinhos ou madrinhas de Batismo ou de Crisma;

d) quando falecerem, sem dar sinal de arrependimento, ficam privados da encomendação e da celebração de Missa pública por sua alma;

e) visto que a Umbanda não é apenas desobediente em suas práticas e herética em suas doutrinas, mas quer também constituir uma religião particular, com hierarquia, ritos e culto próprios, seus adeptos devem ser considerados como membros duma seita religiosa acatólica e existe, por conseguinte, impedimento matrimonial entre umbandistas e católicos: não podem os católicos casar com adeptos da Umbanda.

Em resumo, a posição do católico perante a Umbanda pode ser compendiada nos seguintes pontos:

1) Nenhuma inimizade ou hostilidade com os adeptos da Umbanda ou do Espiritismo por motivos religiosos: O cristão não pode ter inimigos.

2) Não fomentar relações de amizade e de freqüente contacto com umbandistas ou espíritas: O proselitismo que os anima é perigo de contágio.

3) Ajudar ou socorrer sempre a um umbandista ou espírita necessitado: A caridade cristã é desinteressada.

4) Mas não ajudar na propaganda da Umbanda, ou na construção ou manutenção de suas obras, nem moral, nem material, nem financeiramente: Seria pecado de aprovação e cooperação com o mal.

5) Condenar e rejeitar a doutrina panteísta e reencarnacionista da Umbanda: Endossá-la seria pecado grave de heresia e apostasia.

6) Jamais e sob pretêxto nenhum praticar a evocação dos mortos ou espíritos do além (necromancia ou magia): Seria sempre pecado grave de desobediência e revolta contra o Criador.

7) Desaprovar e destruir todo e qualquer livro que propugna as doutrinas heréticas e as práticas supersticiosas da Umbanda: Foi o que já fizeram os primeiros cristãos de Éfeso (Atos 19, 18-19).

8) Abster-se totalmente de freqüentar qualquer sessão de Umbanda: Seria sempre pecado de aprovação ou mesmo de prática da necromancia ou magia e poderia ser ocasião próxima de apostasia.

9) Em caso de doença, não consultar pais-de-santos, baba-ladões, babás, pitonisas, necromantes, cartomantes, quiromantes ou outras semelhantes pessoas: Seria pecado de necromancia e superstição.

10) Rejeitar sempre a tentação de recorrer a despachos, passes, defumadores ou outros exóticos “remédios” da Umbanda: Seria pecado de magia e demonolatria.

11) Protestar sempre contra a identificação de Santos Católicos com divindades pagãs: São Jorge com o deus da guerra Ogum, etc.

12) Jamais participar em manifestações públicas de culto a Iemanjá, Ogum, Ibeji, etc.: Seria pecado de idolatria e politeísmo.

13) Não pactuar, sob pretêxo nenhum, nem para “fazer a caridade”, com o demônio ou qualquer outro Exu: Seria sempre gravíssimo pecado de demonolatria.

14) Não fazer uso de meios supersticiosos, como figas, feraduras, chifres, etc.: Seria também dissimulado culto a satanás.

15) Não usar dêstes objetos nem mesmo por simples motivo de enfeite ou lembrança: Poderia fomentar a superstição nos outros.

16) Rezar muito pela conversão dos umbandistas e espí-ritas: Todos devem salvar-se.

Apêndices:

1) As Pesquisas do IPEME

O IPEME (Instituto de Pesquisas e Estudos de Mercado) realizou entre 15 de fevereiro e 15 de março de 1958 um levantamento sôbre a vida mental dos favelados do então Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, para saber quais as crenças e opiniões e quais os assuntos de interêsse das 667.000 pessoas que então ocupavam as favelas do Rio. A pesquisa foi realizada pelo “método da amostragem estatística”, que consiste em estudar, não todos os componentes de um universo considerado, mas uma amostra selecionada de maneira que seja representativa do conjunto. As favelas foram divididas em cinco setores:

- Setor 1: Santa Teresa, Glória, Laranjeiras, Botafogo, Leme, Copacabana, Lagoa, Leblon e Gávea;
- Setor 2: Centro, Cajú e Ilha do Governador;
- Setor 3: Rio Comprido, Tijuca, Andaraí, São Cristóvão, etc.;
- Setor 4: Engenho Novo, Bôca do Mato, Meier, etc.;
- Setor 5: Penha, Irajá, Madureira, Realengo, etc.

Foram tomados em consideração também três grupos de origem: os *cariocas* (Guanabara), os *nordestinos* (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e os naturais de *Leste* (Sergipe, Baía, Minas Gerais, Espírito Santo e Estado do Rio de Janeiro).

O inquérito foi feito sôbre a instrução e cultura, a previdência, a política, a religião e as diversões.

Pedimos ao Sr. Walter Rocha, Diretor do IPEME, a licença de aproveitar, para o estudo sôbre a Umbanda no Brasil, os resultados obtidos com relação à religião. Não se pode, certamente, afirmar que as favelas do Rio constituam uma porção representativa ideal e geral dos habitantes do Brasil, nem mesmo do povo simples. Por isso não é lícito estender os re-

sultados obtidos a tóda população brasileira. Mas como não temos conhecimento de outro levantamento igual, mais representativo, e para podermos ter ao menos uma idéia do modo como a Umbanda, com suas devoções e práticas supersticiosas, é capaz de infiltrar-se na população, parece-nos interessante e oportuno submeter à consideração dos leitores (que, por isso mesmo, estão interessados naquilo que poderíamos chamar de “problema da Umbanda”) os resultados da pesquisa feita pelos homens do IPEME. Por outro lado, temos a convicção que os resultados não seriam grandemente diferentes, se a pesquisa fôsse feita nas cidades da Baixada Fluminense ou nas regiões suburbanas de outras grandes cidades do Brasil e em certas regiões do interior. Agradecemos ao Sr. Walter Rocha os dados que nos forneceu para esta publicação. Eis, pois, o capítulo do IPEME sôbre a Religião entre os favelados:

A) A religião declarada:

83,5% dos favelados adultos declaram-se católicos; 8,1% protestantes e 6% espíritas. 2,4% não professam religião nenhuma, inclusive 2% que consideram a Legião da Boa Vontade uma confissão religiosa.

Os católicos proporcionam índices superiores à média geral no setor 1 (90%), entre as mulheres (88%), entre os jovens (86%), entre os nordestinos (86,4%) e entre os que não sabem ler (87,7%). Neste último caso, evidentemente, pela preponderância numérica das mulheres.

Os protestantes são mais numerosos em porcentagem nos setores 3 (11,6%) e 5 (9,3%), entre a gente de mais de 30 anos (de 30 a 50 anos, 11%, de mais de 50 anos, 10,3%) entre os brancos (11,2%), entre os naturais dos Estados do Leste (9,1%) e entre os que sabem ler (9,6%).

Os espíritas têm mais adeptos no setor 4 (10,3%), entre os homens (9,3%), entre os pretos (8,3%) e entre os cariocas (11,9%).

Os “sem religião” firmam-se no setor 2 (8,3%), entre os homens (3,8%), e entre os cariocas (7,2%).

No que diz respeito aos católicos, como veremos mais abaixo, a profissão religiosa é, amiúde, meramente teórica. Os nossos pesquisadores notaram freqüentes hesitações prévias à definição solicitada.

Nota-se que o protestantismo tem pouco sucesso entre os jovens, devido, provavelmente, ao puritanismo da sua moral.

Com muito poucas exceções, os favelados que se denominam espíritas são, na realidade, adeptos da macumba, como veremos no § H.

B) Os católicos:

Discriminamos os católicos em: *praticantes*, os que cumprem pelo menos as obrigações mínimas exigidas pela Igreja (missa todos os domingos e comunhão pascal); *devotos*, os que, sem assistir à missa regularmente, comungam várias vezes por ano; *tíbios* os que assistem à missa regularmente e não comungam na Páscoa, ou comungam na Páscoa e não assistem regularmente à missa, ou ainda — a imensa maioria — apenas assistem às cerimônias litúrgicas quando das Festas tradicionais; e *indiferentes*, os que, freqüentando ou não a igreja, não participam no culto público. Inútil dizer que não pretendemos assim “sondar os rins e os corações”, mas meramente estabelecer o grau de prática religiosa dos vários grupos de favelados.

9,2% dos católicos adultos das favelas (ou seja 7,6% do conjunto da população adulta) são *praticantes*. Os respectivos índices são nitidamente superiores à média geral no setor 4 (17,5%), entre as mulheres (12,5%) e entre as pessoas de mais de 50 anos (15,2%).

6,8% dos católicos são *devotos*, notando-se elevados índices no setor 5 (10,9%), e entre os nordestinos (9,4%); índices nulos (0,0%) no setor 1 e entre os cariocas, é índice muito baixo no setor 3 (2,7%).

37,9% dos católicos são *tíbios*. A respectiva porcentagem é muito elevada no setor 1 (54%) e no setor 3 (56%), e muito baixa nos setores 2 (28,6%) e 5 (26,3%). Os grupos de sexo e de côr equilibram-se, mas se observa um índice sensivelmente mais alto entre os favelados de 30 a 50 anos que entre os mais jovens e mais idosos. Os cariocas, especialmente apegados às cerimônias tradicionais, têm um índice de 60% de *tíbios*.

46,1% dos católicos nominais são *indiferentes*, sem grandes variações entre os diversos grupos, salvo no que se refere aos cariocas os quais os *indiferentes* são apenas 30%.

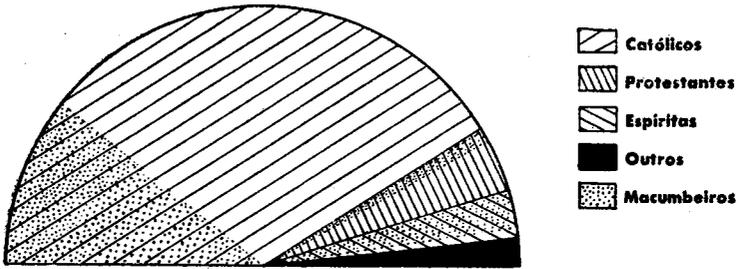
São macumbeiros: 5,3% dos católicos praticantes, 25% dos devotos, 24,3% dos tíbios e 31% dos indiferentes.

A porcentagem dos católicos praticantes é inferior à dos protestantes.

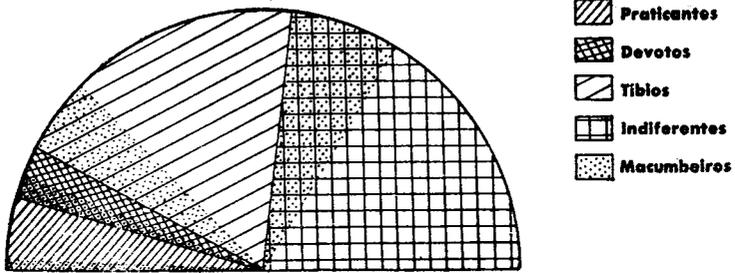
O elevado índice de macumbeiros entre os devotos — estatisticamente igual ao que se nota entre os tíbios — mostra, às claras, que uns e outros só estão vinculados à Igreja por práticas que, embora sendo sacramentais no que diz respeito aos primeiros, não passam de manifestações de uma religiosidade folclórica.

C) A freqüência ao culto católico público:

62% dos católicos e espíritas das favelas freqüentam a igreja inclusive 9,4% que o fazem apenas fora das horas de ofícios. Os índices são elevados nos setores 1 (74%), 3 (76%) e 4 (70%), e baixos nos setores 2 (43,4%) e 5 (49,5%). As mulheres que vão à igreja (71,3%) são mais numerosas que os homens (52,8%). Os respectivos índices crescem com a pigmentação e com a idade. São mais elevados entre



A Religião entre os Favelados.



Os Católicos nas Favelas.

os cariocas (84,4%) que entre os naturais de outras regiões e, obviamente, entre os católicos (62,5%) que entre os espíritas (30%).

13,8% dos católicos e espíritas (14,3% dos primeiros e 6,7% dos segundos) assistem à missa todos os domingos, com a mesma relação entre os setores e os grupos de sexo que no caso anterior. A diferença entre os grupos de idade é mais marcada: 11,5% dos jovens, 13,3% dos de 30 a 50 anos e 24% dos de mais de 50 anos cumprem o preceito.

21% dos católicos e espíritas (21,5% dos primeiros e 10% dos segundos) comungam na Páscoa. A diferença é apreciável entre os sexos (14,8% dos homens e 26,1% das mulheres). Os grupos de idade seguem a tendência já notada.

12,6% dos católicos e espíritas (mas nenhum destes últimos) comungam mais freqüentemente, com diferenças entre os sexos e os grupos de idade semelhantes às já mencionadas para a assistência regular à missa, embora não sejam sempre os mesmos que vão à missa todos os domingos e comungam várias vezes no ano.

38,8% dos católicos e espíritas (40,5% dos primeiros e 16,7% dos segundos) assistem às cerimônias do culto só nas Festas religiosas. Os índices respectivos são elevados nos setores 1 (47,7%) e 3 (53,4%) e especialmente baixo no setor 2 (26,6%). A diferença entre os sexos é

menos marcada que nos casos anteriores. A assistência exclusiva às Festas cresce com a pigmentação, embora pouco, e decresce com a idade, o que se explica pela maior assiduidade à missa da gente de mais de 30 anos e, sobretudo, de mais de 50 anos. Os cariocas são os mais apegados às cerimônias tradicionais (52,6%), enquanto os naturais do Leste são os mais refratários (32,8%).

25,9% dos católicos e espíritas vão à igreja no Natal; 14,9%, na Páscoa e 29,1% na ocasião das festas tradicionais: 8,6% em São Jorge; 8,6% em São Sebastião; 6,5% em Nossa Senhora da Penha; 3,4% no Ano Bom; 2% em São João; 1,8% em Santo Antônio; 1,5% em São Pedro, etc.

Apenas 6,1% dos católicos e espíritas (6,3% dos primeiros e 3,3% dos segundos) fazem parte de alguma associação católica, com índices elevados no setor 4 (14,1%) e entre as mulheres (10,2%), e índice muito baixo entre os de menos de 30 anos (3,8%). Entre as associações que recrutam membros nas favelas, destaca-se a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, com 3,1%, ou seja, mais da metade dos favelados em questão.

A prática religiosa é, portanto, mais difundida entre as mulheres que entre os homens, e mais entre as pessoas idosas que entre os jovens.

Nota-se regular porcentagem de comunhões pascais em relação à reduzida assiduidade à missa dominical o que, pelo menos em parte, é conseqüência do afastamento das igrejas e da falta de capelas nos morros.

O setor 4 é o mais católico. O 2, o mais descatozizado, mesmo sob o ponto de vista "folclórico", apesar da sua porcentagem relativamente elevada de praticantes.

Nota: No presente inciso, como nos dois seguintes, juntamos católicos e espíritas por não existir nas favelas, de modo geral, uma diferenciação nítida entre as crenças e práticas de uma e outra confissão, segundo ressalta dos dados recolhidos.

D) Os ritos católicos familiares:

42,2% dos católicos e espíritas adultos das favelas são casados pelo religioso (contra 45,2% casados pelo civil). A porcentagem é nitidamente superior no setor 4 (46,6%) e nitidamente menor nos setores 2 (33,3%) e 1 (37%); muito mais elevada entre os brancos (54,5%) que entre os pardos (40,1%) e, sobretudo, os pretos (28,8%), e entre os de mais de 50 anos (62%) que entre os de 30 a 50 anos (46,6%), justificando-se o baixo índice dos jovens (29,9%) pelo maior número de solteiros autênticos que existem entre eles. Apenas 26,3% dos cariocas, contra 58,5% dos nordestinos, são casados pelo religioso.

Dos 73,8% de católicos e espíritas que têm filhos, 98,5% fizeram-se batizar: 12,5% com menos de um mês; 22%, entre um e três meses; 31,7%, entre três e seis meses; 23,8%, entre seis meses e um ano e 5,8%, com mais de um ano, não se lembrando da idade 2,7% dos pais.

37,8% das famílias que têm filhos mandam-nos regularmente à missa. Vemos um índice elevado no setor 1, e uma porcentagem baixa no setor 2. Lógicamente, o índice dos espíritas (12,7%) é muito inferior ao dos católicos (41%).

Enfim, 32% das famílias com filhos mandam-nos ao catecismo: 41,3% no setor 1, que possui o índice mais elevado, e apenas 12% no setor 2.

Naturalmente, famílias que só têm crianças de menos de sete anos e não podem, portanto, mandá-las à missa nem ao catecismo, fazem parte do universo do qual tiramos porcentagens que, nos dois últimos casos, deveriam ser um pouco maiores.

Não se vê grande diferença entre as porcentagens de casados pelo religioso e pelo civil: o casamento é o problema, e não o sacramento.

Numerosos são os pais que não praticam mas mandam os filhos à missa e ao catecismo. Mais ou menos a metade das famílias com crianças em idade escolar preocupam-se com a sua formação religiosa, ou a toleram.

Quanto ao batismo, é um rito que praticamente todos respeitam. Mas o fato de só uma mínima parte dos pais acatarem, quanto ao prazo, as normas da Igreja, mostra, às claras, que se trata, para a grande maioria, de uma cerimônia quase meramente familiar, cujo sentido religioso desconhecem ou menosprezam.

E) Os devotos dos Santos:

89,6% dos católicos e espíritas (90,8% dos primeiros e 83,3% dos segundos) têm especial devoção a algum santo. Os índices são apreciavelmente superiores à média geral nos setores 3 (98,6%) e 4 (97,7%), entre as mulheres (95,2%) e entre os cariocas (100%).

Os santos mais venerados pelos favelados são: São Jorge (34,2%), Santa Virgem (23,8%), São Sebastião (12,6%), São José (3,7%), Santo Antônio (3,2%), São Cosme e São Damião (2,5%), São Judas Tadeu (1,5%) e, com porcentagens menores, São João, Santa Luzia, Santa Bárbara, São Benedito, São Jerônimo, São Salvador, São Francisco de Assis, São Pedro, São Severino, São Cipriano, São Marcos, São Cristóvão, Santa Rita, etc., figurando, também, entre eles, o Padre Cícero Romano. Diga-se que 6,7% dos católicos e espíritas consideram Santos as diversas devoções a N. S. Jesus Cristo (Senhor do Bonfim, Bom Jesus, Sagrado Coração, etc.).

Dos devotos à Santa Virgem, 36,4% recorrem à N. S. da Conceição; 12,5%, à N. S. das Graças; 10,4%, à N. S. da Penha; 10,4%, à N. S. de Fátima; 4,2%, à N. S. das Dores; 3,1%, à N. S. da Guia; 3,1%, à N. S. do Monte Serrado; 3,1%, à N. S. do Destêrro, 3,1%, à N. S. do Perpétuo Socorro; 2,2%, à N. S. da Piedade; 2,2%, à N. S. de Nazaré, etc. A revisão dos questionários permitiu-nos comprovar que numerosos favelados consideram as Virgens acima mencionadas seres distintos da Santa Virgem.

84,2% dos católicos e espíritas (84,7% dos primeiros e 66,7% dos segundos) têm imagens santas em casa, sobretudo os de côr e os cariocas.

Apenas 40,4% têm um Crucifixo e 40,9% uma imagem da Santa Virgem nas suas diversas invocações; mas 59,6% têm uma imagem de São Jorge; 25,9%, de São Cosme e São Damião; 17,4%, de São Sebastião; 9,6%, do Sagrado Coração; 8%, de Santo Antônio; 3,7%, de Santa Luzia; 2,9%, de Santa Teresinha; 2,8%, de São José; 2,7%, da Ceia Sagrada; 1,6%, de São Jerônimo; 1,6%, de São João; figurando a seguir Santa Bárbara, São Benedito, a Santa Família, São Pedro, São Miguel, São Judas Tadeu, o Senhor do Bonfim, Santo Onofre, o Bom Jesus, São Francisco de Assis, Santa Catarina, São Severino, Santa Rita, etc.

A imensa maioria dos católicos e dos espíritas das favelas tem especial devoção a um Santo, e possui imagens santas em casa. O fato de São Jorge ser mais venerado que a Santa Virgem, no primeiro caso, e da sua imagem ser mais comum que o Crucifixo, no segundo, embora não constitua surpresa, é significativo em relação ao sentido muito peculiar que o culto aos Santos toma entre os favelados.

Também significativa é a quantidade de imagens de Santos vinculados ao ritual da macumba: São Cosme e São Damião, especialmente, mas também São Jerônimo, Santa Bárbara, São Benedito, Santo Onofre e São Severino, sem falar em São Jorge.

F) Os protestantes:

90,7% dos protestantes das favelas assistem ao culto. As mulheres (92,5%) são um pouco mais numerosas que os homens (86,5%), e a assiduidade cresce com a idade, de 85,6% para os jovens a 100% para os de mais de 50 anos.

74,5% freqüentam uma Congregação (grupo local, constituído na mesma favela). Aqui, os homens (77,3%) são mais numerosos que as mulheres (66,7%), e os jovens (71,5%), um pouco mais que os de 30 a 50 anos (70%), embora menos que os de mais idade (100%).

46,5% são membros de uma União de Treinamento (escola de apostolado): 40,9% dos homens e 52,4% das mulheres. Os jovens (57,1%) têm um índice apreciável superior à média geral.

Enfim, 88% das famílias protestantes com filhos, ou seja, praticamente à totalidade das famílias com crianças em idade escolar, mandam-nos à Escola Dominical.

A prática religiosa dos protestantes é, portanto, muito elevada, como é natural por parte de um grupo minoritário composto, quase exclusivamente, de convertidos.

G) Os espíritas:

93,4% dos espíritas declarados, mas também 21,3% dos católicos e 16,3% dos protestantes, assistem, freqüentemente, a sessões espíritas, isto é, na quase totalidade dos casos, a sessões de macumba.

6,6% dos espíritas, 45,7% dos católicos (42% dos praticantes) e 32,6% dos protestantes assistem de vez em quando ou, pelo menos, já assistiram alguma vez.

Em conjunto, são 24,8% os favelados adultos que freqüentam com assiduidade as tendas espíritas, e 42,8% os que o fazem de vez em quando. A população do setor 5 é a menos atraída pelas sessões. O espiritismo atinge sobretudo os homens (27,9% de freqüentadores assíduos), os jovens (26%), os pretos (36%) e os cariocas (43%).

O espiritismo, isto é, na imensa maioria dos casos, a macumba, faz parte da atmosfera das favelas, e poucos são os que lá escapam à sua influência. Mais de dois terços dos favelados assistem, pelo menos de vez em quando a sessões, e a quarta parte o faz freqüentemente.

H) Os macumbeiros:

27,8% dos favelados adultos (29,9% dos homens e 26% das mulheres) não se contentam em assistir a sessões; são macumbeiros praticantes tomando a palavra no seu sentido exato: adeptos da macumba, mas não necessariamente ministros do culto nem feiticeiros. Nota-se pouca diferença entre os setores, sendo o setor 4 o que maior porcentagem tem (31,2%). Muito superiores à média geral são os índices que correspondem aos pretos (43,7%) e aos cariocas (45,2%). Os nordestinos não passam de 13,8%. Há mais macumbeiros entre os jovens (30,8%) que entre os demais.

São adeptos da macumba: 25,9% dos católicos, 7% dos protestantes e 93,5% dos espíritas.

A Umbanda é, portanto, a religião, confessada ou não, que mais adeptos praticantes tem nas favelas, embora as suas crenças e práticas se sobreponham freqüentemente às do catolicismo.

Os protestantes são os mais refratários à macumba, mas não escapam de todo à sua influência.

O culto dos terreiros está em nítido progresso como mostra o elevado índice dos jovens.

Vamos ver que, por outro lado, a sua influência, já notada sob o nome de espiritismo, é muito mais marcada do que revelam os índices acima mencionados.

Nota: Para discriminar os macumbeiros, geralmente pouco dispostos, por razões óbvias, a confessar a sua posição religiosa, fêz-se uma série de perguntas indiretas. Em caso de dúvida, utilizou-se um informante, morador da favela, devidamente escolhido pelo seu nível intelectual e moral. Não está excluído, contudo, que alguns umbandistas hajam conseguido iludir. Os índices a respeito devem-se considerar, portanto, como um mínimo.

I) As superstições:

66,9% dos favelados adultos (67,2% dos homens e 66,7% das mulheres) acreditam nas curas realizadas pelos Pais de Santo, e 23,8% (27,9% dos homens e 20% das mulheres) dizem conhecer casos positivos.

66,2% dos favelados adultos (60,7% dos homens e 64,2% das mulheres) acreditam em "despachos" (oferendas a algum Orixá visando alterar a vida de determinada pessoa) e 7,2% (8,5% dos homens e 6% das mulheres) dizem conhecer casos positivos.

71,5% dos favelados adultos (67,2% dos homens e 76% das mulheres) acreditam em "quebrantos" (doenças provocadas pelo olho mau) e 49,8% (44,5% dos homens e 54,5% das mulheres) dizem conhecer casos positivos.

Enfim, 75,4% dos favelados adultos (75,7% dos homens e 75,1% das mulheres) acreditam em "breves", e 19,4% (21,4% dos homens e 17,6% das mulheres) os usam.

Em conjunto, o setor mais supersticioso é o setor 1; o menos supersticioso, o 4, que é também, como já vimos, o mais católico (cf. § B). A superstição cresce com a pigmentação. Há pouca diferença a respeito entre os grupos de idade. Os nordestinos são, em geral, um pouco menos crédulos que os demais salvo no que diz respeito aos quebrantos, em que 92% acreditam. Os analfabetos, um pouco mais que os que sabem ler. Enfim, observamos que os protestantes proporcionam índices muito baixos (apenas 16,2% acreditam nas curas da macumba; 4,4%, nos despachos; 9,3% nos quebrantos e 23,3% nos breves), ao passo que os católicos superam ligeiramente tôdas as médias gerais e os espíritas acreditam em tudo numa proporção sumamente elevada, que varia de 76,5% para os despachos a 100% para os breves. A incredulidade não impede que 58,4% dos a-religiosos acreditem nas curas de terreiro; 41,6%, nos despachos; 58,4%, nos quebrantos e 66,6%, nos breves.

Dos católicos praticantes, 50% acreditam nas curas pelos Pais de Santo; 52,6%, nos despachos; 66%, nos quebrantos; e 68,5%, nos breves.

As superstições originadas na macumba, ou a ela vinculadas, são portanto, geralmente aceitas nas favelas. Os protestantes são, aqui também, os mais refratários, ao passo que os católicos praticantes são apenas menos crédulos que os demais.

J) A Legião da Boa Vontade:

5,8% dos favelados adultos (4,8% dos homens e 7,2% das mulheres) fazem parte da L.B.V. Notam-se porcentagens apreciavelmente superiores à média geral no setor 4 (7,3%), entre os de mais de 50 anos (6,9%), entre os analfabetos (9,2%) e entre os "sem religião" (8,3%), sendo especialmente baixo o índice que corresponde aos protestantes (2,3%).

2,6% dos favelados receberam, para si ou para os filhos, alguma ajuda da L.B.V., em geral a "sopa dos pobres".

Nas favelas, a L.B.V. tem, portanto, mais membros que beneficiados.

K) Conclusão: Uma religiosidade disponível:

Atavismos e tradições, por um lado, e atrações das idéias novas, por outro, disputam-se, também no campo religioso, na mente dos favelados, mas numa forma paradoxal. Com efeito, embora certas crenças e superstições do animismo e fetichismo ancestrais nunca tivessem desaparecido de todo, o catolicismo dominava, até há pouco, sem rivalidades nem problemas, na camada social donde procedem os habitantes dos morros. Aqui, como em toda parte, a vida urbana e a condição proletária — ou sub-proletária — produziram um enfraquecimento das convicções religiosas tradicionais. Mas as conseqüências foram diferentes. Enquanto o proletariado industrial das grandes cidades européias, considerado em conjunto, caía no materialismo mais fechado, a população favelada conservou uma vaga religiosidade feita de lembranças de um recente passado e do afã de encontrar ajuda, esperança e consolação — uma religiosidade disponível.

Apesar da completa oposição que existe entre o seu espírito, a sua moral e o seu culto e a indiosincrasia afro-latina, apesar também da sua origem estrangeira, o protestantismo conseguiu atrair uma pequena minoria que se mostra até mais convencida que o grupo dos católicos, quase igual, numéricamente, que conserva intactas fé e prática. E' o mesmo fenômeno de atração pela novidade que encontramos, num plano diferente, com a Legião da Boa Vontade, cuja prédica já está dando resultados entre a população considerada.

Mas a maior parte preferiu encher o seu vazio espiritual mediante uma volta ao culto degenerado dos seus remotos antepassados africanos. A Umbanda não é apenas a religião que mais adeptos tem nos morros, mas também a que domina, pelas crenças e superstições a ela vinculadas, a quase totalidade dos favelados.

Contudo, o catolicismo não desapareceu. Está presente na minoria praticante que resiste em parte à pressão do ambiente, mas também na massa, como demonstram o apreciável número de comunhões pascais, a formação religiosa de boa parte das crianças e até, apesar de sua manifesta desvirtuação, o culto aos Santos e a assistência às cerimônias das Festas tradicionais. Existe, pois, uma base ainda sólida para a Igreja voltar a satisfazer a ânsia espiritual dos favelados. Há missionários que vão evangelizar índios selvagens da Amazônia, que conservam uma moral natural. Com maior razão encontrar-se-iam sacerdotes para tomar conta, não mediante contactos esporádicos e sim vivendo no meio deles, de sub-proletários desorientados, que estão a mercê de qualquer aventura religiosa.

2) Condenação Civil do Abuso dos Nomes e Imagens dos Santos nos Terreiros de Umbanda

O Espiritismo de Umbanda procura disfarçar seu politeísmo pagão atrás da fachada cristã da devoção aos Santos. Vimos isso em capítulo especial deste livro. No dia 12-5-1957 a Federação Umbandista de São Paulo promoveu na praia de José Menino a festa de Iemenjá, com a presença de milhares de fiéis. No dia seguinte o Sr. Bispo de Santos, Dom Idílio José Soares, endereçou um cartão à Delegacia Auxiliar da Sétima Divisão Policial, protestando contra o uso de imagens católicas naquelas cerimônias. O expediente foi encaminhado ao Secretário da Segurança que, diante da complexidade do assunto, solicitou o parecer da Consultoria Jurídica do Estado. Publicamos a seguir o teor deste parecer e sua aprovação pelo Secretário da Segurança Pública. O texto aqui publicado nos foi fornecido pela Cúria Diocesana de Santos. Houve, depois, novos protestos em Pindamonhangaba, provocando mais um parecer da mesma Consultoria Jurídica. Agradecemos ao autor do Parecer o texto que nos forneceu para a publicação. Eis, pois, os dois Pareceres:

I

1. Pelo ofício n.º 468/57, da Delegacia Auxiliar da 7ª Divisão Policial, foi transmitida ao Senhor Delegado Geral cópia da carta endereçada àquela Delegacia Auxiliar por Dom Idílio José Soares, Bispo da Diocese de Santos, protestando contra atos que teriam sido praticados pela Federação Umbandista do Estado de São Paulo, quando da concentração levada a efeito naquela cidade, em 12 de maio último.

2. A vista de solicitação feita e por se tratar de entidade com personalidade jurídica, providenciou-se o policiamento da concentração, esclarecendo, entretanto, o signatário do ofício que, sob o aspecto policial, nada de anormal foi observado durante as festividades ali promovidas. Sugeriu, contudo, em face do pedido constante da parte final da carta e no que se refere propriamente aos fatos que motivaram o protesto formulado pela autoridade eclesiástica local, a audiência desta Consultoria Jurídica.

3. De acordo com os esclarecimentos oferecidos por Dom Idílio José Soares, a seita espírita "Umbandista" de São Paulo, desejando prestar culto a uma entidade misteriosa de seu rito, usou, para esse fim, imagem do culto católico, como a de Santo Antônio, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida e Sagrado Coração de Jesus. E não só isso. Apresentaram-se seus adeptos vestidos com os distintivos usuais das associações católicas — Filhas de Maria (vestidos brancos e fitas azuis), Apostolado da Oração, de São Jorge (com fitas vermelhas) — com o intuito, por certo, de mistificar, dando a aparência de procissão realizada pela Igreja Católica.

4. Entende o Sr. Bispo da Diocese de Santos que a) a apropriação das imagens, que representam personagens que jamais tiveram afinidade com a religião que pregam os umbandistas, seja que revive lendas africanas, constitui não só desrespeito, mas execranda profanação, o que

motivou e justificou o seu protesto em nome de todos os católicos da cidade; b) a liberdade de culto inscrita na Constituição não vai ao ponto de conferir a cada religião o direito de usurpar as práticas, objetos e símbolos com que se manifestam, externamente, outros credos.

5. Assim, e invocando decisões do Supremo Tribunal Federal, lavrou Sua Excia. Revma. veementes protestos junto à autoridade policial de Santos pela ocorrência que teve oportunidade de noticiar, culminando por solicitar-lhe providência no sentido de que impeça a repetição de tais fatos, “em bem da ordem e do respeito a sagrados direitos”.

6. Acolhendo a proposta de fls., determinou o Sr. Secretário o encaminhamento deste expediente à Consultoria Jurídica, para exame e parecer, o que faremos a seguir.

7. Com êsse propósito, lembramos, de início, que a Constituição Federal consagra, no § 7.º de seu artigo 141, o princípio de que “E’ inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas são de personalidade jurídica na forma da lei civil”. Garante a norma constitucional, como se vê: a) a liberdade de consciência e de crença; b) o livre exercício de cultos religiosos, impondo, porém, a condição de não contrariarem a ordem pública e os bons costumes.

8. Pensamos que o exame da matéria de que trata êste expediente, poderá cifrar-se apenas ao livre exercício do culto umbandista, em face do que é professado pela Igreja Católica Apostólica Romana, não estando em debate as questões relacionadas com a liberdade de consciência ou de crença. De acôrdo com os teólogos, lembrados pelo Ministro Hahnemann Guimarães, “o culto é o exemplo de ritos com que se honra Deus e se santificam os homens”. E a *liberdade de culto*, no dizer de Pontes Miranda, “é direito fundamental, assegurado em si e não só institucionalmente”, que ao mesmo tempo esclarece que se compreendem “na liberdade de culto a de orar e a de praticar os atos próprios das manifestações exteriores em casa, em público, bem como a de recebimento de contribuições para isso” (*Comentários à Constituição de 1946*, vol. III, p. 237).

9. Mas, no exercício dêsse direito, assegurado, dada a sua relevância, pela Constituição, é de mister que se respeite ou não se contrarie a ordem pública, nem se atente contra os bons costumes. E mais. Encontra limitações — urge ressaltar — em iguais direitos de terceiros.

10. A matéria, aliás, não é nova e a seu respeito existe até decisão do Egrégio Supremo Tribunal Federal, proferido quando da aprecação do Mandado de Segurança impetrado por representante da Igreja Católica Apostólica Brasileira, contra o ato do Sr. Presidente da República para que se lhe garantisse e aos seus Ministros o direito líquido, certo e incontestável *ao livre exercício do culto religioso*, bem como para serem reabertos ao público os seus templos e, ainda, para ser entregue à freqüência dos seus alunos a Escola Nossa Senhora Menina. Alegou o impetrante que por ato ilegal e violento da policia ficou impedido de *realizar cultos em sua Igreja*, impedidos os fiéis de a ela comparecerem e os alunos privados das aulas na referida Escola.

11. Foi denegado o Mandado de Segurança, por maioria de votos. O respectivo acórdão, publicado na *Revista Forense*, vol. 203, pp. 621/635, teve a sua emenda redigida nos seguintes termos: "O poder público pela sua ação de polícia pode impedir o excesso de liberdade religiosa, proibindo perturbações à tranqüilidade, à ordem pública e aos direitos de terceiros; pode assim impedir que haja manifestações públicas de culto religioso que imite as solenidades já praticadas de longa data pela Igreja Católica Apostólica Romana".

12. Temos, portanto, bastante facilitada nossa tarefa, no que respeita ao exame da questão, pois, dada a sua semelhança com a que foi debatida pela Corte Suprema, ficará ela limitada à transcrição de votos dos Senhores Ministros, na parte em que focalizam o seu aspecto jurídico e doutrinário.

13. O Ministro Lafayette de Andrade, relator da matéria objeto da segurança impetrada, teve a oportunidade de acentuar quê:

"O livre exercício dos cultos religiosos não pode ter amplitude sem controle, sem limites. É uma liberdade sujeita a ordem pública, aos princípios que a mantêm, ao respeito aos direitos de outrem" (p. 623), para, em seguida, assim prosseguir em suas considerações: "Já Barbalho afirmou: "Do poder público é dever assegurar aos membros da comunhão política que ele preside, a livre prática do culto de cada um e impedir quaisquer embaraços que o dificultem ou impeçam, procedendo nisso de modo igual para com tôdas as crenças e confissões religiosas" (fls.).

E, Araújo Castro, acentuou:

"É bem de ver, todavia, que o Estado tem sempre o poder e o dever de adotar certas restrições à liberdade de cada um, mas somente na medida em que se torna necessário para proteger a liberdade de todos".

Ainda o ensinamento de Léon Duguit deixa claro: "Para que ela exista (referindo-se à liberdade religiosa) é necessário que nas suas leis o Estado respeite as crenças de cada um, que não entrave de qualquer modo o livre exercício do culto público, que não ponha nenhum limite à formação, ao funcionamento das seitas e das Igrejas, segundo suas próprias leis. Não é supérfluo acrescentar, entretanto, que o Estado tem sempre o poder e o dever de fazer certas restrições à liberdade de cada um, mas somente na medida em que isto fôr necessário para proteger a liberdade de todos. (Pour qu'elle existe, il faut que dans les lois l'Etat respecte les croyances de chacun, qu'il n'apporte aucune entrave au libre exercice du culte public et qu'il ne mette aucune limitation à la formation, au fonctionnement, suivant leurs lois propres, des sectes et des églises. Il va sans dire, toutefois, que l'Etat a toujours le pouvoir et le devoir d'apporter certaines restrictions à la liberté de chacun, mais seulement dans la mesure ou celà est nécessaire pour protéger la liberté de tous).

Portanto, se o poder público, apreciando fatos, entender indispensável sua ação policial para impedir o excesso de liberdade, pode empregá-la em detrimento dos que, usando dessa liberdade, forem de encontro à tranqüilidade, à ordem pública, perturbando os direitos de terceiros.

A liberdade de culto exigida pelo impetrante só lhe é negada naquilo que prejudica a liberdade de culto da Igreja Católica Apostólica

Romana, naquilo que fôr igual ao dessa Igreja, causando confusão, prejudicando sua missão, trazendo perturbações às suas práticas seculares e notórias. Porque nesse ponto, realmente, vai de encontro à ordem pública e as normas de direitos que garantem a cada instituição, a cada religião, o uso de seus ritos, o uso de suas insígnias, de suas características”.

14. O Ministro Ribeiro da Costa, por sua vez, apreciando a questão em face do voto divergente oferecido pelo Ministro Hahnemann Guimarães e procurando repô-la em seus devidos termos, manifestou-se da seguinte forma:

“Sr. Presidente, estivesse em jôgo a preservação da liberdade de culto, ameaçado por ato do Sr. Presidente da República e contra o qual se postulasse mandado de segurança, estou certo de que esta Côrte daria, na medida do seu amor à Justiça, a providência reparadora contra tal ato. Nessa hipótese, estou certo, tôdas as considerações e argumentos constantes do magistral voto proferido pelo eminente Sr. Ministro Hahnemann Guimarães teriam de receber o apoio integral dos Juizes dêste Tribunal. A meu ver, porém, e “data vênia” de Sua Excia. a questão situada consoante foi focalizada no voto do eminente Sr. Ministro relator Lafayette de Andrade, exclusivamente debaixo do aspecto do poder de polícia. O Tribunal, de acôrdo com o relatório que lhe foi apresentado e conforme os depoimentos elucidativos constantes do parecer do Dr. Procurador Geral, verificou que a Associação Católica Brasileira foi impedida de realizar reuniões públicas, como procissões, tendo em vista evitar conflitos com a Igreja Católica Romana, uma vez que a aludida Associação Católica Brasileira se vale dos mesmos ritos, das mesmas práticas e até das mesmas indumentárias que aquela Igreja Católica Romana, sendo, por conseguinte, possível que se estabeleçam conflitos, que ao poder de polícia compete, dentro do dever de previsibilidade, impedir que se desenvolvam, perturbando a ordem pública e a paz social. Talvez fôsse aqui possível lembrar, com propósito, o conceito de Rui Barbosa, de que a cada atentado que se tolera à desordem um novo elemento se lhe administra. Está, a meu ver, na órbita do poder de polícia, traçar as medidas coercitivas, não da liberdade de culto, — e nem se trata disso, essa liberdade de culto — seja manifestada subjetivamente ou ostensivamente impossível é impedi-la; quando, porém, a liberdade de culto pode atender contra a ordem pública, quando essa liberdade de culto se exterioriza em atos materiais que podem constituir elemento de perturbação da ordem, incumbe necessariamente, ao poder de polícia, impedir que êsses atos se realizem com aquelas conseqüências, resguardando, portanto, a ordem pública. Foi lembrado, a respeito, conceito constante da obra de Themistocles Cavalcanti, em que o assunto é estudado de maneira clara e positiva. Assim a meu ver a questão toma aspecto simples, a ser estudado exclusivamente sob o ponto de vista do exercício do poder de polícia. Compete à autoridade policial tomar providências para impedir que adeptos de um culto venham a perturbar a ordem pública, pretendendo usar as insígnias, as práticas, os ritos, as vestes de outro culto, secularmente praticado e universalmente conhecido. O eminente Sr. Ministro relator deixou bem claro em seu voto que as providências adotadas pela polícia não atentam contra a liberdade do culto próprio dito. Se atentassem contra essa liberdade, estou certo, conforme salientei no início dêste voto, de que a medida pleiteada teria, nos termos da Constituição, o apoio integral desta Côrte. Não é, porém, sob êsse aspecto que se apresenta

o pedido. Este visa permitir à associação religiosa impetrante reunir-se em praça pública da maneira já exposta. Não me parece que contenha a manutenção de ordem tal autorização, porquanto é direito que não pode ser recusado à Igreja Católica Apostólica Romana — cujo culto é conhecido e secularmente praticado em todos os países do mundo, menos na Rússia, onde se limita tal prática — impedir que as insignias e os ritos desses cultos seculares e universais sejam usados por outras associações religiosas. A meu ver, o que a associação religiosa impetrante pretende é copiar e imitar o culto católico romano, o que não pode ser tolerado: ela não tem o teor de autenticidade que autorize a autoridade pública a permitir que funcione em praça pública e se exteriorize do modo que se apresenta: a meu ver o poder da polícia se contém nos seus limites próprios, portanto legais, e não atenta contra o art. 141 da Constituição”.

15. Transladaremos, também, a êste parecer, quase na íntegra, o voto proferido pelo eminente Ministro Orozimbo Nonato, que, com a percuciência que lhe é comum, assim apreciou e debateu a questão relativa à liberdade de culto.

“Sr. Presidente, segundo o conceito de Black, a Constituição é a lei fundamental de um país, que estrutura seus poderes políticos, define os direitos e as garantias individuais. Todos os mais dispositivos são acessórios ou dependentes ou consequentes, e, nesse sentido pode-se dizer que o direito constitucional é verdadeira conquista da democracia e que não são constitucionalizados os países que não adotam “um plano de vida do Estado”, para usar a expressão de Pontes de Miranda, que não outorgue ao indivíduo garantias contra a absorção do Estado.

Entre essas garantias, a que mais cuidados inspira, a mais melindrosa e delicada, é aquela que alude à liberdade de consciência religiosa. Diz excelentemente Sampaio Dória que: “manifestar cada qual sua crença ou descrença em religião, pregar e propagar o seu credo, associar-se para cultuá-lo, e praticar em público sua fé, eis para a criatura racional o mais sagrado dos direitos”.

E’ que a liberdade de consciência ou de crença diz para coisas sobrenaturais e é afirmação do indivíduo de que a vida não se resume no plano material, transcendendo, ao contrário, para o plano eterno e divino. Daí a exaltação que pode levar a renúncia e sublimidade e a intolâncias cruéis. O Estado intervém, no caso, para desconhecer o fenômeno da religião, que informar a vida espiritual da humanidade, mas para proclamar o seu laicismo, assegurando a todos idêntica liberdade de culto.

Este o sentido inequívoco do artigo 141, § 7.º, da Constituição: “E’ inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo os dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes”.

No antigo direito francês, do tempo de Luís Filipe, a Carta Constitucional trazia o seguinte conteúdo: “Chacun professe sa religion avec une égale liberté et obtient pour son culte la même protection”.

Os autores que elaboraram comentários a êsse dispositivo distinguiam entre o culto e a crença, para mostrar que esta seria inviolável, sendo o culto prática externa da crença, protegido e tutelado, quanto à primeira, seria violência que levantaria as pedras impedir que alguém pudesse ser católico, espírita ou descrente.

Mas o culto é manifestação exterior da crença e logo interessa ao Estado, à sociedade, aos seus costumes, ao consórcio civil. Os votos dos

eminentes Srs. Ministros Hahnemann Guimarães e Lafayette de Andrade tomaram de vias diferentes.

Enquanto o Sr. Ministro-Relator viu o caso através do exercício do poder de polícia, na espécie, entendendo que a prova dada pelo impetrante não era terminativa de que ocorresse excesso de poder, o Sr. Ministro Hahnemann Guimarães, tomado da alta gravidade e da elevação espiritual do pensamento positivista, desenvolveu lúcida história dos erros, heresias, heterodoxias que, através da história, baldiamente tentam abalar os sólidos fundamentos da organização católica romana.

E citou S. Excia., as rebeldias de Bossuet. Lembrou-me o "etsi parva licet". E o exemplo não pode ser trazido à baila "data vênia", Bossuet, o maior dos oradores sacros franceses, jamais rompeu formalmente contra o primado do Sumo Pontífice. A história das relações entre o poder espiritual e temporal desdobra-se, ao que se diz geralmente, em três fases. A primeira, em que predomina o poder espiritual, é a teocracia; a segunda, em que predomina o poder temporal, é o regalismo; e a terceira, finalmente, é a da independência dos dois poderes que vivem paralelos e harmônicos. Nesta última fase estamos e a ela reserva o eminente Sr. Ministro Hahnemann Guimarães, com justa razão, os mais largos encômios.

Bossuet viveu no tempo do esplendor material e militar da França, no grande século de seu poderio, e pagou tributo à imponência do poder temporal, sem que, entretanto, rompesse os vínculos com o Papado.

Mas, a meu ver, no caso, não se cuida, pròpriamente, de fundação da Igreja que apenas negue o primado de Roma. Esta Igreja quer viver através do culto, porque, sem culto, as Igrejas não vivem e as crenças, em geral, estiolam-se. Raros são os que, como os eremitas da antiguidade, podiam adorar a Deus sem estímulos externos, que falam à imaginação, através das imagens, preces coletivas, manifestações exteriores.

O culto é indispensável aos crentes. Logo, é livre a Igreja Católica Brasileira ter o seu culto e seu rito; negá-lo seria lacerar a Constituição. Mas, no caso informa o Poder Público — e a informação tem fidedignidade, até prova em contrário — que essa revelação de crença, perturbando a liberdade dêste, a proteção que êle também merece. E' certo que inexistente, como disse o ilustre advogado, um registro de cultos e de ritos, mas a confusão de cultos deve ser evitada, por amor da ordem e da proteção, que todos os cultos merecem. Cada religião tem um culto específico, próprio. Se a Religião Católica Brasileira estabelecer êste culto em linhas nítidas, nenhuma outra religião poderá adotá-lo, para o fim de se prevalecer de confusões vitandas" (pp. 632/634-V).

16. Deflui, do exposto, de forma clara e precisa que o direito de liberdade de culto não tem, como não poderia ter, amplitude sem controle, sem limites, sendo lícito ao Estado, ao apreciar fatos e desde que entenda necessária a sua ação de polícia para coibir o excesso de liberdade, "empregá-la em detrimento dos que, usando dessa liberdade, forem de encontro à tranquilidade, à ordem pública, perturbando os direitos de terceiros".

17. Coerentes com êsse entendimento, reputamos inteiramente legítimo o pedido do Senhor Bispo da Diocese de Santos, reclamando providências da autoridade policial com o escopo de evitar a repetição de fatos que atentem contra as tradições do culto católico, que impliquem em desrespeito de peculiaridades do seu rito, porquanto a invasão de limites de seus direitos poderá constituir-se, como se constitui, em even-

tual ameaça de perturbação da ordem. O Estado, como ressaltou o Ministro Abner de Vasconcelos, no voto que proferiu, não podia e não pode deixar de impedir que a Igreja Católica "seja confundida publicamente no culto dos seus princípios, — seus ritos e seus usos, nem que a tranqüilidade pública venha a ser gravemente alterada". A religião, disse Sua Excelência,

"... constitui um dos pilares da nacionalidade, profundamente arraigada que está à história da nossa fundação. É a própria vida moral do povo, em sua quase totalidade. Foi a religião oficial nos séculos da colonização, assim continuando na época de esplendor político da monarquia.

A república encontrou-a em tôda sua grandeza, ajudando a pátria a solidificar os alicerces do caráter nacional, a moralizar os costumes, a dignificar a família e a engrandecer o trabalho à luz dos únicos princípios capazes de dar à humanidade a ordem de que necessita e a aplicação da sua mais justa e legítima compreensão econômica.

Não se pode subestimar o valor da religião católica, poder que sobrepassa a todos os poderes somente interferindo para elevá-los e dignificá-los na orientação superior das idéias, nos propósitos e na realização patriótica dos atos que dêles promanam para o bem de todos.

Sentindo o prestígio universal da Igreja e o reflexo da consciência de tôdas as camadas sociais, o Constituinte de 1891, embora pelas contingências da época fôsse levado a separá-la do Estado, nem por isso cometeu o erro político de desconhecer a influência benéfica da religião para a permanência do alto nível moral do povo brasileiro.

Nestes cinqüenta anos de regime republicano, como tem ganho o nosso progresso, à sombra das instituições católicas, em todos os domínios das atividades sociais; o largo desenvolvimento da cultura intelectual e científica, o primor das qualidades morais, a iniciativa dos movimentos honestos que dignificam a vida e as nossas instituições devem à ininterrupta vigilância da religião e os seus mais assinalados triunfos entre nós, como na maior parte do mundo civilizado.

Até o advento da Constituição de 1946, não houve no Brasil solução de continuidade, tanto no reconhecimento desta verdade como na manutenção de amistosa e eficiente cooperação entre os Poderes Públicos e os representantes da Igreja. Como preito à independência do espírito humano, a Constituição assegurou a liberdade de crença e de culto. Podendo cada qual livremente exercer o seu culto, ficou, porventura, com a faculdade de fundar seitas religiosas, abrir templos, usar ritos alheios, confundir seus representantes e surpreender a boa fé das populações?"

Negativa deve ser a resposta à pergunta formulada, à vista dos votos que tivemos a oportunidade de transcrever e que nos parecem mais expressivos a respeito da questão.

E em sendo assim, não poderiam os umbandistas valer-se de imagens e distintivos usuais das associações católicas, sem que tivessem o manifesto desejo de confundir, pelas aparências, o seu culto com o privativo da Igreja Católica Apostólica Romana e sem que esta deixasse de sofrer violação de direitos que lhe são reconhecidos e assegurados.

Os cultos, no caso, são absolutamente distintos. Em nada se confundem ou se assemelham. De acôrdo com o "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa", organizado por Laudelino Freire e J. L. de Campos, a palavra "*Umbanda*" é sinônima de *Quimbanda*, signifi-

cando esta: “grão-sacerdote do culto banto, ao mesmo tempo feiticeiro, adivinho e médico. — 2. Feitiço. — 3. Local de macumba. — 4. Processo ritual de macumba”. Caldas Aulete, por sua vez, define o vocábulo Quimbanda, em seu “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, como sendo: “Adivinho ou médico indígena”. A propósito do culto umbandista e de outras religiões transplantadas para o Brasil, com o advento da escravidão, foi emitido, nesta Consultoria Jurídica, longo parecer pelo douto colega Dr. Cícero Fajardo, quando do exame do Processo n.º 19.507/53. Para que se tenha idéia do ritual observado por essas religiões e de suas peculiaridades, notadamente no que se refere à seita de “Umbanda”, permitindo-nos juntar cópia desse parecer — n.º 527/53. Em face da descrição ali feita, não temos dúvidas de reiterar a afirmação de que os cultos umbandistas e católico são absolutamente distintos. Em nada se confundem ou se assemelham.

Nestas condições, os fatos ocorridos na concentração promovida pela Federação Umbandista de São Paulo, na cidade de Santos, representam violação de direitos de terceiros, tornando, assim, legítima a atitude assumida por Dom Idílio José Soares ao protestar contra eles perante a autoridade policial, solicitando-lhe a adoção de medidas que objetivem evitar a repetição de tais fatos.

Lembramos, também, que o egrégio Supremo Tribunal Federal, já em 1917, sob o império da Constituição de 1891, que disciplinava a matéria no § 3.º do artigo 72, “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições de direito comum” — decidira proibir a realização de procissão com imagem da Igreja Católica, fora de seu rito. Eis a notícia dada a propósito do respectivo acórdão:

“A polícia do Rio proibiu, à requisição de autoridade eclesiástica, uma procissão promovida no Bangü pelos devotos de S. Sebastião.

Podia fazê-lo? O Supremo Tribunal em “habeas-corpus” decidiu que sim.

Diz o acórdão: o livre exercício do culto garantido pela Constituição — art. 72 parágrafo 3.º — tem seu limite na lei, quer quando provê, no interesse social, às necessidades da ordem pública — quer quanto à garantia devida a cada confissão religiosa. No caso, permitir a procissão de uma imagem benta da Igreja Católica fora dos ritos destas Igreja e contra a proibição da autoridade religiosa respectiva, e com os reclamos desta perante a polícia, — fôra desrespeito e vilipêndio que a lei veda por contrário à garantia do livre exercício de cada confissão religiosa, nos termos de sua liberdade consagrada na Constituição. (“Habeas-Corpus” n.º 3.925, *Diário Oficial*, Rio 23-6-1917). — (*Revista dos Tribunais*, n.º 22/23, pp. 310-v/311).

Nesta Consultoria Jurídica já foram apreciadas, por mais de uma vez, questões semelhantes à que tivemos oportunidade de focalizar neste parecer, como se poderá verificar dos Processos ns. 15.801/51, 19.507/53 e outros, bem como do parecer n.º 34 de 16/1/53, emitido pelo Dr. Lindolfo Alves, ilustre colega desta C. J., sôbre consulta formulada a respeito de reportagem assinada, publicada no jornal “Última Hora”, em

edição de 7 daquele mês, sob o título: “*Candomblês da Bata nos Terreiros de São Paulo*”.

Em face de todo o exposto e apoiados na decisão, de início lembra da, do egrégio Supremo Tribunal Federal cujos votos proferidos em torno do assunto adornam e fundamentam este parecer, cremos lícita a ação policial para evitar e coibir abusos que se verifiquem na exteriorização dos cultos, com invasões, como ocorreu na espécie, do rito próprio de outra religião. E’ preciso, contudo, que se alerte e recomende que a interferência da polícia deverá se efetivar com bastante cautela, apenas obstando que se contrarie a ordem pública ou os bons costumes e impondo respeito e acatamento a direitos de terceiros, mas sem que a ação policial possa implicar em restrições ou cerceamento da liberdade específica do culto, que é um direito fundamental, agasalhado expressamente pela Constituição da República.

Com êstes esclarecimentos, poderá o assunto ser submetido à alta apreciação do Sr. Secretário.

E’ o nosso parecer, s. m. j.

C. J. em 1.º de julho de 1957.

a) JOÃO ANTÔNIO DA FONSECA.
Advogado.

Aprovo o parecer da Consultoria Jurídica.

A autoridade policial que responde pelo expediente da 7ª Divisão, para tomar conhecimento.

Em seguida, ao Senhor Diretor Geral para mandar mimeografar o parecer e providenciar a sua distribuição às Delegacias de Polícia da Capital e do Interior.

a) CARLOS EUGÊNIO BITENCOURT DA FONSECA.
Secretário da Segurança Pública.

II

Assunto: Cultos religiosos — Liberdade de crença — Umbanda — Uso de imagens católicas e nomenclatura das tendas umbandistas — Interpretação, por autoridade policial, de parecer da Consultoria Jurídica sôbre a exteriorização dos cultos, com o emprêgo de rito próprio de outra religião — Do poder de polícia da Administração — Fechamento e extinção das sociedades religiosas, com fundamento no Decreto-lei n.º 9.085, de 25 de março de 1946.

1. Ao ensejo de um protesto formulado por D. Idílio José Soares, Bispo da Diocese de Santos, contra atos praticados pela Federação Umbandista do Estado de São Paulo, consistentes no uso, em seu culto externo, de imagens do culto católico e distintivos próprios de associações religiosas católicas, “com o intuito, por certo, de mistificar, dando a aparência de procissão realizada pela Igreja Católica Apostólica Romana”, foi pelo douto colega, Dr. João Antônio da Fonseca, emitido o bem lançado parecer n.º 501, de 1.º de julho de 1957, que anexamos ao presente.

2. Estribando-se na decisão proferida pelo Egrégio Supremo Tribunal Federal, no Mandado de Segurança impetrado pela Igreja Cató-

lica Brasileira (in *Revista dos Tribunais*, vol. 203, pp. 621/635), relacionado com a realização de cultos externos pelas religiões amparadas pelo preceito constitucional consubstanciado no § 7.º do artigo 141 de nossa Carta Magna, em detrimento e ferindo direitos de terceiros representados por outras religiões, igualmente garantidas pelo mencionado inciso constitucional, conclui o colega o seu trabalho, *in verbis*:

“... cremos lícita a ação policial para evitar e coibir abusos que se verifiquem na *exteriorização dos cultos*, com invasão, como ocorreu na espécie, do rito próprio de outra religião. E’ preciso, contudo, que se alerte e recomende que a interferência da polícia deverá se efetivar com bastante cautela, *apenas obstando que se contrarie a ordem pública ou os bons costumes e impondo respeito e acatamento a direitos de terceiros*, mas sem que a ação policial possa implicar em restrições ou cerceamento da liberdade específica do culto, que é direito fundamental, agasalhado expressamente pela Constituição da República” — (grifos nossos).

3. Dada a relevância da matéria versada no aludido parecer, a justeza e a propriedade dos conceitos e conclusões nêle contidos, adotou-o o titular da Pasta para servir de norma à atuação policial na espécie, determinando sua publicação em separata e distribuição às Delegacias de Polícia da Capital e do Interior do Estado.

4. A volta do processo a esta Consultoria, para a emissão de novo parecer, foi motivada pela representação de fls., dirigida ao Senhor Secretário da Segurança Pública pela Federação Umbandista do Estado de São Paulo.

5. Tendo a autoridade policial de Pindamonhangaba, fundada no citado pronunciamento dêste órgão, conforme fotocópias anexadas à representação em causa, determinado às tendas de umbanda “São Miguel Arcanjo” e “Nossa Senhora da Aparecida”, localizada a primeira na referida cidade e a segunda em Moreira César, o cancelamento daqueles títulos das tendas, bem assim a retirada das mesmas das imagens de santos, uma vez que

“... os nomes de santos e o culto às suas imagens são exclusivos da Religião Católica Apostólica Romana, não podendo o culto umbandista dos mesmos fazer uso, de vez que o referido culto é absolutamente distinto da Religião Católica Apostólica Romana”,

a entidade autora da representação, a par de esclarecer que as tendas mencionadas se encontram fechadas, em “acatamento aos poderes públicos e pelo respeito à ordem”, aguardando a decisão a ser proferida pelo titular da Pasta, se insurge contra o ato praticado pela referida autoridade, tece considerações sôbre a interpretação que, a seu ver, deve ser dada ao artigo 141, § 7.º, da Constituição Brasileira, e conclui confiando

“no restabelecimento do livre culto praticado *internamente* em suas tendas, ora submetidas a constrangimento e evidente ameaça de maior cerceamento...”.

6. Isto pôsto.

7. Como se verifica do enunciado, devemos nos ater, em nosso trabalho, ao exame da legalidade ou não do ato da autoridade policial de Pindamonhangaba, a que se reporta a Federação representante, ao proibir,

fundando-se no anterior pronunciamento desta Consultoria, que as tendas de umbanda adotem, em seus títulos, nomes de santos da Igreja Católica Apostólica Romana, bem assim a presença de imagens desses santos no interior das tendas.

8. Como disse alguém, racional e livre que é, o homem, em uma sociedade culta, não vive sem o sagrado direito de pensar e querer. Tem êle de lutar com o obstáculo sob a forma de superstição, sob a forma de preconceito, e sob a forma de elemento.

9. O Brasil, escreveu Araújo de Castro, in *A Constituição Brasileira de 1937*, p. 323, é aberto a tôdas as crenças espirituais do mundo, a tôdas as religiões. Culto ou dogma, diz o autor, é moral e a moral é base comum de todos os cultos.

10. Há a distinguir, porém, de conformidade com a tradição do direito pátrio, reproduzido na atual Constituição da República (artigo 141, § 7.º), o *direito de liberdade absoluto*, representado pela liberdade de crença e de consciência — ilimitado e inviolável, — do *direito de liberdade relativo*, concernente à liberdade do exercício do respectivo culto — subordinado aos preceitos de ordem pública, dos bons costumes e às disposições do direito comum, da lei civil.

11. Segundo os comentaristas da matéria, é clássica a diferença entre os dois mencionados direitos — o de liberdade de crença e o de liberdade de exercício de culto, consubstanciada nos seguintes ensinamentos de Aristides Milton, em sua *Constituição do Brasil*, 1898, pp. 378/9:

“A liberdade religiosa, como se está vendo, desdobra-se em liberdade de consciência e liberdade de culto. A primeira consiste na faculdade, que todos temos, de crer nos princípios, idéias e dogmas de uma religião, sem que por isso fiquemos expostos a sofrer a menor limitação nos nossos direitos. A segunda, que vai mais adiante, consiste no direito que todo homem goza de afirmar a sua crença em uma religião qualquer, por meio de manifestações externas”.

12. Fundando-se em Barthélemy e Duguit, escreveu o já citado Araújo de Castro:

“A liberdade de consciência, que é ilimitada, não se confunde com a liberdade de culto, que está sujeita às restrições legais (Barthélemy, *Droit Administratif*, pp. 233/34). Para que exista liberdade religiosa, observa Duguit, é preciso que em suas leis o Estado respeite as crenças de cada um, que não ponha nenhum entrave ao livre exercício do culto público e que não estabeleça nenhuma limitação à formação, ao funcionamento, segundo suas próprias leis, das seitas das igrejas.

E' BEM DE VER, TODAVIA, QUE O ESTADO TEM SEMPRE O PODER E O DEVER DE ADOTAR CERTAS RESTRIÇÕES A LIBERDADE DE CADA UM, MAS SÔMENTE NA MEDIDA QUE SE TORNAR NECESSÁRIA PARA PROTEGER A LIBERDADE DE TODOS (*Droit Constitutionnel*, vol. V, p. 460 — *A Nova Constituição Brasileira*, 1935, p. 375”).

13. Neste particular do respeito necessário aos direitos de terceiros, não podemos nos furtar de transcrever os seguintes conceitos contidos nos *Comentários à Constituição Brasileira*, de Carlos Maximiliano, p. 430:

“E”, aliás, o cânone básico da *liberdade*, o respeito do direito de terceiros: — “Liberdade é o direito que tem o homem de usar das suas faculdades naturais ou adquiridas pelo modo que melhor convenha ao mais amplo desenvolvimento da personalidade própria, SEM OUTRO LIMITE SENÃO O RESPEITO AO DIREITO IDÊNTICO ATRIBUÍDO AOS SEUS SEMELHANTES”.

14. Daí o ter o Egrégio Supremo Tribunal Federal, no aresto citado, denegado o mandado de segurança impetrado pela Igreja Católica Brasileira contra a medida policial que a impediu de, na exteriorização de seu culto, usar os ritos e as insígnias próprias da Igreja Católica Apostólica Romana, porquanto, embora seja certo que inexistente um registo de cultos e de ritos,

“a confusão de cultos deve ser evitada, por amor da ordem e da proteção que todos os cultos merecem. Cada religião tem o culto específico, próprio. Se a Religião Católica Brasileira estabelecer este culto em linhas nítidas, nenhuma religião poderá adotá-lo, para o fim de se prevalecer de confusões vitandas” (voto do Ministro Orozimbo Nonato).

15. E o Ministro Abner Mourão, em seu brilhante voto, após afirmar que,

“como preito à independência do espírito humano, a Constituição Federal assegurou a liberdade de crença e de culto”, pergunta: —

“Podendo cada qual livremente exercer o seu culto, ficou, porventura, com a faculdade de fundar seitas religiosas, abrir templos, usar os ritos alheios, confundir seus representantes e surpreender a boa fé das populações?”

16. Outra não poderia ser a resposta à pergunta formulada pelo Douto Ministro, isto é, pela negativa, face aos conceitos e conclusões contidos no aresto, o que levou o ilustre colega subscritor do parecer invocado pela interessada a ponderar no item 17 de seu trabalho:

“E em sendo assim, não poderiam os umbandistas valer-se de imagens e distintivos usuais das associações católicas, sem que tivessem o manifesto desejo de confundir, pelas aparências, o seu culto com o privativo da Igreja Católica Apostólica Romana e sem que esta deixasse de sofrer violação de direitos que lhe são reconhecidos e assegurados”.

17. De todo o acima exposto, dois pontos ficaram perfeitamente esclarecidos, sendo desnecessário que insistamos em sua apreciação: 1.º) que é vedada a exteriorização de cultos com invasão do rito próprio de outra religião; 2.º) que “é lícita a ação policial para evitar e coibir abusos que se verifiquem na exteriorização dos cultos”, o que representa, em última análise, o reconhecimento do poder de polícia da administração.

18. A este, o poder de polícia (“police power”), compete assegurar o livre exercício dos cultos em geral, de forma a garantir, a cada religião, o exercício do respectivo culto, impedindo seja o mesmo perturbado, desrespeitado ou mistificado.

19. Se o exercício de tal poder foi reconhecido e proclamado pelo Supremo Tribunal Federal, no concernente às manifestações externas, e a Polícia, no entender de Viveiros de Castro, in *Tratado de Ciência da Administração e Direito Administrativo*, 3ª ed., p. 150, no exercício

de sua ação preventiva, “não pode deixar de ter um certo arbítrio na escolha dos meios, uma vez que não contrarie nenhum texto legal”, pois “auxiliar da administração, a Polícia é essencialmente preventiva, deve prever e evitar todos os fatos perturbadores da ordem social”, a pergunta que ocorre é a de saber-se se é lícito à polícia intervir, também, na atividade interna das tendas umbandistas, fazendo remover imagens de santos católicos.

20. No seu exercício legítimo, têm os nossos Tribunais qualificado o poder de polícia de “regime especial de polícia dos cultos” (R. Direito, vol. XXX, p. 376), ponderando, outrossim, o aresto, que é do Tribunal de Apelação do Distrito Federal (citado pelo então Consultor Geral da República, atual Ministro Haroldo Teixeira Valadão, em parecer inserto na *Revista dos Tribunais*, vol. 177), que “essa ação policial só se manifesta quando ocorre a necessidade pública, a conveniência da ordem ou dos bons costumes. O legislador aplica um princípio filosófico — porque a atividade sem freios — *actus purus* — degenera em abusos, que obrigam as mais severas sanções”.

21. Daí a se concluir que a interferência da polícia, no tocante às restrições que possam vir a ser impostas ao exercício e manifestação dos cultos religiosos, assegurando-os, mas impedindo abusos e desrespeitos a direitos dos outros, como bem pondera o colega que emitiu o anterior parecer desta Consultoria, deverá “se efetivar com bastante cautela, apenas obstando que se contrarie a ordem pública ou os bons costumes e impondo respeito e acatamento a direitos de terceiros”.

22. Ilícita, pois, seria a interferência policial no culto interno das diversas seitas religiosas, nos atos de pura fé, de sentimento, de crença, de fôro íntimo, que estão sob o amparo do texto constitucional, a coberto, portanto, de qualquer contrôlo legal, uma vez que não afetem e não contrariem a ordem pública ou os bons costumes.

23. No que respeita ao culto externo, que é manifestação do sentimento religioso, não obstante as restrições a que está sujeito, a ação policial — o chamado “regime especial de polícia dos cultos” — deverá, também, ser respeitosa, cautelosa e prudente, a fim de que não se pratiquem atos atentatórios à liberdade de culto, pois o que se visa é coibir os abusos e exageros que justificam a interferência da polícia.

24. Assim, como decorrência de tal entendimento, se é inegável que as imagens de santos católicos não constituem, na acepção do termo, *propriedade* da Igreja Católica Apostólica Romana, como acentuou a interessada em seu petítório, inegável também é que tais imagens representam exemplos e modelos de vida católica, próprios e específicos da Religião Católica, não se podendo — a não ser com o intuito manifesto de mistificar — confundi-las com os guias espirituais cultuados nas práticas umbandistas.

25. A inexistência de registo de tais imagens, como pertencentes à Igreja Católica Apostólica Romana, não pode servir de pretêxo para que se procure — a não ser de má fé — negar uma verdade proclamada através dos séculos e que é conhecida da humanidade desde o advento do cristianismo.

26. Dêse fato resulta, inquestionavelmente, que às imagens das diversas religiões se deve aplicar os mesmos conceitos constantes do V Acórdão do Supremo Tribunal Federal, citado, no concernente aos cultos e ritos, isto é, a inexistência do registo não pode nem deve dar margem a confusões. Estas devem ser, da mesma forma que os cultos, evitadas por amor da ordem e da proteção que a todos a Constituição Federal assegura.

27. Em trabalho publicado em 1954 (Editôra Vozes Limitada, Petrópolis), sob o título *Posição Católica Perante a Umbanda*, Frei Boaventura, O.F.M., ao abordar o tema relacionado com a confusão premeditada com que procuram os umbandistas confundir os crentes católicos, atraindo-os à sua religião, escreve às fls. 43 e seguintes:

“Por que tão vergonhoso disfarce? Por que tôda essa fachada católica? Por que Santos cristãos nos terreiros pagãos de Umbanda? Por que a imitação dos nossos altares, com quadros e estátuas de Santos catolicísimos?”

E prossegue: “A êste respeito um umbandista mais sincero, que se ocultou sob o pseudônimo de “Yonóri”, conhecendo de perto a Umbanda e certas intenções menos corretas de seus colegas propagandistas, as denunciou vigorosamente nos seguintes têrmos:

“Da desmedida ambição dêsses indivíduos nasceu uma idéia diabólica que veio modificar, da noite para o dia, o curso do espiritismo no Brasil, fazendo com que o número de seus adeptos se tornasse com o tempo maior que o de fiéis do Catolicismo. Sim, o católico jamais entraria num Terreiro de Umbanda para pedir o auxilio de Ogum, nem daria dinheiro para a ornamentação de um Terreiro de Oxosse, mesmo porque os padres não perdem vasa em apontá-los de chantagistas, combatendo-os. Porém qualquer católico tem fé em São Jorge, ou faz donativos em dinheiro ou outros valores para a instituição de uma casa religiosa, cujo padroeiro seja São Sebastião, não deixando os padres de incentivá-los a isso. Pela mesma razão não podem condenar um católico que vá fazer um pedido a um Santo, ou rezar aos pés de uma das imagens que ornã as igrejas, pois estaria, ipso facto, negando aquilo mesmo que êles pregam... O insidioso golpe dos sabidões foi além de sua própria expectativa. *Indiscutivelmente venceram materialmente e, hoje, 60% dos católicos freqüentam Centros Espiritas, Terreiros de Umbanda, etc., pois nêles os Santos são os mesmos, e mesmas são as imagens.* A exploração é também exatamente a mesma, o tema teatral sofreu, apenas, uma modificação de indumentárias e ritua's, ou seja de vestuário e cenário, adaptados ao meio. Ganharam, então, os Orixás das Linhas de Umbanda mais um nome, ficando, na parte material, metade Africano e metade Católico, numa confusão que *ninguém podia entender. Habilmente, juntaram os sabidões, conforme suas atribuições segundo a concepção africana, o nome de um Santo de maior evidência no Catolicismo, ao do Orixá, que chefiava uma determinada Linha de Umbanda*” (“Umbanda, Indústria Rendosa”, Rio 1954, pp. 90 ss. — Grifos nossos).

As fls. 119 e seguintes, prossegue o doutrinador umbandista, na mesma obra:

“Sendo o povo brasileiro fundamentalmente católico, ambiente que encontra desde o berço, sua fé nos Santos que decoram as Igrejas torna-se quase indestrutível e, por isso mesmo, o lado mais fraco pelo qual os exploradores iniciam o seu ataque, tendo quase assegurado o

mais completo êxito. *Este é um dos principais motivos pelo qual êles procuram imitar a ornamentação das igrejas Católicas, enchendo seus Pegis, Congás, etc. de santos e santas, cópias reduzidas dos que se encontram nas igrejas, pois sabem que assim atrairão os católicos e também todos os que possuírem alguma fé naquelas entidades.* Ora, adotando as figuras decorativas do Catolicismo, os espertalhões nada mais fazem que manter a fé que os seus adeptos têm nos santos, dentro de um círculo material católico. Daí os verdadeiros ensinamentos que nos foram trazidos pelos africanos terão que ser adaptados e obedecerem a certos princípios da Igreja Católica, pelo menos em parte, *porém, só na aparência, não só para não caírem em contradições, como é, ainda, o melhor escudo que usam para sua própria defesa, forçando a Igreja a constituir-se em advogado de seus próprios santos, defesa que ela faz gratuitamente... Sendo a adoção dos santos uma inovação assentada sobre uma base falsa, logicamente, mais falsos serão os ensinamentos daí decorrentes, uma vez que, tendo que justificá-los para os que não aceitam o Catolicismo, professando o Espiritismo, embora desconheçam as bases em que ambos repousam, os espertalhões formam dentro dos falsos princípios católicos, outros falsos princípios espiritas, causando uma tremenda confusão para os adeptos e para os estudiosos*” — (Grifos nossos).

28. Se não bastassem os conceitos transcritos, emitidos por um umbandista sincero, no dizer de Frei Boaventura, denotando o espírito mistificador dos umbandistas, visando atrair ao seu credo os fiéis de outras religiões, notadamente e principalmente os católicos, com o uso de santos, insígnia, paramentos, etc., próprios da Religião Católica, iremos citar, a seguir, a publicação inserta em um jornal de umbanda (também mencionada por Frei Boaventura às fls. 45 e seguintes de sua obra), pela qual se verifica que o uso das imagens de santos católicos nos Terreiros de Umbanda e o revestimento das fachadas de suas Tendias com nomes dêesses mesmos santos, têm por fim, único e exclusivamente, falsear, confundir, mistificar, no interesse da divulgação do credo umbandista. Diz o *Jornal de Umbanda*, junho de 1954, Rio, p. 1:

“Em verdade, temos nos nossos altares as vènerandas imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, dos Santos Jerônimo, Jorge, Sebastião, Benedito, Antônio, Miguel, Cosme e Damião, das Santas Catarina e Bárbara, sendo mesmo as nossas Tendias registadas no Registo de Titulos e Documentos com os nomes dos Santos Católicos”.

29. Alarmado, porém, com a possibilidade de vir a ser desmascarada a farsa com que procuram engodar os menos avisados, em detrimento dos legítimos interesses da Igreja Católica, cujos direitos a Constituição assegura, diz o articulista, no mesmo jornal citado:

“... a Igreja de Roma poderá lembrar-se de mover contra nós uma ação (tal como fêz com o Bispo de Maura), com o objetivo de nos privar, pelo menos por algum tempo, da prática do nosso culto, obtendo a proibição de exibirmos nos nossos altares os santos por ela consagrados, e dos quais pensa ser senhora absoluta. Diante do fato consumado, grandes seriam os nossos prejuízos, não só de ordem espiritual, como material, pois, obrigados a acatar qualquer decisão judicial, pelo menos enquanto se discutisse, teríamos que nos privar, por algum tempo, da presença, nos nossos altares, das figuras que representam as máximas entidades que presidem os destinos da Umbanda”.

motivo por que, para evitar que tal aconteça, propõe “uma modificação na apresentação dessas imagens”, conservando, todavia, a identificação com os Santos mencionados.

30. Não é necessário, e seria mesmo supérfluo, alongarmos nossa exposição a fim de deixar evidenciados os falsos desígnios e os propósitos mistificadores que orientam a ação dos umbandistas ao usar em suas tendas nomes de santos católicos, bem assim, em seus altares, as imagens desses mesmos santos.

31. O parecer desta Consultoria, a que se reporta a interessada em sua representação, já deixou claro o reconhecimento, pela Justiça, de serem católicas, de uso próprio e específico da Religião Católica, as imagens de Santos referidas pela Federação Umbandista do Estado de São Paulo, tanto que o mencionado trabalho, que mereceu a aprovação do titular da Pasta, profligou a prática dos umbandistas de valerem-se dessas imagens na exteriorização de seu culto, por representar tal fato “o manifesto desejo de confundir, pelas aparências, o seu culto com o privativo da Igreja Católica Apostólica Romana e sem que esta deixasse de sofrer violação de direitos que lhe são reconhecidos e assegurados”.

32. Resta, pois, saber se a autoridade policial, face a esse fato consumado, ou seja, o reconhecimento da natureza católica das imagens de santos, pode, como o fez o Delegado de Polícia de Pindamonhangaba, determinar a sua retirada do interior das tendas de umbanda, a par da exclusão do nome de santos católicos dos títulos das tendas, tendo em vista o manifesto e comprovado desejo de confundir e mistificar, ferindo direitos de terceiros, que constitui, no próprio dizer dos umbandistas por nós citados neste trabalho, a razão de ser desse método condenável.

33. No que concerne ao culto externo, não resta dúvida, face ao princípio firmado na doutrina e na jurisprudência, com propriedade exposto no bem lançado parecer anterior deste órgão, é defeso aos umbandistas realizar procissões, reuniões em praça pública, etc., portanto imagens e usando os ritos, insígnias e paramentações próprias da Igreja Católica Apostólica Romana.

34. Embora a prática esteja fundada em bases falsas e eivadas dos vícios apontados de origem que, a nosso ver, justificam amplamente a retirada das imagens dos santos católicos do interior das tendas e terreiros de umbanda (pois estes deveriam, se realmente possuíssem fé e convicção no culto que adotam, empregar no ritual interno imagens próprias e específicas de sua religião), quer-nos parecer que a ação policial, nesse particular, não deve ser tomada de ofício, por poder ser interpretada como restrição ou cerceamento da liberdade de culto, a tódas as religiões asseguradas pelo preceito constitucional consubstanciado no § 7.º do artigo 141 da Constituição de 1946.

35. Caberia à religião prejudicada, cujos direitos estão sendo postergados, consciente e premeditadamente pelos umbandistas, recorrer aos meios legais ao seu alcance para pôr termo a esse estado de coisas, compelindo os mistificadores a absterem-se de tal prática interna para, então, a polícia, em cumprimento a uma decisão judicial, exercer a sua ação coercitiva, que não pode se estribar, a não ser nos casos de de-

fesa da ordem pública e dos bons costumes, tão só no seu poder de polícia.

36. O mesmo, porém, não ocorre com relação ao uso do nome de santos católicos nos portais das Tendias de Umbanda. Não valem aqui, como argumento, as alegações feitas pela interessada de que o fato do nome do santo ser precedido do vocábulo "Tenda" é suficiente para distinguir, de maneira a dissipar qualquer dúvida, a natureza do templo.

37. A mistificação e o desejo de confundir são os mesmos que animam os umbandistas a colocar nos seus altares as imagens dos santos católicos. Os fiéis menos avisados e ignorantes do vernáculo — o que representa no país, infelizmente, a maioria, pois a maior parte de nossa população é composta de analfabetos e semi-alfabetizados — poderão não conhecer nem atinar com o significado do vocábulo "tenda", mas, certamente, se deixarão engodar com o nome de santo encimando a entrada do edifício. Ao nêle ingressar, estarão certos de fazê-lo em um templo católico, sendo o seu engano reforçado com o embuste representado pela existência de imagens e paramentos católicos no seu interior.

38. Há, porém, uma diferença fundamental no tocante à ação policial de ofício em ambos os casos: — se no primeiro, retirada das imagens do interior das tendias, a medida pode vir a ser considerada violenta e arbitrária, atentando contra a liberdade de culto, no segundo, ao contrário, o título adotado pela tenda se pode considerar como uma exteriorização do culto, cujas limitações, em defesa do direito de terceiros, já foi reconhecida e proclamada pelo Judiciário, em consonância com os ensinamentos doutrinários a que nos reportamos neste trabalho.

39. Quer-nos parecer, assim, que, proibindo a adoção de nomes de santos católicos nos títulos das tendias de umbanda, a polícia estará agindo de acôrdio com as atribuições que lhe são próprias, no exercício legítimo de seu poder de polícia, e isso porque o laicismo, que caracteriza o espírito que tem norteado as constituições brasileiras, assegura a tôdas as religiões os mesmos direitos e obrigações, não sendo lícito a nenhuma delas adotar cultos, ritos e imagens de outras, "para o fim de se prevalecer de confusões vitandas", como decidiu o V Acórdão do S. T. F., pelo voto do eminente Ministro Orozimbo Nonato, que também proclamou:

"O Estado intervém, no caso, não para desconhecer o fenômeno da religião que informa a vida espiritual da humanidade, mas para proclamar o seu laicismo, assegurando a todos idêntica liberdade de culto. Este o sentido inequívoco do artigo 141, § 7.º, da Constituição".

40. Pondere-se, ainda, que, na construção constitucional, ensina Menegale, in *Direito Administrativo*, vol. 3/31, ed. 1941, surge o poder de polícia quando, em complemento à declaração dos direitos individuais, o texto acrescenta que o "uso dêsses direitos e garantias terá por limite o bem público, as necessidades da defesa, do bem-estar, da paz e da ordem coletivas".

41. "Nem sempre deverá a autoridade esperar que seja levada a efeito a infração regulamentar. Deve, por isso mesmo, tomar as pre-

cauções indispensáveis a fim de evitar o prejuízo decorrente daquela violação, impondo as restrições em cada caso exigidas.

Estas medidas têm caráter preventivo, e, muitas vezes, representam, em sua essência, restrições ao direito individual equivalentes àquela que teria sido imposta pela autoridade em sua ação repressiva" (Themistocles Cavalcanti, *Tratado de Direito Administrativo*", vol. V, pp. 394/5).

42. Destarte, em sendo, como são, absolutamente distintos os cultos católico e umbandista, em nada se confundindo ou se assemelhando, sendo vedada a exteriorização de cultos de forma a se constituir em invasão e postergação dos direitos dos outros cultos, igualmente agasalhados sob o pálio do texto constitucional, é bem de ver que o uso de nomes de santos católicos nas tendas de umbanda, como nas de que trata o processo, representa violação de direitos de terceiros.

43. Operando-se a violação por meio de manifestação externa, sujeita, o que é pacífico, a sofrer restrições, legítima, a nosso ver, nesse particular, a providência tomada pela autoridade policial de Pindamonhangaba ao determinar a supressão do nome de santos católicos nas tendas umbandistas.

44. Poder-se-á argumentar que tais sociedades religiosas têm seus nomes registrados de acôrdo com as leis civis, sendo defeso à polícia agir coercitivamente no sentido de alterá-los ou suprimi-los.

45. Tal argumento, porém, não têm consistência legal e não resiste à menor análise. O que a lei — no caso o preceito constitucional contido no art. 141, § 7.º, da Constituição da República — protege e ampara é a aquisição, por essas sociedades, de personalidade jurídica, como decorrência das premissas assentadas no texto e atinentes à inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos.

46. O que não poderia a polícia, sem contrariar o preceito constitucional e o disposto no Decreto-lei federal n.º 9.085, de 25 de março de 1946, seria determinar o fechamento das sociedades em causa, sem que ocorressem as circunstâncias expressas no artigo 2.º, hipótese em que sua ação encontraria amparo no disposto no art. 7.º, todos do mesmo diploma.

47. Assim, se vivemos num regime democrático, em que todos são iguais perante a lei, sofrendo os direitos de cada um as restrições impostas ao respeito aos direitos de outros, não poderá a polícia tergiversar nem cruzar os braços quando se praticar, como no caso em tela, premeditada e conscientemente, atentados a direitos de terceiros, que lhe cumpre amparar e proteger, impondo restrições tendentes a preservar a ordem pública.

48. À vista do exposto, CONCLUIMOS:

a) De acôrdo com a orientação já firmada no anterior pronunciamento dêste órgão, que, com a devida vênia, esposamos, fundado em aresto do Supremo Tribunal Federal, lícita é a ação policial tendente a evitar e coibir abusos que se verificarem na exteriorização dos cultos, atentando contra direitos de outros cultos;

b) o uso de nomes de santos reconhecidamente católicos nos portais das tendas de umbanda constitui manifestação externa, sujeita, portanto,

a restrições legais, e, por violar tal prática direitos de terceiros — no caso da Igreja Católica Apostólica Romana — com o intuito evidente e confessado pelos próprios doutrinadores de umbanda, de mistificar, engodar e confundir os crentes, torna legítima a ação coercitiva da polícia, tendente a suprimi-los das denominações das tendas e terreiros umbandistas;

c) no que concerne à retirada das imagens dos santos católicos do interior das tendas e terreiros de umbanda, mau grado o intuito evidente de confundir e mistificar que anima os dirigentes dessas tendas e terreiros, a ação policial não pode ser tomada de ofício, uma vez que não se trata de exteriorização do culto; somente mediante o pronunciamento do Judiciário, *provocado* pela religião prejudicada, poderá a polícia agir neste caso, sem que sua ação possa importar em restrições ou cerceamentos da liberdade de culto, assegurada pela Constituição da República;

d) também não poderão as sociedades religiosas desvirtuar as suas finalidades, contrariando a ordem pública e os bons costumes, o que as fará incidir nas proibições estabelecidas no Decreto-lei federal n.º 9.085, de 25 de março de 1946 — que dispõe sobre o registo civil das pessoas jurídicas — tornando lícita a ação da polícia tendente à sua dissolução judicial, após prévia suspensão por prazo não excedente de seis meses;

e) restará aos interessados recorrer aos meios legais ao seu alcance, na hipótese de se julgarem feridos em seus direitos, curvando-se, então, a polícia, se obtiverem êxito nos seus propósitos — o que sinceramente não acreditamos — ao que ficar decidido pela Justiça Brasileira, da qual a Polícia de São Paulo tem sido sempre uma guardiã incansável e intransigente.

49. Finalmente, na hipótese de vir a ser aprovado o presente parecer, SOMOS por que do mesmo se dê ciência às autoridades policiais do Estado, em complemento às instruções baixadas com a aprovação do anterior pronunciamento deste órgão — Parecer n.º 501, de 1.º de junho de 1957 — em apenso, indeferindo-se, em parte, a representação de fls.

E' o nosso parecer, s. m. j.

C. J., em 17 de junho de 1958.

(a.) GUALTER GODINHO
Advogado

De inteiro acôrdo com o parecer, que focaliza, com raro brilho, o problema dos diversos cultos, definindo em bases morais e de ordem jurídica os seus limites.

Aprovado que seja pela autoridade competente, sugerimos sejam do parecer extraídas separatas para distribuição aos senhores delegados de policia, com determinação de agirem segundo as suas conclusões.

Sobe.

C. J., em 20-6-1958.

(a.) OTÁVIO PEREIRA DE QUEIROZ

3) Vocabulário Umbandista

- Abacê**, cozinheira que prepara as comidas de santo.
- Abrir mesa**, adivinhar, o ato pelo qual o "pai de santo" resolve os problemas apresentados à sua capacidade divinatória.
- Acassá**, bôlo de milho.
- Agô**, licença.
- Agô-iê**, dai-me licença.
- Alá**, dossel no terreiro, debaixo do qual se servem as comidas de santo.
- Amalá**, comida de santo.
- Aparelho**, médium em função.
- Assentar o Santo**, preparar o corpo da inicianda para servir de moradia ao orixá.
- Assento**, altar dos orixás.
- Atabaque**, tambor.
- Azueia**, ordem dada no terreiro para os assistentes baterem palmas à chegada do "santo", isto é, quando se incorpora o Orixá. Saudação ao Orixá.
- Babalaô**, chefe de terreiro, pai de santo.
- Babalorixá**, o mesmo que babalaô.
- Baixar**, possuir (o orixá) o corpo do médium ou aparelho.
- Batuque**, sapateado africano.
- Burro**, médium em transe, quando trabalha com Exu.
- Búzio**, concha marinha, caracol.
- Cacimba**, vasilha.
- Cair no Santo**, ser possuído pelo orixá.
- Calundo**, espírito protetor das parturientes.
- Calunga**, cemitério.
- Calunga grande**, mar.
- Camarinha**, quarto onde permanecem as "iaôs" durante o período de iniciação.
- Cambiá**, amuleto para ser enterrado.
- Cambono**, auxiliar nos trabalhos do terreiro.
- Cambono colofé**, auxiliar nas cerimônias de iniciação.
- Candomblé**, reunião de médiuns e pessoas com apetrechos apropriados para fazerem canjerê.
- Canjerê**, despacho ou trabalho resultante dos candomblés.
- Canjira**, local de dança.
- Carau**, comida de santo.
- Cavalo**, médium em transe.
- Coisa feita**, feitiço.
- Coité**, vasilha, cuia.
- Compadre**, uma espécie de exu que guarda o terreiro.
- Congá**, altar.
- Curiar**, comer, beber.
- Curimba**, dança.
- Dar de comer à cabeça**, cerimônia de penitência, sacrificando-se animais para o "dono" da cabeça da pessoa.
- Demanda**, questão, luta.
- Descer**, manifestar-se (o orixá).
- Despachar**, sacrificar, especialmente a exu.
- Dumba**, mulher.
- Ebô**, milho branco preparado com azeite.
- Ebô**, comida de santo.
- Egum**, espírito de pessoa falecida.
- Embanda**, mensageiro, porta-voz.
- Embé**, sacrifício de animal.
- Epô**, azeite.
- Exu**, espírito mau, demônio.

- Fazer o Santo**, submeter-se ao processo de iniciação, destinado a preparar a pessoa para servir de moradia e instrumento dos orixás.
- Feita**, filha de santo, mulher que completou sua iniciação.
- Feitura do Santo**, o processo de iniciação.
- Filha de Santo**, iniciada, sacerdotisa.
- Filho de Santo**, médium em que se incorpora um orixá.
- Ganga**, chefe de terreiro.
- Gongá**, altar, santuário, local de trabalho.
- Guia**, pulseira.
- Iansan**, orixá feminino do vento, mulher de Xangô, patrona das mulheres livres. Santa Bárbara.
- Iaô**, inicianda, que está na "camarinha".
- Ibeji**, orixás gêmeos. São Cosme e São Damião.
- Iemanjá**, orixá feminino do mar. Nossa Senhora.
- Jabonan**, mãe do terreiro, de segunda categoria.
- Kalunga**, espelho.
- Karunga**, mar.
- Macumba**, vara de ipê ou bambu, cheio de dentes, com laços de fita em uma das pontas, na qual um indivíduo, com duas varinhas finas e resistentes, faz o atrito sobre os dentes, tendo uma das pontas da vara encostada na barriga e outra encostada na parede.
- Mãe de Santo**, sacerdotisa-chefe, responsável pelo terreiro e pela educação religiosa das "filhas", diretora das festas, suprema autoridade.
- Manifestação**, a presença do orixá na iniciada.
- Marafó**, aguardente, parati.
- Média**, mulher em quem "baixou" o santo.
- Meninos**, os gêmeos Cosme e Damião (Ibeji).
- Mironga**, mistério.
- Mucamba**, mulher auxiliar do terreiro.
- Muginga**, pipoca preparada para o ritual da troca de cabeça.
- Nação**, tribo.
- Nunanga**, vestes cerimoniais.
- Obá**, céu.
- Obrigações**, as exigências da herança religiosa ou do ritual em geral.
- Ogan**, babalaô de segunda categoria.
- Ogum**, orixá das demandas. São Jorge (no Rio) e Santo Antônio (na Baía).
- Olhador**, ledor do futuro, indivíduo que "olha".
- Olhar**, adivinhar o futuro.
- Olhar com o Ifá**, adivinhar o futuro valendo-se do "rosário de Ifá".
- Omulu**, orixá da morte, das pestes. São Lázaro.
- Omulucu**, comida preparada com feijão e ovos.
- Orixá**, divindade secundária, espírito da luz.
- Ossé**, oferta de alimentos, pelas filhas, aos seus orixás, nos dias da semana que lhe são consagrados.
- Otá**, fetiche, imagem de um orixá.
- Oti**, bebida.
- Oxalá**, chefe dos orixás. Cristo.
- Oxóssi**, orixá das matas, da caça. São Sebastião (no Rio), São Jorge (na Baía).
- Oxun**, orixá feminino dos rios. Nossa Senhora.
- Padê**, o "despacho" de Exu, no início das festas; cerimônia propiciatória.
- Padrinho**, pai de santo.
- Pai de Santo**, chefe de terreiro.
- Patuá**, amuleto, eficaz para "fechar o corpo".
- Pegi**, altar.
- Pemba**, giz, para riscar os pontos.
- Ponteiro**, punhal.

- Ponto cantado**, hino, canto evocativo.
- Ponto riscado**, sinal cabalístico evocativo.
- Preceito**, obrigação ritual.
- Rosário de Ifá**, o rosário de búzios de que se servem os ledores do futuro.
- Rum**, o atabaque maior.
- Rumpi**, o atabaque médio.
- Samba**, mulher auxiliar da mãe de santo.
- Sangue**, vinho.
- Saravá**, saudação, cumprimento, "salve!"; é uma corruptela de "salvar" ou "saudar".
- Ubá**, casca de árvore.
- Urubatão**, "caboclo", chefe de falange.
- Vatapá**, comida feita com fubá ou farinha, leite de côco, azeite de dendê, camarão e pimenta.
- Vumbi**, cerimônia fúnebre, depois da morte de um pai de santo ou de um babalaô, a fim de afastar o seu espírito da sua casa.
- Xangô**, orixá dos raios, das tempestades. São Jerônimo.
- Xerém**, chocalho de cobre de Xangô.
- Zambi**, Deus.
- Zumbi**, chefe, rei.

Índice

Introdução	5
I. Causas Remotas da Umbanda	
1) Os Elementos de Origem Africana	9
a) O Culto Gêge-Nagô	11
b) Crenças e Práticas Bantos	14
c) A Conservação das Tradições Africanas no Brasil	24
2) Os Elementos de Origem Ameríndia	27
a) Crenças e Práticas do Ameríndio Brasileiro	27
b) A Pajelança	30
c) O Candomblé do Caboclo	32
d) O Catimbó	33
3) A Bruxaria Européia	37
4) Elementos Constantes das Superstições	41
II. Aspectos Gerais da Umbanda	
1) A Confusão na Umbanda	44
2) A Palavra “Umbanda”	46
3) Pululam os Terreiros	49
4) Ensaio de Confederações	55
III. O Caráter Espírita da Umbanda	
1) A definição do “Espiritismo”	61
2) Necromancia e Magia	66
3) Umbanda, a Quarta Revelação	68
4) Umbanda e Quimbanda	71
IV. A Doutrina dos Umbandistas	
1) As Tendências Principais	74
2) A Teodicéia do Babalaô	82
3) O Reencarnacionismo Umbandista	85
4) Arremêdo de Sacramentos	88
5) Princípios de Moral	91
V. Organização e Funcionamento do Terreiro	
1) Os Elementos Materiais	93
2) A Hierarquia Umbandista	100
3) As Sessões no Terreiro	103
4) Os Pontos Cantados e os Pontos Riscados	105

VI. Cerimônias e Ritos nos Terreiros	
1) Os Sacrifícios ou as Obrigações	109
2) As Adivinhações	110
3) Outras Cerimônias	112
4) Caboclos e Prêtos Velhos	117
VII. Politeísmo e Idolatria com Fachada Católica	
1) Confusão Católico-Umbandista	120
2) Orixás de Umbanda e Santos Católicos	124
3) Razão Histórica da Confusão	127
4) Fachada Católica para Propaganda	129
VIII. A Demonolatria nos Terreiros de Umbanda	
1) O Culto ao Exu ou ao Demônio	133
2) A Lista Macabra dos Exus	137
3) Como Fazem dos "Despachos"	140
IX. A Crítica do Feitiço dos Babalaôs	
1) O Problema dos Feitiços e Despachos	144
2) A Natureza do Feitiço	147
3) A Eficácia do Feitiço	151
4) O Feitiço Evocativo	155
5) Exageros e Falsidades	161
6) Motivos Bíblicos contra a Magia	164
X. A Medicina Mágica dos Terreiros	
1) Como Explicam as Doenças	167
2) A Terapêutica Umbandista	171
a) Os Remédios Gerais	171
b) Os Recursos Particulares	178
3) O Crime do Curandeirismo	180
XI. Crimes, Imoralidades, Loucura e Exploração	
1) Os Crimes nos Terreiros	187
2) A Umbanda Facilita Atos Imorais	192
3) O Perigo da Loucura	194
4) Caça ao Dinheiro	198
XII. Causas e Remédios	
1) Causas do Crescimento da Umbanda	205
2) Paganização do Cristianismo	209
3) O Exemplo de Haiti	212
4) Outra Sugestão Prática	215

Índice

261

XIII. Normas para uma Posição Católica Perante a Umbanda 219

Apêndices:

1) As Pesquisas do IPEME	227
2) Condenação Civil do Abuso dos Nomes e Imagens dos Santos nos Terreiros de Umbanda	237
3) Vocabulário Umbandista	256

Índice das Fotos

1. Os livros dos babalaôs, literariamente imperfeitos, cresceram em número principalmente a partir de 1950. Foto do Autor.
2. Eis aí um dos milhares de Terreiros no Estado do Rio de Janeiro. Foto do Autor.
3. Há lojas especializadas na venda de objetos usados no culto umbandista. Foto do Autor.
4. Um grupo de médiuns ("cavalos") antes da sessão, com indumentária especial. O elemento branco predomina. Foto Globo.
5. A mãe-de-santo (ialorixá) em seu trono, diante de São Sebastião (Oxossi). Os colares são seus "guias" distintivos. Foto Globo.
6. Este é o poderoso pai-de-santo (babalaô ou babalorixá). Foto Cruzeiro.
7. Pai-de-Santo "incorporado". Foto Cruzeiro.
8. O "espírito-guia" do babalaô é reverentemente cumprimentado: Saravá! Foto Cruzeiro.
9. O tambor é indispensável no ritual umbandista. Foto Globo.
10. O ritmo do atabaque ajuda a pôr os médiuns em transe. Foto Globo.
11. No fundo os três atabaques: o rûn (grande), o rûmpi (médio), o lé (pequeno). Na frente a cerimônia do "bater cabeça". Foto Globo.
12. Típico altar do Terreiro: Temos os "santos", o crucifixo, um "caboclo", um "prêto velho", velas, copos de água. Foto Globo.
13. Aqui não falta nem mesmo a imitação da mesa eucarística. Foto do Autor.
14. Um diploma de Filha de Maria no altar de Umbanda, com oferendas e comida-de-santo. E' a confusão caracterizada. Foto Cruzeiro.
15. A ialarixá com seus Santos e Caboclos. Foto Cruzeiro.
16. Os "padres" da ICAB (Igreja Católica Apostólica Brasileira) costumam rezar missas nos Terreiros. Índios e Santos misturados. Foto Cruzeiro.
17. O jovem babalaô recomenda a "concentração" inicial que irá preparar a "baixa" dos "santos". Foto Globo.
18. O tambor marca o ritmo da dança sagrada. Outros acompanham cantando e batendo palmas. Foto Globo.
19. "Baixou" Ogum (São Jorge: por isso as espadas). Os médiuns "incorporados" (também as mulheres) fumam charuto. Foto Globo.
20. Médiuns em transe dançando, com charuto na boca. Foto Globo.
21. Cena típica da médium em transe. Note-se o charuto na mão esquerda. Assim continuam durante horas. Foto Cruzeiro.
22. Por vêzes gente da assistência também entra em transe. Foto Cruzeiro.
23. A "entidade" pede charuto: Não é o "cavalo", é o "espírito" que vai fumar. Foto Cruzeiro.

24. Novã cena típica do transe. O charuto na mão direita. Foto Globo.
25. Também os homens se preparam para a "incorporação". Foto Cruzeiro.
26. Mèdium dando "passes". Foto Cruzeiro.
27. Atenda-se aos vestidos especiais dos médiuns. Mulheres com calças compridas, para resguardar o decôro nos transes violentos. Foto Cruzeiro.
28. Recebendo "passes". Foto Cruzeiro.
29. Anúncio raro, porque perseguido pela policia. Foto do Autor.
30. O pai-de-caboclo batiza. A criança já foi batizada na Igreja. Foto Cruzeiro.
31. Mas o batismo não é como Cristo ordenou. Veja-se o sangue no chão. Foto Cruzeiro.
32. A ovelha sacrificada é levada em procissão por gente que se proclama também "católica". Foto Globo.
33. Matança ritual duma galinha. Foto Globo.
34. A pequena "desobrigação" fetichista. Foto Cruzeiro.
35. Há também "obrigações" maiores. Foto Cruzeiro.
36. Como o transe modifica o aspecto da pessoa. Foto Globo.
- 37 e 38. E' assim que se saúdam ("salvam") os "guias do além". Fotos Cruzeiro e Globo.
39. O Terreiro ao ar livre. Note-se a vestimenta especial e rica. Em vez do tambor, batem palmas. Foto Cruzeiro.
- 40, 41, 42 e 43. O culto a Iemanjá, mãe da água, nas praias do Rio, por gente que se diz "católica". Fotos Globo e Cruzeiro.
- 44 e 45. O culto individual do umbandista. Fotos Cruzeiro.
45. Observe-se o rosário, a espada, a cerveja, o vinho, a cachaça, os copos, o charuto, os cigarros, a caixa de fósforos: é a "obrigação".
46. O "caboclo" (índio), a coité com marafo (cachaça), a vela, a cruz... Foto Cruzeiro.
- 47 e 48. O "Prêto Velho". Foto Globo.
49. A Preta velha Vovó Maria Conga. Foto do Autor.
50. Conjunto típico da fusão umbandista. Foto Globo.
51. O exu, como o imaginam e veneram os nossos umbandistas. Foto do Autor.
52. O pai-de-santo diante do exu pintado a óleo na parede. Foto Globo.
53. Os exus não são pequenos. Foto do Autor.
54. O exu também é feito com arte. Foto do Autor.
55. Os restos dum "despacho". Foto Globo.
56. Para o exu beber e fumar... Abre-se a garrafa e a caixinha de fósforos: é mais fácil para o além. Foto Globo.
57. O Autor e o repórter do *O Globo* examinam um "despacho": havia ali onze galinhas, nove pretas e duas vermelhas. Foto Globo.
58. Na Campanha Nacional de Esclarecimento dos Católicos sôbre o Espiritismo, o Autor percorreu todos os Estados do Brasil. Aqui, na Praça da Prefeitura, em Pôrto Alegre, conferência sôbre a Umbanda. Foto Jornal do Dia.

